

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

ALEXANDRE JANOTTA DRIGO

**O JUDÔ; DO MODELO
ARTESANAL AO MODELO
CIENTÍFICO:**

**Um estudo sobre as lutas,
formação profissional e a
construção do *Habitus*.**

Campinas
2007

ALEXANDRE JANOTTA DRIGO

**O JUDÔ; DO MODELO
ARTESANAL AO MODELO
CIENTÍFICO:**

**Um estudo sobre as lutas,
formação profissional e a
construção do *Habitus*.**

Tese de Doutorado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutor em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto de Oliveira

Campinas
2007

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

D832j Drigo, Alexandre Janotta.
O judô; do modelo artesanal ao modelo científico: um estudo sobre as lutas, formação profissional e construção do *Habitus*. / Alexandre Janotta Drigo. - Campinas, SP: [s.n], 2007.

Orientador: Paulo Roberto de Oliveira.
Tese (doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Judô. 2. Avaliação. 3. Treinamento. I. Oliveira, Paulo Roberto de. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

(asm/fef)

Título em inglês: Judo; from artesian to scientific model: a research about fights, professional formation and *Habitus* construction.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Judo; Work corporations; Profession; Evaluation; Training.

Área de Concentração: Ciência do Desporto

Titulação: Doutorado em Educação Física.

Banca Examinadora: Paulo Roberto de Oliveira. Samuel de Souza Neto. Peterson Antunes de Campos. João Batista Adreotti Gomes Tojal. José Júlio Gavião de Almeida

Data da defesa: 18/12/2007

ALEXANDRE JANOTTA DRIGO

**O JUDÔ; DO MODELO ARTESANAL AO
MODELO CIENTÍFICO:
Um estudo sobre as lutas, formação
profissional e a construção do *Habitus*.**

Este exemplar corresponde à redação final da Tese de Doutorado defendida por Alexandre Janotta Drigo e aprovada pela Comissão julgadora em: 18/12/2007.



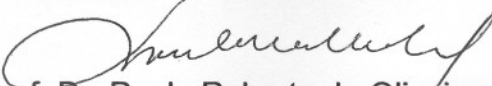
Prof. Dr. Paulo Roberto de Oliveira
Orientador

Campinas
2007

200804746

Dedicatória

COMISSÃO JULGADORA

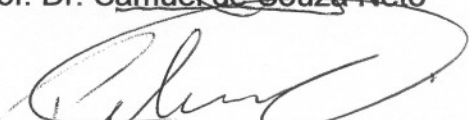


Prof. Dr. Paulo Roberto de Oliveira

Orientador



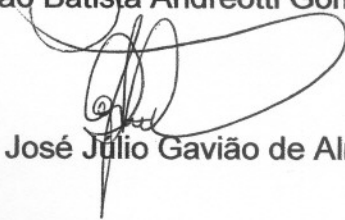
Prof. Dr. Samuel de Souza Neto



Prof. Dr. Peterson Antunes de Campos



Prof. Dr. João Batista Andreotti Gomes Tojal



Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida

Dedicatória

*Dedico este trabalho
aos professores:*

Paulo Roberto de Oliveira

e

Samuel de Souza Neto

À minha esposa Juliana e meu filho Arthur.

E ao prof. Lev P. Matveev (in memorian)

Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos Profs. Drs. José Maria Camargo Barros e João Batista A. G. Tojal, não só por me darem a oportunidade de ingresso e progressão na vida acadêmica, mas também pelo exemplo de amor e respeito à profissão que me ensinaram;

Ao Prof. Dr. Paulo Roberto de Oliveira, pela minha “adoção” como orientado, e por permitir que os momentos de elaboração de minha Tese fossem prazerosos. Pelos conhecimentos transmitidos pela sua orientação, e principalmente, por todo carinho e paciência despendido;

Ao Prof. Dr. Samuel de Souza Neto, não apenas por todo auxílio na elaboração desta Tese, mas também por sua ética inabalável e grande amizade;

Às minhas madrinhas Ângela e Aurora por terem abençoado um casamento muito feliz e tranqüilo, permitindo assim que minha vida fosse mais leve para cumprir com as exigências do doutoramento;

À Prof^a Dr^a Dagmar Hunger pela presteza e sugestões, e aos membros do Grupo NEPEF, por tudo;

Ao Prof. Dr. Júlio Gavião, pelo apoio logístico na construção desta Tese, representando o Projeto de Extensão de Lutas da FEF/Unicamp que gentilmente cedeu os DVDs, instrumentos de análise desta pesquisa. Também agradeço por aceitar fazer parte da Banca Examinadora;

Ao Prof. Dr. Peterson Antunes Campos, pela colaboração, ensinamentos de judô e por aceitar fazer parte da Banca Examinadora;

Ao Prof. Dr. Carlos Alexandre Fett, pela amizade que me sustentou em um momento importante da minha vida;

Aos companheiros Vagner Marcelino, Kátia, Ernesto e Sérgio colegas de profissão e bons amigos;

Ao Prof. Anderson Dias de Lima por todo o apoio e colaboração, e por compartilhar comigo o desejo de construir um judô melhor;

Ao Prof. Ms Fábio Barbieri pelo apoio logístico para a realização deste trabalho, e Prof. Ms Luiz Henrique da Silva que além de me emprestar sua imagem, posso dizer que é um amigo como poucos! Obrigado pelo carinho e a amizade de sempre;

Aos Profs. Drs. Antônio Carlos Gomes, pela atenção em me fornecer textos em russo, e Valdir Barbanti, pelos ensinamentos;

Aos Profs. Drs. Fernando José Von Zuben (FEEC/Unicamp) e Marcelo de Carvalho Borba (GPIMEM/UNESP-RC), pelo auxílio na viabilização da criação de um modelo de análise diferenciado para lutas, através dos conceitos sobre as possibilidades da instrumentalização matemática para o caso estudado;

Aos professores da FEF/Unicamp especialmente a Dra. Mara Patrícia Traina Chacon-Mikahil, Dr. Miguel de Arruda, Dr. Jocimar Daólio, Dr. Roberto Rodrigues Paes, Dr. Antonio Carlos de Moraes e Dr. Paulo César Montagner por compartilhar seu conhecimento e/ou amizade.

Aos secretários do DCE/UNICAMP e da Pós-Graduação da FEF/UNICAMP, em especial à Rita de Cássia G. Pinheiro (DCE) e Márcia S. Iaderozza (Pós-graduação) por toda ajuda, pela dedicação e pela disposição em ser prestativas. Os funcionários da Biblioteca da FEF/Unicamp pela paciência e auxílio.

Aos meus colegas de orientação, prof. Dr. Tácito Pessoa de Souza Jr., Prof. Dr. Nelson Prudêncio, Prof. Dr. Alexandre Moreira, Prof. Ms Gustavo Maia, Ms Rodrigo Ribeiro Rosa e os mestrands Fernando Firmino, Thiago Oliveira Borges e Júlio C. J. Soares;

Ao Dr. Myung Kyu Kim e Dr. Miguel Antonio Stefani, médicos que, auxiliando minha recuperação, permitiram que a Tese fosse concluída.

Aos amigos Paulo Azevedo e Mauro Gurgel que, entre as intermináveis discussões e boas risadas colaboram para o crescimento da produção acadêmica no judô;

Aos Mestres de Jiu-Jitsu Aristeu e Cirval, e aos profs. faixas-pretas Amaral Benê e Português, por todo o apoio e pela acolhida nesta modalidade tão fascinante.

Agradeço à minha linda esposa, Juliana Cesana, por todo auxílio, paciência, carinho e dedicação que me tem dispensado. Com amor;

Ao meu filho Arthur, por ser rapaz tão maravilhoso...

Ao meu irmão Prof. Dr. Elso Drigo Filho, pelos ensinamentos sobre a vida acadêmica e o auxílio com os textos em inglês, embora o mérito neste quesito deva-se à minha

sobrinha Jasmim! Aos demais sobrinhos, Cauã e Ágata, e à Prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Rangel, minha cunhada. Finalmente, aos meus pais Elso Drigo e Beatriz Janotta Drigo;

Aos meus sogros, Sr. Piero e Dona Lourdes por tudo. E meu cunhado Marco pelo auxílio em questões de informática e da língua inglesa.

À sociedade brasileira, que por intermédio da CAPES, financiou parte desta pesquisa.

E a todos que porventura acabei esquecendo; vocês não são menos importantes, eu é que sou esquecido demais...

Meu muito obrigado!!!!!!

DRIGO, Alexandre Janotta. **O judô; do modelo artesanal ao modelo científico:** um estudo sobre as lutas, formação profissional e construção do *Habitus*. 2007. 310f. Tese (Doutorado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

RESUMO

Esta Tese procurou analisar a partir de diversas óticas o desporto judô, tendo como referência as Ciências do Desporto e conhecimentos oriundos da Educação Física brasileira, enfocando a relação entre a formação artesanal e profissional. Utilizaram-se como referenciais de análise as *Corporações de Ofício* e a *teoria de campo* de Bourdieu. O estudo, portanto, objetivou: a) investigar a constituição das artes marciais no Brasil, em particular o judô, considerando a formação e a capacitação do técnico desportivo para a modalidade b) desvelar o desempenho histórico brasileiro em Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos de judô e; c) analisar as lutas dos judocas brasileiros nos Jogos Olímpicos de Atenas 2004 considerando as inter-relações entre o desempenho, o discurso da mídia televisiva (capital específico) e o *Habitus* do judô. Utilizou-se uma metodologia de triangulação de métodos, onde foi possível comparar fontes documentais sobre formação dentro do desporto em relação ao desempenho apresentado pelos judocas brasileiros na Olimpíada de 2004. Como resultados, na análise documental, foram encontradas estruturas semelhantes às formações existentes nas Escolas de Ofício em detrimento da formação Acadêmica, além de um *Habitus* (Bourdieu) detectável que se confirma, tanto pelas expressões dos atletas nas lutas verificadas pelo modelo próprio do estudo para a análise, quanto no discurso produzido pelas Mídias e analisados no trabalho. Concluiu-se então que o judô distancia-se dos modelos de formação profissional formal e que a falta de modelos de treinamentos com base nas Ciências do Desporto interfere tanto no desempenho dos atletas como na interpretação das lutas pelas Mídias (intencionalmente ou não).

Palavras-Chaves: judô; escolas de ofício; profissão; avaliação; treinamento;

DRIGO, Alexandre Janotta. **Judo; from artesian to scientific model:** a research about fights, professional formation and *Habitus* construction. 2007. 310f. Tese (Doutorado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

ABSTRACT

This thesis analyses the judo sport from different aspects (point of views). The basis of the work is the Sport Science and Brazilian Physical Education. It treats specifically the relationship between artesian and professional formation, based on the Bourdieu conceptions of *Work Corporations* and *Field Theory*. In this context, the analysis objectives are: a) to search the development of the Martial Arts in Brazil in terms of the formation and capacitating of the sport coach, in particular the judo; b) to point out the judo Brazilian historic in Word Competitions and Olympic Games and c) to analyze the Brazilian judo athletes fights in Athena's Olympic Games in 2004, considering the relations between the results, the television media (specific capital) and the judo *Habits*. It uses a triangulation methodology of methods, in how it was possible to compare documents about sport formation and the results presented by the Brazilian judo athletes in the 2004 Olympic Games. From the documental analysis, the athletes' formation are more similar with the formation present in the Work School than an academic formation. A *Habits* (Bourdieu) was identified and confirmed by the athletes' expressions. That was verified by the model developed in this work and by the media discourse. In conclusion, it is observed that the judo formation is far from the professional formation and the inexistence of training models based in the Sport Science has consequences in the athletes results and in the Media interpretation (intentional or involuntary) of the fights.

Keywords: judo; work corporations; profession; evaluation; training;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Programa <i>Studio 9.0 MovieBox USB</i>	102
Figura 2 -	Pegada na manga (pm).....	105
Figura 3 -	Pegada na gola (pg).....	105
Figura 4 -	Pegada na perna (pp)1.....	106
Figura 5 -	Pegada na perna (pp)2.....	106
Figura 6 -	Pegada nas costas (pc).....	106
Figura 7 -	Pegada nas costas 2.....	106
Figura 8 -	Pegada na faixa (pf)1.....	106
Figura 9 -	Pegada na faixa (pf)2.....	106
Figura 10 -	Pegada cruzada na manga (pm2cz).....	107
Figura 11 -	Segunda pegada na gola (pg2).....	108
Figura 12 -	Segunda pegada na mesma gola (pg2cz).....	108
Figura 13 -	Pegada cruzada (pcz)1.....	109
Figura 14 -	Pegada cruzada (pcz)2.....	109
Figura 15 -	Ashi 1 – De-ashi-barai.....	111
Figura 16 -	Ashi 2 – Ko-soto-gari.....	111
Figura 17 -	Ataque às pernas – Morote-gari.....	112
Figura 18 -	Ataque às pernas – Koshiki-taoshi.....	112
Figura 19 -	Pegada com ataque à perna 1.....	113
Figura 20 -	Pegada com ataque à perna 2.....	113
Figura 21 -	Organização dos resultados.....	120
Figura 22 -	Normas do controle de faixa.....	133
Figura 23 -	Tempo de permanência em cada fase do judô.....	134
Figura 24 -	Henrique x Bang.....	144
Figura 25 -	Henrique x Dzhafarov.....	146
Figura 26 -	Leandro x Uematsu.....	149
Figura 27 -	Leandro x Laque.....	151
Figura 28 -	Leandro x Wilkomirski.....	153
Figura 29 -	Leandro x Fernandes.....	155

Figura 30 -	Leandro x Razvozov.....	158
Figura 31 -	Leandro x Kevkhishvili.....	161
Figura 32 -	Leandro x. Bivoli.....	162
Figura 33 -	Canto x Valles.....	165
Figura 34 -	Canto x Budolin.....	167
Figura 35 -	Canto x Nossov.....	169
Figura 36 -	Canto x Meloni.....	171
Figura 37 -	Canto x Kwon.....	172
Figura 38 -	Canto x Krawczyk.....	174
Figura 39 -	Honorato x Meddah.....	176
Figura 40 -	Honorato x Ochirbat.....	178
Figura 41 -	Honorato x Gordon.....	180
Figura 42 -	Honorato x Kelly.....	182
Figura 43 -	Daniel x Nyemachi.....	186
Figura 44 -	Daniel x Timetov.....	188
Figura 45 -	Daniel x Munteanu.....	190
Figura 46 -	Daniel x Perterlson.....	191
Figura 47 -	Adaptado de Haramboure (2005).....	218

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Dados dos pontos de validação.....	116
Quadro 2 -	Dados da luta Brasil x Armênia na categoria leveiro, Atenas 2004.....	122
Quadro 3 -	Ações da Luta – Henrique x Bang.....	145
Quadro 4 -	Ações da Luta – Henrique x Dzhabarov.....	146
Quadro 5 -	Ações da Luta – Leandro x Uematsu.....	150
Quadro 6 -	Ações da Luta – Leandro x Laraque.....	152
Quadro 7 -	Ações da Luta – Leandro x Wilkomirski.....	153
Quadro 8 -	Ações da Luta – Leandro x Fernandes.....	156
Quadro 9 -	Ações da Luta – Leandro x Razvozov.....	159
Quadro 10 -	Ações da Luta – Leandro x Kevkhishvili.....	161
Quadro 11	Ações da Luta – Leandro x Bivoli.....	163
Quadro 12	Ações da Luta – Canto x Valles.....	166
Quadro 13	Ações da Luta – Canto x Budolin.....	167
Quadro 14	Ações da Luta – Canto x Nossov.....	169
Quadro 15	Ações da Luta – Canto x Meloni.....	171
Quadro 16	Ações da Luta – Canto x Kwon.....	173
Quadro 17	Ações da Luta – Canto x Krawczyk.....	174
Quadro 18	Ações da Luta – Honorato x Meddah.....	177
Quadro 19	Ações da Luta – Honorato x Ochirbat.....	178
Quadro 20	Ações da Luta – Honorato x Gordon.....	180
Quadro 21	Ações da Luta – Honorato x Kelly.....	183
Quadro 22	Ações da Luta – Daniel x Nyemachi.....	186
Quadro 23	Ações da Luta – Daniel x Timetov.....	188
Quadro 24	Ações da Luta – Daniel x Munteanu.....	190
Quadro 25	Ações da Luta – Daniel x Perterlson.....	192
Quadro 26	Vitórias e derrotas brasileiras em Atenas 2004.....	194
Quadro 27	Tipo de ação dos vencedores dos combates.....	194
Quadro 28	Artigos sobre judô e as temáticas da Revista EPS.....	217

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 - A trajetória do autor.....	15
1.2 - Caminho escolhido para o estudo.....	17
1.3 - Construção de argumentos e justificativa.....	22
1.4 - O problema de pesquisa.....	23
2. OBJETIVOS.....	25
3. ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO.....	26
PARTE A – ARTES MARCIAIS E ESCOLAS DE OFÍCIO.....	27
CAPÍTULO I – Artesanato e Profissão.....	35
1.1 - Artesanato.....	35
1.2 – Profissão.....	47
CAPÍTULO II – Análise do judô e das artes marciais através de elementos artesanais, e os conflitos com a profissão	59
2.1 – Pensando um referencial teórico para análise: Pierre Bourdieu.....	59
2.2 – Estudos identificadores do componente artesanal.....	67
2.3 – A interação/confronto das artes marciais e o judô com a profissão Educação Física.....	77
CAPÍTULO III – Discurso e mídia enquanto delimitadora e aglutinadora de valores expressos e/ou construídos no judô brasileiro.....	81
PARTE B – QUESTÕES INSTRUMENTAIS DO TRABALHO.....	97
CAPÍTULO IV - METODOLOGIA.....	97
4.1 – Tomada de decisões.....	97
4.2 – Modelo de triangulação de métodos.....	99
4.3 – Análise dos dados quantitativos – as ações motoras contidas nas lutas dos Jogos Olímpicos de Atenas 2004.....	101
4.4 – Análise dos dados qualitativos.....	117
4.5 – Organização e dimensionamento dos resultados.....	119
CAPÍTULO V – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	121
5.1. Dados Preliminares.....	121
5.2 – Caracterização do judô brasileiro enquanto artesanal.....	124
5.3 – <i>Habitus</i> do judoca brasileiro nas lutas – o desempenho nas Olimpíadas de Atenas 2004...	143
5.4 – A caracterização do desporto Acadêmico ou do judô enquanto profissão.....	215
5.5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	227

VI - CONCLUSÃO.....	233
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	237
ANEXOS E APÊNDICES.....	250

1. INTRODUÇÃO

1.1 – A trajetória do autor

Esta tese procurará analisar, refletir e construir, a partir de diversas óticas, novas realidades para o desporto judô, tendo como referência as Ciências do Desporto e os conhecimentos oriundos da Educação Física (EF) brasileira.

A linha de raciocínio que permeia o estudo advém da minha própria História de vida (dados autobiográficos), tanto no âmbito acadêmico - considerando a minha formação, em primeira instância, em Bacharelado em Ciências Biológicas (UNESP - Rio Claro, 1994) e posterior formação em Bacharelado em Educação Física (UNESP – Rio Claro, 1998) – assim como, enquanto praticante, atleta, lutador, técnico e dirigente de judô e jiu-jitsu no Brasil.

A minha trajetória no âmbito das artes marciais iniciou-se quando eu tinha apenas sete anos de idade (em 1977), ocasião em que comecei a prática do judô, sendo que em 1994 recebi, pela FPJ (Federação Paulista de Judô), a primeira faixa preta. Posteriormente, em 1997, recebi o 2º. Grau e mais recentemente em 2007 o 3º Grau, ambos pela mesma Federação. O treinamento em jiu-jitsu fora iniciado em 1996, tendo recebido a faixa preta em 2002 pela Liga Estadual de Jiu-jitsu (LERJJI) e Federação de Jiu-jitsu do Rio de Janeiro (FJJRJ), representado pelo Clube Condor de Jiu-jitsu.

No que se refere aos estudos acadêmicos, foi a partir de 1992 que passei a apresentar o resultado de minha produção científica em encontros e congressos, sob a ótica da fisiologia aplicada ao desempenho desportivo na modalidade judô, o que posteriormente, permitiu o meu amadurecimento levando-me a perceber que a formação técnica do judô apresentava lacunas quanto aos conhecimentos oriundos da Educação Física e das bases fundadas nas Ciências do Desporto, mais voltadas para os conhecimentos de Anatomia, Biomecânica e Fisiologia relacionados ao rendimento desportivo, Pedagogia, Psicologia e Sociologia do Desporto e Bases Teóricas e Metodológicas do Treinamento objetivando o rendimento ótimo e máximo de atletas.

Esta discussão esteve presente e foi temática estruturada quando da minha dissertação de mestrado: “*O judô: perspectivas com a regulamentação da profissão de Educação Física*” (DRIGO, 2002).

Outro fator que considero importante de ser apresentado é a minha participação na preparação do atleta Mário Sabino para competição dos Jogos Pan-americanos de 2003 e do Mundial de Judô do mesmo ano, por meio de consultoria ao seu preparador físico Paulo H. M. de Azevedo, em que devido à organização e sistematização do processo de treino, foram atribuídos os sucessos competitivos deste atleta no ano de 2003 (AZEVEDO, 2004).

Em outro patamar, ao longo desta trajetória de contato com as artes marciais, um dos pontos que merece destaque na construção de minhas indagações, é o complexo dilema entre o Orientalismo (SAID, 2001) e as necessidades competitivas geradas no âmbito da prática. Tal orientalismo, representado pelos valores atrelados ou considerados do contexto da cultura e das religiões presentes no oriente (budismo, taoísmo, xintoísmo etc) que, diferente dos valores judaico-cristãos da sociedade ocidental, fertilizou o discurso da maioria dos praticantes de judô no Brasil. Isto aparece em contrapartida à necessidade de rendimento desportivo que se manifesta no status de prestígio alcançado pelo aspecto desportivo do judô em Olimpíadas, e que rende às entidades dirigentes recursos governamentais, como ilustra o exemplo da Lei Piva - Lei nº.10.264/2001 (BRASIL, 2001) - e outros investimentos que não acontecem simplesmente pelo aspecto cultural da modalidade.

Neste embate originaram-se as duas faces que jamais são descartadas de fato durante a constituição histórica do judô no Brasil, que são a *tradição* e o *rendimento*. Estas faces, consideradas nas suas respectivas complexidades, apresentam-se no âmbito da modalidade de forma díspar e muitas vezes indissociável, sendo que o predomínio de uma inviabiliza o desenvolvimento da outra. Este fato levou-me a considerar, dentro das minhas análises, os valores que Bourdieu (1989) denomina de *capital específico e poder simbólico*, para tentar entender os complexos eixos de relações presentes neste espaço social.

A partir deste prisma de discussão, que gerou uma oposição entre capital específico, ofício e profissão, e que culminou em conflitos decorrentes da

regulamentação da profissão Educação Física (DRIGO, 2002), torna-se importante ressaltar que, tais eventos, foram atribuídos a uma falha do meio Acadêmico em relação ao contexto das partes envolvidas (lutas e profissão) na ocasião da promulgação da Lei 9696/98 (BRASIL, 1998).

Este fato ocasionou uma série de mudanças no *status* social das lutas, já que neste momento, as exigências de qualificação para o trabalho com estas modalidades esportivas deixam de ser a de praticante faixa-preta para o profissional de Educação Física. Entretanto, na implementação da referida Lei, as mudanças que poderiam ter sido operadas de forma gradativa, ao invés disto foram pontuais em relação às suas exigências, deixando lacunas que levaram ao questionamento destas imposições, a partir da seguinte questão: - *Quem é o indicado ao trabalho com lutas, o praticante faixa-preta ou o graduado em educação física?* Isto remete ao eterno conflito da teoria em oposição à prática, confronto este que tem como princípio a negação da práxis e o entendimento de que a opção por um dos lados terá como resultado a negação do outro.

Partindo desta gama de informações, que me conduziu a reflexões sob diferentes enfoques, tanto em relação ao judô quanto à própria Educação Física, procurei analisar de modo integral, o judô, tendo como ponto de referência os aspectos sócio-culturais e biológicos (físicos) da modalidade.

1.2 – O Caminho escolhido para o estudo

Por ser a EF uma área de estudos e atuação multidisciplinar, esta reflexão foi feita a partir do embate existente entre duas identidades presentes em seu âmbito no Brasil, uma com relação ao referencial teórico voltado às Ciências Biológicas e uma de caráter mais próximo das Ciências Humanas, fato detectado por alguns autores, entre eles Betti (1991) e Daólio (1995). Tais concepções, que ora apresentaram-se de forma incompleta, dualista e dicotômica, contrariam as correntes pós-modernas de caráter holístico que acompanham as novas tendências da filosofia de autores como Merleau-Ponty, Foucault e até mesmo Manuel Sérgio, devem ser superadas para uma nova

compreensão de homem e universo refletido nas concepções integrais de corpo e ser humano.

Desta forma, este estudo foi desenvolvido numa tentativa de mediação entre o social e o biológico, de um lado buscando uma percepção integralizada do “estado da arte” do judô brasileiro, considerando, portanto, os aspectos da sociologia das profissões e a pedagogia do artesanato como a dimensão social do estudo, e de outro lado os aspectos biomecânicos e cinesiológicos referentes à dimensão biológica. Por “estado da arte” se estará entendendo a configuração e a representação que as lutas, em particular o judô, assumem perante a sociedade brasileira. Para tanto, no decorrer deste trabalho abordou-se tópicos distintos, que se comprometeram com essas premissas, investigando:

- Artes marciais e Escolas de Ofício: analisando o judô através de elementos da sociologia da profissão.
- Ciência do Desporto e sua interação no Judô Brasileiro: busca de um entendimento da relação entre o conhecimento acadêmico e o artesanal na construção dos valores e propostas de treinamento no judô.
- Discurso e mídia enquanto delimitadora e aglutinadora de valores expressos e ou construídos para o Judô.
- O quanto o judô construído pelos elementos descritos anteriormente puderam refletir no desempenho dos judocas brasileiros em Atenas 2004, através de uma análise criteriosa das lutas;
- Verificação de modelos mais consolidados de desempenho desportivo para acrescentar possíveis propostas racionais de construção dos mesmos de treinamento, considerando o rompimento dos países europeus (como França) e Cuba em relação à prática artesanal do judô.

Entretanto, cabe ressaltar que, neste processo de delineamento do trabalho, torna-se importante enfatizar as particularidades da constituição do judô enquanto esporte no Brasil, e seu posterior desenvolvimento social neste país, de modo que facilite a compreensão do leitor a cerca da construção teórica que levou este autor às suas indagações.

1.2.1 – O “caminho suave”

No Brasil coexistem diferentes tipos e estilos de artes marciais que influenciam nossa sociedade e competem entre si por seu espaço no mercado nacional. Consideramos o judô como a mais representativa (DRIGO, 2002) por ser:

- mais difundida, tanto no âmbito do desporto de rendimento quanto por prática de atividade física;
- mais aceita socialmente, tanto na idéia de fortalecimento corporal geral, como na faceta educacional que lhe é atribuída;
- possuir maior número de praticantes em relação as artes marciais e ser o desporto de maior número de atletas federados no Brasil;
- ser um dos desportos Olímpicos que mais medalhas trouxeram para o país.

O judô enquanto atividade, desporto, prática marcial ou até mesmo doutrina para seus praticantes, foi idealizado no Japão, e o seu desenvolvimento no Brasil se deu com a imigração japonesa do início do século XX.

Trabalhos produzidos sobre a sua história no Brasil são raros, sendo também raras as publicações específicas. Considera-se, entretanto, o pioneirismo de Mitsuyo Maeda na demonstração, divulgação e introdução do judô no Brasil (DRIGO, 1999). Porém, Hunger (1995) assinalou como um problema a escassez de bibliografia sobre o assunto, mas coloca como datas de referência os anos de 1908 para o surgimento do judô no Brasil e o ano de 1922 para a veiculação do nome de Maeda no país.

Calleja (1979) relatou a importância da imigração japonesa para introdução do judô em terras brasileiras, observando que tal fato ocorreu de forma desordenada e sem nenhum planejamento. Lamentavelmente, não houve uma missão oficial com o intuito de divulgar, segundo os princípios da Kodokan¹, o que seria realmente o novo método do ju-jitsu (judô). Na realidade, é improvável determinar as formas de introdução e divulgação do judô no país, mas é provável, como afirma o professor Massao Shinohara (9º Dan), em Virgílio (1986), que o judô foi implantado no Brasil por volta do ano 1908 com o advento da imigração japonesa, cujo primeiro

¹ Kodokan foi à primeira escola de judô fundada por Jigoro Kano em 1882. Atualmente o Instituto Kodokan é o de grande prestígio e define grande parte das normas do judô, em comum acordo com a FIJ (Federação Internacional de Judô).

contingente chegou ao porto de Santos em 18 de junho de 1908, a bordo do navio Kasato Maru. Entretanto, não há registros de nomes, datas e locais.

Coloca-se, portanto, que o judô nesta primeira instância, veio para o país de forma agregada à cultura do imigrante japonês, que era constituído, principalmente, por agricultores. Esses relatos permitem e consolidam algumas de nossas observações, entre as quais a de que o Japão não edificou escolas no Brasil, não montou uma estrutura de formação, disseminação e estruturação desse esporte e com isso não irá apresentar metodologias pedagógicas e métodos de formação profissional definidos.

O que se observa nesse período introdutório é que o conhecimento, a forma de estrutura e a transferência dessa cultura são centralizados na figura do “mestre”. Este, por sua vez, não sendo oficialmente delegado por uma instituição japonesa, mas possuidor da autoridade do “saber fazer” - característica que coincide com as Escolas de Ofício ou Artesanais da Europa Medieval (RUGIU, 1998) - formará as novas escolas de judô, as federações desportivas de judô.

Sob a ótica profissional, e já na contemporaneidade, percebe-se que, apesar do desporto judô possuir resultados expressivos em competições internacionais quando comparados a outras modalidades no Brasil, este pouco evoluiu quanto ao desenvolvimento de modelos próprios e autônomos para o desempenho competitivo, sendo ainda baseado no método de tentativa e erro. Algumas propostas foram apresentadas em relação à sistematização, controle e novas técnicas de abordagem para o treinamento, assim como tecnologias baseadas nas Ciências do Desporto que pudessem indicar uma objetividade nas propostas de iniciação, aperfeiçoamento e/ou rendimento máximo de atletas de judô, como pode ser observado nos textos de Drigo (1994); Franchini (2001); Azevedo (2004). Entretanto, aparentemente o processo de escola de ofício ou artesanal ainda é o modelo mais utilizado nas artes marciais em detrimento dos modelos profissionais.

Um reflexo desta realidade pode ser percebido, pois apesar do que já foi apresentado em relação às artes marciais, estas pouco seduziram a sociedade científica brasileira. Este fato pode ser constatado pela carência ou até inexistência de estudos especializados sobre essas atividades de lutas, dificultando sua sistematização científica, bem como a interpretação de seus aspectos sociais, culturais, desportivos, legais e

educacionais (DRIGO, 2002; NOVAES, 2002; TAKANO, 2001; HUNGER, 1995; MESQUITA, 1994).

Portanto, constata-se que há poucos estudos acadêmicos sobre artes marciais, observando a bibliografia sobre o assunto, com exceção de alguns poucos textos sobre fisiologia e treinamento de atletas de competição. Este fato reforça a necessidade de maiores investigações nessa área, visando dar uma contribuição mais significativa para a sociedade, entendendo-se que a evolução natural do ofício é a profissão (ou a profissionalização). Desta forma, entende-se que o “conservadorismo” e o distanciamento acadêmico podem ocasionar a proliferação e reprodução de práticas, crenças, dogmas e hierarquias, culturalmente estranhos à realidade brasileira (DRIGO, 2002; GONÇALVES JR E DRIGO, 2001).

Desta forma, torna-se imperativo conhecer os elementos constitutivos das artes marciais, em especial o judô, que por vezes apresentam-se diversos e até mesmo contraditórios por conter compreensões distintas do mesmo objeto, como a pesquisa científica (ciência moderna, e possivelmente até mesmo uma ciência pós-moderna), a Educação Física enquanto profissão regulamentada (BRASIL, 1998) – ou seja, traz consigo não só o status de profissão, mas também exige uma qualificação específica para o trabalho com o esporte de forma geral -, ao mesmo tempo em que contrasta com o tradicionalismo do mestre (artesão) presente no judô. Para que haja a compreensão da realidade profissional dos que atuam neste mesmo “palco social”. A busca de um novo entendimento da intervenção em lutas, assim como do mapeamento do campo profissional, podem ser indícios de uma possível transição de paradigmas, referente à superação do paradigma “pré-moderno” (DOLL JR, 1997) - este pautado nos modelos das escolas de ofício (medievais) - contrapondo-se ou resistindo ao moderno - pautado pela industrialização e profissionalização.

No embate entre as relações de interesses das artes marciais e a área de Educação Física no Brasil, culminaram as diferentes interpretações da Lei 9696/98 (BRASIL, 1998) pelos Conselhos de Educação Física (CONFEF, CREFs), ou pelos praticantes de lutas em relação às disputas na demarcação desse território. Ou seja, considerar ou não que as artes marciais estão contidas no campo de atuação da Educação Física não é o foco deste estudo, mas sim o entendimento da necessidade de mediação

entre os valores históricos e culturais destas áreas, contrastando com a evolução da ciência do desporto e a “profissionalização”.

1.3 - Construção dos argumentos e Justificativa

O interesse pelas artes marciais orientais, assim como o trajeto da construção do pensamento que originou o tema deste estudo, advém de questões próprias e reflexões autobiográficas, questões estas, pautadas no espaço de convivência dentro das lutas e posteriormente na construção de uma carreira acadêmica, que, concordando com Sousa (1998), busca reconstruir as histórias com o objetivo de auto-revelação e considerando os fatores motivacionais que geraram as reflexões.

Como observador e, com empenho de entender o espaço social das lutas, também acompanhando os processos relacionados à preparação competitiva, percebeu-se que as lutas pouco evoluíram em suas estruturas administrativas, técnicas, profissionais e também em seus valores, muitas vezes negando até a evolução da própria sociedade, como constatado pelas “ditaduras” (DOSSIÊ, 1999; DRIGO, 2005) de seus dirigentes. Considerando esses fatos, este estudo se torna pertinente e necessário, podendo contribuir para uma reflexão sobre a atuação na área de Educação Física e a Ciência do Desporto, bem como desvendar o “espaço social” das artes marciais para a sociedade brasileira.

Para tanto, tornou-se indispensável, devido à construção peculiar existente nas lutas, propor uma discussão que não se limitasse apenas aos aspectos técnicos e táticos da atividade, mas que permitisse associar estas análises com contornos sobre *habitus* e *campo*, com base nos pressupostos sociológicos de Pierre Bourdieu, para uma construção e delimitação dessas atividades, buscando compreender a difícil relação entre as ciências do desporto, o profissional de educação física e o universo particular das lutas.

1.4 – O Problema de Pesquisa

Com o intuito de elucidar a questão do *problema de estudo*, e a melhor compreensão da sua dimensão para o trabalho de pesquisa, apresenta-se a seguir a definição de Alves-Mazzotti & Gewandszajder (1998):

No seu sentido mais estrito, “problema de pesquisa” é definido como uma indagação referente à relação entre duas ou mais variáveis. Essas variáveis podem ser diferentes aspectos da conduta de indivíduos, como, por exemplo, frustração e agressividade; dois eventos sociais, como, exclusão social e criminalidade, e assim por diante. A relação esperada (a hipótese) é deduzida de uma teoria e o pesquisador procura criar ou encontrar situações nas quais essa relação possa ser verificada. Muitos estudos qualitativos, porém, são exploratórios, não se preocupando em verificar teorias. Assim, nesse campo, o conceito de “problema de pesquisa” se torna bem mais amplo, podendo ser definido como uma questão relevante que nos intriga e sobre a qual as informações disponíveis são insuficientes. (p. 149-150, grifo nosso)

Desta forma, com base no exposto acima, e considerando a trajetória do judô, já descrita nesta introdução, destaca-se enquanto problema a ser explorado:

- A influência que a formação artesanal em judô exerce no seu desenvolvimento enquanto desporto (olímpico e de expressão nacional) seja no aspecto da prática (iniciação), de desempenho competitivo ou político-administrativo, por se apresentar pautado em valores antagônicos aos preconizados pelas pesquisas científicas na área de Educação Física, mais especificamente, nas Ciências do Deporto.

A partir desta delimitação, e considerando a hipótese enquanto “a relação esperada entre duas ou mais variáveis” (ALVES-MAZZOTTI & GEWANDSZNAJDER, 1998), foram elaboradas as hipóteses, apresentadas a seguir:

1. O judô está fundamentado em um modelo de *escolas de ofício*, pois se encontra centrado em um *paradigma pré-moderno*, e apoiado pelos elementos característicos do mesmo – os quais a figura do mestre, o respeito incondicional à hierarquia, o caráter essencialmente prático de seus conhecimentos, entre outros -, impossibilitam a quebra deste paradigma e uma possível evolução, ou transição do desporto em direção ao *paradigma moderno*, ou científico;

2. A formação do técnico advém dos conhecimentos adquiridos como lutador de judô (ofício), prioritariamente, senão exclusivamente, e isto determina o desempenho desportivo do seu atleta na relação imediata de seus processos empíricos de aquisição de conhecimentos, ou seja, da tentativa e erro em relação ao treinamento;
3. Os resultados da Seleção Brasileira de Judô não refletem um modelo identificável de treinamento e desempenho, devido à aleatoriedade dos resultados;
4. É possível identificar os elementos tradicionais do desporto e da preparação através de análise criteriosa das lutas dos atletas brasileiros nas Olimpíadas de Atenas 2004;

2. OBJETIVOS

Considerando a construção das características a respeito do judô, feitas nesta apresentação, que culminou na elaboração das questões de estudo apresentadas acima, os objetivos deste trabalho foram:

- a) Investigar a constituição do judô no Brasil, com ênfase na formação e na capacitação do técnico desportivo para a modalidade;
- b) Desvelar o desempenho histórico brasileiro em Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos de judô até o ano de 2005;
- c) Criar um modelo de análise de lutas que permita identificar as diferenças de ações entre os lutadores, e estabelecer se há um padrão de luta seguido entre os atletas brasileiros, representando o *habitus*; e por fim,
- d) Analisar as lutas dos judocas brasileiros nos Jogos Olímpicos de Atenas 2004 considerando as inter-relações entre o desempenho, o discurso da mídia (*capital específico*) e o *habitus* (comportamento que se repete) do judô.

3. ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO

Com o intuito de situar o leitor no âmbito da construção das idéias que darão o suporte necessário à discussão deste trabalho, apresenta-se um esquema da organização do estudo, o qual foi dividido em duas partes: **PARTE A e PARTE B.**

Na **PARTE A**, chamada **ARTES MARCIAIS E ESCOLAS DE OFÍCIO**, tratou-se da elaboração de definições de termos e revisão da literatura para a construção da situação problema a que se propõe o estudo. Consta do **Capítulo I**, que discorre sobre as questões do *Artesanato* e sua relação com a *Profissão*; do **Capítulo II**, que tratou do conflito entre as *formações artesanal e profissional* e da sua relação com a formação do atleta/técnico de judô. Também neste Capítulo, a exposição do referencial teórico, que para esta Tese foram as noções de formação de *campo* e constituição de *Habitus* de Pierre Bourdieu. E no seu desfecho, algumas considerações sobre estudos anteriores e a *influência do discurso da mídia para a construção do Habitus do judô brasileiro*.

A **PARTE B** foi destinada às **QUESTÕES INSTRUMENTAIS DO TRABALHO**, contando com a **Metodologia, Resultados e Discussão, Considerações Finais e Conclusão**.

Por fim, apresentaram-se as **REFERÊNCIAS** utilizadas ao longo deste estudo, e os **APÊNDICES e ANEXOS** formando a parte pós-textual do trabalho.

PARTE A -. ARTES MARCIAIS E ESCOLAS DE OFÍCIO

Neste ponto iniciou-se a busca pela fundamentação teórica do estudo, com base no que foi produzido sobre a profissão, os modelos de escolas de ofício (artesanato), o judô e a mídia. Desta forma, o primeiro passo foi dado no sentido de definir alguns termos que, por serem utilizados ao longo das discussões deste estudo, devem ser elucidados para o entendimento dos leitores, pois refletem o pensamento do autor sobre estas questões. Para tanto, o texto que segue contempla as reflexões sobre paradigma e concepções sobre ciência na modernidade e pós-modernidade.

Paradigma

Apesar do conceito de paradigma ter sido elaborado bem depois da criação do método científico, por Galileu Galilei, a ordem cronológica será invertida na construção do texto por motivos de organização estrutural do trabalho, deixando as informações sobre a ciência posteriores a este tópico.

A definição de paradigma vem da leitura de Thomas Kuhn, em suas definições sobre a ciência normal, porém Freire-Maia (1991) lembra da dificuldade de definir paradigma, pois: “Kuhn criou o conceito, não usou o termo de forma consistente”. Para sua ótica “os paradigmas representam conjuntos e conceitos fundamentais que, num dado momento, determinam o caráter da descoberta científica”. Já Santos (1979), considera que a definição de Kuhn sobre paradigma são as “realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modeladas para uma comunidade de praticantes de uma ciência”.

Alves-Mazzotti & Gewandsznajder (1998) consideram que o paradigma é uma “teoria ampliada” e que esta seria a geradora de leis, conceitos, modelos, analogias, valores e regras, explicitando que Kuhn considera que a força deste é tamanha, que até determinaria como um fenômeno seria percebido pelos cientistas.

A apreciação da estrutura determinada pelo paradigma vigente é que possibilita a compreensão da dificuldade de quebras em relação ao modelo atual. Alves-Mazzotti & Gewandsznajder (1998) consideram que a revolução científica e o abandono de teorias refutadas são raros porque os cientistas se ocupam na ciência normal, esta orientada por um paradigma, que tem como base o consenso dos especialistas, o que é reiterado por Santos (1979) quando afirma o consenso da comunidade científica na adoção do paradigma vigente e todas as dimensões posteriores do desenvolvimento da ciência.

Santos (op. Cit.) vai além, quando considera que a adoção do paradigma resulta em um *compromisso profissional abrangente*. Sua adoção resulta em:

“...os cientistas se comprometem com um conjunto de regras e padrões para a prática científica. Desta forma aderem a uma maneira específica de ver a natureza que lhes indica quais as entidades que compõem o universo, como essas entidades se comportam e interagem. Ademais, o modelo explicita as questões que podem ser legitimamente formuladas e as técnicas que podem ser empregadas na busca de respostas válidas para estas questões. Ou seja, o paradigma formula, por assim dizer, as regras de um jogo e delimita os objetivos a serem atingidos.”(p. 48)

Acompanhando as idéias de Alves-Mazzotti & Gewandsznajder (1998), neste estudo entende-se por paradigma, de forma simplificada, uma “teoria ampla” ou um sistema de condutas e produção pautado em regras, valores e conhecimentos característicos de uma época, produzidos cientificamente ou não. Cabe lembrar que, baseado em Doll Jr (1997), consideraram-se como paradigmas concorrentes o *moderno* (pautado em valores da sociedade pós-iluminista e pós-industrial), e *pré-moderno* (que antecede os marcos históricos citados).

Ciência Moderna e Modernidade

Cesana (2005) considera que, falar em modernidade ou “pós-modernidade” significa contextualizar o que está subjacente a esta referência como, por exemplo, a relação do homem com a natureza e os produtos desta no que se

convencionou chamar de teoria e prática, pois o projeto modernidade confere à teoria um lugar privilegiado no campo do conhecimento humano e do trabalho. A autora ainda enfoca que, o termo modernidade (moderno), que vem do latim “*modernus*” - significando dos tempos atuais, ou recente - foi usado pela primeira vez no final do século V para distinguir o presente, agora oficialmente cristão, do passado pagão. As mudanças em direção ao Renascimento (século XVII), acabam por gerar a construção do método científico, cujo método proposto por Descartes (1952), pautado através do modelo matemático, acredita ter condições para evitar o erro, buscando atingir o “pensamento autônomo” como condição de libertação da tradição e construção do projeto humanista, desenvolvendo o pensamento moderno que teria como base a razão (FENSTERSEIFER, 2001).

Esta racionalização do sujeito, empreendida pela modernidade, porém, resultaria em reflexos para todos os processos de análise e desenvolvimento humano que, segundo Cesana (2005), tanto as esferas biológica, psicológica ou cultural, se encontram, neste momento, submetidas à quantificação da ciência, que continuará aceitando a separação do homem em dois pólos “opostos”, *corpo e mente*, sendo que historicamente, a mente sempre foi mais valorizada em detrimento do corpo, produzindo implicações diretas na área da educação física, visíveis e relatadas por diversos autores e estudos, podendo compreender os estudos de Cunha (1995) como exemplo mais aplicável a esta afirmação.

Estas transformações no pensamento atingem diretamente o mundo do trabalho, como comentado por Cesana (2005):

“No *campo* das ciências, temos como comparação deste dualismo uma separação entre o conhecimento popular ou ‘senso comum’ e o conhecimento científico que passou a ser supervalorizado, deixando o popular, o ‘senso comum’, e até o religioso com grandes questionamentos pela sociedade. Em vista disto, os saberes práticos, corporais, da ação, são relegados a um plano inferior, pois o corpo é visto como uma máquina perfeita, um *lócus* onde a alma se hospeda, sendo apenas um instrumento necessário para comportar o intelecto, o pensamento”. (p. 55)

Ciência Pós-Moderna

A base de discussão para a existência de uma ciência pós-moderna encontra-se no evento da contracultura, ou o movimento contracultural, que compreende o período entre os anos 50 e 70 (ROSZAK, 1972) o qual foi marcado por grandes “abalos” nas estruturas da sociedade, principalmente nos setores político, religioso, educacional e científico, sendo que as suas principais manifestações se davam através da música (o festival de Woodstock foi um dos mais importantes eventos musicais da época), da vestimenta, dos cabelos compridos e do uso de drogas (PEREIRA, 1984).

Todas essas manifestações traziam em si novos significados e valores, que tinham como principal propósito a contestação da supremacia da sociedade capitalista e tecnocrática, assim como da racionalização imposta pela ciência, marcando a ascensão de uma nova maneira de pensar o mundo, as relações humanas e o próprio corpo. O corpo deixa de ser visto como máquina insensível e ganha novos olhares (FERREIRA, 2000).

Como aponta Albuquerque (1999, p. 8), *“no âmbito da cultura corporal o ocidente moderno assiste, então, a um florescimento de saberes e práticas oriundos de tradições distantes da cultura ocidental moderna”* saberes esses que se traduzem no que se convencionou chamar de “práticas corporais alternativas” ou “cultura alternativa”, as quais pertencem o ioga, o tai-chi-chuan, o do-in, a acupuntura, as massagens e muitas outras.

Para a Educação Física todo esse movimento teve uma importância fundamental - apesar de só ter se manifestado na área no final dos anos 80 e início dos anos 90. A ruptura com a racionalidade científica apontou novos rumos que trouxeram à tona um homem sensível, emocional e “transcendental”, e que tem no corpo o principal canal de ligação com as sensações.

Neste momento, as manifestações da cultura alternativa começaram a surgir no âmbito da Educação Física e da Universidade, e aos poucos foram ganhando

espaço e gerando *‘inevitáveis sincretismos’*² com a confrontação dos saberes determinados cientificamente. Hoje em dia, a “cultura corporal alternativa”, assim como as diversas práticas dela provenientes, já são objetos de pesquisas científicas, o que demonstra não só a “aceitação” destas pela ciência, como também uma superação da perspectiva moderna de mundo e de ciência.

Rosenau (1992) menciona que a pós-modernidade surgiu pela necessidade de reestruturação da ciência, quando esta passa a ter contestado o seu racionalismo puramente científico. Segundo a autora, “a emergência do pós-modernismo assinala mais do que outro novo paradigma acadêmico... mas uma reconceitualização liberal de como nós experienciamos e interpretamos o mundo a nossa volta” (p.50).

Porém, apesar de os pós-modernistas concordarem na oposição à ciência moderna, estes se dividem em dois grupos: os céticos e os afirmativos (ROSENAU, 1992). Os céticos podem ser definidos como aqueles que encaram o mundo como algo caótico, desordenado, desorganizado; são pessimistas e representam o “lado negro do pós-modernismo”. Por outro lado, os positivos caracterizam-se por sua ligação com o religioso, o místico, a poesia e a intuição; consideram como válidas todas as formas de conhecimento, e ainda, a “integração” de diferentes tipos de conhecimentos³.

Essa nova ciência abre espaço para a criatividade, a introspecção, a intuição, a subjetividade, considerando a realidade como construída pelo observador, e não como algo pronto e acabado (ROSENAU, 1992). Isso fomenta inúmeras mudanças na produção do conhecimento científico, pois além de permitir uma visão ampla do mundo, no sentido de considerar todos os aspectos do fenômeno em questão, ainda pressupõe a integração desses aspectos sem a limitação dos rigores metodológicos da ciência moderna.

Refletindo sobre as transformações nas visões de homem, de corpo e de mundo, pode-se observar que o “olhar do cientista” também se volta para outros conhecimentos e, nesse aspecto, as ciências humanas e sociais ganham destaque.

² ALBUQUERQUE (1999) aponta que, o confronto de práticas, oriundas de tradições distantes à ocidental com os conhecimentos legitimados no ocidente moderno (científicos), gerou inevitáveis sincretismos, que compõem o que a autora denomina de cultura corporal alternativa. (p. 8)

³ Essa “integração” é o que permite que se formem os sincretismos, caracterizando a aceitação de qualquer conhecimento, por não pressupor o rigor metodológico.

Essa visão mais *humanizante* da ciência, agora se confunde com a preocupação da humanização do movimento da contracultura, o que permite pensar que estes eventos estão intimamente relacionados, ou até unidos, de certa forma: o movimento contra-cultural trazendo os protestos de uma juventude que buscava outras percepções de mundo (sob vários aspectos), e a nova concepção de ciência, que busca nesse jovem, os parâmetros de análise do seu discurso (levando em conta o misticismo e a espiritualidade).

Pré-modernidade e Artesanato

Apesar de subverter a ordem cronológica que se havia apresentado até então, ao considerar o período da pré-modernidade neste momento, ressalta a sua importância para o estudo enfatizando os seguintes aspectos:

1. Como período anterior ao Iluminismo, implica no **não** desenvolvimento de ciência e uma visão de mundo Teocêntrica;
2. Modelo de trabalho artesanal, pois, compreende uma fase Histórica anterior à Revolução Industrial, esta geradora da necessidade da formação profissional;
3. Ambas as informações convergem para a obviedade de constatar que a base do conhecimento do trabalho artesão são os saberes da prática (saber fazer), contrário do conhecimento científico que alicerça a profissão.

Estas constatações são de grande importância para a compreensão das informações contidas nesta Tese, pois ao entender as relações da ciência e do “Mundo do Trabalho”, entendem-se também as implicações destes fenômenos sociais em relação ao judô e à formação de seus atletas e técnicos, o que constitui a base dos questionamentos do estudo, e o ponto que levará às análises mais detalhadas em um capítulo posterior.

Implicações para o estudo

Ao considerar e levantar dados sobre a discussão de Ciência e paradigma, houve a intencionalidade de apontar os caminhos que levaram a essa leitura. O entendimento de Ciência na Pós-modernidade se encaixa neste estudo, pois sua proposta inicial busca a compreensão do judô não fragmentado em seus aspectos biológicos ou sociais inicialmente, podendo ser compreendido no bojo de uma pesquisa de caráter holista⁴. Buscar-se-á, portanto, intencionalmente, quebrar as barreiras que uma concepção de Educação Física brasileira vem impondo aos seus pesquisadores, a da opção dicotomizada de estudos. Esta “crise”, segundo Cesana (2005) torna-se mais evidente, com as críticas sofridas no interior da produção de seu conhecimento nos anos 80, surgindo autores que questionam os pressupostos biológicos da Educação Física, podendo citar: Bracht (1999), Daolio (1995), Freire (1989). Cesana (2005) ainda considera que o surgimento de uma nova ordem de questionamentos e/ou de perspectiva de superação, no campo da ciência e da sociedade é necessário, podendo culminar no referencial que alguns autores denominaram de “pós-modernidade” (LYOTARD, 1988; ROSENAU, 1992). De certa forma, porém, aglutinou-se a idéia da necessidade do exercício de uma concepção de trabalho que não apenas mencione ou critique a “biologização” da Educação Física, mas que possa utilizar seus conceitos e pressupostos como uma boa ferramenta para a construção de uma análise, podendo inclusive associar-se à esfera ou investigação social na obtenção de melhores resultados do objeto de interesse.

Outro ponto que se torna necessário abordar, e que é entendido e contemplado na construção das hipóteses, é a questão do paradigma. Será considerado no estudo que o ofício está em um paradigma pré-moderno, esse anterior à construção da própria Ciência e que apresenta o dom ou a “dádiva divina” como elemento geral da construção social e de trabalho, ou seja, a formação ocupacional. Já a formação profissional, esta sim, será entendida tendo a ciência como seu suporte de aplicação

⁴ O termo holismo é empregado como “abordagem que espelha as realidades complexas dos seres humanos no cosmo” (LOPES NETO, 2002); Ou também, numa definição mais difundida, “abordagem holística é o modelo de interação dos elementos que compõem o todo e as partes” (LOPES NETO, 1999)

metodológica. A partir disto é que serão confrontados, a formação do prestador de serviços e o entendimento das artes marciais quanto ao ofício ou profissão. Não serão, portanto, comparados períodos históricos diferentes, e por essa razão utilizar-se-á durante o texto o termo *mudança de paradigma* (do pré-moderno para o moderno), pois, dentro da sociedade atual brasileira emerge a inquietação da base da formação das artes marciais serem artesanais, caso estudado por Drigo et all. (2003). Isto deve ficar claro, para não levar à confusão do porquê da utilização do termo *paradigma* ora proposto.

Ao assumir esta concepção de leitura, faz-se a opção por adotar o referencial de Doll Jr. (1997) que caracteriza a história do pensamento ocidental em três metaparadigmas, a saber:

- Paradigma Pré-moderno, que estaria desde a história ocidental registrada até as revoluções científica e industrial (século XVII e XVIII);
- Paradigma Moderno, centrado na ciência moderna, que seria considerado por Doll Jr. (1997) o período limitado por dois nomes da História, Copérnico e Einstein, estes sendo “pontes entre os paradigmas”, em que cada um estaria no limite do entendido como pré e pós-modernidade;
- Paradigma Pós-moderno, aconteceria na revolução da ciência clássica no sentido da busca de uma “integração eclética, mas local do sujeito/objeto, mente/corpo, currículo/pessoa, professor/aluno, nós/outros” (Doll Jr., 1997, p.77).

CAPÍTULO I - Artesanato e profissão

Refletindo sobre as propostas do estudo, esboçadas nas hipóteses, colocou-se este capítulo centrado na discussão sobre *ofício* (pensando em artesanato) e profissão, direcionando, portanto, para um desvelar do processo de formação existente nas artes marciais. A formação implícita que, aparentemente é óbvia, pouco foi explorada em termos da identificação sistemática de suas características, que conforme estudos anteriores produzidos por orientações referentes ao GEPAM⁵, (TAKANO, 2001; DRIGO, 2002; NOVAES, 2002; TAVARES JR, 2003; COSTA, 2005), indicam um viés desta formação com as Escolas de Ofícios e/ou Artes, ou ainda Escolas Artesanais. Este capítulo se preocupará em reunir as informações pertinentes ao artesanato e à profissão, e a interface com a área de artes marciais e da própria Educação Física.

1.1. Artesanato

O ponto de partida da análise do artesanato e sua relação com as artes marciais e lutas, está na concepção das “Escolas de Ofício”, que foi registrada por Rugiu (1998) como possuidora de três características particulares que, por ora, são coincidentes e se apresentam nas artes marciais, possuindo o ponto comum entre ambas:

- Os aprendizes em essência aprendem fazendo;
- Apresenta uma imagem valorizada do mestre e;
- As atividades práticas são consideradas tão formativas do caráter quanto os estudos formais.

Sendo assim, cabe explicitar que, foi a observação destas características particulares do artesanato que gerou as inquietações pertinentes para este estudo e que permitem o entendimento dos conflitos oriundos da profissionalização da Educação

⁵ Gepam – Grupo de Estudos e Pesquisas em Artes Marciais, sediado na Unesp – Rio Claro, criado e organizado por alunos de pós-graduação e graduação.

Física (BRASIL, 1998) em relação à área de artes marciais. Neste âmbito, tem-se por determinação legal a Lei 9.696/98, que no seu Art. 3º discorre sobre as competências específicas do profissional de Educação Física. Em seu texto afirma que, compete ao Profissional de Educação Física:

“...coordenar, planejar, programar, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, avaliar e executar trabalhos, programas, planos e projetos, bem como prestar serviços de auditoria, consultoria e assessoria, realizar treinamentos especializados, participar de equipes multidisciplinares e interdisciplinares e elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos, todos nas áreas de atividades físicas e do desporto.”

Um aspecto que deve ser esclarecido é que, as artes marciais, em geral, são atividades desportivas, sendo inclusive, as disputas de judô e de tae-kwon-do pertencentes ao rol das modalidades olímpicas, portanto, textualmente definidas como parte integrante das competências do profissional de Educação Física. Entretanto o entendimento legal não se deu, de fato, em relação ao entendimento social, que por ora não conseguiu assimilar a transição ocorrida, o que se pode atribuir à mudança de entendimento de mundo, no seio da qual será defendida a tese da co-existência de paradigmas diferentes: o do ofício (artesanato) e da profissão. Alguns indícios deste conflito, assim como da defesa do artesanato, se apresentam no MANIFESTO NACIONAL DAS CONFEDERAÇÕES BRASILEIRAS DE LUTAS E ARTES MARCIAIS AO CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA – CONFEF (2000), que exemplifica, em parte, a preocupação dos modelos baseados nos saberes oriundos da prática ou “saber fazer” como ponto de análise a respeito da indignação e críticas para reivindicações com relação à legislação:

(item 5) - Alertamos, ainda, que a grande maioria das Faculdades de Educação Física não contemplam todas as modalidades de Lutas e Artes Marciais, bem como, naquelas onde eventualmente se oferecem algumas destas modalidades, a carga horária e conteúdo programático são praticamente irrisórios, ao serem comparados com os requisitos mínimos necessários para o credenciamento técnico junto às respectivas Confederações de Lutas e Artes Marciais. (o grifo é nosso)

(item 6) - Chamamos a atenção do CONFEF para a existência de raríssimos Mestres e Doutores aptos ao ensino das Lutas e Artes Marciais nas Faculdades de Educação Física, e ainda que o tivéssemos, estaríamos condicionados ao oferecimento opcional de todos estes desportos nas grades curriculares por

parte das respectivas Faculdades. Com isto pretendemos fundamentar o grande risco existente na sobrevivência de tais desportos praticados por milhões de brasileiros. (o grifo é nosso)

1.1.1. Saberes artesanais

O sentido inicial da educação artesanal pode ser identificado pela relação mestre e aprendiz, sendo esta relação a base da construção dos saberes dando sentido ao termo aprender ou “saber fazer”. Cunha (2000) considera que:

“A educação artesanal desenvolve-se mediante processos não sistemáticos, a partir do trabalho de um jovem aprendiz com um mestre de ofício, em sua própria oficina, com seus próprios instrumentos e até mesmo morando em sua própria casa. Ajudando-o em pequenas tarefas, que lhe são atribuídas de acordo com a lógica da produção, o aprendiz vai dominando aos poucos o ofício.” (p.2)

Outro ponto interessante abordado por Cunha (2000) é a possibilidade de existir normas (poucas ou algumas) reguladoras da aprendizagem artesanal, sendo esta controlada pelas corporações de ofício, que exercem controle sobre o mercado de trabalho. Portanto, “os mestres de ofício ficam obrigados a obedecer a critérios como número máximo de aprendizes, tempo de aprendizagem e outros” (CUNHA, 2000 p.3).

Para Rugiu (1998), as corporações de ofício tiveram desenvolvimento a partir do século XII, tendo seu apogeu no século XIV, considerando que o sistema artesanal evoluiu do “sistema familiar”, evolução esta provocada quando a necessidade da produção para subsistência se desloca na direção do “sistema de corporações”, que no processo de êxodo do artesão para cidade, passa a produzir para um mercado pequeno e estável, os habitantes urbanos. A relação dos saberes da prática, ainda segundo Rugiu (1998), dá-se de pai para filho ou de mestre para discípulo, podendo ainda em alguns casos se transmitir através de escolas, essas organizadas e mantidas por cooperativas ou associações de artesãos.

Reforçando a concepção da interação do modelo familiar em relação ao artesanal, Cunha (2000), informa que no início do século IV, em Atenas, eram nítidas as legislações que determinavam as estruturas de ofício e família, sendo que, uma das determinações tinha o significado que “o filho não tinha a obrigação de sustentar o pai na velhice se este não lhe houvesse ensinado um ofício” (p.8).

A experiência artesã ainda pode ser considerada por muitos autores, segundo Rugiu (1998), como possuidora de aspectos essenciais de formação, visto como experiência ideal para instruir e se educar, para tornar-se “hábil com as mãos e rápido com a cabeça” (RUGIU, 1998). Considerando a “habilidade obtida pelo exercício” importante para o aprendizado de gramática, religião, geometria, pintura, esgrima, dança e também apontado pelo autor, os trabalhos em madeira e ferro e outras artes úteis. Isto denota que, as atividades práticas são, portanto, *formativas do caráter*, tanto quanto os estudos formais, onde, de acordo com Rugiu (1998), considera que há nesta fase da humanidade, um desprezo pelo ócio e por passatempos fúteis e a valorização do próprio trabalho e de outros. Este caráter inova a História da Europa Medieval, onde até então o trabalho braçal era algo relegado aos escravos, o que Cunha (2000) considera como “desprezo pelo trabalho manual” (p.8) iniciado pelos gregos a partir do século IV a.C.

O contraposto da idéia da formação pelo trabalho, ou seja, a rejeição pelo trabalho manual parece ter *lôcus* na cultura portuguesa e espanhola. Cunha (2000) reflete este estado exemplificando com as “*Cartas Persas*” de Montesquieu em 1721, onde é satirizado o “orgulho da pele branca que os homens livres, mas *incansáveis amigos do trabalho*”. A carta apresenta que:

“Um homem dessa importância, uma criatura assim perfeita não trabalharia nem por todos os tesouros do mundo, e jamais se arriscaria, por uma vil e mecânica indústria⁶, a comprometer a honra e dignidade de sua pele... Quem fica sentado dez horas por dia alcança assim metade a mais de consideração do que alguém que passa apenas cinco horas sentado, porque é nas cadeiras que se adquire nobreza. (p.13-4)

Porém, Cunha (2000) reflete que, para Rousseau, o ofício liberta, pois o artesão só depende de seu trabalho, enquanto o lavrador depende do campo, cuja colheita depende de outrem, tornando-se escravo. Com isso, afirma-se que “a ocupação produtiva (*que pode outorgar a subsistência ao homem*) que mais se aproxima do estado natural é o trabalho artesanal”.

⁶ Cunha (2000) lembra que o significado do termo indústria para o século XVIII correspondia a aptidão, arte, engenho, inteligência e diligência.

1.1.2. As corporações de ofício

As corporações de ofício tinham uma estrutura complexa e dependente da autorização de Roma para funcionar, sendo estruturados os direitos e deveres de cada “confrade” (membro). Cunha (2000) observa sobre a estrutura da agremiação:

“Cada corporação possuía um local para sua sede, um cemitério próprio com capela e altar, um patrono religioso, um patrimônio comum formado pelas quotas pagas pelos associados e pelos bens móveis e imóveis. Constituíam, assim, uma associação de ajuda mútua e de formação de identidade sociopolítica, frequentemente reforçada por eventos sociais, como funerais e banquetes”. (p.10)

O autor considera que estas corporações aparecem no século XI conjuntamente com o processo de desenvolvimento urbano (CUNHA, 2000), sendo as cidades consideradas o espaço de liberdade encontrada pela burguesia nascente e pelos servos que fugiam da dominação feudal. Ainda sobre a sua organização, Cunha (2000) considera que:

“À medida que sua atividade se expandia e se consolidava, os que exerciam o mesmo ofício se organizavam juridicamente, elaborando estatutos, com base nos antigos costumes (inclusive dos *collegia* romanos) que, por vezes foram sancionados pelos poderes públicos”. (p. 11)

Estas sanções garantiam privilégios que representavam para Rugiu (1998) o monopólio que a corporação dispunha do exercício e ensino da própria atividade válida para um determinado território. Continuando, este monopólio do ensino compreenderia também um poder discricionário para gerir a instrução, a qualificação e a inserção profissional dos aprendizes, isto dado pelas condições convencionadas de gerir a instrução geral, uma vez que os mestres estejam na condição de matriculados em uma Corporação.

Os estatutos das Corporações, segundo Cunha (2000), continham as normas que, de forma detalhada, regulavam as relações entre elas e o poder público e também o mercado, como a venda ou aquisição de produtos. E ainda mais:

Regulavam também as relações entre os próprios trabalhadores (mestres, aprendizes ou assalariados). Tratava-se, particularmente do número e da idade dos aprendizes, da duração da aprendizagem, do pagamento pelo aprendizado, e da *obra prima*, uma espécie de prova final prática, pela qual o aprendiz era recebido entre os mestres e podia exercer seu ofício autonomamente” (CUNHA, 2000, p.12).

Rugiu (1998) ainda lembra que, os artesãos associados eram anteriores da afirmação das corporações, e mesmo com o desuso, ou do que denomina de “supressão definitiva do ordenamento corporativo”, ainda assim eles continuarão a existir. Nos dias de hoje ainda os artesãos existem individualmente ou como associações sindicais ou profissionais, porém, ainda segundo Rugiu (1998):

“... há dois séculos aproximadamente, eles não constituem mais um corpo dotado de prerrogativas especiais; a primeira entre todas, aquela capaz de gerir pessoalmente toda a instrução e a associação a exercer uma determinada atividade artesã, segundo um projeto cultural e um plano metodológico didático típicos e exclusivo para cada uma delas.” (p.25)

Apesar de merecer análise mais detalhada (que será feita em um momento posterior) convém chamar a atenção para a semelhança deste modelo com as Federações Esportivas de lutas, que neste momento, inclusive, encontram-se em um embate em relação ao CONFEF. Tal semelhança pode ser observada pelo fato de serem as Federações que controlam as atividades dos desportos de lutas, desde a iniciação como praticante, até o aval para o reconhecimento das performances (controle das faixas) e a formação do professor/técnico da modalidade.

Este fato é relevante para a Educação Física, enquanto profissão, pois tais Federações, como apresentado anteriormente, estão no embate social posicionando-se em contrário à sua relação com a Educação Física, na tentativa da manutenção das suas prerrogativas especiais, socialmente aceitas. Estas Federações talvez representem, salvo melhor análise, as entidades sobreviventes das Corporações de Ofício Artesanais. Este entendimento, que por ora, corrobora com as hipóteses apresentadas.

Frente ao exposto, ainda é interessante conotar que, Rugiu (1998), dá à Corporação um caráter rígido em relação à organização de suas atividades, além de um saber secreto, ou mistério, que seria o segredo dos seus procedimentos e seus ritos, estes guardados pelos iniciados e, acredita-se estarem compreendidos os procedimentos didáticos para a iniciação gradual dos melhores ajudantes ou aprendizes-mestres.

1.1.3. A Formação do aprendiz

Como dito anteriormente, “os segredos” do ofício dificultariam o entendimento sobre a didática interna e das estruturas do curso formativo das Corporações. Rugiu (1998), considera que até o século XIV foi concedida ampla liberdade aos mestres em relação às decisões de duração e forma de gerenciar seus aprendizes, também chamados de *discipuli* e dos auxiliares (*laborantes*). O mestre era assim considerado “um verdadeiro patriarca na comunidade formativa” (op. cit., p.39), ainda que, essa relação pudesse se estender da oficina até a própria casa.

Outro caminho do aprendizado dado por Rugiu (1998) seria de suma importância para o aperfeiçoamento em uma corporação, a “capacidade de um jovem de captar no ar aqueles ensinamentos que o mestre não sabia ou não queria dar-lhe” (p.40), dando grande valia as capacidades individuais de:

- Adivinhar;
- Induzir;
- Deduzir;
- Concatenar por iniciativa própria.

O grande resultado destas capacidades seria que os frutos do aprendizado superavam aqueles oferecidos pelo ensinamento do mestre, ao menos para os mais dotados (RUGIU, 1998).

Outra forma didática, ainda apresentada por Rugiu (1998), seria o contato de alguns aprendizes em seu período final do tirocínio poderia ser colocado em estreito contato com os trabalhadores mais “experientes e comunicativos”, num papel que o autor considera de *mestre adjunto* ou *sub-mestre*. Isto se faz com a intencionalidade de continuar o aprendizado pela observação e companhia dos trabalhadores mais velhos, e também como pano de fundo, coloca-se que o aprendiz poderia ser introduzido em alguns graus do segredo do ofício e, separá-lo do mestre em pessoa, evitaria que pudesse extorquir-lhe outros segredos que não lhe fossem confiados, aí se tem a importância dos *discipuli* em desenvolver-se sobre tudo nas partes mais delicadas e decisivas do tirocínio.

Consequentemente Rugiu (1998) dá pistas sobre a didática da “oficina”, a saber:

- Não havia divisões por idade dos alunos, podendo haver um aluno de quinze ao lado de um de trinta e cinco e ser considerado normal;

- Porém eram respeitados determinados critérios com base na idade e na competência;
- Os alunos eram exclusivamente, ou desempenhavam apenas o papel de expectador e ouvinte;
- Havia divisões de trabalho e hierarquia ou diversidade de posições entre auxiliares, trabalhadores e aprendizes;
- Aos aprendizes era reservado o direito de retornar para casa nas horas de folga, já o trabalhador, convivia em geral com o mestre e sua família e tinha como salário unicamente o sustento gratuito;

Outro dado interessante apresentado por Rugiu (1998) é a existência de casos em que o mestre hospeda seus aprendizes e passa a estabelecer relações semelhantes à de um internato, com regras precisas e hábitos de vida além do ambiente de trabalho.

A qualificação do aprendiz a *Mestre das Artes* não poderia ser garantida previamente (RUGIU, 1998), apenas os melhores alunos ou mais afortunados, considerado por Rugiu (1998) característica fundamental para o aprendizado, era o dinheiro que a família dispunha para o investimento no longo tirocínio. Formalmente, porém, não era o mestre que concedia a titulação aos seus alunos, mas uma comissão nomeada pelos Cônsules de Artes à qual pertencia o candidato a mestre. Com período variável para o aprendizado, de 4 a 8 anos e após o pagamento de uma taxa de matrícula e a “pronúncia do tradicional juramento” então tornava-se “artesão matriculado” (RUGIU, 1998), que dava todas as prerrogativas conseqüentes da qualificação do título pleno. A partir deste momento, poderia iniciar o grau superior, que Rugiu (1998) denomina de “currículo que conduzia ao grau de mestre”, que seria a preparação da “obra prima” sempre orientada por um mestre, que após executada, seria apresentada à “comissão de magistério”. O autor (op. cit.) ainda observa que:

“A preparação deste ensaio, que tinha a função de concluir o processo formativo, era não pouco custosa, principalmente porque o candidato, tinha por sua conta todas as despesas de feitura de uma obra que, muito provavelmente, não encontraria depois adquirentes, além disso, o mestre que o assistia e guiava na preparação – não necessariamente o mestre do qual tinha sido aprendiz – não raro pedia por isso uma compensação particular, às vezes salgada”. (p.44)

Outro fato interessante, ainda baseando em Rugiu (1998), é a discriminação sócio-econômica relacionada aos candidatos a mestre, devido à alta taxa de matrícula e as despesas decorrentes da “obra prima”, tendo como consequência que, com frequência na História, a Corporação tinha mais necessidade de dinheiro do que de mestres, sendo assim:

- A corporação não se acanhava de acrescentar altas taxas e impostos de vários gêneros;
- A disponibilidade financeira do candidato contava mais que sua competência;
- Não comentado anteriormente, mas o título de mestre também poderia ser comprado, como um título mobiliário, cedido por um rei ou pelo papa, por sujeitos estranhos a corporações mais endinheirados;
- Consequentemente, Rugiu (1998) considera que é lançado por estes motivos um véu sobre o rigor e a severidade das corporações em relação à matrícula e depois ao magistério.

Muito do citado sobre o artesanato, a formação do aprendiz e as corporações de ofício apresentam ainda hoje, características semelhantes em diversos segmentos de nossa sociedade, como as orientações nas universidades e as defesas de teses e, aparentemente, na forma das graduações e funcionamento das entidades dirigentes (federações e confederações) de lutas.

1.1.4. A Introdução da Indústria e as artes liberais

A mudança ocorrida na sociedade com a introdução da indústria é descrita por Cunha (2000) como:

“A propriedade dos locais e dos instrumentos de trabalho não é dos trabalhadores, assim como não são de sua propriedade os produtos. Enquanto que na educação artesanal a finalidade, ao menos tendencial, é que o aprendiz possa vir a ser um mestre de ofício, que abra sua própria oficina, na educação industrial a finalidade é um posto bem delimitado numa divisão complexa de trabalho, como trabalhador assalariado”. (p.3)

A manufatura entra então na troca da concepção da relação mestre e discípulo e para a concepção das relações de dinheiro entre trabalhador e capitalista (RUGIU, 1998). Já o papel das artes liberais e artes mecânicas, na visão de Cunha

(2000), apresenta uma nova divisão hierárquica interna, provocada pela separação interna dos alfabetizados e os analfabetos, que, com a difusão da imprensa do século XVI, concatenaram para que, progressivamente, as Corporações de Ofício Mecânicas fossem se diluindo pela exigência da manufatura. Lembrando que para Rugiu (1998), as artes mecânicas eram atividades dos operários e encontravam-se abaixo da escala social, quando relacionadas às artes liberais, definidas como sendo os cursos de trívio e quadrívio, e depois Teologia e Direito, e mais tarde ainda a Medicina. As artes liberais eram as atividades, para a época, dignas de um homem livre, sendo que, ser livre para Rugiu (1998) significava livre da necessidade de ter que trabalhar para viver, sendo que essa liberdade era exercida “principalmente com o instrumento líber (livro) o único e verdadeiramente digno de um homem líber (livre)” (p.32).

Constata-se, portanto, que se inicia o declínio da era do “saber fazer” que, seguindo o pensamento de Rugiu (1998), seremos levados ao entendimento de que a indústria destruiu o que era pedagogicamente válido no artesanato, como:

- Raciocinar e fixar os objetivos da atividade;
- Verificar e retificar constantemente a atividade pela avaliação final do produto;
- Dominar todo o ciclo, cuidar de todas as “entradas e saídas”;
- Em geral, estar com *um olho na oficina e outro na rua*.

E também, ainda segundo o pensamento de Rugiu (1998), pode-se entender que a prática da Corporação tinha um grande valor educativo, que seria dividido por dois modos, a saber:

- Mediante o trabalho desenvolvido em contato com grandes mestres e;
- Associação de arte e prática profissional.

A idéia de este conhecimento ser desagregado da era industrial é clara na perspectiva de Rugiu (1998), como também é claro que após as primeiras fases da industrialização, houve uma tentativa de recuperação, buscando *ressuscitar* o papel educativo das Corporações, através da constatação da época de que, a indústria sempre oferece menos trabalho, e que ela seria a corruptora moral e cultural da sociedade da época e, logo seria reduzido a impotência. Desta forma, demonstra-se que a sociedade resistia às mudanças oriundas do novo mundo industrial, onde gerava principalmente um maior lucro acumulado em um grupo novo na relação, o capitalista, este que oferece os

meios de produção, mas não educa, não proporciona a arte do ofício, sendo apenas uma “prisão ao servil sistema industrial”.

Estas mudanças decorrentes das transformações no entendimento do “mundo do trabalho” geraram novas construções sociais e modelos de sociedades que, apesar de novas, apresentam traços das descendências artesanais e das Corporações de Ofício em seu cotidiano. Rugiu (1998) considera que, das fileiras dos mestres artesãos saíram a nata dos tecnólogos-cientistas e ainda lembra que:

“Tal tradição pedagógica nos séculos sucessivos desaparecerá das lojas e das oficinas, mas sobreviverá na tradição dos *colleges* britânicos até aos tempos, para nós, recentes, persistindo até hoje nas corporações militares em relação aos recrutas ou “recos”. Leser insinua também que na Alemanha, onde vigiam particulares tradições, só em um segundo momento tenha acontecido a distinção entre um mestre de uma arte específica (alfaiate, ferreiro, açougueiro, etc) e o mestre de escola autêntico. Até o tirocínio da cavalaria teria sido modelado sobre aqueles das Artes mecânicas: primeiro, aspirante a escudeiro (aprendiz) de um cavaleiro, depois “jovem senhor” (Jungher ou junker), sempre ao lado do cavaleiro-mestre, mas, cada vez mais independente, até a desejada concessão de cavaleiro, depois dos vinte e um anos”. (p.32)

1.1.5. Referências do Artesanato no Brasil

Apesar de a História brasileira ser mais recente e com elementos distintos da européia, a invasão e colonização por Portugal trouxeram traços culturais e o modo de vida “civilizado” para o país. Saviani (1998) considera que “o Brasil entrou para a história da civilização ocidental quando o sistema de corporações já estava em declínio” (p. 1).

A característica primordial do início de colonização brasileira é o emprego de escravos, portanto a força de trabalho livre fora afastada tanto dos artesãos como da própria manufatura. Cunha (2000) expõe que:

“O emprego de escravos, como carpinteiros, ferreiros, pedreiros, tecelões etc. afugentaram os trabalhadores livres dessas atividades, empenhados todos a se diferenciar do escravo. Ou seja: homens livres se afastavam do trabalho manual para não deixar dúvidas quanto a sua própria condição, esforçando-se para eliminar as ambigüidades de classificação social.” (p.02)

Como resultado desta característica peculiar, Cunha (2000) considera que as Corporações de Ofício não tiveram no Brasil colônia o mesmo desenvolvimento

que tiveram na Europa. Outro ponto interessante apontado pelo autor sobre o trabalho manual seria que:

“... a herança da cultura ocidental, materializada pela cultura ibérica, aí está a base do preconceito quanto o trabalho manual, inclusive e principalmente daqueles que estavam socialmente mais próximos dos escravos: mestiços e brancos pobres.” (p.16)

E continua:

“Sempre que podiam, os mestres faziam escravos aprenderem ofícios para pô-los a trabalhar em suas tendas, dispensando-se de pagar salários a obreiros (livres). O trabalho manual passava, então a ser *coisa de escravo* ou da *repartição dos negros* e, por uma **inversão ideológica**⁷, os ofícios mecânicos passam a ser desprezados, como se houvesse algo de essencialmente aviltante no trabalho manual, quando a exploração do escravo é que o era.” (p.16)

Em contrapartida, houve também ofícios cujo exercício não convinha aos artesãos que fossem confiados a escravos. Cunha (2000) indica que quando isso acontecia, as Corporações colocavam normas rigorosas impedindo, ou pelo menos desincentivando, o emprego de não-livres, buscando “clarear” o ofício. Essa atitude buscava dificultar não só a entrada de negros e mulatos, como também se estendia para mouros e judeus considerados na época de pessoas possuidoras de características étnicas “inferiores”.

Estas características particulares do Brasil aglutinam algumas alusões, tanto com relação à herança européia de sua colonização, quanto às características presentes e discutidas em relação ao pensamento grego quando relacionado ao trabalho manual e o escravo. Tanto essas observações como a posterior miscigenação cultural ocasionadas pelas diversas imigrações decorrentes da História do Brasil, provocaram traços que serão abordados e relacionados posteriormente no texto.

⁷ Grifo não presente no original.

1.2. Profissão

Continuando com a proposta de estudo, é conveniente, neste momento, a definição de profissão para o entendimento das mudanças ocasionadas pelos processos da evolução histórica do trabalho. A profissão, neste caso, como sendo o pilar estruturador da própria Educação Física, assim como se pensa que o judô estaria se estruturando sobre a concepção das corporações e o ofício.

Como evolução natural das artes mecânicas, provocada pela “era industrial”, e posteriormente pela Modernidade, foi a formação das profissões, que de início possuía como genitores as artes liberais que originaram a medicina e o direito. O estudo da profissão e suas características e definições serão abordadas pelas análises deste texto, sob a ótica de dois autores clássicos, Flexner e Freidson, devido à utilização em estudos dentro da Educação Física.

Para o entendimento do termo *profissão*, é importante compreender que este surge do vocábulo latino *professio*, que teria o significado original de *declaração pública* ou *confissão*, mas que ao longo do tempo, segundo Souza Neto (1999), adquiriu o sentido de adesão pública a um credo religioso e ao ato de tomar os votos de uma ordem religiosa.

Outra revisão histórica, baseando-se nos estudos de Coelho (1999), conduz ao entendimento dos seguintes elementos: a *declaração pública*, o voto e o ofício foram apresentados como os significados para profissão nos dicionários do século XIX. Culminaria ainda, para o autor, o aparecimento e o registro das *profissões liberais* (1943), assinalando-se como “Profissões liberais: a medicina, o professorado, a advocacia”, tendo a sua ênfase no exercício *livre* ou *autônomo* das três profissões. A seguir a definição de Flexner e Freidson, serão abordadas mais detalhadamente.

1.2.1. Definição de Flexner para profissão (segundo Barros, 1993)

Existem vários estudos que definem conjuntos de critérios para definir uma profissão (KROLL, 1982 apud BARROS, 1993) o que é ressaltado em Barros

(1993), o estudo de Flexner, no qual são postulados seis critérios a partir dos quais se caracteriza uma atividade profissional:

1. As atividades desenvolvidas são essencialmente de natureza intelectual;
2. A profissão é prática;
3. A profissão é dinâmica;
4. Organização;
5. Comunicabilidade;
6. Altruísmo.

Esses seis critérios são característicos de uma profissão e estão relacionados com o serviço que deva ser prestado à sociedade. Barros (1993) ressalta também que, em nenhum momento é mencionado o diploma acadêmico como referência para caracterizar uma atividade profissional.

O mesmo autor questiona que “a posse da habilidade de ensinar ou domínio de habilidades motoras é apenas um dos critérios de uma profissão”, afirmação que contrapõe algumas críticas elaboradas pelas federações. Com o devido cuidado para não eleger os “professores” de judô como leigos e inimigos da Educação Física - preocupação ressaltada por Castellani (1996), em sua tese terceira - consideramos que além de conhecimentos técnicos, o professor de judô precisaria ainda “ênfatizar mais os aspectos profissionais na prestação de seus serviços” (BARROS,1993).

Convém também associar a esta realidade que apesar da construção do Judô no país ser independente da Educação Física, a modalidade inclui todos os aspectos do movimento, dos exercícios físicos, sendo um campo de estudo da motricidade humana (BARROS, 1996). Ainda Barros (1996), identifica que a atividade profissional, especializada e relevante à sociedade, exige uma preparação específica e normalmente obtida num curso de graduação, sendo de caráter prático e de serviço especializado, ou seja, fundado em habilidades, técnicas e conhecimentos próprios.

Podemos considerar as atividades profissionais, no caso dos professores/técnicos de judô, refletindo os critérios adotados por Flexner⁸, como essencialmente de natureza intelectual, devido à existência de uma utilização do intelecto para a aplicação de aulas e técnicas para a prática da modalidade. Também como uma

⁸ Flexner aparece citado por Kroll, que por sua vez foi utilizado por Barros (1996) em seus estudos.

atividade essencialmente prática, prestando serviço para a sociedade, mais especificamente neste caso, de ministrar aulas/sessões⁹ de treinamento de judô ou de artes marciais. Porém, quando refletimos sobre o dinamismo da profissão, esta apresenta o dever de incorporar na sua prática uma contínua corrente de idéias e conhecimentos produzidos, neste caso por estudos científicos, e a incorporação destes por parte de seus membros (BARROS, 1993), o que não se verifica efetivamente na prática cotidiana dos senseis das artes marciais, que utilizam em suas aulas/sessões de treinamento conhecimentos quase que exclusivamente advindos da prática, com um caráter de reprodução do que foi aprendido, ou seja, “eu ensino da mesma forma como aprendi”.

Finalizando a análise, temos em questão o altruísmo que segundo Barros (1993), seria a motivação para a existência de uma profissão, o dever de prestar sempre o melhor serviço possível à comunidade. Essa característica, por sua subjetividade, torna-se difícil de ser avaliada e discutida, porém foi levantada a questão de que, segundo Barros (1996), deve haver um desenvolvimento da área profissional e acadêmica em conjunto, o que para o profissional significa aceitar a pesquisa como instrumento importante para o aprimoramento da prática. Coloca-se, portanto, a pesquisa científica como identificadora do “novo mundo do trabalho”.

1.2.2. Sobre os questionamentos de Eliot Freidson para profissão

O pensamento de Freidson coloca todo o trabalho como uma ocupação e apenas refere que algumas ocupações seriam de elite, sendo estas as profissões. Segundo Freidson (1996), “a criação, a exposição e a aplicação de corpos de conhecimentos são vistas como um empreendimento de ocupações que lutam por controlar seu trabalho”. Esse caminho foi traçado pela Educação Física para seu reconhecimento e sua passagem de ocupação para profissão. Neste sentido, fica definido por “meio das circunstâncias típico-ideais que fornecem aos trabalhadores, munidos de conhecimento, os recursos através dos quais eles podem controlar seu próprio trabalho”.

⁹ Consideram-se aulas atividades de ensino restritas a Instituições de Ensino Formais (IEF), porém o “senso-comum” utiliza do termo de forma cotidiana e usual. O correto para atividades, mesmo didáticas fora das IEF em Educação Física é a o termo sessão de treinamento! Optou-se em um primeiro momento a utilização de aulas/sessões de treinamento para enfocar a complexidade do entendimento Acadêmico e popular!

Podemos assim constatar que, a partir da Lei 9696/98 (BRASIL, 1998), a Educação Física vai “tornando-se apta a criar e aplicar aos assuntos humanos o discurso, a disciplina ou o campo particular sobre os quais têm jurisdição” (op. cit.).

O que podemos ter como ponto de partida dos estudos de Freidson (1996) é que, profissão seria um tipo específico de trabalho especializado, com independência de controle e jurisdição sobre um corpo especializado de conhecimentos e qualificações em uma divisão do trabalho específica controlada pelas ocupações participantes.

1.2.3. Ciência, profissão e formação profissional

No entendimento anterior de artesanato, observava-se o “saber fazer” como suporte do conhecimento do trabalho. Já para a profissão, tem-se que este conhecimento é trocado pelo científico. Ciência esta que passa a ser a “gerenciadora” e o suporte técnico-instrumental para aplicação da prestação de serviços à sociedade. Neste caminho Venuto (1999) destaca:

“Os estudos na área das profissões tendem a destacar o caráter científico do conhecimento como principal recurso no processo de institucionalização da profissão, o elemento essencial para a aquisição de autoridade e inserção na hierarquia posicional vigente dentro do campo profissional.”

Como apresentado anteriormente, Doll Jr (1997) considera que a Modernidade ou, o paradigma moderno é pautado pela ciência clássica ou normal e, reflete que:

“...a ciência moderna e a revolução industrial realmente trouxeram benefícios materiais como também conceitos de progresso, liberdade e realização individual, que não eram encontrados no pensamento pré-moderno. O pensamento moderno descortinou horizontes inacessíveis ao pensamento pré-moderno”. (p.42)

Em síntese, é interessante apontar o pensamento de Venuto (1999) como estruturador das relações entre organização profissional, ciência e ensino com o mercado. Ela considera que:

“A maneira como os princípios legítimos no sistema cultural são integrados à estrutura de organização das profissões, além da forma como é

institucionalizada a relação entre os grupos profissionais e o sistema social, podem ser destacadas como elementos importantes para compreender a posição e a função das profissões. Primeiro, a incorporação da racionalidade científica e da competência técnica no treinamento profissional legitima a autoridade profissional e garante o *status* da profissão, diferenciando-a dos demais grupos ocupacionais. Segundo, a vinculação das profissões com a universidade estabelece uma distinção entre os grupos profissionais, as empresas capitalistas e as organizações burocráticas.”

Dentre estas características da profissão, Venuto (1999) conclui que:

“Dentro dessas instituições, as profissões apresentam-se como grupos solidários desligados do mercado e dissociados da idéia de busca pelo lucro. A ideologia moderna do serviço profissional (cuja competência técnica é validada por instituições legítimas e a funcionalidade medida pelo grau de satisfação com que resolvem os problemas demandados pela sociedade) cria distinção entre os grupos profissionais e os outros grupos ocupacionais que negociam no mercado. Da mesma forma, ao propagarem a idéia do trabalho em prol do bem comum, as profissões permitem a compatibilização entre o ideal altruísta e o interesse privado (em especial a busca pelo *status* e a recompensa econômica).”

Estas características, ora apresentadas, indicam o peso da ciência no estabelecimento das profissões e abrem o caminho para o controle e autonomia de mercado pela sociedade moderna, posterior à revolução industrial. Os modelos encontrados pela modernidade, segundo Doll Jr (1997), quebraram a relação de harmonia entre o homem-natureza, existente no mundo pré-moderno, em que esta relação é trocada pelo encontro homem e máquina. Esta associação gerou críticas, principalmente ao seu caráter divisório e dualista de relações, onde a classificação e separação de elementos é condição desta nova realidade. Um exemplo disto pode ser dado pelo sentido de “senso comum”, codificado por Alves (1981):

“...a expressão “senso comum” foi criada por pessoas que se julgam acima do senso comum, como uma forma de se diferenciarem das pessoas que, segundo seu critério, são intelectualmente inferiores. Quando um cientista se refere ao senso comum ele está obviamente, pensando nas pessoas que não passaram pelo treinamento científico.” (p.13)

Apoiando a idéia da defesa que Alves (1981) faz ao senso comum, Doll Jr (1997) também apresenta uma idéia de “metáforas mecânicas” e lembra que nelas estão os fundamentos para a Ciência moderna e também do currículo “mecanicista e científico” que é denominado pelo autor de “mensurado”. Como consequência deste currículo de formação, o autor considera que:

- Os objetivos estão fora e são determinados antes do processo institucional;
- Esses objetivos são firmemente estabelecidos e “conduzidos ao longo do currículo”;
- Impede o aluno de uma interação significativa com o professor, objetivos e planejamento do currículo;
- Impede o entendimento de que os fins estão dentro do processo e não fora dele.

Estas considerações levam a entender que Doll Jr (1997) confere ao entendimento da formação, ou do currículo de formação que advém da modernidade, um caráter de estrutura semelhante a de uma máquina, onde a metáfora “professor como motorista que conduz o veículo” (processo de aprendizagem) e o aluno um mero passageiro ou “objeto a ser conduzido” torna-se pertinente neste caso.

Esta mudança estrutural da sociedade moderna se dá, segundo Tardif (2002), pela divisão tanto social como intelectual das funções de pesquisa. Estas foram assumidas pela comunidade científica e as funções de formação assumidas por um corpo docente distanciado das instâncias de produção dos saberes. Ora, se as sociedades pré-modernas baseiam-se nos saberes técnicos e no saber fazer, torna-se necessária a renovação das diferentes funções ligadas ao trabalho. Desta forma, os integrantes dos grupos sociais derivados desta prática que assumiam a formação de seus membros em corporações de artesãos, devem entender as adaptações que ocasionaram essas transformações. Para Tardif (2002), estas adaptações em relação aos saberes e a formação para o trabalho seriam:

“Os saberes técnicos e o saber fazer vão sendo progressivamente sistematizados em corpos de conhecimento abstratos separados dos grupos sociais – que se tornaram executores atomizados no universo capitalista – para serem monopolizados por grupos de especialistas e de profissionais integrados a sistemas públicos de formação.”

Voltando para Doll Jr (1997) - após as transformações registradas anteriormente por Tardif – remeter-se ao moderno seria lembrar que “o tecnocrata moderno enfatiza o conhecimento excessivo numa área” (p.40). Este fato seria o redutor do entendimento de um conhecimento mais holístico e equilibrado. Como consequência haveria o início da exaltação ao profissionalismo, que é definido ainda por Doll Jr (1997)

como um conceito modernista que valorizaria mais a perícia técnica do que uma abordagem mais ampla sábia e holística ao conhecimento e a vida.

Enfim, Venuto (1999), confirma e resume a posição ou imposição que a ciência dá em relação à profissão, refletindo que:

De fato, é bastante pertinente frisar a importância que a estruturação do conhecimento com base na racionalidade científica exerce sobre o processo de consolidação do grupo profissional, pois sabe-se que nas sociedades modernas, a ciência tem funcionado como um dos recursos mais eficazes para a legitimação da autoridade. O problema aparece quando, nas análises, o conhecimento científico sobrepõe-se e relega a segundo plano — quando não exclui — uma série de outros recursos que têm peso qualitativo equivalente no processo de construção da profissão. Quando isto ocorre, é como se o conhecimento esgotasse em si todas as possíveis estratégias utilizadas pelos grupos ocupacionais, no sentido de se consolidarem como profissões. Ou seja, se o conhecimento específico não é estruturado em uma base científica, as possibilidades de transposição para o campo profissional ficam praticamente reduzidas à zero.

1.2.4. Ciências do Desporto e a profissão Educação Física.

Sabe-se que, a Educação Física é regulamentada pela Lei 9.696/98 e que as delimitações de seu campo de atuação são definidas no seu Art. 3º, onde é citado:

Art. 3º. Compete ao Profissional de Educação Física coordenar, planejar, programar, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, avaliar e executar trabalhos, programas, planos e projetos, bem como prestar serviços de auditoria, consultoria e assessoria, realizar treinamentos especializados, participar de equipes multidisciplinares e interdisciplinares e elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos, todos nas áreas de atividades físicas e do desporto. (BRASIL, 1998)

E que, coexiste com a regulamentação do desporto, a saber, que:

“A Lei Federal 9.615/98, que institui normas gerais sobre o Desporto, em seu artigo 20º, determina que “as entidades de práticas desportivas (clubes) e as entidades nacionais de administração do desporto (Confederações, Federações e Ligas esportivas), de que trata o tal artigo, são pessoas jurídicas de direito privado, com organização e funcionamento autônomo, que têm suas competências definidas em seus estatutos”. Essas entidades são responsáveis pela organização esportiva em nível nacional ou regional, que são organizados em Federações, Confederações e Ligas”. (DRIGO, 2002, p.03)

Deste modo, frente ao que se apresenta, pelo menos quando se relaciona ao desporto, é uma ambigüidade de relações legais que, conforme foi apresentado até o momento, existe uma legislação que entende a formação profissional e reflete o caráter

Acadêmico - científico do “Campo Esportivo”, representado pela Lei 9696/98 (BRASIL, 1998). Em contrapartida, apresenta-se perante a sociedade outra legislação, que permite o agrupamento em entidades desportivas com direitos e autonomia que, pautado no desporto ou jogo, tem liberdade de ação perante os pressupostos apresentados do “saber fazer”. Embora haja um entendimento passível de ser considerado em relação a atuação profissional em que está referida a Lei supracitada, não se impediu os diversos questionamentos e re-análises por parte das autoridades, tendo como o exemplo mais concreto a formulação do PL 7370/03¹⁰.

São estas co-existências que permitem os conflitos sociais, ao mesmo tempo em que não possibilitam um estudo mais criterioso para a identificação das necessidades do desporto nacional, no seu âmbito geral, determinando a emergência da necessidade de fazê-lo como caráter prioritário ao entendimento da própria identidade da profissão Educação Física.

1.2.4.1. Ciências do Desporto

O corte que se fará neste momento tem o intuito de apresentar o suporte científico da profissão Educação Física, em que, apesar das muitas ciências que se interrelacionam com esta área de atuação, optou-se por generalizar em Ciências do Desporto para:

- Dar continuidade ao entendimento da passagem de ofício (saber fazer) para profissão (Ciência);
- Refletir sobre a Educação Física restringindo a sua face desportiva (judô), não enfocando outros aspectos (a escolar, por exemplo), como é a proposta desta Tese;
- Utilizar a terminologia Ciências do Desporto, como mediadora dos processos de desempenho e de formação técnica voltado ao desporto. Fato que será importante na obtenção posterior dos instrumentos de análises propostos na metodologia.
- Entender e respeitar a herança das investigações russas sobre o desporto e citar que a Comunidade Científica deste país utiliza-se do termo Ciência do Desporto

¹⁰ PL 7370, Projeto de Lei que retira da atuação fiscalizadora dos conselhos de Educação Física as modalidades de artes marciais, yoga, capoeira e método pilates, ainda em tramitação no Congresso Nacional.

(SIFF e VERKHOSHANSKY, s.d.) que, por ora, pode-se atribuir ao elevado desempenho que eles obtiveram em eventos internacionais, porém melhores análises em relação à epistemologia deverão ser abordadas em estudos posteriores.

Começando a identificar as Ciências do Desporto, Eliott e Mester (2000) citam que a combinação do desporto e das ciências do exercício é um desenvolvimento recente, que emergiu de novas perspectivas das pesquisas científicas nas ciências físicas e biológicas do comportamento, sociais e médicas. Considera ainda que a base deste conhecimento cresceu dramaticamente nos últimos 20 anos. Um fator que chama atenção no pensamento científico atrelado ao desporto está para Eliott e Mester (2000) intimamente ligado ao “desempenho desejado, livre de contusões e seguro emocionalmente” (p. 17), aonde este seria o tema fundamental e motivante para as principais áreas de pesquisa desta ciência. Bento (1989) já fazia referência à existência da Ciência do Desporto e sua relação em “buscar respostas cientificamente fundadas para muitas questões colocadas pelo desporto” (p.11), porém reflete que:

“Por outro lado a Ciência do Desporto conseguiu, em tempo curto, um volume considerável de conhecimentos empíricos e teóricos muito diferenciado – o que exige um esforço de integração, bem como a capacidade e disponibilidade para a cooperação e interação” (p.11)

Verjoshanski (1990) discursa sobre a importância do conhecimento científico relacionado ao desenvolvimento atlético. Em suas argumentações aborda a relação entre o saber fazer e a ciência, mencionando a possibilidade de sucesso, em um passado recente, ser devido apenas a experiência pessoal do treinador, da tentativa e erro baseado apenas na instrução e princípios lógicos, contrapondo-se à atual evolução do desporto que se baseia em pressupostos mais objetivos, relacionada à planificação e estruturação. Essas conotariam as bases científicas do treinamento desportivo. Verjoshanski (1990) remete a importância da ciência na solução dos problemas metodológicos do treinamento, e informa que:

“A preparação dos atletas de alto nível está ligada sobretudo a grandes estímulos dos sistemas funcionais vitais para o organismo e produzir um efeito de aumento dos níveis de trabalho a pontos muito elevados que atualmente, sem conhecimentos científicos e simplesmente apelando ao bom senso e intuição, não é possível resolver os complexos problemas do treinamento moderno.” (p.16)

Seguindo o caminho internacional, Portugal também aborda o tema dentro das universidades. Em 1977, Melo de Carvalho já apresenta postulados identificando a relação da Educação Física, formação profissional e ciência (CARVALHO, s.d.). É interessante ressaltar que ele apresenta o termo “Cultura Física” e determina as necessidades da adaptação das Universidades de Educação Física estarem aptas ao desenvolvimento desta cultura, reiterando que:

“Deverá ser a Universidade de Educação Física a garantir a resposta integrada e científica às necessidades do desenvolvimento da *cultura física* e a fundamentação da educação física como ciência. O conjunto de ciências que hoje e com estes objectivos devem desenvolver os seus esforços numa perspectiva pluridisciplinar, exige um processo coordenador de formação, só possibilitando através do estudo aprofundado do significado das actividades físicas na vida do homem”. (p.68)

Carvalho (s.d.) ainda continua a idéia acrescentando que o objetivo básico da Universidade deveria ser o de “lançar os fundamentos da ciência da educação física e do desporto” (p.68) estudando as relações entre movimento, personalidade, educação e *cultura física*, lançando “uma visão humanística das atividades físicas educativas”.

Porém, ao identificar a ciência e sua relação com a Educação Física, surgem os problemas na legitimidade Acadêmica, que ao menos no Brasil, é apontado por Lovisolo (1997) por considerar as questões da hegemonia e/ou as paradigmáticas que impossibilitam a construção de uma identidade disciplinar para a área. Estes fatos são apontados por ele, como sendo:

- A dificuldade de estabelecer acordos internos à comunidade de pesquisadores da “área disciplinar”;
- Dificuldade em estabelecer o objeto teórico próprio;
- Dificuldade em obter um consenso mínimo na área sobre as metodologias apropriadas para seu desenvolvimento.

Portanto, estes apontamentos permitem que Lovisolo (1997) conclua que a questão sobre a hegemonia, ou paradigma na Educação Física expresse as dificuldades, ou até mesmo, a impossibilidade da construção de uma tradição ou área disciplinar. Isto seria condição para que, no sentido estrito, a Educação Física possa ocupar um lugar na

multiplicidade dos enfoques disciplinares atuantes no campo das ciências que estudam os esportes e as atividades físicas.

A apresentação, portanto, dos autores citados, apesar de poderem ser conflitantes em alguns aspectos, não excluem de forma alguma o entendimento da valorização da Ciência e da Profissão, notadamente apresentado como característica do “mundo moderno”. Onde, “só a investigação científica poderá permitir abandonar o quase completo empirismo em que está atualmente mergulhada e toma raiz toda a ação realizada no campo da Educação Física” (CARVALHO, s.d, p.209). E ainda seguindo Carvalho (s.d.), onde é apresentada uma eloqüente exaltação à ciência na Educação Física:

“Sem dúvida que a pesquisa e a experimentação devem naturalmente unidas à aplicação pedagógica, sem o que, parece-nos, não se conseguiria a necessária integração dos dados que de ambos os lados podem obter. Só assim será possível estruturar uma Educação Física que se apóie em dados científicos, vindo a construir-se em ciência autônoma, precisando os seus objectivos, os seus limites, os seus meios, as suas técnicas; os seus investigadores terão que seguir muito de perto a evolução de todas as outras ciências.” (p.210)

Porém Carvalho (s.d.), em 1973 quando se referia a Educação Física, já se preocupava com a individualidade dela enquanto ciência autônoma, abordando que a investigação do comportamento motor deveria ser integralizada a uma ação “partindo do princípio de que do movimento faz parte integrante e inalienável a afetividade, a percepção e o conhecimento”(p.211). Uma observação, que cabe neste momento, devendo ser considerada como um ponto de reflexão para própria área da Educação Física, foi abordado por Cesana (2005):

“Com vistas à constituição dos *campos* ou *espaços* de trabalho e à sua ‘profissionalização’ na sociedade moderna, também encontramos uma importante relação para a Educação Física. Ao considerar o trabalho intelectual, ou que possui o monopólio de conhecimentos científicos específicos aplicáveis (profissão) como mais valorizado, e o trabalho manual, empírico (ocupação) como menos valorizado, encontramos mais uma vez a relação entre teoria e prática com o desprestígio da segunda”. (p. 65)

Esta idéia corrobora com a outra sobre a necessidade de entendimento do corpo de conhecimento da profissão Educação Física como um todo, não sendo este fracionado ou dicotomizado, pois a essência de suas ações além de práticas é voltada ao

gerenciamento de trabalhos manuais, ou nos seus termos, o exercício físico. Onde relegado ao revés de sua desvalorização - pela atividade corporal – refletiria numa maior valorização dos discursos das ciências mães como legitimadora das ações técnico-científica. Assim, sem o devido cuidado, a Educação Física passaria a um status de biologia aplicada ao esforço físico apenas.

Após a caracterização do Artesanato e da Profissão como “modelos” possíveis de serem reconhecidos e aplicados no âmbito da Educação Física e do Desporto, e especificamente do judô, passa-se agora à construção de suas inter-relações à luz do referencial teórico de Pierre Bourdieu.

CAPÍTULO II - Análise do judô e das artes marciais através de elementos Artesanais e os conflitos com a profissão

Seguindo a análise proposta pelo estudo, torna-se necessário a abordagem de um possível referencial teórico que possibilite entender o objeto de estudo de forma mais clara. Optou-se, então, por utilizar os textos produzidos pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu para desencadear a análise, pois, seguindo os pressupostos adotados por ele como: o capital específico, *habitus* e espaço social e *campus*, seria possível identificar elementos importantes para mapear o judô e as artes marciais em relação aos relacionamentos, relações de poder e inter-relações presentes nesta modalidade.

Também no que se refere à construção deste capítulo, serão abordadas as produções bibliográficas desenvolvidas na trajetória acadêmica do autor desta Tese. Nestas publicações, além dos textos e resumos, serão relacionadas monografias acadêmicas produzidas por alguns de seus orientados de graduação, principalmente ligados a Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, que permitiram formar um acervo sobre comportamento do profissional de lutas e identificar alguns *habitus* da prática de artes marciais no Brasil.

2.1. Pensando em um referencial teórico para análise: Pierre Bourdieu

A idéia da utilização do referencial de Bourdieu para gerar as análises deste estudo, deu-se pelo contato com sua produção durante os estudos originados das reuniões do NEPEF¹¹. Da leitura e compreensão destes textos emergiram algumas possibilidades de entender o espaço e relações sociais presentes nas lutas, em território brasileiro, como por exemplo, o respeito a um sistema hierárquico particular (faixas e graus). Para tanto, o início da reflexão do pensamento de Bourdieu (1989), define

¹¹ Núcleo de Estudos em Formação Profissional no “Campo” da Educação Física - Unesp/Rio Claro

elementos que serão utilizados para a identificação do estruturalismo que se refere a identificar, no mundo social e nos sistemas simbólicos (linguagem, mito, entre outros), as estruturas objetivas que são independentes da consciência e da vontade dos agentes, que são capazes de orientar ou coagir suas práticas e representações. Já o construtivismo é definido por Bourdieu (1989) como “uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação que são constitutivas” (p.147) do que seria identificado pelo autor com o nome de *habitus*. Por outro lado, existem também as estruturas sociais em particular as quais Bourdieu (1989) as denominam de campos e grupos (*campus*). Os conceitos de *habitus* e *campus* serão detalhados no decorrer do capítulo.

Segundo ainda o pensamento de Bourdieu (1989), o que interessa para o estudo é a possibilidade de caracterizar um capital específico, capital cultural, “capital simbólico” existente nas lutas, e também como organizavam a sua identidade em termos de prática social e sua representação na luta política pela obtenção de um espaço social, ou melhor, a demarcação do seu “território”.

Cesana (2005) reflete sobre esta posição de Bourdieu em relação ao entendimento de território da seguinte forma:

“Cabe colocar também que se, de um lado, as estruturas objetivas que se constrói, no momento objetivista, descartando as representações subjetivas dos agentes, são os fundamentos das representações subjetivas e constituem as coações estruturais que pesam nas interações; de outro lado, essas representações devem ser retidas, sobretudo se quisermos explicar as lutas cotidianas, individuais e coletivas, que visam transformar ou conservar essas estruturas. Portanto, para o autor, ambos os momentos estão numa relação dialética, uma vez que se o momento subjetivista está próximo quando o tomamos isoladamente nas análises interacionalistas, o mesmo aparece separado do momento objetivista quando se observa a posição (pontos de vista) dos respectivos agente na estrutura”. (p.69)

Bourdieu interessa, portanto, ao estudo, pois permite conhecer os agentes, as estruturas e as representações. Com a ressalva da necessidade de romper com o modo de pensamento substancialista que leva à não reconhecer nenhuma outra realidade, além das que se oferecem à intuição direta na experiência cotidiana dos indivíduos e grupos (CESANA, 2005). Bourdieu (1989) apresentando como saída, a noção de espaço social para permitir escapar à alternativa do nominalismo e do realismo em matéria de classes sociais, dado a percepção que são os agentes (nós mesmos) que constroem o espaço social.

Com isto, basta atentar que “através da distribuição das propriedades, o mundo social apresenta-se, objetivamente, como um sistema simbólico” (BOURDIEU, 1989, p160), e a sua organização segue a lógica da diferença e do desvio diferencial. Pela observação de Bourdieu (1989) “O espaço social tende a funcionar como um espaço simbólico, um espaço de estilos de vida e de grupos de estatuto, caracterizados por diferentes estilos de vida” (p.160).

Abordando o pensamento de Cesana (2005), no que se refere ao contexto do espaço social serão encontradas também as lutas simbólicas, envolvendo a apreensão da percepção do mundo social no âmbito do lado objetivo que:

- São relacionadas a ações de representação individual e coletiva;
- São destinadas a mostrar e a fazer valerem determinadas realidades como o manifesto de um grupo;
- Geradoras da busca da sua visibilidade ao nível individual, visando a apresentação de si, a manipulação da imagem de si e, sobretudo, de sua posição no espaço social.

Do lado subjetivo, Cesana (2005) delimita:

- A tentativa de mudar as categorias de percepção e apreciação do mundo social e;
- Gerar as estruturas cognitivas e avaliatórias: as categorias de percepção, os sistemas de classificação (as palavras, os nomes que constroem a realidade social).

2.1.1. Lutas simbólicas, capital simbólico

As lutas simbólicas para Bourdieu (1989), podem ser entendidas tanto como as lutas individuais, da existência cotidiana, mas também como as lutas coletivas e organizadas da vida política, ambas têm uma lógica específica e que lhes “confere uma autonomia real em relação às estruturas em que estão enraizadas” (p.163). Dos estudos de Bourdieu (1989) emergem também o entendimento de capital simbólico, que permite a compreensão de elementos da relação do espaço social ou de sua estrutura. Para o autor, portanto, o capital simbólico que seria:

“Nada mais que o capital econômico ou cultural quando conhecido e reconhecido, quando conhecido segundo as categorias de percepção que ele impõe, as relações de força tendem a reproduzir e reforçar as relações de força que constituem a estrutura do espaço social. Em termos mais concretos, a legitimação da ordem social não é produto, como alguns acreditam, de uma

ação deliberadamente orientada de propaganda ou de imposição simbólica; ele resulta do fato de que os agentes aplicam às estruturas objetivas do mundo social estruturas de percepção e apreciação que são provenientes dessas estruturas objetivas e tendem por isso a perceber o mundo como evidente”. (p. 163).

Desse modo, como observado por Cesana (2005), “as relações objetivas de poder tendem a se reproduzir nas relações de poder simbólico, bem como na luta simbólica pelo monopólio da nomeação” (p.73). A nomeação, neste caso, pode ser entendida como o “ato pelo qual se outorga a alguém um título, uma qualificação socialmente reconhecida, constituindo-se uma das manifestações mais típicas do monopólio da violência simbólica legítima” (BOURDIEU, 1989, p. 164). O monopólio, pelo autor, pertence ao Estado ou a seus mandatários, portanto, um título é capital simbólico universalmente reconhecido e garantido, válido em todos os mercados, basta entender como se encontra a identificação social dos valores encontrados nas lutas, o capital da profissão - diploma de Graduação em Educação Física – ou o capital da ocupação (diploma de faixa preta). Isto é importante, pois, Bourdieu (1989) compreende que a definição oficial de uma identidade oficial liberta seu detentor da luta simbólica de todos contra todos, impondo a perspectiva universalmente aprovada. Como consequência, os agentes investem para adquirirem e acumularem o capital simbólico, que pode ser juridicamente garantido¹², estes títulos de propriedade simbólica que dão direito às vantagens de reconhecimento ao seu portador.

Ampliando o entendimento de capital simbólico, este confere uma perspectiva, um valor absoluto, universal, livrando assim da relatividade que é inerente, por definição, a qualquer ponto de vista, como visão tomada a partir de um ponto particular do espaço social (BOURDIEU, 1989, P.164). Além de que, sobre o ponto de vista das autoridades sociais, ele exprime o discurso oficial, preenchendo três funções, ainda segundo Bourdieu (1989, p.161):

- Em primeiro ele opera um diagnóstico, um ato de conhecimento que obtém o reconhecimento e que, com muita frequência, tende a afirmar o que uma pessoa ou uma coisa é, e o que ela é universalmente, para qualquer homem possível, logo, objetivamente;

¹² Chamar-se a atenção da relação do entendimento legal (jurídico) gerados pela Lei 9696/98 e o surgimento do PL 7370/03 com o exposto sobre capital simbólico e nomeação.

- Em segundo, o discurso administrativo, através das diretivas, ordens, prescrições etc., diz que as pessoas têm de fazer, considerando o que elas são.
- Em terceiro, ele diz o que as pessoas realmente fizeram, como nos relatórios oficiais.

Finalizando, Cesana (2005) aborda que, de fato, há um jogo em que o poder simbólico tem o poder de fazer grupos e está fundado na posse de um capital simbólico, ou poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento.

2.1.2. Habitus

A idéia de *habitus* se apresenta para Bourdieu (1989) como disposição estável para se operar numa determinada direção; através da repetição, conseqüentemente, cria-se certa naturalidade entre sujeito e objeto dando o sentido de que o *habitus* se tornava uma segunda dimensão do homem, o que efetivamente assegurava a realização da ação considerada. De modo que *habitus* se define como um sistema de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas dispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas a seu propósito sem supor o desígnio consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los.

Para o autor, pode-se considerar o *habitus* como aquilo que se adquiriu, mas que se encarnou de modo durável no corpo sob a forma de disposições permanentes. *Habitus* seria algo “potencialmente gerador”, “um produto dos condicionamentos” que tende a reproduzir a lógica objetiva dos condicionamentos, mas fazendo-a sofrer uma transformação. Bourdieu (1989) considera que o *habitus* tende a conformar e orientar a ação, mas, na medida em que é produto das relações sociais, ele tende a assegurar a reprodução dessas mesmas relações objetivas que o engendraram. A interiorização, pelos atores, dos valores, normas e princípios sociais assegura, dessa forma, a adequação entre as ações do sujeito e a realidade objetiva da sociedade como um todo. Sendo que:

Uma das funções maiores da noção de *habitus* consiste em descartar dois erros complementares nascidos da visão escolástica: por um lado, o mecanicismo, que sustenta que a ação é o efeito mecânico da coerção por causas externas; por outro lado, o finalismo, que, em particular com

a teoria da ação racional, sustenta que o agente atua de forma livre, consciente, e, como dizem alguns utilitaristas, *with full understanding*, já que a ação é fruto de um cálculo das possibilidades e dos benefícios (BOURDIEU, 1989, pág. 183)

Para Puig (2004) o *habitus*, no sentido prático, permite uma atuação infraconsciente, ação que foi sendo implantada devido à imersão prolongada num dado ambiente social, num sentido prático que apela para um domínio de conhecimento pré-reflexivo, pois o agente orienta sua ação no mundo sem pensá-lo. Desta forma, entender o *habitus* como um conjunto de disposições, significa falar numa dimensão prática das estruturas sociais.

Por exemplo, nas relações presentes nas artes marciais todas (ou a maioria) as ações regidas pelo sentido prático, geram respostas para o praticante que, não necessariamente, provocam reflexões sobre o que deveria fazer ou não, mas este sabe inconscientemente o que deve fazer e de que modo se comporta adequadamente bem numa seqüência complexa de acontecimentos, e quanto mais antigo, ou experiente ele for em reação às lutas, maior seu grau de inconsciência nas respostas que são encontradas. Portanto, Cesana (2005) aponta que “tal tipo de saber ou sentido prático é comum a toda esfera de comportamentos sociais” (p.78) isso devido ao *habitus* e à sua adequação às estruturas sociais circundantes. De modo que “as forças do campo, o *habitus* e o sentido prático não deixam aos sujeitos outras possibilidades senão percorrer um caminho já traçado” (CESANA, 2005, p.79).

2.1.3. Campo e Espaço Social

Bourdieu (1983 e 1989) chega à noção de campo, como sendo o espaço onde as posições dos agentes se encontram a priori fixadas. O campo se define, assim, como o *locus* onde se trava uma luta entre os atores em torno de interesses específicos que caracterizam a área em questão. É um espaço onde se manifestam as relações de poder, sempre a partir do “capital social” dos agentes que estão em dois pólos: dominantes e dominados. Dentro dessa perspectiva resolve-se o problema da adequação entre ação subjetiva e objetividade da sociedade, uma vez que todo ator age no interior de um campo socialmente predeterminado.

É interessante a constatação de Lima (1998) que considera que o conceito de campo, sugerido por Bourdieu, aparece como um conjunto de aparelhos institucionalizados que envolvem um corpo de agentes (atores sociais) especializados na produção e difusão de bens simbólicos. Esses atores estão ordenados segundo uma hierarquia interna (arremete-nos diretamente à simbologia das faixas nas artes marciais) de posições, agindo e desempenhando sua dominação no interior de cada campo específico. É a partir do grau de dominação desses atores (agentes sociais) que se pode medir a autonomia relativa de cada campo em questão.

Para Bourdieu (1989), o campo deve ser entendido enquanto espaço objetivo de um jogo, um lugar de luta onde se manifestam e se definem as relações de poder. No interior de cada campo estão reservados espaços para os dominantes (aqueles que possuem um máximo de capital social) e para os dominados (ausência do capital específico que define o campo). Assim, a estrutura de um campo tende a se definir pela conservação ou subversão da estrutura de distribuição do capital específico ou simbólico.

Outros autores também identificam a idéia de campo, como Ortiz (1994), que dá as características gerais do mesmo:

“O campo se particulariza, pois, como um espaço onde se manifestam relações de poder, o que implica afirmar que ele se estrutura a partir da distribuição desigual de um *quantum* social que determina a posição que um agente específico ocupa (sic) seu seio. Bourdieu denomina esse *quantum* de capital social. A estrutura do campo pode ser apreendida tomando-se como referência dois pólos opostos: o dos dominantes e dos dominados. Os agentes que ocupam o primeiro pólo são justamente aqueles que possuem um máximo de capital social; em contrapartida, aqueles que se situam no pólo dominado se definem pela ausência ou pela raridade do capital social específico que determina o espaço em questão” (p. 21).

Cesana (2005) lembra que é o caso específico daquilo que chamamos de “profissão” que tem como referência um corpo organizado de conhecimento e como princípio regulador desta autoridade o conhecimento científico. O interessante é que Bourdieu (1983) remete ao entendimento que os espaços podem ser analisados pelos espaços estruturados de posições ou postos que podem, por sua vez, ser analisados independentemente de seus ocupantes, que identifica a escolha pelo referencial do autor para abordar construções sociais, como as profissões.

As estruturas estudadas e conceituadas pelo que o autor denomina campo de produção de bens culturais e simbólicos é identificado por Canesin (2002), na sociedade contemporânea, enquanto espaços portadores de especificidades: o campo escolar, o campo científico, o campo artístico, o campo político e o campo jornalístico principalmente, sendo que, no final de sua carreira, Bourdieu dedicou-se ao campo esportivo. Canesin (2002) também refere-se ao campo enquanto:

“Os campos possuem traços estruturalmente equivalentes ou determinados homologias estruturais e funcionais que lhes proporcionam identificação. Entretanto, possuem especificidades, objetivos e determinadas características que são inerentes e irredutíveis a outros campos. Há em cada um dos agentes (profissionais, grupos e instituições) que se movimentam desenvolvendo ações e práticas sociais e produzindo capital de diferentes espécies e graus de legitimidade”. (p.97)

E continua:

“Os agentes, no interior de cada campo e externamente, vivenciam divergências, conflitos e consensos, tendo como fundamento o *quantum* de capital simbólico conquistado ou acumulado historicamente. O capital simbólico, como aponta Bourdieu, é uma espécie de crédito, refere-se ao poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condições de impor reconhecimento.” (CANESIN, 2002, p. 97)

Finalmente, para completar ou resumir o pensamento de Bourdieu em relação ao campo, Puig (2004) refere-se:

“Um campo social pode ser comparado aos campos magnéticos, na medida em que criam uma configuração de relações impostas por uma força específica. Quando as partículas entram no campo, não podem ocupar senão um lugar estabelecido e contribuir para criar uma forma, e realizam ambas as impulsões por uma força que as transcende. Mas um campo também é um lugar para o jogo, um lugar onde se aplicam certas normas de relação e onde se joga em função da quantidade de capital significativo possuído. Finalmente, um campo é também um espaço de batalha, um lugar para o conflito e a competição, que deixa espaço para uma certa indeterminação. Num campo, podem surgir novas formas, novos desenhos traçados pela amplificação e pela generalização de certos movimentos heterodoxos. Formas talvez novas, mas que, desde seu primeiro esboço, exercem sua força: os campos se transformam sem deixar de ser campos de força. Resumidamente, os campos representam a face objetiva das estruturas da sociedade”.(p. 25)

Por último, para entender o pensamento de Bordieu em relação às construções sociais surge o termo *illusio*, que na compreensão de PAIVA (2003), remete

à idéia de investimento, interesse e crença, podendo ser entendida como a *crença compartilhada* que efetiva o pertencimento a um *campo* (espaço social).

Esta crença, segundo Cesana (2005, p.83) se traduz por interesse e investimentos que produzem e promovem tal jogo. Considerando:

- O investimento no jogo jogado em um *campo* que tira seus agentes do patamar comum, de certa indiferença, e os inclina e dispõe a operar com as distinções pertinentes à lógica do *campo* e;
- O interesse pelo jogo que valoriza e legitima as apostas sociais nele geradas. Portanto, a *illusio* é a condição original de um *campo* e seu jogo, no qual ela é, ao mesmo tempo, o arbitrário fundador e o produto.

Desta forma, Paiva (2003) observa que, o reconhecimento da *illusio*, busca identificar, pelo menos em parte, o que é capaz de dar unidade ao grupo, as questões que lhe são colocadas ou por ele assumidas, sendo que estas são assumidas como questões obrigatórias para a identidade do grupo. Paiva (2003) ainda refere-se a Educação Física:

“A construção da especificidade do campo da educação física caminha a par da constituição da *illusio* já que, para falar em campo, é preciso que se estabeleça e se reconheça um acordo tácito entre agentes e instituições sobre aquilo que merece ser disputado, ou seja, os consensos produzidos acerca da importância do jogo, bem como as formas legítimas de jogá-lo, produzindo assim, a identidade social do grupo.” (p.58)

2.2. Estudos identificadores do comportamento artesanal

Neste tópico abordaram-se, de forma sucinta, as produções bibliográficas desenvolvidas na trajetória acadêmica pregressa do autor, e que de certa forma apoiaram a maturação e construção dos princípios norteadores desta Tese. Tais produções, constituídas principalmente por publicações, resumos e orientações de monografias de conclusão de curso (citadas a seguir), não só permitiu a formação de um acervo sobre o comportamento do profissional de lutas, como também identificar a

constituição de um *habitus* da prática de artes marciais no Brasil. Neste ponto, surgiram os principais elementos de análise para a tentativa de conceituação do espaço social das lutas no Brasil.

No caso das orientações de monografias, vale ressaltar que, na sua maioria, estas foram provenientes de alunos do curso de Educação Física da UNESP – Rio Claro (bacharelado e licenciatura), sendo seus autores: Drigo (1998; 2002b); Takano (2001); Novaes (2002); Tavares Jr. (2003); Baungartner (2005); e Costa (2005); de forma que, mais um fator que merece atenção, é de que os trabalhos não foram desenvolvidos apenas na modalidade Judô, mas também em outras artes marciais, como o whushu (kung fú), por exemplo, sendo que elementos coincidentes foram encontrados na maioria das modalidades estudadas, conforme está apresentado adiante.

Estes serão apresentados em ordem cronológica e de forma condensada (somente as principais idéias) e convém lembrar que os trabalhos que fogem ao tema de estudo, como os de fisiologia, logicamente não serão utilizados neste texto.

2.2.1 Os estudos

A primeira monografia, intitulada a **“História do judô no Brasil: A participação dos *senseis* Uadi Mubarac (8º Dan) e Luis Tambucci (9º dan)”**(DRIGO, 1998) limitou-se comparar os resultados obtidos nas entrevistas a dois ícones do judô brasileiro e a revisão da literatura sobre o assunto.

Através da análise das entrevistas e da revisão da literatura ficou claro que:

- A introdução do Judô no Brasil foi, realmente, fruto da imigração japonesa;
- Reafirma a constatação de Calleja (1979) sobre esta introdução ter sido feita sem muita estrutura e não possuir uma missão japonesa enviada para a divulgação do esporte no Brasil;
- Os imigrantes japoneses encontraram muitas dificuldades no Brasil, principalmente em relação à cultura e à língua, tornando as colônias em comunidades fechadas no interior das quais o Judô ficou retido durante muito tempo.
- Não são conhecidos, ainda hoje, dados sobre a estrutura real dos locais de prática nestas colônias.

A falta de documentação e estudos nesta área, levou ao entendimento de que a construção oral dos valores tornou-se a forma mais significativa para preservar a identidade do judô brasileiro. Fatores que não foram estudados, mas foram apontados pelos senseis chamaram especial atenção:

- A aproximação com outros imigrantes, principalmente os italianos permitiu a divulgação do judô para os não japoneses.
- O Judô e Jiu-jitsu eram muito próximos¹³: o sensei Mubarak, por exemplo, aponta que no início de sua vida esportiva ele não sabia a diferença entre as modalidades. Portanto, até o surgimento de regras específicas, e conseqüentemente a formação das federações no Brasil, os dois estilos se miscigenavam;
- Outra forma de se perceber a introdução do esporte no país é o fato dele não possuir um ponto de convergência, ou seja, não existem dados na literatura consultada, nem nas entrevistas, que permitam afirmar qual foi realmente a localidade onde se enraizou e se difundiu o judô.

Por fim, através do trabalho foi possível compreender a escassez de estudos para determinar a História da introdução do judô no país, considerando que não existem muitos dados disponíveis na literatura sobre o assunto. Porém, indicou-se que a oralidade é o ponto principal em que se baseia a transmissão de conhecimentos da modalidade, oriundo dos senseis mais antigos, que passam para os mais novos. Não foi permitido à época tal entendimento, porém, com o amadurecimento e o aprofundamento dos estudos começou-se a traçar hoje possibilidades de entender as interações organizacionais que podem auxiliar na reconstrução do passado desta modalidade no Brasil.

A monografia de **Takano (2001)**, intitulada “**Normas de Conduta em Artes Marciais: Identificando alguns critérios pedagógicos no local de prática**”, é o primeiro trabalho de um grupo de orientados que promove a investigação da interação entre diferentes modalidades de artes marciais, no caso: o Judô, o Jiu-Jitsu, o Aikido, o Caratê e o Kung-fu, em relação aos comportamentos de seus praticantes e técnicos, leitura que possibilita entender alguns “valores” que, salvo melhor juízo, iniciam o entendimento de um *capital simbólico* presente nestas lutas.

¹³ Hoje estas modalidades são distintas e nem sempre convivem harmoniosamente.

O trabalho foi desenvolvido através de entrevistas com os instrutores/praticantes das artes marciais citadas, sobre os aspectos da conduta adequada no local/momento do treinamento, assim como sistemas disciplinadores (punições ou outros) e a sua posterior observação, *in locus*, pela autora.

Como resultados, apontam-se que as normas comuns citadas pelos instrutores/praticantes de todas as Artes Marciais foram as exigências de: um bom comportamento na sociedade; senso de responsabilidade; respeito ao professor (no caso técnico ou instrutor) e amigos (no caso, praticantes); silêncio; atenção na explicação; e vontade de aprender. Outros parâmetros apontados nos discursos, porém em menor escala, são a exacerbação da questão da disciplina e do treinamento, tratar o próximo com dignidade, ser esforçado, que tenha prazer no treinamento, ter higiene, atender quando solicitado, saudação antes e depois do treinamento, cooperação, humildade e dedicação. Está presente também, no discurso dos participantes, um ideal da prática sem muitas punições, com exceção ao Jiu-Jitsu, no qual, o instrutor estudado acredita que existem alunos que aprendem apenas a partir de punições. Apesar de todos os instrutores/praticantes terem vivenciado um ensinamento rigoroso e tradicional, não concordam com seus mestres pelas atitudes que são inadequadas para o treinamento. Com exceção novamente com o Jiu-Jitsu que acredita que com seus mestres rigorosos e com punições pode se ter bom treinamento.

Entretanto, quando foram observadas as sessões de treinamento *in locus*, foi observado que as punições são freqüentes, tanto para adultos e para crianças. Este fato sugere que o entendimento do processo pedagógico referido por esses instrutores/praticantes está atrelado a valores pessoais ou subjetivos, e que ao citar a *formação do caráter, o bom comportamento na sociedade, a arte marcial como complementar à família e a exigência de Humildade*, podem estar contribuindo com a manutenção de um autoritarismo por parte dos professores, instrutores ou técnicos, pois, corroborando com Mesquita (1994). Atitudes como exigências (*responsabilidade, cooperação, gratidão, humildade, concentração e dedicação, etc.*), podem, quando mal equacionadas, passar para o abuso autoritário, como a utilização de punições para se manter a ordem. Este autoritarismo pode ser notado também, fazendo com que seus alunos sigam uma crença, ou pelo misticismo, que muitas vezes é estranho à nossa

cultura (MESQUITA, 1994), que é citado pelo professor de Kung-Fu entrevistado quando expõe que os alunos seguem seus professores pela religião, o Taoísmo, principal religião da Arte.

Enfim, o que este estudo apontou como considerações finais foram as observações de que alguns problemas apresentam-se decorrentes de uma estrutura tradicional que, oriunda de uma cultura rigorosa como a oriental, pode levar a excessos durante as aulas, contribuindo para um autoritarismo que pode tolher a educação para a liberdade e a democracia (Mesquita, 1994). O estudo também considerou a possibilidade de contribuição da Educação Física para com as Artes Marciais devido à introdução de novas formas de saber, extra-tatame, que possibilitem diminuir a utilização do modelo autoritário, através do conhecimento de outros modelos pedagógicos a serem inseridos na realidade das artes marciais. Esta aproximação poderia contribuir para a diminuição das credices e misticismos possibilitando a formação de profissionais mais adequados para contribuírem da melhor forma na nossa sociedade.

Através dos apontamentos de Takano (2001), começou-se a identificar os comportamentos de instrutores/praticantes pautados em modelos tradicionais de transmissão de conhecimento (orientais), nos quais predominam valores subjetivos e descontextualizados do desporto em si. A partir destes dados, porém, em um momento posterior - de construção da proposta para o doutoramento -, o autor propôs-se a análises mais profundas sob as óticas do artesanato (Rugiu, 1998) e espaço social e *Habitus* (Bourdieu).

O trabalho de Novaes (2002), intitulado **“Relações Hierárquicas Nas Artes Marciais Orientais: Estudo Comparativo entre a Arte Marcial Chinesa (Kung Fú - Wushu) e a Japonesa (Judô)”** foi uma Monografia que buscou investigar e comparar a natureza e as dimensões da relação entre os instrutores e alunos de duas artes marciais diferentes - o kung fú chinês e o judô japonês. Buscava também a compreensão da estrutura hierárquica e das relações de poder na cultura oriental, estabelecendo as diferenças existentes entre elas. Foram aplicados questionários específicos, para instrutores ou técnicos e praticantes, relativos aos valores mais importantes de sua prática, conhecimentos necessários à formação do instrutor e o papel da hierarquia em sua arte marcial, entre outras questões pertinentes ao tema.

O que interessou nas análises das categorias encontradas a partir das respostas dos alunos de wushu e judô, foi que houve uma afinidade na forma de pensar dos participantes das duas modalidades com poucas diferenças particulares. Entre os pontos que chamaram a atenção, está a veemência na afirmação de alguns aspectos, relativos ao real valor e função das artes marciais na vida dos participantes e seu papel social. Na ocasião do desenvolvimento deste trabalho, não foi observado que a idéia de Bourdieu, de espaço social e *habitus*, caberia nos apontamentos dados pelos alunos, além de apresentar uma possível interpretação da *illusio*, que está atrelado ao que foi encontrado nas respostas dos questionários. As categorias do respeito e disciplina foi a de maior destaque, recebendo menções até mesmo em questões não específicas.

Porém, no momento da análise, Novais (2002) entendeu que ambas modalidades apresentaram uma postura acrítica gerada pelo que denominou de “*pseudo-educação*”, que constituiria um contra-senso para a sociedade atual, já que esta se encontra cada vez mais carente de homens, cidadãos dotados de senso crítico, desenvoltos em sua busca de conhecimento e com capacidade de encontrar soluções criativas aos problemas. Entende-se hoje que estas manifestações poderiam ser compreendidas à luz de uma leitura pela escola de ofício (artesanato). Esta reflexão parece ser mais verossímil quando Novaes (2002) reflete que:

“O status atribuído ao sifu (“mestre de whushu”) e ao sensei pela sociedade não sofre verificação em seu merecimento e validade, pois sua autoridade se exerce por uma gestão diretiva e não participativa, aonde suas ações se revestem de misticismo (que também contribui para manter a crença em sua legitimidade) e desígnios insondáveis, como se só o “mestre” tivesse acesso a um conhecimento oculto, o que garante suas “faculdades mágicas”, atributo definido por Weber como prerrogativa da dominação carismática, mas que também se utiliza da força do hábito para se valer da dominação tradicional.” (p.45)

E continua:

“Outro ponto merecedor de destaque é o grande pragmatismo imbuído na forma de pensar dos alunos que leva a reflexão do papel social deste educador, em que sua aptidão atlética parece suprir o acervo de competências e conhecimentos necessários à formação do professor. Quando questionados sobre os conhecimentos teórico/práticos que julgavam de valor na prática de sua arte marcial e o que seria preciso para que se tornassem instrutores, ficou

claro que o domínio performático da técnica de luta era o mais importante.”
(p.45)

Novaes (2002) esperava que a regulamentação da profissão Educação Física contribuísse para uma melhoria na qualidade dos serviços prestados em artes marciais. Com outros olhares, estava entre o ofício do artesão e a profissionalização.

O aspecto que mais se destacou na ótica do autor foi relativo à hierarquia, sendo que ele observou a existência de um autoritarismo explícito, arraigado na estrutura hierárquica e na figura do mestre, o mais graduado, cuja influência da dominação se estende para além do estabelecimento de ensino. Embora este fato seja estranho aos modelos pedagógicos da sociedade atual, encontram-se traços desta realidade nos apontamentos de Rugiu (1998), que explicam esta relação entre mestre/discípulo.

Este é o grande ponto de re-interpretação do texto de Novaes (2002), sendo que adquire, desta forma, uma leitura extremamente valiosa para o entendimento desta Tese, a partir da compreensão **de que apesar da distância cultural entre o Japão e China, apesar do isolamento geográfico destas culturas no Brasil, as dimensões da escola de ofício são presentes e idênticas nas duas modalidades, e, apesar de Rugiu (1998) apresentar suas análises em relação ao artesanato europeu, o caminho do mestre artesão parece ter reflexos pedagógicos independente de fronteiras e de certa forma inatos ao desenvolvimento social.**

Neste ponto, apresentam-se, concomitantemente, duas produções com tema semelhante: um artigo de **Drigo e Cesana (2002)**, intitulado **“As Percepções dos Profissionais de Educação Física em relação ao judô: reflexões das suas simbologias**, e uma monografia de **Baungartner (2005)**, intitulado **“Reflexões sobre o Judô: em questão o símbolo faixa preta”**, sendo que, ambos os textos investigam a questão do simbolismo da faixa preta no judô (que posteriormente pode ser entendido como um capital específico para o espaço social da lutas). Baungartner (2005) se preocupou com a aplicação, dentro do espaço social do desporto, das reflexões a respeito do simbolismo da faixa-preta, ao passo em que Drigo e Cesana (2002) investigaram sobre o simbolismo que a faixa-preta exerce com profissionais e estudantes de Educação Física.

Neste ensaio constatou-se pelos discursos dos participantes que, mesmo para um público relacionado com a profissão Educação Física (não praticante de judô), a faixa preta dá mais seriedade às atividades de lutas, e que a maioria das pessoas manteriam distância das atividades propostas por uma pessoa trajada com vestimentas de lutador (quimono). Desta forma, foi possível evidenciar a necessidade de se intensificarem as relações entre o judô e a Educação Física, no âmbito profissional, pois, a faixa preta apresenta um simbolismo muito poderoso mesmo para pessoas formadas em Educação Física, sendo que o grupo estudado associou o judogi (quimono) e a faixa preta com a violência. Por fim, atribuíram-se os resultados ao fato de as artes marciais, e o judô galgarem-se em tradições, como a valorização de símbolos, a exemplo da faixa-preta.

Em relação aos grupos estudados por Baungartner (2005) os resultados obtidos indicaram que a imagem formada acerca do judô e do símbolo **faixa-preta** é, em geral, a mesma para grupos de praticantes ou não, que foram analisados. Porém, o aspecto místico da modalidade (que pode ser relacionado ao *habitus*) está mais presente nos grupos de praticantes de judô, tendo ainda mais ênfase no grupo de judocas faixas-pretas, o que já era esperado, pois corrobora com a idéia de que quanto maior o acúmulo de capital simbólico pelos agentes, mais “cristalizado” estará o espaço social específico, estruturando o agente em relação a seu comportamento social, ou o *habitus* propriamente dito.

Surge também no estudo de Baungartner (2005) a idéia comum de que ao adquirir a faixa preta, o judoca automaticamente se torna instrutor de judô, possuindo, porém ramificações, de um grupo de participantes, estudantes de Educação Física, que alega que todo judoca faixa-preta é um instrutor, porém nem todo instrutor de judô precisa ser faixa-preta, pois os conhecimentos pertinentes à área da Educação Física supririam a necessidade da faixa.

O ponto mais importante do trabalho de Baungartner (2005) se deve a que, pela primeira vez, é estabelecida uma ponte com o referencial teórico de Pierre Bourdieu, de fato. Ainda que modesta, a reflexão sobre o tema, a partir do referencial de Bourdieu (1983), sugere que a relação entre as ramificações presentes no estudo variaram de acordo com o espaço social em que cada grupo de análise (praticante de judô ou estudante de Educação Física) se encontrava. Isso devido ao fato de que, aqueles que não

são conhecedores da prática do judô não valorizam os mesmos símbolos que os praticantes, uma vez que é a própria experiência que confere o significado aos símbolos.

Sob a ótica de novas leituras, os símbolos são partes do capital específico do judô, e não do grupo de estudantes, da mesma forma que o diploma de Educação Física não é carregado de significado, neste estudo, para os praticantes de judô.

Convém apontar também que apesar de muitas vezes os judocas, principalmente os faixas-pretas, se mostrarem a favor da regulamentação da Educação Física (BRASIL, 1998)¹⁴, dificilmente consideram os conhecimentos acadêmicos como primordiais, dando mais importância aos aspectos tradicionais do judô. Em outras palavras, os judocas faixa preta, potenciais candidatos ao cargo de professor de judô, consideram a formação acadêmica importante pelo fato de que agora necessitam dela para exercer legalmente esta função, mas continuam inflexíveis com relação à instrução da Academia/Universidade. Uma questão que emerge inerente a esta discussão, é que após se tornar faixa preta o judoca tem apenas dois caminhos a seguir, e deve obrigatoriamente escolher um deles: ser um atleta de grande expressão competitiva ou se tornar instrutor de judô (com relação ao espaço social). De forma natural, surgiu nas considerações de Baungartner (2005) as conquistas e medalhas como possível capital específico relevante no judô, fazendo com que, quanto maior a conquista dos agentes, classes mais altas poderão ser almejadas dentro da organização deste espaço. Se o atleta é faixa-preta e consegue alcançar sucesso competitivo, terá acumulado mais capital específico e conseqüentemente estará em uma classe mais alta do que aquele que não foi bem sucedido competitivamente, o saber fazer é notório neste momento.

A monografia de **Costa (2005) intitulada “O Exercício da Formação/Capacitação de Instrutores, Técnicos, Árbitros e Dirigentes da Arte Marcial Chinesa Kung Fu Wushu: Uma Reflexão das Ciências do Desporto e Ciências Correlatas”**, aborda a modalidade de kung-fu, wushu. Neste trabalho, a questão mais importante a ressaltar é que no Brasil, predomina no processo pedagógico de instrução, formação e capacitação de instrutores, técnicos, árbitros e dirigentes de Wushu, filiados à FPKF e à CBKW, um sistema rígido de transmissão do conhecimento, pautado na simples reprodução, semelhante a aquele desenvolvido nas escolas de ofício

¹⁴ O judô foi uma das poucas modalidades de artes marciais que aceitaram a Lei 9696/98

do Medievo. Não cabe estender a discussão sobre o trabalho de Costa (2005) por fugir um pouco do tema central desta Tese – o judô –, porém o texto corrobora com as considerações de Novaes (2002) e também apresenta elementos que interagem com o encontrado no judô por Drigo (2002a) e Baungartner (2005), só que na modalidade whushu. Outro fator interessante de se ressaltar é a interpretação da arte marcial em relação à escola de ofício e também a utilização dos textos de Bourdieu como referencial teórico, que auxiliou no amadurecimento da utilização do instrumento teórico para a análise.

Apesar de ter sido alterada a ordem cronológica das apresentações, a monografia de **Tavares Jr. (2003)**, intitulada **“A produção científica no judô: da Academia para as academias”** é o trabalho que mais aponta dados estatísticos e numéricos em relação ao judô. Apesar de a análise ser mais modesta em relação a utilização de um referencial teórico, as informações apresentadas são extremamente relevantes para o entendimento de como os praticantes e instrutores de judô comportam perante seus “valores”, podendo reavaliar, para o momento, como estes agentes sociais desempenham seu papel perante o judô, de forma que, modestamente, começou-se a identificar o *habitus* presente neste espaço social.

O trabalho de Tavares Jr. (2003) contou com a participação de 17 técnicos de Judô, a maioria, da região de Rio Claro e 63 atletas, maiores de 16 anos, com graduação mínima em faixa-roxa (6ª faixa, na ordem de progressão da modalidade), de vários locais do estado de São Paulo. Por questões metodológicas para o estudo, os atletas foram divididos em duas categorias: atletas com maior expressão (aqueles com conquistaram, no mínimo, o nível estadual, tendo como parâmetro o campeonato paulista) e atletas com menor expressão (aqueles com conquistas inferiores a no mínimo, nível estadual). Essa divisão fez com que tivéssemos 30 atletas de maior expressão e 33 de menor expressão. Embora não tenha sido abordado na época da confecção do trabalho, coincidentemente, os atletas de menor expressão interagem exclusivamente com os valores do “*espaço social*” judô apenas (representados pelo misticismo apontado em outros estudos, às questões disciplinares e a “filosofia” do judô). Já os atletas de maior expressão não possuíam somente estes valores, pois, numa análise preliminar, entendeu-

se que eles possuíam valores atrelados ao desporto, ou do *Campo Esportivo*¹⁵ (expressos, por exemplo, no interesse pelas questões biológicas e técnicas do treinamento, o desapego pelos preceitos da “filosofia” do judô, entre outros aspectos).

De forma geral, os resultados apresentados no trabalho de Tavares Jr (2003) permitiram observar que, pelo menos no discurso, e apesar das inúmeras manifestações das várias federações e adeptos das artes marciais contra o sistema CREF/CONFEF, os atletas e técnicos envolvidos com o esporte Judô (preocupados com o rendimento desportivo) reconhecem a importância do profissional de Educação Física na preparação e estruturação de treinamentos, mostrando-se, na grande maioria, favoráveis a intervenção deste profissional. Quanto aos atletas podemos perceber que quanto maior for sua expressão competitiva, maior é a relação com profissionais da Educação Física, seja para o treinamento ou preparação física.

Verificou-se também como aspecto importante para esta tese, que atletas de maior expressão competitiva entendem que as técnicas específicas do esporte e a teoria do treinamento desportivo são as duas áreas do conhecimento que apresentam maior importância, o que se deve esperar de um atleta, independente de sua modalidade, enquanto que para os judocas de menor expressão competitiva, a história, filosofia e ética do Judô, seguida de técnicas específicas do esporte são os dois maiores destaques.

2.3. A Interação/Confronto das artes marciais e o judô com a Profissão Educação Física

Os estudos especializados sobre esportes de lutas no Brasil são escassos e carecem de sistematização científica, conforme observado por estudos anteriores (DRIGO, 2002) constituindo uma fronteira a ser ultrapassada. Este autor apresenta que as interações de aspectos sociais, culturais, esportivos, legais e educacionais presentes no judô, demandam pesquisas e estudos deste como fenômeno sob múltiplos enfoques. O judô está entre as modalidades esportivas que conquistaram mais medalhas olímpicas no

¹⁵ Bourdieu, 1989

país e foi em 1996 o esporte brasileiro de maior número de praticantes federados, possuindo 2.000.000 praticantes (Ranking, 1996). Portanto, deve ser considerado como um esporte de grande disseminação e influência que merece ser estudado e analisado.

Duas legislações interagem no âmbito dos esportes: a Lei Federal 9.615/98 (BRASIL, 1998b), que institui normas gerais sobre o Desporto, quando em seu artigo 20º, determina que “as entidades de práticas desportivas (clubes) e as entidades nacionais de administração do desporto (Confederações, Federações e Ligas esportivas), de que trata o artigo, são pessoas jurídicas de direito privado, com organização e funcionamento autônomo, que têm suas competências definidas em seus estatutos”. Essas entidades são responsáveis pela organização esportiva em nível nacional ou regional. A Lei 9.696/98 (BRASIL, 1998) no seu Art. 3º Compete ao Profissional de Educação Física coordenar, planejar, programar, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, avaliar e executar trabalhos, programas, planos e projetos, bem como prestar serviços de auditoria, consultoria e assessoria, realizar treinamentos especializados, participar de equipes multidisciplinares e interdisciplinares e elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos, todos nas áreas de atividades físicas e do desporto. A interação destas Leis é que causa impactos no cerne da sociedade brasileira e acabou por gerar o PL 7370/03 que entende que as artes marciais (neste caso) não pertencente à normatização legal da Lei 9696/98 (Op. cit.) sendo que o quadro técnico e a formação de instrutores e preparadores físicos continuariam determinados principalmente pelas entidades desportivas destas modalidades.

Considerando a Educação Física sobre o aspecto da Profissão e o judô sobre o prisma das Escolas de Ofício, verificamos que a Educação Física tem convivido, de forma arbitrária, com as práticas corporais desenvolvidas por trabalhadores que, necessariamente, não passaram pelo seu sistema formal de formação profissional, causando em alguns momentos constrangimentos e questionamentos – não negando que práticas corporais foram introduzidas e obtiveram sucesso na forma já discutida de “escolas de ofício”. Faz-se necessário indicar, também, que este aspecto se torna evidente pela ausência de atuação das Universidades e Centros de Pesquisas que pouco se interessaram pelo entendimento sobre as lutas, porém, não se pode tirar a responsabilidade conjunta das Federações e Confederações que não estimulam a pesquisa

na área e a interação do desporto que administra com as Universidades brasileiras (DRIGO 2002).

Finalmente, neste estudo cabe, então, um questionamento para o entendimento do que é ou o que pode ser considerado uma profissão, pois apenas o critério cartorial (Lei 9696/98) pode não legitimar a ação. Para essa questão, Bonelli e Donatoni (1996) indicam que as profissões consolidam sua posição frente às estruturas ocupacionais necessitando tornarem se objeto de estudo permanente, corroborando com a responsabilidade indicada por Drigo (2002) da Universidade assumir seu papel frente aos estudos assumidos por suas competências profissionais.

CAPÍTULO III - Discurso e mídia enquanto delimitadora e aglutinadora de valores expressos e ou construídos no judô brasileiro

A inclusão deste capítulo no trabalho demanda uma ressalva em termos da tradição da construção de Teses de doutoramento, já que nele será apresentado, na íntegra e com pequenas alterações, o artigo: *O JUDÔ BRASILEIRO, O DESEMPENHO, E AS MÍDIAS: CASO DAS OLIMPIÁDAS DE ATENAS 2004 E O MUNDIAL DO CAIRO DE 2005*. Este artigo foi apresentado no ano de 2005 no I Congresso de Ciência do Desporto da Unicamp, e premiado em sua área: “Sociologia aplicada ao desporto”. Vale ressaltar que apesar de não constituir uma prática usual, está de acordo com as normas de apresentação de Teses da Unicamp, não apenas da FEF mais também de outras faculdades da mesma Universidade.

A sua inserção neste estudo se justifica por estar de acordo com a proposta da Tese e dar conta de um dos seus objetivos, a saber: “desvelar o desempenho histórico brasileiro em Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos de judô até o ano de 2005”.

Soma-se a isso o fato de ser a primeira construção teórica do autor na qual concretamente conseguiu atingir o objetivo proposto. No mais, apresenta um levantamento de dados relevantes para esta pesquisa, sendo que, pelo menos de forma preliminar, orientou as análises sobre a mídia, aspecto que também está contido nos objetivos desta Tese.

Por fim, cabe ressaltar que devido ao artigo ter sido apresentado de forma completa, as referências citadas no corpo do seu texto se encontram devidamente registradas posteriormente às Referências desta Tese.

A referência do artigo apresentado é: DRIGO, A. J.; OLIVEIRA, P. R. de; CESANA, J. O judô brasileiro, o desempenho, e as mídias: caso das Olimpíadas de Atenas 2004 e o Mundial do Cairo de 2005. **Anais do I Congresso de Ciência do Desporto**. Campinas SP, 2005.

Contexto apresentado:

O judô é uma arte marcial japonesa que durante seu desenvolvimento histórico tornou-se um desporto Olímpico. “Aprisionado” em dois universos, ora complementares ora distintos, essa luta tem sua face *tradicional* oriunda da herança cultural de sua gestação, e a face de *desporto de rendimento*, herdado pelas características desportivas da modalidade. Ambos universos estão presentes concomitantemente na prática e no cotidiano do judô, possibilitando contrastes e incoerências em pontos conflitantes nos trabalhos que visam desempenho (metodologia de treino) e aspectos tradicionais e culturais.

Pensando neste conflito, que este estudo preocupou-se em identificar e apontar estas questões no acompanhamento do desempenho dos atletas brasileiros nas Olimpíadas de Atenas de 2004 e o Campeonato Mundial do Cairo 2005, as representações do judô esporte nas Mídias. Pode-se apontar a preocupação conjunta com BETTI (2004) que compreende que:

“Informações sobre a relação práticas corporais-saúde estão acessíveis em qualquer revista feminina, em jornais, noticiários e documentos de TV, nem sempre com o rigor técnico-científico desejável” (p. 17).

O judô Olímpico

O judô esteve presente nos Jogos Olímpicos, contando com a participação brasileira, nos Jogos de Tóquio 1964, porém como desporto de apresentação. Em 1968 não houveram disputas de judô, sendo que, em Munique, na Olimpíadas de 1972 ele passa a ser um desporto oficial do programa dos jogos, permanecendo até o momento. Os torneios masculinos foram exclusivos de seis jogos, de modo que apenas em 1992, em Barcelona, houveram as primeiras disputas da categoria feminina. No total, 10 Jogos Olímpicos da Era Moderna presenciaram disputas de judô. Nas disputas destes torneios foram distribuídas 380 medalhas no total, sendo 95 de ouro, 95 de prata e 190 de

bronze, pois o judô, assim como o boxe olímpico, considera 2 terceiros colocados, sem disputas para a eliminação de um concorrente.

A tabela abaixo (tab. 1) apresenta as distribuições de premiação em diferentes momentos.

Olimpíada	Disputa Masculina			Disputa feminina		
	<u>Ouro</u>	<u>Prata</u>	<u>Bronze</u>	<u>Ouro</u>	<u>Prata</u>	<u>Bronze</u>
Tóquio, 1964	4	4	8	X	X	X
Munique, 1972	6	6	12	X	X	X
Montreal, 1976	6	6	12	X	X	X
Moscou, 1980	8	8	16	X	X	X
Los Angeles, 1984	8	8	16	X	X	X
Seul, 1988	7	7	7	X	X	X
Barcelona, 1992	7	7	14	7	7	14
Atlanta, 1996	7	7	14	7	7	14
Sidnei, 2000	7	7	14	7	7	14
Atenas, 2004	7	7	14	7	7	14
Totais	67	67	134	28	28	56

Tabela 1: Distribuição das medalhas nas Olimpíadas que contam com disputas de judô (dados oficiais da Federação Internacional de judô, FIJ, disponível em www.ijf.com).

Os Campeonatos Mundiais de judô

Os Campeonatos Mundiais de judô da categoria Sênior individuais são, ao lado dos jogos olímpicos, as competições mais importantes do desporto judô. As disputas iniciam-se, segundo a FIJ, em Tóquio no ano de 1956 com uma única disputa na categoria absoluto masculino (sem contagem de peso). Esse formato repetiu-se em Tóquio (1958) e Paris (1961). A divisão por pesos inicia-se em 1965, no Rio de Janeiro, elegendo-se 4 categorias, sendo 3 com limites de peso (menos de 68, menos de 80 e mais que 80 quilogramas) além da categoria absoluto que permanece até os dias de hoje. Os eventos geralmente ocorrem de dois em dois anos, sendo que em Nova Iorque, no ano de 1980, iniciaram-se as competições da categoria feminina, porém em anos alternados com os torneios masculinos. A fusão dos dois campeonatos deu-se apenas a partir de 1987 em

Essen, quando as disputas tornaram-se simultâneas (masculino e feminino na mesma competição).

A tabela 2 (tab. 2) apresenta a distribuição das medalhas nas diferentes edições do Campeonato Mundial, apresentando a soma total de 1004 medalhas distribuídas ao longo de todas as edições, sendo 251 destas de ouro, 251 de prata e 502 de bronze. O número total desses eventos até o momento é de 27, somando-se os masculinos, femininos e mistos. Outra curiosidade seria que até 1975, em Viena, permitia-se a participação de mais de um atleta por país e por categoria, possibilitando que 2 ou 3 atletas de mesma nacionalidade ficassem no mesmo pódio. E foi apenas em Paris, 1979, que houve disputas com um único representante por país e por categoria. O Campeonato de Maastricht de 1986 é divulgado pelo FIJ, porém não apresenta seus resultados oficiais (no article).

Mundial de Judô	Disputa Masculina			Disputa Feminina		
	<u>Ouro</u>	<u>Prata</u>	<u>Bronze</u>	<u>Ouro</u>	<u>Prata</u>	<u>Bronze</u>
Tóquio, 1956	1	1	2	X	X	X
Tóquio, 1958	1	1	2	X	X	X
Paris, 1961	1	1	2	X	X	X
Rio de Janeiro, 1965	4	4	8	X	X	X
Salt Lake City, 1967	6	6	12	X	X	X
México, 1969	6	6	12	X	X	X
Ludwigshafen, 1971	6	6	12	X	X	X
Lausanne, 1973	6	6	12	X	X	X
Viena, 1975	6	6	12	X	X	X
Paris, 1979	6	6	12	X	X	X
Nova Iorque, 1980	X	X	X	8	8	16
Maastricht, 1981	8	8	16	X	X	X
Paris, 1982	X	X	X	8	8	16
Moscou, 1983	8	8	16	X	X	X
Viena, 1984	X	X	X	8	8	16
Seul, 1985	8	8	16	X	X	X

Maastricht, 1986	X	X	X	X	X	X
Essen, 1987	8	8	16	8	8	16
Beograd, 1989	8	8	16	8	8	16
Barcelona, 1991	8	8	16	8	8	16
Hamilton, 1993	8	8	16	8	8	16
Makuhari, 1995	8	8	16	8	8	16
Paris, 1997	8	8	16	8	8	16
Birmingham, 1999	8	8	16	8	8	16
Munique, 2001	8	8	16	8	8	16
Ossaka, 2003	8	8	16	8	8	16
Cairo, 2005	8	8	16	8	8	16
Totais	147	147	294	104	104	208

Tabela 2: Distribuição das medalhas nos Campeonatos Mundiais de judô (dados oficiais da Federação Internacional de judô, disponível em www.ijf.com).

O Olhar das Mídias: construindo um referencial para a análise

Considerando a análise prévia da distribuição das medalhas nos principais eventos do desporto judô em sua História, o estudo caminha para a construção de uma análise do comportamento da mídia perante a participação brasileira nestes eventos adotando, porém, para possibilitar uma análise menos superficial do tema, uma contextualização teórica sobre as análises das mídias pelos referenciais adotados para este texto.

O ponto de partida seriam as constatações de Bourdieu (1997), que considera que:

“...levada pela busca da mais ampla audiência, a televisão, seguida por uma parte da imprensa, concedeu aos fomentadores dos discursos e de atos xenófobos e racistas, ou mostrando as concessões que ela faz todos os dias a uma visão estreita e estritamente nacional, para não dizer nacionalista, da política.”(p.10)

Associado ao pensamento de Betti (2004) que direciona o interesse das mídias pelo fenômeno esportivo, em suas amplas relações com a atividade física, buscando compreender o interesse, em certos casos, pelo sucesso desportivo:

“O esporte, as ginásticas, a dança, as artes marciais e as práticas de aptidão física tornam-se, cada vez mais, produto de consumo (mesmo que apenas como imagens) e objetos de conhecimento e informações amplamente divulgados para o grande público. Jornais, revistas, *vídeogames*, rádio e televisão difundem idéias sobre a cultura corporal de movimento. Há muitas produções dirigidas ao público adolescente. Crianças tomam contato precocemente com práticas corporais e esportivas do mundo adulto. Informações sobre a relação práticas corporais-saúde estão acessíveis em qualquer revista feminina, em jornais, noticiários e documentários de TV, nem sempre com o rigor técnico-científico que seria desejável.” (p.17)

Na tentativa de relacionar os pensamentos, da construção da realidade pelas Mídias, sobretudo nas questões sobre as necessidades de “acudir” o desporto nacional para demonstrar o “brilhantismo nacional”, que se recorda das posições de Bourdieu (1997) em observar que:

“Embora eu tenha todas as razões para temer que elas sirvam, sobretudo, para alimentar apenas a complacência narcísica de um mundo jornalístico muito propenso a lançar sobre si próprio um olhar falsamente crítico, espero que possam contribuir para dar ferramentas ou armas a todos aqueles que, enquanto profissionais da imagem, lutam para que o que poderia ter se tornado um extraordinário instrumento da democracia direta, não se converta em instrumento de opressão simbólica.”(p.13)

Bourdieu (1997) ainda lembra da existência de um tempo limitado, um assunto de discurso imposto, com a possibilidade do interlocutor não decidir o que abordar, enfoca-se nos programas de TV a ordem, em nome da técnica, em nome do “público-que-não-compreenderá” ou em nome da moral, da conveniência, etc. Desta forma, possibilitando chegar a constatação de que os programas são construídos principalmente pela *falação*, que chegamos ao conceito, o qual Betti (2004) dá a autoria à Humberto Eco, e se exprime para a leitura de que:

“A falação *informa e atualiza*: quem ganhou, quem perdeu, quem é líder ou campeão, quem foi contratado ou vendido (e por quanto), quem se contundiu, quais são os salários e os prêmios dos atletas. A falação *conta a história* das partidas, das lutas, das corridas, dos campeonatos; uma história que é sempre construída e reconstruída mediante palavras e imagens, pontuada pelos melhores momentos – os gols, as ultrapassagens, os acidentes e nocautes, as partidas mais difíceis, etc – e informada por dados numéricos – classificação dos times, dos pilotos, número de gols, etc.” (BETTI, 2004, p.68)

E continua:

“A falação cria *expectativas* (...) *faz previsões*, (...) com base na tradição, retrospecto ou nas superstições e coincidências. Depois *explica e justifica*: porque tal equipe ou atleta ganhou ou perdeu, foi primeiro ou segundo... – invoca razões técnicas, táticas e psicológicas, ou então a sorte, o azar ou o imprevisto (a “zebra”). Mas, principalmente, enfatiza que ‘esforço, dedicação e disciplina’ fazem os campeões, os grandes vencedores.

A falação *promete*: emoções, vitórias, gols, medalhas (...) a falação *cria polêmicas e constrói rivalidades*.

A falação *critica*: ‘fala mal’ dos árbitros, dos dirigentes, da violência, da escassez de gols, das rendas baixas, da falta de patrocinadores. A falação *comenta* o desempenho das equipes, dos jogadores, dos árbitros. A falação *elege ídolos*(...) (BETTI, 2004, p.69)”

Concluindo o pensamento, Betti (2004) observa que por meio dessas funções, a falação garante a coerência e a continuidade do discurso sobre o esporte; é como uma linha que permite “amarrar” as outras formas de linguagem televisiva. Nesse ponto que se fecha o cerco da apresentação deste texto, levantando-se a questão, apoiado por Bourdieu (1997), de que:

“Desejaria dirigir-me para coisas ligeiramente menos visíveis mostrando como a televisão pode, paradoxalmente, ocultar mostrando, mostrando uma coisa diferente do que seria preciso mostrar caso se fizesse o que supostamente se faz, isto é, informar; ou ainda mostrando o que é preciso mostrar, mas de tal maneira que não é mostrado ou se torna insignificante, ou construindo-o de tal maneira que adquire um sentido que não corresponde absolutamente à realidade.” (p.24)

Portanto este artigo objetivou estudar e comparar os discursos das mídias brasileiras em relação ao desempenho dos atletas nas principais competições do judô Mundial: as Olimpíadas de Atenas de 2004 e o Campeonato Mundial do Cairo 2005.

Metodologia empregada neste artigo

O estudo abordou o judô brasileiro em relação ao seu desempenho e as produções das mídias, nos dois eventos selecionados através da análise documental e reflexões históricas da participação do país. Serão utilizados para a análise os seguintes documentos:

- a) produções jornalísticas produzidas pelas diversas mídias escritas (jornais de grande circulação) e vinculadas pelo site Judobrasil, especializado em divulgação do esporte no país.
- b) produções jornalísticas vinculados pelas mídias virtuais (internet) UOL esportes e Globo Esporte On-line. Também será utilizado o site de divulgação oficial da Confederação Brasileira de Judô (www.cbj.com.br)
- c) documentos oficiais de relatórios dos torneios disponíveis no site da International Judô Federation (IJF);
- d) Cópias videogravadas das transmissões ao vivo produzidos pela Sportv dos eventos e mesas de discussões produzidas pelo mesmo canal sobre as participações brasileiras.

Resultados e Discussões apresentados

Para iniciar a análise dos resultados, é preciso contextualizar que devido ao grande número de imigrantes japoneses presentes no Brasil, o judô difundiu-se em território nacional como um desporto possuidor de muitos adeptos e praticado em todo o território nacional. Dados obtidos pela Confederação Brasileira de Judô (disponível em www.cbj.com.br) informam que existem federações formadas em todos os estados da União e, segundo Ranking (1996), foi o desporto mais praticado no país, contando com aproximadamente 2.000.000 de praticantes, portanto um desporto amplamente difundido e altamente praticado no Brasil.

Resultados brasileiros nas Olimpíadas

O desempenho do judô brasileiro em Olimpíadas é sinônimo de orgulho para as Mídias, sendo que a população tem, portanto, a referência de um desporto vencedor, apesar de possuir pouco investimento fora da iniciativa pública (prefeituras principalmente) como se observa na fala de Leandro Guilherme, medalha de bronze em Atenas 2004: - “Não consegui um patrocinador. Desde a Olimpíada não visto um quimono.” (Garavello, 2005).

Porém, apesar da divulgação midiática sobre os resultados do judô brasileiro, o que se apresenta na realidade é um judô com pouca evolução. Através do gráfico 1, que apresenta a distribuição dos êxitos brasileiros em números de medalhas

conquistadas em Olimpíadas, pode-se constatar que o total de medalhas para o Brasil é de 12 medalhas, apresentando porém 11 atletas medalhistas, pois Aurélio Miguel é o único atleta que conquistou 2 medalhas, sendo Ouro em Seul 1988 e Bronze em Atlanta 1996. Observa-se também que em Seul 1988 e Barcelona 1992 foram obtidos os melhores resultados qualitativos, sendo que em Los Angeles 1984 foi o melhor desempenho quantitativo. Cabe lembrar que nesta Olimpíada (Los Angeles) houve o boicote do Bloco Soviético em resposta ao boicote americano à Moscou 1980 (ano em que não apareceram medalhas para o Brasil).

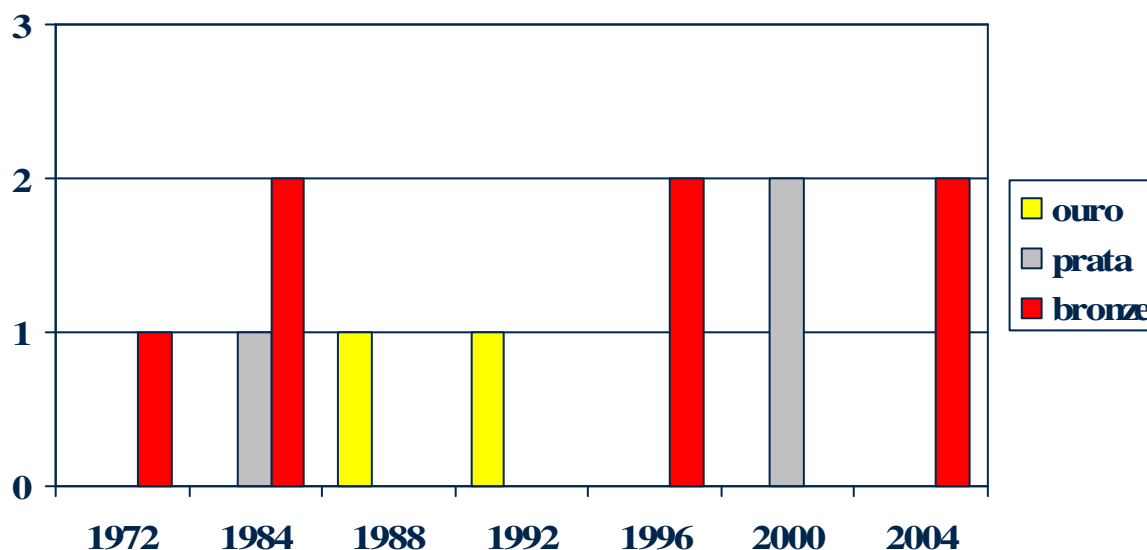


Gráfico 1: distribuição das medalhas brasileiras por olimpíadas (dados oficiais da Federação Internacional de judô, disponível em www.ijf.com).

Para a análise mais detalhada do desempenho brasileiro em Atenas 2004, convém lembrar que esta foi a primeira competição internacional de peso sob a nova gerência da CBJ, ou seja, após a era Mamede, considerada a grande ditadura do judô brasileiro, com elementos de autoritarismo exagerado e nepotismo (DOSSIÊ, 1999). Ao contrário das outras edições, a CBJ recebeu R\$ 3,577 milhões (da Lei Piva) para preparação dos atletas, somado a R\$ 800 mil de patrocinadores (Garavello, 2004). Nenhuma medalha foi conquistada por atletas das categorias femininas, até o momento.

Resultados brasileiros nos Mundiais

Os Mundiais de judô apresentam uma seleção Brasileira menos uniforme, apresentando pontos altos e baixos em relação ao desempenho, porém com semelhanças numéricas em relação às Olimpíadas, que se configuram da seguinte forma:

- O número máximo de medalhas conquistadas em um evento foram 3 (apesar de existirem maior número de categorias nos mundiais, vide tabela 1 e tabela 2);
- Os melhores desempenhos qualitativos não coincidem com os quantitativos (melhores quantitativos foram os campeonatos de Paris 1997 e Osaka 2003 e o melhor qualitativo foi o último, Cairo 2005).
- Aurélio Miguel, mais uma vez aparece como o maior vencedor por números de medalhas: 3 medalhas no total, sendo 2 de prata (Hamilton 1993 e Paris 1997) e uma de Bronze (Essen 1987).

Entretanto, diferenças também são encontradas:

- Possui medalhas nas categorias femininas (3 de bronze);
- Apenas um único campeão em todos os eventos (João Derly);
- Apresenta várias edições nas quais o Brasil não conquistou medalha,.
- A atleta Edinanci Silva conquistou 2 medalhas (Bronze em Paris 1997 e Osaka 2003);

O gráfico 2 apresenta o desempenho brasileiro no seqüenciamento cronológico dos eventos. Denota-se que o desempenho total em todas as edições dos Mundiais foi de 15 medalhas, sendo que, apenas em 2005, 49 anos após a primeira edição do mundial, o Brasil finalmente conquistou sua primeira medalha de ouro. Se compararmos esta conquista ao desempenho da Venezuela, considerado um país muito fraco em judô, o Brasil demorou 21 anos a mais para este êxito, sendo que a Venezuela obteve em Viena 1984. A Argentina também conquistou sua medalha de Ouro pouco antes do Brasil, em Osaka 2003. Já Cuba não permite comparações pelo seu grau de superioridade é de aproximadamente 3,5 em relação ao Brasil, possuindo 52 medalhas no total, 13 de Ouro, 14 de Prata e 25 de Bronze. E apesar do embargo comercial que vêm sofrendo, no Cairo 2005, Cuba conquistou 2 medalhas de ouro e 1 de bronze.

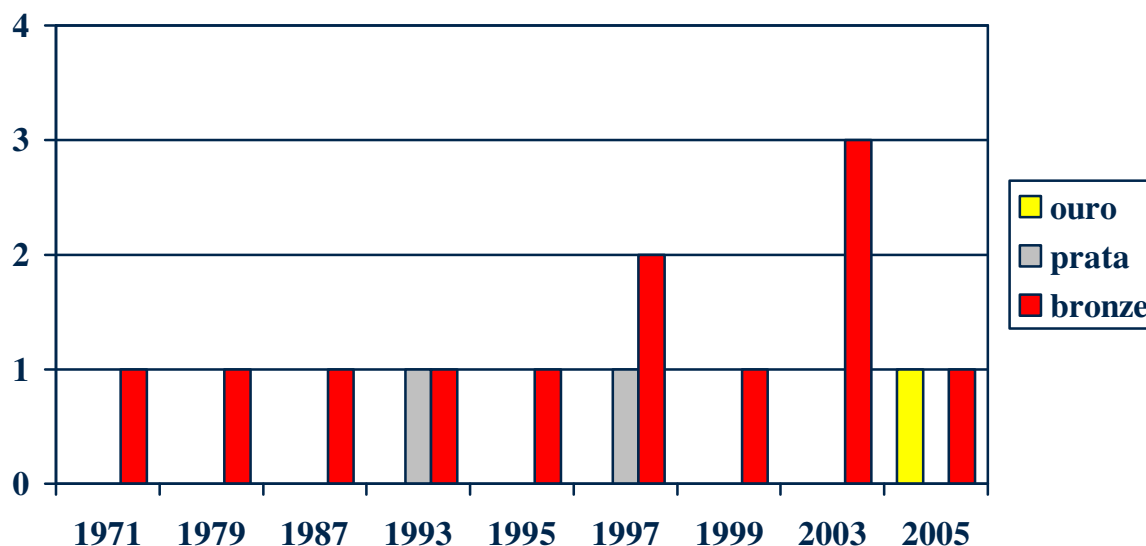


Gráfico 2: distribuição das medalhas brasileiras por Campeonatos Mundiais de Judô (dados oficiais da Federação Internacional de judô, disponível em www.ijf.com).

Discurso das Mídias

Em ambos os Eventos os discursos tiveram o mesmo comportamento, que concorda com a falação discutida por Betti (2004). Como esperado, porém, é que as Olimpíadas de Atenas foram muito mais acompanhadas e divulgadas que o Campeonato Mundial de judô, Cairo 2005. As Olimpíadas apresentaram acompanhamentos anteriores diversos, programas especiais com judocas e mesas redondas que, segundo Betti (2004):

“(...) é o mais bem acabado exemplo da falação. Jornalistas, jogadores, técnicos e convidados especiais comentam o noticiário esportivo do dia ou da semana, debatem, criam polêmica. Em muitos, há a participação do telespectador que, por telefone, *fax* ou *e-mail*, encaminha perguntas ou responde a pesquisas.” (p.69).

Em um destes programas, o Arena Sportv especial das Olimpíadas, tem-se um exemplo disto, quando um ex-atleta de judô, medalhista Olímpico, diz acreditar que todos os atletas de judô que foram para Atenas teriam reais chances de voltar com medalha. Ainda nesses especiais da Sportv, um repórter, ex-atleta de atletismo, comenta com duas atletas de judô como será seu futuro após a conquista de suas medalhas de Ouro, e até o momento nenhuma brasileira medalhou neste evento.

No Campeonato Mundial este tipo de assédio não ocorreu, restringindo os comentários apenas aos momentos mais importantes do evento, ao contrário das Olimpíadas, que apresentaram até 6 horas diárias de acompanhamento dos torneios ao vivo durante, 7 dias. No Mundial, porém, a cobertura televisiva limitou-se a mostrar apenas as finais em uma programação condensada em 2 horas durante 4 dias. Aparentemente não há preocupação efetiva com o esporte judô, mas sim com o evento no qual ele está inserido, lembrando Bourdieu (1997), “os jornalistas, *grosso modo*, interessam-se pelo excepcional, pelo que é excepcional *para eles*”.

Também chama a atenção a relação do total das medalhas nestes eventos para o Brasil, num todo de 27 medalhas distribuídas para apenas 18 atletas, considerando que um dos maiores atletas Brasileiros, Aurélio Miguel, conquistou nestes eventos 5 medalhas. Pode-se, então, considerar que, somada a grande adesão do judô no Brasil, como já apresentado, relacionando às 1.384 medalhas distribuídas em quase 50 anos destes eventos observa-se uma participação bem modesta, longe dos êxitos que a falação apresenta como verdade. Curiosamente, a figura de maior impacto para o Brasil internacionalmente, o atleta Aurélio Miguel, é muito respeitado nas mídias, mas está longe de ser uma figura de destaque como é o caso de alguns jogadores de futebol. Este fato corrobora com a fala de Bourdieu (1997) quando afirma que: “Os jornalistas têm ‘óculos’ especiais a partir dos quais vêem certas coisas e não outras; e vêem de certa maneira as coisas que vêem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado.” (p. 25).

O discurso anterior a Atenas 2004

O discurso anterior às disputas das Olimpíadas de Atenas era de otimismo exagerado conforme requer a falação, de modo que um comentarista confirma o que já fora dito pelo ex-medalhista Olímpico, que “O Brasil tem chance de medalhas com todos os atletas que estão levando”. Um dirigente da modalidade revelou quando foi consultado: “O Brasil vai trazer 5 medalhas, 3 de ouro”. O clima de otimismo era tamanho que o texto da UOL Esportes, denominado: Judocas do Brasil treinam na polícia japonesa sob "vigilância" em 07/07/2004 passa despercebido como crítica ao treinamento de campo anterior as Olimpíadas, o qual revela: “Antes de irem para o Japão, os

brasileiros passaram 15 dias treinando na França, ao lado de judocas alemães, japoneses e cubanos, além dos anfitriões” e ainda observa que a seleção japonesa havia seis meses que estava incomunicável até mesmo com a imprensa japonesa! Era a falação fazendo previsões. (GARAVELLO, 2004b).

Discurso durante Atenas 2004 e Cairo 2005

O que mais chama a atenção nas transmissões dos dois torneios, é a mesmice dos discursos. Em ambos os eventos os discursos durante as transmissões se repetiam, principalmente em referência ao que os locutores e comentaristas observavam. O primeiro fator observado era a constante evolução (?) do judô no contexto internacional, provocada pela sua administração. Como visto nos gráficos anteriores (gráfico 1 e gráfico 2) esta evolução parece ser imaginária, ou pode-se considerar apenas a medalha de Ouro no Mundial como uma evolução qualitativa, pois quantitativamente o resultado deste evento não foi tão bom quanto os de Paris 1997 e Osaka 2003. E, nas Olimpíadas, não foi observada nenhuma evolução, nem qualitativa e tampouco quantitativa.

Outra questão interessante que foi abordada anteriormente pela falação, é a criação de polêmicas e rivalidades. Em ambos os torneios aparecem nas falas dos comentaristas de judô uma questão peculiar: A disputa entre o “*judô bom*” e o “*judô ruim*”. O “*judô bom*” é o executado pelos japoneses, representado pelo estilo denominado “gola e manga” e que, segundo os comentaristas, é o judô de verdade, o judô Técnico; em contrapartida há o “*judô ruim*”, personificado pelo estilo de “catada de perna” do leste europeu, que é considerado pelos comentaristas como feio, esquisito, porque não segura com as duas mãos no quimono, enfim o “judô força”. A falação cria “polêmicas e constrói rivalidades”, e o resultado disto é uma *Sacralização* da Técnica, com uma nítida confusão com o que vem a ser a técnica, sendo que em nenhuma literatura esta terminologia se confunde com a forma de executar a tarefa, mas sim com a eficiência e recursos para sua execução; e também uma *Demonificação* da força, da mesma forma, com uma nítida confusão sobre a terminologia.

Isso talvez se deva à herança dos medos de uma *ameaça comunista*, que em nosso passado não tão distante, disseminou-se sob a égide do autoritarismo e da

propaganda anti-comunista. De forma semelhante, com a discriminação do estilo de luta dos países do leste europeu, a falação chega até mesmo a colocar que “a vitória Japonesa é boa para o judô, é a vitória da Técnica sobre a Força”, e também que, “é sempre bom ver o judô japonês vencer”; posição contrária à observada com as vitórias do leste europeu, comentando com desprezo que “só usa a força” terminando a constatação. Entretanto, o que mais chamou a atenção foi, que após a única medalha de ouro do Campeonato Mundial de Judô, para o Brasil, por um atleta que utiliza as “catadas de perna” como principal recurso para o desempenho, a falação televisiva apresenta os comentários de um outro ex-medalhista olímpico para confirmar as observações contrárias ao judô força.

Desta forma, não pretende-se ignorar o fato de que o judô foi criado no Japão, nem tampouco desmerecer os atletas japoneses pelo seu estilo de luta, entretanto, cabe destacar o fato de que o futebol foi criado na Inglaterra, porém não torcemos para esta seleção em campeonatos internacionais, e da mesma forma não torcemos para os Estados Unidos nas disputas de voleibol, então por que deveríamos torcer para o judô japonês como se este fosse a nossa pátria mãe?

Discurso após Atenas 2004 e Cairo 2005

Após terminarem as disputas, a falação “explica e justifica”: O comentarista que outrora previa medalhas para todos os atletas do Brasil, agora reclama que alguns jornalistas exageraram em suas previsões, mas que a participação brasileira fora excelente. Porém, cobranças aconteceram, pois “investiu-se quase 90% de seus recursos - e quase o dobro do que foi gasto na Olimpíada passada - na preparação da seleção olímpica, mas os resultados não melhoraram” (GARAVELLO, 2004),

Em outro caso, a falação critica o “ídolo eleito”: “Honorato ‘queima língua’, perde de rivais inexpressivos e é eliminado” (GARAVELLO, 2004C).

Os dirigentes buscaram explicar os resultados de Atenas 2004, sendo que os principais pontos foram: “os recursos que temos à disposição hoje apenas pagam nossas contas, não sobra para investir”(…) “temos a desvantagem de ter uma moeda fraca e gastarmos sempre em euro, dólar ou ien”.

Um fato interessante é que, após a falação, pouco foi mudado e o *status quo* do judô brasileiro permaneceu, mesmo após as reportagens: “Nuzman promete mais ingerência em confederações após Atenas” (GARAVELLO, 2004D).

Apontamentos

O conteúdo deste texto buscou uma reflexão em direção a novos entendimentos sobre a realidade, partindo da idéia de que, somente reconhecendo a realidade e as suas possíveis falhas é que podemos transformá-la, mas para tanto convém lembrar a observação de Bourdieu (1997):

“Não é preciso dizer que não se trata de condenar nem de combater os jornalistas, que frequentemente sofrem muitas das restrições que são obrigados a impor. Trata-se, bem ao contrário, de associá-los a uma reflexão destinada a buscar meios de superar em comum as ameaças de instrumentalização.” (p.17)

Ou seja:

“Quanto mais se avança na análise de um meio, mais se é levado a isentar os indivíduos de sua responsabilidade – o que não quer dizer que se justifique tudo o que se passa ali -, e quanto melhor se compreende como ele funciona, mais se compreende também que aqueles que dele participam são tão manipulados quanto manipuladores. Manipulam mesmo tanto melhor, bem frequentemente, quanto mais manipulados são eles próprios e mais inconscientes de sê-lo.” (p.21)

Porém, alerta-se que os estudos desenvolvidos com relação às mídias aplicadas ao desporto ainda são raros no Brasil, fazendo-se necessária a abordagem deste assunto, considerando a relevância que a informação possui em termos da formação de opiniões para os consumidores das mídias. Conforme Bourdieu (1997 p.18) assume, “somos, como dizia Husserl, ‘funcionários da humanidade’, pagos pelo Estado para descobrir coisas, seja sobre o mundo natural, seja sobre o mundo social, e, ao que me parece, faz parte de nossas obrigações restituir o que descobrimos”.

O estudo indicou ainda, o quanto o Brasil é carente em relação ao desempenho desportivo, pelo menos no caso dos desportos individuais em competições relevantes como é o caso dos Jogos Olímpicos ou Campeonatos Mundiais de Judô. Tendo em vista o discurso da cobertura dada ao desporto que é “um dos que trouxe mais medalhas Olímpicas para o Brasil” e, lembrando a última olimpíada - exceto os

desportos de Vela (Iatismo) e Hipismo (desportos não massificados) - as medalhas em desportos individuais foram as do judô, somado a mais um bronze do atletismo. Isto mostra um desempenho bem modesto para o Brasil, porém os efeitos das Mídias dificultam a visualização dessa realidade e, conseqüentemente, a compreensão destes aspectos para uma busca por soluções.

Neste ponto, urge a necessidade de adotarem-se novas tecnologias, pedagogias e métodos de treinamentos voltados à realidade contemporânea, que conduza a preparação dos atletas de alto nível, atualmente, sem a aplicação de conhecimentos científicos, apelando apenas para o “bom senso” e a intuição, não sendo possível resolver racionalmente os complexos problemas do treinamento moderno. (Verkhoshanski, 1990).

Finalmente, entende-se que os processos de aceitação do estado natural do desporto judô e a tentativa de manter seus valores e estruturas muitas vezes mascaram a realidade das suas conquistas efetivas em relação às suas reais possibilidades. Estas máscaras, por sua vez, mantêm a continuidade de um sistema vigente, impedindo-se enxergar além deste horizonte, e conseqüentemente, coibindo novos modelos e novas propostas de serem apresentadas. Através da falação, o judô continua o mesmo há 50 anos.

PARTE B - QUESTÕES INSTRUMENTAIS DO TRABALHO

Esta parte do estudo conterá os capítulos referentes às questões instrumentais do mesmo, a saber: IV. METODOLOGIA, V. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO (com as devidas Considerações Finais), E VI. CONCLUSÃO.

CAPÍTULO IV - METODOLOGIA

4.1 - Tomada de decisões

A busca do caminho metodológico adotado foi, em um primeiro momento, complicada, pois contemplar a identidade do estudo em relação às próprias indagações observadas tornou-se um esforço considerável para possibilitar um método adequado para o estudo. Inicialmente apontou-se a concordância com a descrição de Souza Neto (1999):

“O pesquisador se propõe a compreender os significados atribuídos pelos atores às situações e eventos dos quais participam, tentando entender a “cultura” de um grupo ou organização na qual coexistem diferentes visões correspondentes aos subgrupos que os compõem.” (p.189).

Após considerar possíveis metodologias aplicáveis ao estudo, porém, descartadas pelo amadurecimento do texto, foi adotada a abordagem de análise qualitativa, mas que utiliza as contribuições da abordagem quantitativa, para, seguindo linhas gerais, tentar manter uma concordância com Souza Neto (1999) por abordar questões da linha “compreensiva” ou “interpretativa”, e considerar que os agentes sociais se apresentam conforme suas experiências e percepções, conjunto de informações que fora considerado pertinente para o estudo. Encontra-se em Alves-Mazzotti & Gewandznajder (1998) uma consideração sobre as três características essenciais ao

estudo qualitativo que foram refletidas para a construção da pesquisa:

- 1 Visão holística;
- 2 Abordagem indutiva;
- 3 Investigação naturalista.

Com estas características, torna-se o pesquisador o principal instrumento de análise (ALVES-MAZZOTTI, 1998) e dá-lhe a responsabilidade do contato direto e prolongado com o campo de observação. Isto foi de extrema importância para o estudo, devido a escassez de informações possíveis de serem coletadas por conta da originalidade do texto, tanto com relação a pesquisar a temática de artes marciais, quanto à proposta miscigenada da abordagem mais holística possível.

Conforme o exposto, Alves-Mazzotti (1998) também indicará o caminho metodológico a ser utilizado no estudo através da perspectiva da análise triangular de dados, que são classificados pela autora em quatro tipos:

- a) de Fontes;
- b) de Métodos;
- c) de Investigadores
- d) de Teorias.

As características particulares de cada triangulação, para o entendimento da escolha da proposta que mais se adaptou ao estudo, são apontadas e definidas por Alves-Mazzotti (1998). Pelas suas proposições, a *triangulação de fontes* se dá pela comparação, por um pesquisador, do relato de um informante em comparação ao fato registrado, como por exemplo, o relato de um participante de uma reunião comparado à ata da mesma. A *triangulação de métodos*, particularmente importante para a Tese, se refere à comparação de dados coletados por métodos tanto quantitativos como qualitativos. Para Alves-Mazzotti (1998) as duas outras formas de triangulação – *Investigadores e Teorias* – são pouco usuais e consideradas de difícil aplicação, além de não serem aceitas por algumas correntes de pesquisadores, como os pertencentes ao paradigma construtivista. Foram, portanto, metodologias descartadas para o presente estudo.

Dentre as triangulações de *Fontes e Métodos*, optou-se pela segunda. Tal opção deu-se pela reflexão do acontecido em estudos anteriores, nos quais o

instrumento utilizado (questionário) suscitou um grande conflito entre as opiniões dos informantes, pois suas reflexões a respeito da modalidade foram desencontradas. Esta dispersão de dados dificultou as análises propostas para o estudo em questão (DRIGO, 2002), que corroborou com a idéia de que o conflito dos agentes é oriundo de diferentes formações, seja do “campo” acadêmico ou do ofício. Já a opção pela Triangulação de Métodos possibilitou a apresentação de dados quantitativos e concretos, num primeiro momento, através da análise objetiva das ações motoras contidas nas lutas de judô dos Jogos Olímpicos de Atenas 2004, substanciando as análises dos dados qualitativos, detalhados adiante.

4.2 - Modelo de Triangulação de Métodos

Os dados foram coletados para a construção da análise, conforme a proposta da *triangulação de métodos*, utilizando métodos tanto quantitativos quanto qualitativos.

O estudo parte, portanto, da análise quantitativa que possibilitou dados quantificáveis das ações motoras nas lutas escolhidas, e que em primeira instância refletiu o comportamento do lutador/judoca em combate. O interesse desta análise está diretamente relacionado ao entorno do atleta em seu local de desempenho desportivo, construindo uma reflexão acerca da idéia de *habitus* de Bourdieu. A análise dos dados qualitativos foi ordenada de acordo com a necessidade de entendimento global do desporto judô e deste no Brasil. Para isso, foram analisados documentos, publicações e artigos acadêmicos, assim como o discurso de comentaristas e praticantes de judô que se relacionaram com a mídia televisiva que acompanhou os Jogos Olímpicos analisado.

Os resultados foram organizados pelo estudo particular do judô brasileiro enquanto modelo de “escola de ofício”, comparando com o judô europeu (no caso Francês) e o mais próximo à realidade nacional, o judô cubano, enquanto país latino-americano. O estudo do Voleibol Brasileiro enquanto possibilidade de inserção de uma modalidade que apresenta característica diferenciada de outros desportos brasileiros, em

relação ao seu conteúdo acadêmico, foi sugerido pela banca de qualificação e também será apresentada enquanto viés de comparação com a realidade do País. Com isso, buscou isolar o judô em relação à organização artesanal e Acadêmica, sem perder de vista os fatores econômicos e culturais, por isso foi relevante estudar França e Cuba – no caráter econômico - mas também estudar o voleibol brasileiro pelo caráter cultural. Esta construção deu-se pela impossibilidade de estudar as estruturas – acadêmicas e artesanais - em um único modelo, o judô brasileiro.

Este engajamento da estrutura metodológica da triangulação de métodos buscou direcionar o estudo para o entendimento do *habitus* do judô, de forma análoga ao que, Silva (2007) propõe em relação ao *habitus* professoral. Neste sentido, Silva (2007) aponta que:

“... para se compreender a organização do *habitus* professoral, se quer por em prática uma estratégia teórico-metodológica que seja capaz de clarificar a complexa relação entre: ações didáticas, *hexis* corporal e postura, tendo em conta que há em cada um desses elementos uma referência básica comum a todos que mostra, as vezes mais sutilmente as vezes menos, o tipo de *habitus* professoral que o conjunto dessas reações organiza.” (p.60)

Portanto, a contribuição de Silva (2007) foi de organizar os resultados em relação à proposta de análise do *habitus*, compreendendo: as ações didáticas enquanto sentido prático ou dos protocolos assumidos, inserindo o judô dentro do sistema tradicional/artesanal, ou no sentido progressista/científico; a hexis corporal enquanto manifestação da concepção cultural do espaço social no gesto, neste caso, nas lutas de judô; e a postura, enquanto protocolo relacionado as imagens de representação ou dos valores. Permeando estes fatores identifica-se a fala dos agentes da mídia enquanto manifestação do capital simbólico ou da violência simbólica que, neste caso, foi vista como a tradução da *hexis* corporal para a linguagem falada, verbalizada pelos locutores, atletas e comentaristas.

4.3 -Análise dos dados quantitativos – as ações motoras contidas nas lutas dos Jogos Olímpicos de Atenas 2004 .

Foram avaliadas as lutas dos atletas das categorias masculinas que fizeram mais de uma luta no evento, porém as categorias do sexo feminino não foram avaliadas, pois esta categoria não foi considerada representativa para o estudo, sendo que até o momento ainda não obteve resultado expressivo no cenário Olímpico, não conquistando nenhuma medalha. As categorias masculinas com apenas uma luta de atletas brasileiros foram descartadas por não ser possível verificar a reprodutividade das ações, exceto a luta do atleta da Categoria Ligeiro – coleta piloto do trabalho – que foi apresentada para visualização da reflexão em relação à cronologia do pensamento e a construção dos resultados da Tese, sendo apresentado como dado preliminar do trabalho que desencadeou as discussões posteriores. Enfim, foram analisadas as lutas dos atletas brasileiros das cinco categorias abaixo:

1. Meio-Leve (Categoria -66 kg): duas lutas;
2. Leve (Categoria -73 kg): sete lutas;
3. Meio-médio (Categoria -81 kg): seis lutas;
4. Médio (Categoria -90 kg): quatro lutas;
5. Pesado (Categoria +100 kg): quatro lutas.

Foram utilizadas, para a construção das unidades de análise, as filmagens das lutas apresentadas pelo canal de TV a Cabo *Sportv*, e selecionadas as lutas dos atletas brasileiros nas Olimpíadas de Atenas 2004. Outra fonte diz respeito aos DVDs “*2004 Athens Olympic Games Judô Competition*”¹⁶ que apresentaram as lutas da mesma Olimpíadas, porém que foram transmitidas em canais de TV japoneses. Estes DVDs foram comercializados pelo site www.judobrasil.com.br, especialmente utilizada para a confecção desta Tese. O desempenho competitivo da Seleção Brasileira de Judô foi analisado com o auxílio do programa *Studio 9.0 MovieBox USB* (Figura 1), pois este programa permite a verificação “quadro a quadro” da luta, subdividindo um segundo filmado em 30 quadros. A metodologia que possibilitou a análise será descrita adiante.

¹⁶ A compra dos DVDs foi viabilizada pelo Projeto de Extensão “LUTAS” da FEF/Unicamp.

Apenas as lutas com participação dos brasileiros foram analisadas, porque o modelo adotado possibilitou as comparações entre o atleta e seu adversário, permitindo perceber o comportamento do atleta brasileiro nas lutas em relação aos oponentes, evidenciando com isso as ações e a relação com o *Habitus*, chave para o estudo em si.

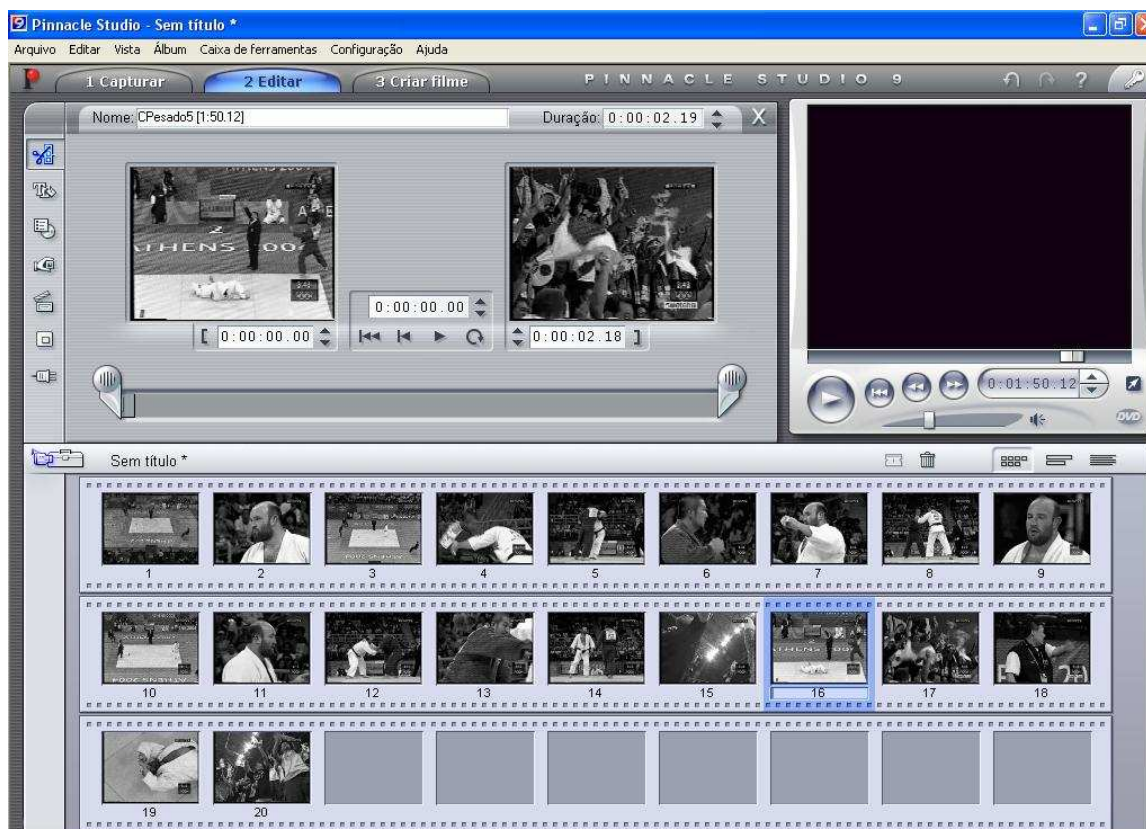


Figura1 - Programa Studio 9.0 MovieBox USB durante a avaliação das lutas.

O modelo de avaliação quantitativa utilizado foi uma adaptação simplificada do modelo desenvolvido pelo Laboratório de Atividade Física e Performance Humana (LAFPH) da FEF/Unicamp por Drigo e Oliveira (2007) que está em fase de publicação, ou seja, está sendo apresentado aos pares. O modelo simplificado foi introduzido na Tese por quantificar as ações motoras interessantes para desenvolvimento do estudo, desconsiderando elementos desnecessários para o mesmo, como algumas nomenclaturas em japonês tanto de golpes como ações. O aparato tecnológico para as observações das lutas consistiu principalmente do softer Studio 9.0, sendo que, as imagens e filmagens das lutas foram dependentes da programação das redes

de televisões envolvidas (Canal Sportv e TV Japonesa) que, em alguns casos dificultaram a análise, como nos exemplos a seguir:

- 1 Atrasos na transmissão da luta, perdendo-se os momentos iniciais do combate;
- 2 Em momentos de intervalo entre os combates, as imagens foram deslocadas para torcida ou técnicos, e que acabavam demorando para retornar à luta, algumas vezes perdendo segundos do combate;
- 3 As câmeras algumas vezes não se posicionavam de forma a permitir melhores ângulos para a análise das ações motoras, fazendo com que em alguns pontos a ação seja identificada posteriormente, nestes casos, quando foi possível observar a posição do(s) braço (s) do lutador observado.
- 4 Identificar os momentos de Mattê, indicação de parada de luta pelo árbitro e Hajimê, momento de início do combate ou da sequência de luta. Esta dificuldade na visualização não permitiu identificar, com precisão, os intervalos reais, porém os erros, na maioria das vezes, foram minimizados devido à filmagem manter o cronômetro oficial da luta no vídeo, demonstrando que estes não ultrapassaram um segundo por ação.

Apesar das dificuldades encontradas, o instrumento utilizado para a avaliação das lutas permitiu a coleta de dados consistentes para este estudo, fato que viabiliza as análises de vídeo utilizando uma transmissão de rede de televisão que, devido às dificuldades de captação de verbas para produção científica no país associada à dificuldade de obtenção de credenciais para montar um aparato científico dentro de um evento de grande porte, como os Jogos Olímpicos, esta metodologia de análise se tornou plenamente satisfatória.

Modelo de análise de lutas

As publicações encontradas sobre análises de ações motoras pertinentes sobre a avaliação das lutas de judô, que foram observadas para elaboração desta Tese, não corresponderam às questões de interesse para a análise proposta, sendo que os modelos de Rosa, R. R et al (2003) e Rosa, R. R. e Oliveira, P. R. (2003) abordam questões sobre o tempo de luta, o tempo de recuperação, o tempo de luta no solo e a pontuação com uma análise dos golpes divididos de acordo com a sua classificação

dentro do judô. Já Sterkowicz e Franchini (2000), preocupou-se principalmente com a questão da aplicação das técnicas e o tempo de aplicação durante os campeonatos Mundiais e Olímpicos de 1995 até 1999.

Tais modelos não permitem uma conceituação do *Habitus* do lutador pela sua ação, ou mesmo do desenvolvimento de suas habilidades. Desta forma, considerando a experiência do autor como técnico, praticante e observador de judô de longos anos, e ainda, as ações observadas durante a análise inicial deste estudo apresentado no processo de qualificação - onde foi percebido que as seqüências das ações motoras determinavam o ritmo mais alto ou mais lento do combate -, permitiram a priori, elencar pontos e ações que necessitavam ser registradas a fim de entender de forma mais próxima da realidade da contenda de judô.

A metodologia de análise de lutas utilizada neste estudo buscou verificar as ações motoras em cada momento da disputa de judô, classificando-as em relação ao seu tempo de ação e pelo seu grau de importância em relação a possibilidade de vitória no combate. Foram divididas em *ações não determinantes*, *ações determinantes*, *ações de pontuação*, *ações de desvantagem* e *ações punitivas*, além das *ações do árbitro*. Todas estas ações contém pontuações específicas que permitem a modelagem ou plotagem gráfica através dos valores atribuídos a cada ação que permitirão, em estudos posteriores, a modelagem matemática dos valores atribuídos em uma luta de judô, fator desconsiderado para o recorte deste estudo. A descrição dos valores, nomenclaturas e pontos de avaliação estão descritos abaixo:

Ações não determinantes - Grupo de ações que apesar de não serem desnecessárias na luta de judô, são ações que, a priori, não fazem diferença no resultado final da luta. São ações que se encontram distribuídas pela análise estipulada entre os valores de 0,1 até 1,0. São definidas com valores aproximados para este estudo de:

- a) Posições neutras, posições de espera ou posições conquistadas: são as posições anteriores às pegadas iniciais, ou aquele tempo no qual, após uma ação de pegada, há uma espera até a próxima ação. As posições de espera, conquistadas ou neutras, não são marcadas na *tabela de avaliação de lutas* (anexo 1) e suas pontuações são determinadas pelas ações anteriores. As ações anteriores à

primeira pegada e os “soltar todas as pegadas” possuem valores de 0,1 apenas para diferenciar das pontuações 0,0, que significa o intervalo de luta entre o *mattê* e o *hajimê*. Esta ação durante o combate assume a mesma pontuação do valor da ação de pegada anterior e, em caso de entrada de golpe sem queda e sem desfazer a pegada, voltará ao mesmo valor.

- b) Esgrimas e brigas de pegadas: Valores de 0,2 - indiferentes porque as ações, apesar de terem suas particularidades, acabam sendo muito semelhantes:

Esgrima (e) – foi definida como toda ação intencional de ataque ou defesa que envolve tentativa de pegar o adversário ou finta de pegada que acabe não resultando em ação de pegada efetiva ou estável.

Briga de pegada: colocada como esgrima para este estudo, se diferencia por ser a tentativa conjunta de dois adversários em obter o melhor posicionamento de pegada, sendo que um deles ou ambos impossibilitam a efetivação ou estabilidade da pegada.

- c) Pegadas: São consideradas as ações de pegar o Kimono (judôgui) de forma efetiva e estável; para isto deverá ser mantida por pelo menos um segundo.

As pegadas são divididas de acordo com os locais aonde são efetuadas. São, portanto:

- Pegada Manga – pm;



Figura 2 – Pegada na Manga (pm)
(Foto: Juliana Cesana)

- Pegada Gola – pg;



Figura 3 – Pegada na gola (pg)
(Foto: Juliana Cesana)

- Pegada perna – pp;



Figura 4 – Pegada na perna (pp) 1
(Foto: Juliana Cesana)



Figura 5 – Pegada na perna 2
(Foto: Juliana Cesana)

- Pegada nas costas – pc e,



Figura 6 – Pegada nas costas (pc) 1
(Foto: Juliana Cesana)



Figura 7 – Pegada nas costas 2
(Foto: Juliana Cesana)

- Pegada na faixa ou altura da faixa – pf.



Figura 8 – Pegada na faixa (pf) 1
(Foto: Juliana Cesana)

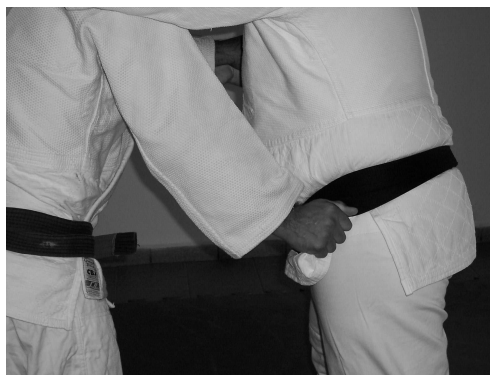


Figura 9 – Pegada na faixa (pf) 2
(Foto: Juliana Cesana)

A *primeira* pegada da sequência de luta será considerada 0,4 pontos independentemente do tipo de pegada, para facilitar o estudo em relação a demonstração gráfica, sendo discriminadas apenas na planilha de avaliação. O *segundo* movimento de pegada terá valor dobrado de 0,8, valendo o dobro da primeira ação, também não discriminando o tipo de pegada.

Também foi considerada a ação conjunta, no caso de pegada de Gola e manga conjuntamente com valor de 0.8 direto, sem passar pelo valor intermediário.

Quando a segunda pegada é feita na manga oposta à primeira pegada, também na manga, será considerada a sigla pm2 com o valor de 0,8 também. Se for pegada a mesma manga da pegada anterior, será considerada pegada cruzada na manga, com sigla pm2cz e valor de 0,7.



Figura 10 – Pegada cruzada na manga (pm2cz)
(Foto: Juliana Cesana)

d) Desfazer pegadas (soltar pegadas): considerado como as ações de soltar ou desfazer a pegada já conquistada, podendo ser por iniciativa própria do atleta ou pela ação defensiva do opositor, sendo ambas as atividades consideradas:

- Soltar a Pegada – sp;
- Soltar Pegada Manga – sm;
- Soltar Pegada Gola – sg;
- Soltar Pegada Perna – spe;
- Soltar Pegada nas Costas – sc e;
- Soltar Pegada na faixa ou Altura da Faixa – sf.

Os valores destas ações apresentam o mesmo da ação de pegada anterior, ou seja, se a pegada é dupla de valor 0,8, voltará a valer 0,4. Caso for feita ação de 0,4,

voltará a ter valor de 0,1. A ação denominada de soltar pegada (sp) é determinada pela ação que, além de não possuir mais contato com o adversário pela parte de quem efetuou a ação, também há a tentativa ou execução de um afastamento para reiniciar as ações de luta. Sempre que for efetuada acarretará retorno para 0,1.

e) Pegadas de tempo limitado: são consideradas as pegadas passíveis de punição, devendo ser pegadas rápidas para entrar em golpes, e quando a ação de golpear não é possível deverão retornar à posição de pegada normal. Estas pegadas possuem valores 0,6 para se diferenciarem das ações anteriores devido a sua particularidade. São consideradas:

- Segunda pegada na gola com caráter defensivo, ou seja, para impedir a aproximação do adversário (duas mãos na gola) – pg2;



Figura 11 - Segunda pegada na gola (pg2)
(Foto: Juliana Cesana)

- Segunda pegada na mesma gola (duas mãos na mesma gola) – pg2cz;



Figura 12 – 2ª pegada na mesma gola (pg2cz)
(Foto: Juliana Cesana)

- Pegada cruzada (gola e manga pegas ou do mesmo lado ou cruzando os braços para efetuar a pegada)- pcz.



Figura 13 – Pegada Cruzada (pcz) 1
(Foto: Juliana Cesana)



Figura 14 – Pegada Cruzada (pcz) 2
(Foto: Juliana Cesana)

- f) Fintas. Fintas para entrada do golpe são movimentos de ajuste ou preparatórios para o golpe que não sejam a execução de um movimento de golpe completo. Com sigla Fi, é a ação não determinante considerada pelo estudo como a mais importante, e consequentemente com pontuação 1,0.
- g) Luta no chão quando não há dominância de nenhum lutador. Sigla lc e pontuação de 0,3 pontos.
- h) Quedas do tipo acidental, que foram definidas como as que não se enquadram em quedas provocadas pelo oponente ou ataques com intuito de levar o adversário ao chão, são as provenientes de escorregadas ou tropeços. Apresenta sigla Qac e retorna a pontuação 0,0 caso ocorra um *mattê*. Se a queda for recuperada, ou seja, o atleta cair e se levantar imediatamente sem interrupção de *mattê*, será apontado no gráfico a pontuação 0,0 e no próximo ponto terá a mesma pontuação de pegada anterior a queda, com sigla Qr.
- i) Contato Involuntário (CTI) – também apresenta o retorno ao 0,0 quando ocorre e está relacionada como uma ação involuntária (sem punição) de acidente durante a

luta, como por exemplo, na briga por pegada ou esgrima bater um dedo no olho do adversário, desde que o árbitro não considere como agressão.

Ações determinantes: são as ações que apesar de não serem pontuações são determinantes para a vitória, tanto para evitar punições por falta de combatividade, como para impor volume de luta maior e, até mesmo, impor punições ao adversário. Os valores variam de 1,1 até 2,0, (sendo que as ações compreendidas no intervalo entre 1,5 até 2,0 são consideradas as mais evidentes de domínio). Toda pontuação desta fase apresenta-se como pico, porém após seu apontamento retornará aos pontos da pegada que originou ação ou da pegada que ainda persistir após a ação determinante. As ações apresentadas em negrito são para enfatizar sua importância para o combate de judô, as cores na tabela (anexo) também possuem este mesmo critério.

- a) Defesa e esquiva, apesar de serem pouco determinantes enquanto ações de ataques, são necessárias para manter a estabilidade e impor uma boa conduta como lutador, mantendo-se em pé ou bloqueando o golpe do adversário. As pontuações foram determinadas de 1,1 para defesa (df) e 1,2 para as esquivas.(ESQ).
- b) Ataques: são determinados três tipos principais de ataques, o feito por ataques com golpes de pernas menos complexos (como os ashi-harai, ou rasteira) que apresenta sigla **AS** e com pontuação 1,3 por serem ações mais simples e apesar de conquistarem pontos é mais raro nas lutas de judô. As ações entrada de golpe (**EG**) que são entradas de golpes das formas de técnicas de quadril (koshi-waza), braço (te-waza), sacrifícios (masutemi-waza ou yoko-sutemi-waza) e até mesmo os golpes de pernas (ashi-waza) mais complexas como ossoto-gari, - complexas por necessitar de maior aplicação de força e envolver ajuste corporal maior que no caso dos golpes tipo **AS**. Ataque nas pernas (**AP**) que são definidos por golpes tipo Morote-gari ou koshiki-taoshi, que são golpes que não necessitam de pegadas iniciais para sua execução, podendo ser aplicados diretamente, diferente dos golpes que vem de uma pegada de perna inicial, definidos pela sigla pp**EG**, onde a pegada de perna (pp) vem anteriormente a entrada de golpe. Todas estas ações

possuem pontuação igual a 1,5 sendo de valores equivalentes e discriminadas apenas na planilha de lutas.



Figura 15 – Ashi 1 – De-ashi-barai
(Foto: Juliana Cesana)



Figura 16 – Ashi 2 – Ko-soto-gari
(Foto: Juliana Cesana)



Figura 17 – Ataque às pernas – Morote-gari
(Foto: Juliana Cesana)



Figura 18 – Ataque às pernas – Koshiki-taoshi
(Foto: Juliana Cesana)

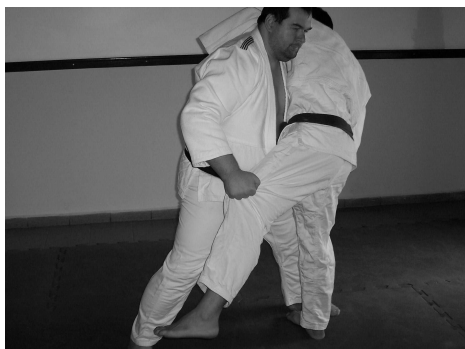


Figura 19 – Pegada com ataque à perna 1
(Foto: Juliana Cesana)



Figura 20 - Pegada com ataque à perna 2
(Foto: Juliana Cesana)

- c) **Contra Golpes (CG)**: pontuados por 1,6, são golpes específicos utilizados para defesa. Também foi pontuada a antecipação de golpes (**ANG**) de valor 1,7 caracterizado pela entrada mais rápida de um golpe aproveitando o movimento do golpe do opositor, não é feito por um golpe específico de defesa como nos contra-golpes, seu valor é maior pois o golpe que originou a antecipação não é completado como no caso do **CG**.
- d) **Quedas**: sempre são apontados pontos para quem aplica o golpe e não é contabilizado o caso de técnicas que o atleta caia para aplicar o golpe, como nos casos o tomoe-nague (balão) e seoi-nague de joelho. As quedas advêm da aplicação e queda do adversário, sendo neste caso apresentado duas possibilidades:
- **Queda de Joelhos (QJ)** – o adversário cai de joelhos, mas mantém o tronco ainda ereto, não esparramado ao chão, possui pontuação 1,8.
 - **Queda não pontuada (QNP)** – quando o adversário cai pelo golpe, mas o árbitro não pontua a queda. Pontuação 1,9.
- e) **Pontuações no Chão**. Possuem duas pontuações principais:
- 1 **Ataque no chão (Ac)** quando um lutador está em posição evidente de ataque, com valor 1,4.
 - 2 **Ossaekomi (OS)** - posição de controle do adversário na luta do solo apontado pelo árbitro (I-início; F-fim), apresenta valor de 2,0 e neste caso a fuga que determina o final do ossae-komi não é efetivada. A ação de ossaekomi é apresentada na tabela por cor específica, e durante seu período de permanência a tabela apresenta o número equivalente a seu ponto (2.0) até o término da ação. Após término do ossaekomi, os pontos corresponderão ao apresentado na próxima seqüência de valores, se não houver

pontuação, seguirá o esquema normal de pontuação.

Ações de pontuação – são as ações de pontuação do combate e também as ações de vitória, podendo ser em golpes de projeção ou mesmo de golpes de ossaekomi ou desistência (**DES**) devido a um estrangulamento (**EST**) por técnicas de shime-wasa ou por chaves de braço (**CBR**), técnicas de kansetsu-wasa. Os valores variam de 2,1 até 3,0, sendo:

- 1 Koka - 2,25
- 2 Yoku - 2,5
- 3 Wazari – 2,75
- 4 Ippon – 3,0

Observação: A tabela irá apresentar a letra P de pontuação na ação do árbitro, e a letra K (koka), Y yuko, WA (wazari) e I (ippon) para quem recebeu o ponto, marcados e com cores correspondentes na tabela.

Ações de desvantagens: são ações que podem determinar punição ou contribuem para falta de efetividade do atleta. Os valores variam dos valores negativos de -0.1 até -1.0.

- 1 Defesa de ataque no chão (dc) com pontuação de (-0,5).
- 2 Levar a luta ao chão (lvc) com valor (-0,7) ocorre quando o atleta busca levar a luta ao chão sem intenção de golpe, possibilitando identificação como ataque falso (**AF**). A diferença entre os dois é que o ataque falso gera uma punição pelo árbitro. O ataque falso é pontuado de acordo com a ação punitiva descrita abaixo
- 3 Tempo Imobilizado (IM) semelhante ao OS apenas com pontos negativos em relação a quem permanece imobilizado.

Ações punitivas: são ações de punição correspondente às faltas durante o combate, e possui os pontos negativos entre -2.1 e -3.0 que correspondem aos valores negativos dos pontos das ações de pontuação (K, Y, WA e I), sendo:

- 1 Shido 1 (F1) – (-2,25)
- 2 Shido 2 (F2) – (-2,5)
- 3 Shido 3 (F3) – (-2,75)
- 4 Hansokumake (F4) – (-3,0)

As ações do árbitro – são as ações de controle da luta que se apresentam também com as siglas:

- 1 Hajimê (H) – início de combate, início da sequência de combate;
- 2 Mattê (M) – fim de cada sequência de combate. Entre o mattê e o hajimê não apresentaram dados e pontuações no gráfico e tabela, a não ser as faltas. Após o hajimê, mesmo sem pegadas as ações possuem valor inicial de 0,1.
- 3 FIM – final de luta.
- 4 Vitória Combinada (VC): vitória pela combinação de ponto (WA) e falta (shidô 3).
- 5 Golden Score (GS) – tempo extra de luta quando o tempo inicial acaba em empate.

Após esta conceituação, para a verificação da viabilidade da proposta, foi efetuada uma validação para observadores diferentes, buscando-se verificar se resultados semelhantes seriam observados de uma luta de judô. Portanto, para a validação, foi comparada a observação de uma luta neutra, a saber, a luta final da Categoria Pesado (+100kg) entre os Atletas Suzuki (japonês) e Timetov (russo). O processo de validação foi feito por um grupo de voluntários (n=3), com características comuns de serem formados em Educação Física, sendo que dois deles são faixas pretas (v1 e v2) de judô, e o terceiro voluntário conhecer o judô apenas na disciplina cursada na universidade em que se formou. O procedimento de validação foi o mesmo para todos, e consistiu em uma instrução inicial do modelo proposto e posterior análise da luta com auxílio de uma tabela de nomenclaturas e siglas que serão utilizadas no estudo.

Tipo de ação	Número de ações				Coincidentes para todos	Coincidentes para 3 sujeitos
	P	V1	V2	V3		
Ações não determinantes	43	46	55	55	24	35
Ações determinantes	5	5	5	5	todos	todos
Ações de pontuação	1	1	1	1	todos	todos
Ações de desvantagem	0	0	0	0	todos	todos
Ações do árbitro	5	5	5	5	todos	todos
Totais	54	57	66	66	35	45

Quadro 1: Dados dos pontos de validação, (p) refere-se ao pesquisador e (v) voluntários.

O processo apontou diferenças apenas nos pontos de ação não determinantes, devido as variações de identificação dos voluntários entre esgrima (e) e pegadas (p) e soltar pegadas (sp), esta foi a principal dificuldade de avaliação. Outra dificuldade de pontos não coincidentes - 3 pontos no total - foi a definição entre pegada na manga (pm) e pegada nas costas (pc) que variaram em relação ao local de pegada, porém não variaram em valor. Outra questão que foi pensado no planejamento do modelo a fim de minimizar os erros, foi relativo à expressão dos valores. Apesar da atribuição diferente na identificação observada em relação a esgrima e pegar e soltar pegada, em relação aos pontos são semelhantes, pois passariam de 0,2 pontos para 0,25 pontos no segundo anotado ($p=0,4$ e $sp=0,1$), devido a isto, o modelo gráfico minimiza tais erros de interpretação. Vale lembrar também que as câmeras da programação da televisão, já discutido anteriormente, contribuíram para os erros por isso, a atribuição de valores foram aproximadas, em avaliações com câmaras em distribuições apropriadas os valores deverão ser revistos. Enfim, o importante para o estudo foi diferenciar durante o tempo o tipo de ações contidas na luta.

As primeiras questões de análise geral e matemática que o modelo permite avaliar e é de interesse para o estudo foram:

1. Relação do número de seqüências da luta. Cada fase entre o hajimê e o mattê sucessivos até o fim da luta.
2. Número de seqüências vencidas, perdidas e empatadas, determinadas pelos valores das ações determinantes, pontuáveis ou punitivas.
3. Comparações entre as ações, determinantes, pontuáveis e punitivas.
4. Seqüências em vantagem ou desvantagem;
5. Número de ações não determinantes (AnD), punitivas (APu) e de desvantagem (ADes), em relação ao número de ações determinantes(AD) e pontuáveis (AP), denominada quociente de eficiência (Qef). Quanto menor for o coeficiente de eficiência do atleta, maior é a relação de ações eficientes durante a luta:

$$Qef = \frac{\Sigma(AnD)+\Sigma(APu)+\Sigma(ADes)}{\Sigma(AD)+\Sigma(AP)}$$

4.4 - Análise dos dados qualitativos.

Os elementos qualitativos foram divididos em três:

- a) Documentos;
- b) Discursos e comentários apresentados pela mídia;
- c) Artigos, revistas e livros.

4.4.1 - Documentos

A utilização documental segue a regra de Alves-Mazzotti & Gewandznjder (1998), identificando que qualquer registro escrito possa ser usado como fonte de informação.

Documentos essenciais: (de análise)

- Formação do judô brasileiro: resoluções e normas da CBJ, FPJ e FJRJ.

Documentos acessórios: (auxiliares da análise)

- Apostilas de formação da federação francesa de judô; Documentos de divulgação desportiva do judô cubano e Correspondências com o prof. Dr. Armando Fortezza de La Rosa, diretor do Instituto Manuel Fajardo de Cultura Física de Cuba.

4.4.2 - Discursos e Comentários Apresentados pela Mídia;

Como dito anteriormente, o discurso de comentaristas e praticantes de judô que se relacionaram com a mídia televisiva que acompanhou os Jogos Olímpicos de Atenas 2004, foram gravados e analisados, alguns resultados já foram apresentados na publicação contida nesta Tese (p. 77). Foram analisados os programas do canal a Cabo Sportv que continham as lutas de judô alguns programas anexados as Olimpíadas relacionados ao judô do mesmo canal, em momentos específicos:

- Durante as lutas;
- Comentários anteriores às disputas ou início do torneio diário;
- Análises posteriores dos resultados;
- Especiais durante a programação Atenas 2004.

Fazendo uma inferência com as observações de Silva (2007) e em relação à procura do discurso da mídia, principalmente dos agentes que se relacionam com o judô, foi a busca da verbalização do gesto, do *habitus* apresentado pela *hexis* corporal que motivou esta análise. Para tanto, procurou-se através da análise do discurso entender a cultura presente no judô enquanto manifestação do *habitus*.

Desta forma novamente interpola-se com outro estudo sobre a formação de professores (KNOBLAUCH, 2007) que permite uma ponte da questão cultural com o *habitus*. Neste caminho Knoblauch (2007) afirma que:

“Desta forma, a internalização da cultura, para Bourdieu, é similar à incorporação do *habitus*, compreendendo este como um conjunto de disposições fortemente internalizado que regula práticas sem obediência consciente a regras, adaptando-as a seu fim, sem o conhecimento consciente desta finalidade.” (p.04)

Knoblauch (2007) ainda lembra que Boudieu se relaciona com cultura e história e *habitus*. Em Bourdieu (1989) há uma afirmativa que a história no seu estado objetivado, aquela que se acumulou ao longo do tempo nas coisas (...) e história no seu estado incorporado que se tornou *habitus*.

Dos fatores apresentados, entende-se que a produção do discurso midiático, quando relacionado ao especialista contratado para as análises técnico-táticas do evento, era a própria verbalização do *habitus*. Isto devido a principal característica de capacitação deste agente ser a vivência prática e a interação com o espaço social do judô, amplamente lembrado durante a sua participação que, em nenhum momento referendou sua competência como jornalista ou acadêmico.

Finalmente, conforme os estudos relacionados ao *habitus* professoral de Silva (2007) a preocupação com a base empírica é de semelhante magnitude em relação à identificação do *habitus* do judô. Mantendo os devidos parâmetros de comparação o estudo compartilha elementos similares na busca do entendimento do *habitus*, na relação entre ambos considerando os estudos de mesma natureza. Silva (2007) encontra pensamento que corrobora com o adotado quando relaciona:

“Acreditamos que o empreendimento no qual se precisa investir diz respeito a ampliação da base empírica que dispomos aqui, para que esse anúncio feito sobre os três elementos que organizam o *habitus* professoral sobre o princípio que opera essa organização não caia no pântano da propaganda enganosa.” (p.66)

4.5 -Organização e Dimensionamento dos resultados

Os resultados e discussões serão apresentados a seguir, na parte C do trabalho, sua apresentação seguirá o formato, apresentado no fluxograma abaixo (Figura 21) que ilustra o seqüenciamento lógico da organização dos resultados, para melhor entendimento da seqüência em si.

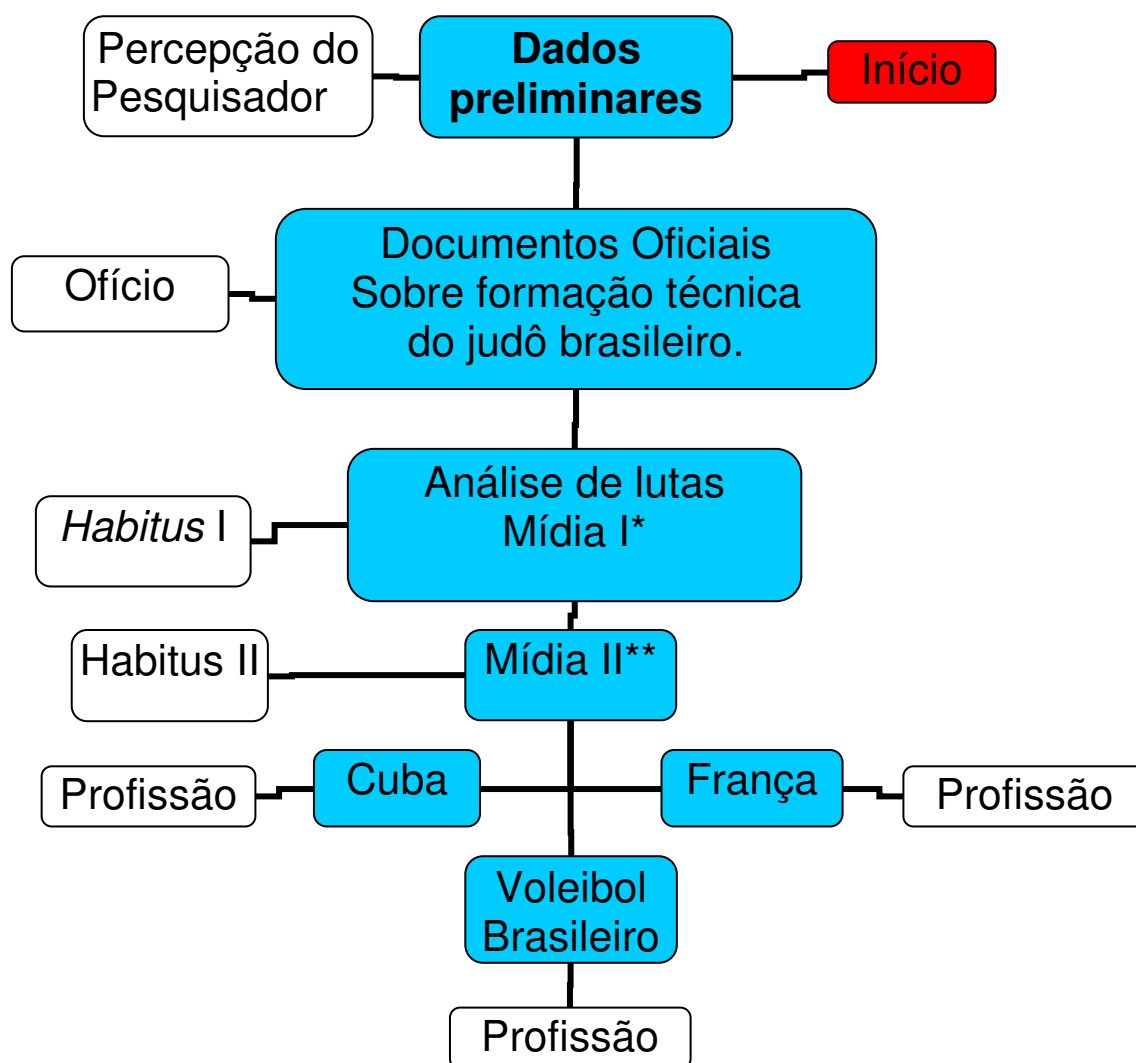


Figura 21 – Organização dos resultados.

* Mídia I – relaciona-se os elementos da análise técnico-tática da mídia feita durante as lutas pelos comentaristas (especialista contratado para fazer a análise)

** Mídia II – relaciona-se aos outros momentos que não são durante as lutas, ou seja, especiais sobre o judô Atenas 2004, análises diárias, mesas redondas, etc.

CAPÍTULO V – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 – Dados preliminares

A organização e desenvolvimento da tese deve-se, em um primeiro momento, a interpretação das observações das disputas de judô dos Jogos Olímpicos de 2004. Souza Neto (s.d.) confirma que a observação, desde épocas remotas, foi utilizada pelo homem para aquisição do saber e de práticas culturais representativas, e interpreta a observação como sendo “um mecanismo funcional potente que, se bem utilizado, resulta em descobertas, diálogos, integração, educação, ciência” (SOUZA NETO, s.d., p.01). Foi da observação criteriosa dos eventos que se sucederam nos Jogos Olímpicos de Atenas, que se originou toda a construção de modelos de informações e análises que serão dissecados nesta parte da Tese.

Inicialmente, o que mais chamou a atenção, ou melhor, o processo que desencadeou a coleta dos dados deste trabalho foi a percepção subjetiva da diferença entre o método de lutas do atleta brasileiro da categoria leve, em relação ao seu adversário e, principalmente, as reações do locutor e comentarista em relação ao que era transmitido pelo canal de televisão. A seguir, as discrepâncias observadas no estudo piloto:

- A luta transmitida era totalmente diferente, entre as impressões que foram assinaladas e a locução;
- As acusações aos árbitros que puniram o atleta brasileiro, como se houvesse um complô contra o país;
- “A maior busca pela luta do atleta brasileiro e a falta de entendimento de porque estava perdendo” (por parte dos locutores);
- A descrição do termo “está buscando a luta” definindo as ações do judoca brasileiro e que, pelas observações pessoais, não correspondiam à realidade;
- A confusão entre torcer/narrar e a defesa exacerbada do atleta nacional, “passando por cima” da informação correta para o espectador – ocorrendo de forma intencional ou não - e o desrespeito ao “espírito esportivo” (Fair Play);
- Em suma, foi observada a questão de como analisar o evento, sem participação emocional, fazendo de forma mais neutra possível e com isto conquistar elementos mais precisos de análise do desempenho e conhecimento para poder gerar informações úteis ao

entendimento do que realmente está acontecendo, e assim auxiliar de forma mais efetiva a preparação dos atletas, árbitros e técnicos.

Neste preâmbulo, de informações e dúvidas, iniciou-se a busca por um instrumento de análise mais denso, procurando variáveis de ações não especulativas, mais profundas e de entendimento global das ações contidas nas lutas de judô. O primeiro esboço do que veio a ser o modelo descrito na Metodologia, mais especificamente a primeira sequência de tentativas de análises, confirmaram as várias dúvidas/questionamentos causadas pela forma de transmissão e debates vivenciados durante a programação olímpica. Foi analisada, portanto, a primeira luta do Brasil na competição, na categoria *ligeiro*: Brasil X Armênia, com derrota do brasileiro por 3 Shido e 1 koka. O modelo, apesar de precário, permitiu confirmar os dados que são apresentados no quadro abaixo (Quadro 2):

Informação	Brasil	Armênia	Relativo à luta
Número de Entradas de golpe	6	9	
Número de Quedas	0	2	
Número de Pegadas	20	18	
Número de Ataques no solo	0	4	
Número de Defesas no solo	4	0	
Sequências de entradas com uma ação	2	9	
Sequências de entradas com duas ações	4	0	
Sequências terminadas em uma ação de pegada			8
Sequências terminadas em mais de uma ação de pegada			3

Quadro 2 – Dados da luta Brasil contra Armênia na categoria Ligeiro das Olimpíadas de 2004

Apesar destes dados serem preliminares, a tomada de decisão com relação às observações feitas sobre a luta não foi precipitada, já que se confirmaram os aspectos geradores dos questionamentos citados anteriormente, sendo que o atleta brasileiro durante a luta apresentou:

1. Desenvolvimento de luta no chão ruim;
2. Necessidade de no mínimo duas ações (pg e pm) para iniciar o ajuste para o golpe;
3. Um ritmo de entrada de golpe menor que seu adversário, em consequência do exposto no item anterior;

4. Maior número de “pegadas” para o brasileiro, porém menor número de entrada de golpes, ou seja, a grande parte das ações está em conquistar pegadas e não entrar em golpes.
5. Somado ao fato de que os árbitros **não** erraram em suas ações de punições, conforme foram acusados pelo locutor e comentaristas, pois todas as ações de entrada de golpes efetivas executadas pelo atleta nacional, encontra-se muito distante dos pontos de falta que recebeu e, há um número maior de entradas de golpes por parte de seu adversário, portanto - ao contrário do que acontece com o judoca do Brasil - não justificaria a sua punição.

Doravante haveria dados, mesmo que preliminares, sustentando as questões a serem investigadas e o método de triangulação acentuaria profundamente a proposta para o estudo. Seria então necessário manusear as informações que permitiriam o entendimento da formação dos técnicos, e o *habitus* que gerou o comportamento observado na luta, além de confirmar se era apenas um fato isolado ou se haveria reincidência do mesmo comportamento em outros atletas brasileiros.

5.2 - Caracterização do judô brasileiro enquanto artesanal:

O primeiro contato com as informações sobre a formação do técnico desportivo de judô foi em relação aos documentos de Federações e da Confederação. Esta informação inicial somou-se a busca pela caracterização do lutador em disputa, no intuito de identificar as estruturas de desempenho que possam determinar *capitais específicos* durante o evento e, finalmente, as discussões e apontamento da mídia televisiva em dois momentos – durante as lutas e em momentos fora das disputas – pensando não só na pura retratação do fato, mas também na influência deste com o desempenho, tendo como consequência a construção de fatores relacionados ao treinamento e a seleção dos representantes do judô brasileiro.

O universo de documentos consultados e analisados foram selecionados pela internet nos sites da Confederação Brasileira de Judô (CBJ – www.cbj.com.br) da Federação Paulista de Judô (FPJ – www.fpj.com.br) e Federação de Judô do Estado do Rio de Janeiro (FJERJ - www.judorio.org.br). Também foram adicionados documentos da Liga Paulista de Judô (LPJ - www.ligadejudopaulista.com.br) como contraposto das entidades mais antigas de controle do desporto, pois a liga inicia suas atividades em 2000 (LIGA, 2007). Convém também destacar no desenvolvimento deste processo a vivência deste pesquisador que, além da pesquisa acadêmica, também porta a graduação de faixa preta de judô, sandan (terceiro grau).

5.2.1 - Os documentos e a formação dentro do judô¹⁷

O primeiro esforço na busca de documentos ateve-se a investigar a formação do técnico desportivo de judô e suas variações, a saber: instrutor, auxiliar técnico, monitor, treinador, etc. Porém, não foi possível encontrar quaisquer informações a respeito deste tema. Como era esperado, os elementos encontrados estavam relacionados à formação do faixa preta, sendo que o credenciamento como técnico - posterior a esta formação - existe, porém não são explicitados os critérios (se há) de formação deste, parâmetros que serão retomados mais adiante neste trabalho. Não foram encontrados também os currículos e ementas dos cursos relacionados à formação, e tampouco a temática a ser desenvolvida. Convém lembrar também que, para o judô, ainda há a confusão entre treinador/técnico e o professor, que é uma terminologia restrita a

¹⁷ Os documentos referentes à formação encontram-se em anexo.

Instituições de Ensino ou Escolas públicas ou não, e da mesma forma sessões de treinamento são confundidas com aulas.

Os primeiros documentos que denotam o vínculo da faixa preta como pré-requisito para a formação de técnico, encontra-se adjunto às resoluções de registro de academia e renovação do registro, além das resoluções e modelos de ofício para solicitar o Credenciamento de Técnicos da FPJ. O documento intitulado: **INSTRUÇÕES PARA PEDIDO DE FILIAÇÃO NOVA na F.P.J. para Entidades Esportivas no ano 2000**, coloca as graduações exigidas do “professor” para a filiação, como segue:

“REQUERIMENTO e DECLARAÇÃO do PROFESSOR RESPONSÁVEL

13º-MODELO IV = Se o professor responsável é Faixa Preta 1º ou 2º DAN.

14º-MODELO V = Se o professor responsável é Faixa Preta 3º DAN ou acima (...). (em anexo)

A diferença entre os modelos de requerimento é apenas relacionada a faixa em si, sendo que no primeiro caso o professor responsável é provisório. Em 2006, novo documento de “Instrução para renovação de registro” é elaborado, porém mantiveram-se os mesmo requisitos, e apenas o “professor” passará a ser denominado técnico:

“2 – MODELO IV = Se o Técnico responsável for portador da Faixa Preta 1º ou 2º DAN.

3 – MODELO V = Se o Técnico responsável for portador da Faixa Preta 3º DAN ou acima.” (em anexo)

Desta forma, em um primeiro momento, a abertura do vínculo com a FPJ estava ligada a ser faixa preta, e posteriormente (em 2006) a ser técnico de judô. Então restaria entender qual é a diferença entre os dois períodos, ou melhor, como se daria a formação técnica para o judô? Os documentos de 2006 se restringiam apenas ao pedido de autorização para exercer a função de técnico, constando de um termo de compromisso assinado (documentos: modelos 4 e 5 em anexo). Já em 2007 há mudanças que possibilitam verificar as diferenças que eram impostas até 2006.

O documento “CREDENCIAMENTO DE TÉCNICOS” de 2007 registrava o motivo da atitude de credenciar os faixas pretas de judô:

“A Federação Paulista de Judô, buscando um melhor aperfeiçoamento e direcionamento na conduta dos técnicos em sua área de atuação dentro da área de **INSTRUÇÃO TÉCNICA**, estará fazendo um credenciamento de todos os técnicos e auxiliares técnicos para o ano de 2.007, que passarão por algumas palestras.”

Verifica-se, então, que o principal objetivo, senão o único, era o de adequar o faixa preta para uma conduta correta na área de instrução técnica, ou seja, no espaço reservado aos técnicos durante as lutas de judô. Percebe-se, portanto que o que realmente há é uma adequação às novas normas de competição, sendo que não há uma formação técnica real ou diferenciada. O texto continua, a trazendo estas mesmas informações:

“Para que o técnico ou seu auxiliar técnico acompanhe seus atletas nas áreas **INSTRUÇÃO TÉCNICA** em competições promovidas pela FPJ em 2007, **SERÁ OBRIGATÓRIO** o referido credenciamento, que lhe dará uma carteira específica de técnico ou auxiliar técnico.”

“Para tanto, o técnico deverá preencher o formulário (**CREDENCIAMENTO DE TÉCNICO**) e comparecer juntamente com seus auxiliares técnicos indicados (que poderão ser mais 3 faixas Pretas), no Credenciamento...”

Mantendo ainda a mesma linha de análise, o documento considera haver palestras durante o dia de credenciamento, de forma que é divulgada sua programação pelo mesmo documento, a saber:

“9,30 as 10,00 – Palestra de Arbitragem
10,00 as 10,30 – Palestra oficiais de Mesa
10,30 as 11,00 - Palestra Conduta dos Técnicos na área de instrução técnica.”

Analisando a carga horária e os temas desenvolvidos, percebe-se que as palestras não discutem a formação técnica em si, mas apenas as relações de conduta e arbitragem que, apesar de fazerem parte do conhecimento técnico, espera-se que a formação técnica deva contemplar o conhecimento mais diversificado sobre questões da Metodologia do Treinamento Desportivo e áreas correlatas. Neste caminho, entende-se a relação com os métodos artesanais prevista no estudo sobre as escolas de ofício, onde o elemento “saber fazer” se destaca dentre suas atividades (RUGIU, 1998). Portanto, para estudar a estrutura de formação para o Judô - em São Paulo pelo menos – seria importante o estudo sobre a aquisição da faixa preta.

Aprofundando mais ainda esta questão, quando é estudado o estatuto de FJERJ, até mesmo as questões administrativas são de responsabilidade exclusiva dos faixas pretas, conforme o Artigo 16 que insere a norma:

“Art. 16 - São **impedidos** para o desempenho de quaisquer funções ou cargos na FJERJ aqueles:

I- judocas registrados na FJERJ de graduação inferior a faixa preta e, ainda, judocas de graduação faixa preta registrados na FJERJ e na CBJ, com menos de 03 (três) anos” (FJERJ, 2006).

Para a vinculação de entidades desportivas junto a FJERJ, o processo é semelhante ao da FPJ, diferindo apenas em relação às determinações de exigência, que somado ao faixa preta – que no caso do Rio de Janeiro só é aceito acima de terceiro dan –, deverá haver o “nome do professor de Educação Física ou prático de judô, em situação regular com o Conselho Regional de Educação Física (CREF), com a FJERJ e com CBJ” (FEJERJ, 2007 p.2). O texto define a existência nominal de um professor de Educação Física (o Bacharel ou Graduado não poderia ser necessário também?), mas não define sua competência ou função no processo, nem quem seria o técnico, ou mesmo se ele deverá ou não estar presente nas sessões de treinamento. Interpreta-se, portanto, que a questão é apenas legal, da mesma forma que o impedimento por força da Lei 9696/98 (BRASIL, 1998) da atuação como técnico, em alguns estados do país, caso não haja filiação aos Conselhos de Educação Física. A CBJ também insere que:

“Art. 19 – Para ter direito de participação nas Competições promovidas pela CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, as Federações Filiadas deverão, além de atender às exigências Estatutárias da Entidade Dirigente do Judô Nacional, satisfazer as seguintes condições:”

“VII Os Técnicos das Equipes deverão apresentar obrigatoriamente a Carteira de Registro no CREF (Conselho Regional de Educação Física);” (CBJ, 2007, p 3-4)

Em ambos os documentos encontrados e analisados, não há referências da existência de formação específica para técnico de judô, e a indicação da necessidade de formação em Educação Física, também não é específica, além de legal. Na FPJ a formação em Educação Física dá ao faixa preta menos experiente (1º. E 2º. Dan) o direito de ser técnico, porém com o título de técnico em caráter provisório, conforme consta nos documentos anexados.

Arremetendo-se então às idéias de Bourdieu – discutidas durante as definições iniciais da Tese – percebe-se que o judô possui um espaço social bem definido que procura um isolamento de valores através de formação de faixa preta que será feita durante anos de convívio com a prática e que, esta formação deverá ser condição *sine qua non* para o desenvolvimento dentro do desporto, fato referendado nos documentos analisados onde há casos que até as funções administrativas deverão ser apenas exercidas por faixas pretas. A faixa preta se torna, portanto -

ainda sobre a influência de Bourdieu – o grande *capital específico* para o judô que, pelo menos nos documentos, é o que qualifica o praticante dentro do espaço social. Outra informação que pode ser introduzida está relacionada ao tempo de permanência no espaço social do judô que identificaria a formação de um *habitus* duradouro, isto é, para se formar faixa preta, o tempo de duração e submissão ao espaço social determinaria um comportamento padronizado em relação aos diversos setores que compõe o judô, porém o *continuum* da discussão nos arremete ainda a questão da formação do técnico e suas vertentes, que neste momento evidenciou-se a necessidade de estudar realmente a evolução de faixas até a faixa preta.

Num primeiro momento, a regulamentação da profissão de Educação Física, pelo menos às vistas da FPJ, provocou várias mudanças (Documento sobre “CREDENCIAMENTO TÉCNICO: REGULAMENTO” de 2000, anexo) que aparentemente não se perpetuaram, tendo em vista os outros documentos já mencionados de 2004 e 2007. Tal documento (2000) relata a necessidade de adequação à Lei 9696/98 (BRASIL. 1998), mas não dá conta das necessidades de transformação contemporâneas do desporto e a adaptação às novas exigências para um trabalho mais contextualizado em relação à tecnologia de treino. Nestes aspectos o documento enfatiza:

“SENHORES PROFESSORES DE JUDÔ

Para atender o disposto no Decreto-lei Federal nº 9.696, de 01 de setembro de 1998, sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e criação do Conselho Federal e Conselhos Regionais, após reunião com dirigentes desses órgãos e de outras Federações, especialmente de Artes Marciais, a Federação Paulista de Judô encaminhou solicitação de enquadramento dos professores de Judô, para **registro** nos respectivos órgãos, em duas condições, aproveitando os trabalhos que vem sendo realizados desde 1995, a saber: imediata e transitória.”

E continua:

“Diante do compromisso que a Federação Paulista de Judô estará assumindo com o Conselho Federal de Educação Física para poder encaminhar, rapidamente, o registro provisório de todos os Professores de Judô, **independente de serem formados ou não em educação física**, com qualificação, que atuam no Estado de São Paulo, será oferecido o CURSO DE CREDENCIAMENTO TÉCNICO...”

Torna-se interessante observar a adequação aos conselhos de Educação Física, observação que, obstante às críticas surgidas após a implantação da Lei, provocaram modificações, que apesar de pontuais, desestabilizaram a formação artesanal do judô. Neste primeiro momento – que aparentemente não se perpetuou – foi evidenciado o aprimoramento

através de cursos e estágios para o prático de judô, o que consequentemente colocou o profissional de Educação Física em posição de privilégio. Os módulos, apesar de serem curtos e superficiais, pelo menos trouxeram à formação de técnico de judô uma possibilidade de contato com outras formas de conhecimento além do prático, se bem que, a condição *sine qua non* para poder ser credenciado como técnico ainda é o 3º. Dan da faixa preta:

“Os interessados deverão, além de atender o disposto no Decreto-lei nº 9.696/98, possuir a graduação **mínima de faixa-preta 3º dan**, outorgada pela Confederação Brasileira de Judô ou por ela reconhecida, para serem aceitos como candidatos ao Credenciamento Técnico da Federação Paulista de Judô. No ato da inscrição deverão apresentar o requerimento de inscrição, *curriculum vitae* documentado, recolher a taxa correspondente e apresentar outros documentos relativos as atividades desenvolvidas no Judô.” (em anexo)

Por fim, os módulos contidos no texto se diferenciavam do que comumente era exigido para a formação de faixa preta em alguns aspectos, principalmente na questão da avaliação e estágio, sendo que alguns cursos foram diferentes, a saber, com a seguinte programação:

“Artigo 2º - FREQUÊNCIA E APROVEITAMENTO EM CURSOS - Os interessados deverão apresentar comprovantes de ter freqüentado, com aproveitamento, os seguintes cursos específicos:

- 1 - *Nague-no-kata*
- 2 - *Katame-no-kata*
- 3 - *Fundamentos Técnicos*
- 4 - *Historia, Filosofia e Ética no Judô*
- 5 - *Arbitragem de Judô*
- 6 - *Noções de Pedagogia para a Prática de Judô*
- 7 - *Educação Física Aplicada na Prática de Judô*
- 8 - *Organização Esportiva no Judô*
- 9 - *Treinamento Esportivo Aplicado no Judô*
- 10 - *Socorros de Urgência aplicados no Judô*

Artigo 3º - EXAME DE CONHECIMENTOS - Os interessados serão submetidos a avaliações teóricas e práticas a saber:

- a) Exame teórico - questões versando sobre os itens 4, 5, 6, 7; 8; 9 e 10 do Artigo 2º;
- b) Exame prático - demonstrações na prática sobre os itens 1, 2 e 3 do Artigo 2º.

Artigo 4º - ESTÁGIO PRÁTICO - Os interessados deverão realizar Estágio Prático específico sobre ensino e treinamento de Judô de, no mínimo, 180 (cento e oitenta) horas em instituições recomendadas pela Federação Paulista de Judô.

Artigo 5º - AVALIAÇÃO DAS EXIGÊNCIAS E DO DESEMPENHO - Será de responsabilidade da Comissão Permanente de Credenciamento Técnico da Federação Paulista de Judô a análise e avaliação da documentação apresentada e do desempenho dos candidatos.” (em anexo)

Como visto, há uma exigência diferenciada da que normalmente era proposta, porém não houve relação direta, com entendimento global da necessidade de modificação em relação às Ciências do Desporto. O que há é uma adequação legal às normas impostas pela legislação que, após o relaxamento das imposições iniciais, aparentemente se desestabilizou, conforme visto nos documentos de credenciamento técnico, que salvo melhor juízo, indicam apenas as exigências em relação ao participar como técnico em torneios oficiais. Com isto, percebe-se o retorno da faixa preta enquanto formação para o judô, continuando o sistema de ofício e do *habitus*.

Neste mesmo período, e ainda enfocando as relações entre o desenvolvimento de cursos direcionados às práticas de adequação aos conselhos de Educação Física, surgiu o “Curso para os Profissionais Provisionados em judô” (em anexo) que ao contrário dos anteriores não era de credenciamento técnico, mas sim para provisionados em relação aos conselhos, conforme é relatado no documento:

“Com a finalidade de atender as determinações do CONFEF, através das Resoluções nº 013/99 e 045/02, para o enquadramento dos profissionais não graduados no que dispõe o Decreto-Lei nº 9696/98, de 01/09/98, que regulamenta as atividades próprias dos profissionais de Educação Física, a Federação Paulista de Judô propõe a realização de cursos de atualização e/ou aperfeiçoamento aos interessados na modalidade.

De acordo com a orientação do CREF4/SP, poderão ser validados os cursos realizados após 01 de setembro de 1998, portanto, aqueles que tenham frequentado os cursos que serão exigidos nesse processo de regulamentação da profissão poderão ter sua carga horária complementada”.

Esta característica transitória é interessante, pois um fator externo, como a Regulamentação da Educação Física, constituiu a força transformadora da condição artesanal em um primeiro momento, apresentando-se para o judô como reorganizadora de sua estrutura, pelo menos no estado de São Paulo. Continuando o estudo deste mesmo documento, ele irá apresentar o rol dos cursos oferecidos para os praticantes que buscam a tornar-se Provisionados e assim estar de acordo com o previsto em Lei. Os temas abordados foram:

Rol dos cursos:

- 1 - História e filosofia do Judô - 04 horas
- 2 - Fundamentos técnicos de nague-waza - 20 horas
- 3 - Fundamentos técnicos de katame-waza - 16 horas
- 4 - Aperfeiçoamento em nague-no-kata - 20 horas
- 5 - Aperfeiçoamento em katame-no-kata - 12 horas
- 6 - Noções de pedagogia e educação física infantil na prática do Judô - 12 horas
- 7 - Noções de socorros de urgência nas atividades de judô - 04 horas

8 - Treinamento esportivo aplicado ao judô - 08 horas

9 - Organização esportiva do judô e ética profissional - 04 horas

Nesta divisão, há ainda o predomínio de atividades relacionadas ao “saber fazer”, que interagem com as práticas de movimentos de lutas e conceitos orais do judô, e também apresentam uma carga horária menor de elementos teóricos que, apesar de serem restritos para grande parte dos provisionados – senão a totalidade – foram informações que acessaram pela primeira vez em sua formação de judoca. Esta superficialidade temática poderia ser um indício da transformação da escola de ofício em direção ao modelo de formação Acadêmica, porém esta afirmação é impossível de ser verificada devido a este ser o momento estudado. Apenas o passar de anos poderá responder a esta questão. Para o momento pode-se afirmar que:

- A Regulamentação da profissão Educação Física (Lei 9696/98) desestabilizou, em um primeiro momento, a formação tradicional de faixa preta.
- Normas internacionais do judô, expressas pelas regras, motivaram adequações para a terminologia de professor para técnico, porém a formação deste técnico ainda é restrita ao termo, sem a devida adequação acadêmico-científica.
- A única relação possível de ser observada da demanda de recursos humanos para o judô – técnicos, dirigentes, preparadores físicos, monitores e treinadores, entre outros – dá-se pela formação de faixa preta e de suas “graduações”, onde é percebido que o acúmulo de *dans* (graus) corresponderá ao acúmulo do *capital específico* exposto por Bourdieu. Portanto, estudar a relação de formação para o judô, neste momento, não é outra coisa senão estudar o processo de formação de faixa preta.

5.2.2 – Os documentos e a formação do faixa preta de judô

Os documentos que fazem referência à formação de faixas pretas da instituição CBJ não se encontram disponíveis, e também seus requisitos e critérios, porém os documentos da FPJ sobre formação e da FJERJ apresentam a justificativa para o fato de, segundo a FPJ:

“A promoção de grau para Faixa Preta de Judô é competência exclusiva da Confederação Brasileira de Judô que, por delegação específica, autoriza a Federação Paulista de Judô a realizar **Exames de Graduação** até o 5º (quinto) Dan, aos candidatos registrados por entidades filiadas em sua jurisdição.” (FPJ, 2000)

Já a FJERJ é mais específica, definindo em seu “Regulamento para promoção de dan” que:

“Art.2 – Os exames à shodan, nidan, sandan e yondan¹⁸ a partir de 1993 estão sendo, somente, realizados pelas Federações, de acordo com o ato 06/93 da Confederação Brasileira de Judô.” (FJERJ, 1997, p.18)

Entende-se então que há uma regionalização em relação à promoção de faixa preta e que, apesar de serem efetuadas as promoções pelos estados, há o controle central da CBJ, que outorga e valida os exames. Há ainda, estudando o documento da FJERJ (2006), uma interferência internacional da Federação Internacional de Judô (FIJ) no processo. O documento afirma:

“SEÇÃO II; Art. 38.

XX- outorgar graduação de faixas, instituindo e regulando a matéria, respeitadas as normatizações emanadas da FIJ e da CBJ.” (FERJ, 2006, p. 20)

Apesar de o enfoque desta tese estar centrada, neste momento, na formação de faixas pretas, o documento do Rio de Janeiro também dá um panorama anterior ao momento de exame de faixa preta, isto é, um evento pontual, pois sem a panorâmica inicial desta formação, se abrirá um vácuo no entendimento da construção do *habitus* do praticante de judô. Anote-se que a figura abaixo (figura 22), apresentada na internet pela FJERJ, é o único documento deste tipo que normatiza as subdivisões de formações de faixa. Outros documentos existem, porém não constam de normativas, sendo apenas acessórios e apresentando-se como sugestão:

¹⁸ Primeiro, segundo, terceiro e quarto dan respectivamente.

ANEXO SOBRE PROMOÇÃO E CONTROLE DE FAIXAS

Este anexo tem o objetivo de salientar alguns pontos concernentes ao Regulamento Nacional de Promoção e Controle de Faixas da Confederação Brasileira de Judô. Em vigência desde de 1996.

Do Capítulo III – DAS HABILIDADES TÉCNICAS E CONHECIMENTOS MÍNIMOS

O (a) candidato (a) da Classe Iniciante (7º ao 1º KYU), no exame de faixa, deverá apresentar pelo menos habilidades técnicas e conhecimentos mínimos:

INICIANTES	HABILIDADES E CONHECIMENTOS MÍNIMOS
7º KYU (FAIXA CINZA)	- Postura e maneira de segurar no oponente; - Tipos de saudações utilizadas no judô; - Maneira de sentar sobre o tatame; - Tipos de amortecimentos de quedas e - Dois tipos de projeções.
6º KYU (FAIXA AZUL)	- Postura e maneira de segurar no oponente; - Tipos de saudações utilizadas no judô; - Tipos de amortecimentos de quedas; - Três tipos de projeções e - Três tipos de imobilizações.
5º KYU (FAIXA AMARELA)	- Os tipos de passos utilizados no Judô; - Os giros do corpo utilizados no Judô; - Os amortecimentos de quedas utilizadas no Judô; - Seis tipos de projeções em pé e ` - Quatro tipos de imobilizações.
4º KYU (FAIXA LARANJA)	- Seis tipos de projeções; - Cinco tipos de projeções combinadas; - Oito tipos de contragolpes e - Quatro tipos de imobilizações.
3º KYU (FAIXA VERDE)	- Dez tipos de projeções; - Oito tipos de projeções combinadas; - Sete tipos de contragolpes; - Desenvolvimento em Katame-Waza.
2º KYU (FAIXA ROXA)	- Dez tipos de projeções; - Dez tipos de projeções combinadas; - Dez tipos de contragolpes; - Desenvolvimento em Katame-Waza; - Divisão do Nage-Waza; - Divisão do Tachi-Waza e - Divisão do katame-Waza.
1º KYU (FAIXA MARROM)	- Doze tipos de projeções; - Nove tipos de projeções combinadas; - Doze tipos de contragolpes; - Desenvolvimento em Katame-Waza; - Divisão do Nage-Waza; - Divisão do Tachi-Waza; - Divisão do Katame-Waza - Seqüência do Nage-No- Kata.

Figura 22 – Normas do controle de faixa (<http://www.judorio.org.br>)

O tipo de treinamento sugerido pela norma apresentada, reflete um direcionamento de progressão de movimentos e golpes refletindo uma “pirâmide invertida”, de movimentos específicos, em que o domínio progressivo do número de técnicas será o responsável pela qualificação em uma nova fase ou faixa.

Afastando-se um pouco do debate central, e alertando para possíveis estudos posteriores, esta pirâmide invertida não deveria ser repensada, por estar focada em poucos movimentos específicos em cada fase e posterior cobrança através do exame de faixa? Não seria interessante para as fases menores o maior número possível de movimentos e golpes, porém com

pouca cobrança de desempenho na excussão para trabalhar a variabilidade de movimentos? Conforme as faixas forem superadas – assim como a idade do praticante - apareceriam as cobranças em relação à perfeição dos movimentos, com isto, apreciando Drigo (2006 p.141), “teríamos um trabalho direcionado às diferentes faixas etárias objetivando atender as necessidades destas, respeitando sempre a fase e o processo evolutivo do praticante”.

Retornando o estudo em si, ainda a FERJ apresenta outro informe (Figura23) sobre a formação anterior que é a questão do tempo mínimo de permanência em cada faixa, inclusive nas faixas de graduação superiores e de domínio das federações:

Do Capítulo IV – DA INSCRIÇÃO PARA EXAME E PROVA

Ter a condição mínima prevista no quadro abaixo:

Classe de iniciantes: (7º ao 1º KYU)

EXAME / FAIXA	IDADE MÍNIMA	CARÊNCIA MÍNIMA
7º KYU (CINZA)	06 ANOS	03 meses como faixa branca
6º KYU (AZUL)	07 ANOS	03 meses como faixa cinza
5º KYU (AMARELA)	08 ANOS	06 meses como faixa azul
4º KYU (LARANJA)	09 ANOS	06 meses como faixa amarela
3º KYU (VERDE)	10 ANOS	12 meses como faixa laranja
2º KYU (ROXA)	12 ANOS	12 meses como faixa verde
1º KYU (MARROM)	14 ANOS	12 meses como faixa roxa

Classe de graduados: (1º ao 5º DAN)*

EXAME / GRADUAÇÃO	IDADE MÍNIMA	CARÊNCIA MÍNIMA
1º DAN	15 ANOS	01 ano como 1ºKYU
2º DAN	17 ANOS	02 anos como 1ºDAN
3º DAN	21 ANOS	04 anos como 2ºDAN
4º DAN	26 ANOS	05 anos como 3ºDAN
5º DAN	31 ANOS	05 anos como 4ºDAN

***Salientando que na Classe de graduados (1º ao 5º DAN) existem outros itens que devem ser considerados além do tempo de carência.**

Figura 23 – Tempo de permanência em cada fase do judô (<http://www.judorio.org.br>)

Conforme este documento, deverá o praticante passar no mínimo cinco anos e seis meses de treinamento para chegar a faixa preta, caso tenha aproveitamento total em todas as fases e os exames forem coincidentes com todos os períodos de carência. Então a aquisição de conhecimentos da faixa branca até a faixa marrom é exclusivamente prática, ou seja, de habilidades e normas de etiquetas pertinentes ao judô, que no documento da LPJ torna-se um exemplo bem claro, quando observa-se:

“Tradicionalmente, no Japão, as saudações são feitas sem nenhum contato físico. Portanto, apertos de mão, abraços ou batidinhas nas costas não são necessários dentro do Dojo. Por causa dos costumes ocidentais, porém, é comum vermos a saudação (Ritsu-Rei) muitas vezes ser seguida de um aperto de mão. Quando estiver cumprimentando um Sensei, espere que qualquer atitude mais calorosa parta dele, não tomando nunca a iniciativa.” (MORANDINI NETO, 2004 p.10).

Estas normas técnicas e *estruturas duradouras*, são aprendidas pelos judocas de forma prática, isto é, através da vivência e convivência duradoura com o treinamento de judô, e está apontado claramente como um dos princípios básicos das Escolas de Ofício, que durante a discussão, esteve sempre adjacente ao exposto: o aprender fazendo, o saber fazer esteve sempre relacionado à formação do judoca. Isto fica claro pela LPJ quando expõe:

“A ética e a etiqueta dentro do Judô estão diretamente associadas à sua expressão máxima: a educação, a prosperidade e o respeito mútuo. Como instrumento de educação, o Judô é formado por um conjunto de atitudes e posturas, que tem sua prática associada tanto à técnica quanto à filosofia. Do respeito a esse conjunto de atitudes e posturas é que depende a sobrevivência da essência e do verdadeiro espírito do Judô. Normalmente o judoca aprende a se conduzir dentro do Dojo de forma intuitiva, vendo e repetindo posturas e atitudes. A Etiqueta vem sendo transmitida, muitas vezes informalmente, de geração para geração, dentro dos princípios que deram origem ao Judô.” (MORANDINI NETO, 2004, p.10).

Vale ainda salientar que a LPJ é a entidade mais nova das analisadas, tendo seu início no ano de 2000 e que, devido a isto deveria ser a mais diferenciada e inovadora, porém não foram observadas mutações, mas a manutenção – até certo ponto mais severa – do processo artesanal.

Com o entendimento do caminho ao destino de faixa preta desvelado, cabe agora a verificação dos exames e quesitos para chegar aos graus de formação do desporto estudado. A estrutura documental de suporte para estas informações está relacionada a três fontes principais, a FPJ, a LPJ e a FJERJ, porém a FPJ apresenta em seu site as normas para promoção de faixas dos anos de 2000, 2004 e 2007, possibilitando observar as mudanças ocorridas, nos outros sites só permitem acesso às normas atuais.

Os documentos da FJERJ descrevem o tempo de formação em cada etapa, conforme apresentado anteriormente, e também os quesitos administrativos para participar no exame, como a necessidade de filiação nas entidades – FJERJ e CBJ – e os critérios para participar do exame:

“Art. 4º - Os candidatos à shodan, nidan, sandan e yondan deverão, no ano em que irão prestar exame:

- a) se inscrever com a autorização do professor de sua agremiação, que deverá estar com a sua situação regularizada na FJERJ e CBJ;
- b) ter carência para promoção no ato da inscrição;
- c) freqüentar integralmente todos os módulos da Federação de Judô do Estado do Rio de Janeiro, podendo ter apenas uma falta.” (FERJ, 2007, p. 18).

Neste momento aparece claramente a questão do “professor”, onde a autorização do mesmo é condição para prestar o exame. Isto denota outra característica da escola de ofício, a presença do “Mestre” no processo. Impreterivelmente, após aprender fazendo, a figura do “mestre” estará presente nas relações entre o aluno e a entidade administrativa, sendo que seu aval será o condicionante para a ascensão do praticante no espaço social do judô. Esta necessidade é tão evidente que o mesmo documento considera que, caso não houver um “professor” mais graduado que o candidato na associação que pertence, outro “Mestre” deverá ser responsável pela sua indicação:

“Parág. 2º - O candidato à promoção de Dan, filiado à agremiação federada à FJERJ, que não tenha no professor responsável a graduação mínima exigida, ou seja, a graduação superior à do candidato para regularizar a sua inscrição no processo de exame para promoção, poderá solicitar a outro professor, de outra agremiação federada à FJERJ e com graduação reconhecida por esta e pela CBJ, que assine os respectivos formulários e compareça às reuniões programadas, dessa forma atendendo a essa exigência.” (FERJ, 2007, p. 18).

Outro ponto que encerra as informações pertinentes a este documento é a participação voluntária, no sentido da remuneração, e obrigatória enquanto participação - para o exame de faixas – de atividades que contribuam com a FJERJ, a saber, trabalhar como oficial de mesa ou árbitros de competições oficiais da federação. Observam-se duas relações com o referencial teórico de Bourdieu, que inicialmente é o contato mais aprofundado em relação ao espaço social, ou seja, a participação direta em relação à parte administrativa dos eventos de judô que, mesmo superficialmente, diferencia-se das faixas anteriores. Outra relação percebida é a do acúmulo progressivo de *capital específico* dentro do desporto, onde passa-se primeiramente na função de mesário, e após isso na função de árbitro, formando um novo dimensionamento de fatores hierárquicos dentro da modalidade, que além das faixas, exige a progressão de atividades de arbitragem – diferentes de outros desportos, onde a arbitragem é opção pessoal, neste caso ser

árbitro é obrigação - desde a função de oficial de mesa até as graduações dentro da própria arbitragem. A saber:

“Art. 12 - O Quadro de Árbitros será formado por Árbitros de acordo com a seguinte classificação da Federação Internacional de Judô: ESTADUAL - NACIONAL C - NACIONAL B - NACIONAL A - ASPIRANTE A FIJ C - INTERNACIONAL C - INTERNACIONAL B e INTERNACIONAL A.” (FERJ, 2007, p. 24).

Os módulos e os cursos oferecidos pela FJERJ não são discriminados. Apenas há menção de estágios técnicos apresentados, por exemplo, no Boletim Oficial 010/07 de 22 de maio de 2007 (em anexo) que indica a execução destes cursos, porém não é relatado seu conteúdo.

Por outro lado, a formação de faixas pretas da FPJ é mais explicada em seus documentos, constando de informações semelhantes ao da FJERJ quanto às carências e pré-requisitos - que seguem as determinações da CBJ - e também, aumentam os conteúdos informativos para a análise. Infelizmente a LPJ em sua apostila de graduação faz menção apenas às terminologias, normas e imposições de comportamentos, alguns até deselegantes para a modernidade, porém que focalizam muito a formação artesanal e até mesmo o tipo de estrutura de poder existente nas relações, onde fica difícil a identificação como sessão de treino ou uma atividade de cunho diferenciado do desporto. Isto torna-se estranho, sobretudo para uma entidade que começou a sua atividade há apenas oito anos. Com relação a isto o que pode ser refletido é a característica pós-moderna da sociedade atual, pois conforme se apresentam os elementos da LPJ, percebemos que há um direcionamento para uma prática de desenvolvimento religioso ou cultural em detrimento de um desenvolvimento desportivo. Algumas normas são claras, foram selecionadas, pois chamam atenção quanto às atitudes:

- “-Nunca se atrase para o início de um treino.
- Não converse ou faça brincadeiras
- Treine com o máximo esforço e dedicação
- Quando estiver em pé, ouvindo alguma explicação ou observando o treino, a postura correta é Shizen-Hontai, ou seja, com o corpo ereto e as mãos soltas ao lado do corpo. Cruzar os braços, apoiar as mãos na cintura ou cruzá-las atrás das costas denota falta de interesse ou respeito.
- Exceto por estar extremamente cansado ou machucado, nunca recuse treinar com um Sensei.
- Trate os instrutores, superiores e colegas com respeito e cortesia. (MORANDINI NETO, 2004)

As questões apontadas dão ênfase aos comportamentos e atitudes dentro de uma sessão de treino de judô que, sob olhar pedagógico sobre o desporto, não faltam indagações sobre as atitudes, como: por que de não conversar ou fazer brincadeiras? Estão se relacionado a crianças, jovens ou adultos? As estratégias de utilização de jogos ou até mesmo lúdicas deverão ser desconsideradas para o treino de judô? Por que muitas vezes as posturas normais são consideradas erradas? Como são feitas as avaliações de desgaste físico ou stress físico para as exigências de continuar treinando mesmo cansado? Qual o papel do Sensei, treinador ou líder? Porque o termo “superiores”? As prováveis respostas destas perguntas estão relacionadas com o domínio esperado pela ação da formação artesanal e a estruturação do hábito de treino durante a convivência com a modalidade. Os tipos de relações sociais encontram-se de acordo com o esperado. Interessante também é o apontamento do atraso ao início do treinamento que, conforme é apresentado pelas normas:

“Caso o Sensei (responsável pelo treino ou de alta graduação) adentre o Dojo após o início do treino, as atividades deverão ser interrompidas pelo mais graduado (Mate). Será dado o comando Kiotsuke (todos se voltarão para o Sensei). Após o comando ‘Rei’ todos saudarão o Sensei em Ritsu-Rei.” (MORANDINI NETO, 2004, p.11)

Está clara então a questão da relação com o “mestre artesão”, onde ele é a fonte do saber, e a ele deve-se o respeito, já que mesmo se atrasando, os discípulos devem interromper sua sessão de treino para fazer a reverência. Continuando com as informações sobre a relação entre mestre e discípulo:

“Ao treinar com os Senseis, faça isso da maneira mais solta possível. Deixe que ele faça sua pegada (Kumi-Kata), demonstrando respeito e consideração. Quando estiver descansando ou observando o treino, jamais dê as costas para Shomen¹⁹. (MORANDINI NETO, 2004)”

O Shomen estaria relacionado ao altar a frente do local de prática destinado ao criador do judô ou mestre já idoso ou mesmo falecido que continua responsável pelo local de prática. Conforme a estrutura de ofício, já estudada na revisão da literatura, as Corporações de Ofício necessitam de um *santo padroeiro* de sua ordem (RUGIU, 1998). Voltando ao desporto em si, outra questão que mostra o afastamento do rendimento é em relação as vestimentas:

¹⁹ Frente, ou fachada (MICHAELIS, 2003)

“Não ande com seu Judogi aberto ou sem a parte superior do mesmo“

“Evite todo e qualquer tipo de adorno no Judogi. Identificação da academia, nome do judoca e demais informações visuais devem ser usados com bom senso, critério e de maneira discreta.”

“O Judogi deve ser sempre de cor branca, pois esta cor representa a pureza de espírito. No Japão feudal era comum o uso do Kimono preto. O sensei Jigoro Kano, porém, introduziu o uso do Judogi branco para os treinamentos de Judô com o objetivo de atrair boas vibrações e boas energias. Por este motivo não se deve usar Judogi de outras cores durante os treinamentos de Judô (leia o texto ‘O Judogi Branco’ nesta apostila).”

Contextualizando as observações em relação ao treinamento e a utilização da vestimenta, entende-se que, se o treinamento for intenso, usar estratégias de ventilar o corpo ou abrir a vestimenta é importante para evitar a intermação, lembrando as questões climáticas que diferenciam o Brasil e o Japão e que o kimono é um uniforme bem quente para o clima do país. Se a sessão de treinamento é voltada para o desempenho, esta deveria ser a menor das preocupações. Como a relação da cor do uniforme ou a aplicação de adornos, que se refere ao patrocínio propriamente dito, no caso da LPJ isto não é desejável. Estes fatores indicam claramente a opção desta entidade por uma prática do judô como um meio de vida – religião (?) – do que propriamente uma prática desportiva.

As informações da LPJ auxiliam o entendimento da estrutura de ofício relacionado às práticas de um judô mais tradicional, porém enquanto desporto de competição, a FPJ deve apresentar diferenças, pois como participante da CBJ, responsável pelo judô competitivo brasileiro, pelo menos as normas internacionais são aceitas – como as diferentes cores de kimonos - e a estrutura competitiva deve ser mais fundamentada. Em relação a estrutura de formação de faixa pretas da FPJ, como dito anteriormente, foram analisados os regulamentos da entidade dos anos de 2000, 2004 e 2007.

Os documentos são muito semelhantes e apresentam diferenças mínimas, principalmente as dos anos de 2004 e 2007 que mantêm a mesma estrutura e conteúdo. Como é de praxe, a norma para inscrição são as mesmas para as carências e indica, como na FJERJ, a mesma necessidade da permissão do “professor”, porém há ainda a necessidade do aval de um mestre intermediário – delegado regional – para dar entrada na inscrição do exame:

Artigo 4º.

Parágrafo único: A ficha de inscrição deverá conter a declaração do Professor Responsável o qual dará a sua autorização, atestando que o candidato possui idoneidade moral e se responsabilizando pelo mesmo, e bem como, receber parecer do Delegado

Regional ou de um membro da Delegacia, especialmente designado para essa finalidade. (FPJ, 2006a; FPJ, 2006b; FPJ, 2007)

A FPJ é a primeira, pelos documentos analisados que define claramente o conteúdo exigido para o exame de formação de faixa preta, definindo este como:

“Artigo 7º - Para candidatos do 1º ao 5º DAN, o Exame de Graduação deverá abranger as seguintes áreas:

1) Conhecimento teórico - História, filosofia e ética do Judô, princípios de ensino e pedagogia do Judô, organização esportiva do Judô, noções de socorros de urgência, arbitragem de competições de Judô;

2) Conhecimento prático - demonstrar habilidades técnicas, conforme consta do Artigo 10º do Regulamento de Promoção e Controle de Faixas da CBJ.

Parágrafo único: Os candidatos do 3º ao 5º DAN deverão ainda, demonstrar experiência no ensino dos fundamentos básicos do Judô destinado aos iniciantes (até 1º Kyu).” (FPJ, 2006a; FPJ, 2006b; FPJ, 2007).

Munido desta informação é confirmada a relação predominante do domínio prático na formação de faixa preta e, ao que se refere ao domínio teórico, está centrado em elementos formativos direcionados a uma formação específica, podendo considerar o único elemento de formação geral o curso de primeiros socorros. Pela observação do rol de elementos que são cobrados para o exame, pouca ou nenhuma relação é feita com a Metodologia de Treino ou Ciências do Desporto. A questão da prática da academia, do cotidiano no tatame e do *Habitus* do judô imperam em relação ao exame, tendo até mesmo dominância quando se trata do conhecimento teórico. Isto é refletido por toda a preparação e cursos válidos serem de caráter exclusivo da FPJ:

“Artigo 8º - Compete à Federação Paulista de Judô ministrar cursos e oferecer estágios nas áreas dos conhecimentos teórico e prático, dispostos no Artigo 7º, visando a preparação dos candidatos.” (FPJ, 2006a; FPJ, 2006b; FPJ, 2007).

Outra informação semelhante ao já relatado na FJERJ é referente às atividades de mesários ou arbitragem, que na FPJ é denominada “atividades Gerais”, e que mantém a mesma relação da inserção obrigatória e progressiva no espaço social do judô, que apresenta-se como avaliação anterior a inscrição para o exame:

“Artigo 14) A avaliação das ATIVIDADES GERAIS refere-se à iniciativa e desempenho do candidato em atuações de interesse ao desenvolvimento do Judô, a nível regional, estadual, e nacional. Essa avaliação será feita através da atribuição de pontos...” (FPJ, 2006a; FPJ, 2006b; FPJ, 2007).

E conforme há nas estruturas de ofício (Corporações de Ofício), não é o próprio mestre que avalia a capacidade do artesão ou judoca, mas sim é formada, na capital, uma banca examinadora com mestres externos ao aprendizado. Esta banca define-se por:

“Artigo 9º - O exame será realizado através de provas escritas e demonstrações práticas, de acordo com a graduação pretendida, sob a responsabilidade de uma Comissão Examinadora, especialmente nomeada para essa finalidade.
....com apresentação pública, submetendo-se o candidato à avaliação de uma Banca Examinadora composta por Professores, devidamente qualificados e designados para essa finalidade.”.(FPJ, 2006a; FPJ, 2006b; FPJ, 2007).

Finalmente, ressaltando as discussões anteriores da relação entre os Conselhos de Educação Física e o judô, selecionando os cursos oferecidos nos documentos da FPJ, percebe-se que o curso de 2000 continha os temas:

- a) ARBITRAGEM E/OU OFICIAIS DE MESA;
 - b) NOÇÕES DE PRIMEIROS SOCORROS;
 - c) ORGANIZAÇÃO ESPORTIVA DO JUDÔ;
 - d) HISTORIA, FILOSOFIA E ÉTICA DO JUDÔ;
 - e) NOÇÕES DE PEDAGOGIA APLICADA AO JUDÔ;
 - f) FUNDAMENTOS E TÉCNICAS EM GERAL
 - g) KATA;
 - h) EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL NO JUDÔ;
 - i) TREINAMENTO ESPORTIVO APLICADO AO JUDÔ.
- (FPJ, 2006a)

Em 2004, os cursos eram:

- a) OFICIAIS DE MESA;
 - b) ARBITRAGEM;
 - c) HISTORIA E FILOSOFIA DO JUDÔ;
 - d) ORGANIZAÇÃO ESPORTIVA DO JUDÔ e NOÇÕES DE PRIMEIROS SOCORROS;
 - e) NOÇÕES DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL APLICADAS AO JUDÔ;
 - f) FUNDAMENTOS DE TÉCNICAS EM GERAL
- (FPJ, 2006b)

Em 2007 teremos os cursos:

- a) OFICIAIS DE MESA;
- b) ARBITRAGEM;
- c) HISTORIA E FILOSOFIA DO JUDÔ;

- d) ORGANIZAÇÃO ESPORTIVA DO JUDÔ e NOÇÕES DE PRIMEIROS SOCORROS;
- e) NOÇÕES DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL APLICADAS AO JUDÔ;
- f) FUNDAMENTOS DE TÉCNICAS EM GERAL
(FPJ, 2007)

Como observado anteriormente, após o momento inicial de adequação legal, as mudanças pontuais principalmente em relação à formação do técnico desportivo, acabou regredindo. A retirada do curso de 2000, “treinamento desportivo aplicado ao judô”, e a aglutinação dos cursos de pedagogia e Educação Física infantil aplicada a judô, são representantes do possível retrocesso.

Este estudo de documentos enfatizou a questão das semelhanças entre o espaço social do judô e as Escolas de Ofício, onde até o momento existiram apontamentos sobre capital específico, mas foi enfatizando o artesanato. Com isto percebeu-se uma relação clara nos elementos:

- Os aprendizes judocas aprendem essencialmente fazendo;
- Apresentam entidades semelhantes às Corporações de Ofício (CBJ, FPJ, FJERJ, LPJ);
- Existe um poder máximo centralizado, que aparece adjacente, mas dita as normas do ofício - conforme o Vaticano foi para as estruturas medievais de Ofício - neste caso é a FIJ;
- A figura do mestre é claramente responsável por toda formação do aprendiz, tanto formal como legalmente.
- Existe uma estrutura semelhante à religiosidade que há nas Corporações de Ofício, só que é representada, neste caso, pela religiosidade ou “filosofia” oriental;
- E por fim, a apresentação da “obra-prima” – os movimentos técnicos - a uma banca examinadora formada por outros mestres que avaliarão o aprendiz na capital do estado em evento específico.

Continuando o estudo, no próximo momento de análise, o enfoque será a busca, dentro das lutas de judô, das estruturas duráveis relacionadas ao *habitus* que também se apresentaram nos documentos, mas não de forma individualizada, e sim pela ação do praticante em relação ao seu espaço social ou de atuação.

5.3 - *Habitus* do judoca brasileiro nas lutas – O desempenho em Atenas 2004.

A abordagem triangular de métodos, que intencionalmente foi escolhida para este trabalho, esteve pautada na possibilidade de não descartar questões culturais que geralmente associam-se às pesquisas em Educação Física do Brasil para o enfoque qualitativo. Porém, conforme foi exposto inicialmente à proposta da tese, não era desejada a fragmentação da pesquisa nas próprias questões que o dualismo (biológico x social, ou quantitativo x qualitativo) impõe. Da mesma forma que a questão documental trouxe elementos de análise interessantes para a discussão sobre o ofício, o esperado é que as questões quantitativas também sejam suficientemente significativas para a observação do reflexo da formação artesanal sobre o desempenho em si. Com isso, não seria desprezada a questão da Ciência aplicada ao Desporto de rendimento, que durante a discussão está sendo considerada uma contribuição necessária para o desenvolvimento e adequação aos novos desafios que a realidade competitiva impõe.

Como proposto anteriormente, serão focadas as cinco categorias do sexo masculino, nas quais os lutadores Brasileiros nos Jogos Olímpicos de Atenas 2004 participaram em pelo menos duas lutas. Neste contexto, será também abordada a participação conjunta da análise da Mídia televisiva conforme a narração do evento apresentado. Convém lembrar que outras análises da participação dos comentaristas em outros programas, que não a transmissão ao vivo da luta analisada, será feito posteriormente.

A ordem de análise será a mesma da programação dos Jogos Olímpicos, ou seja, da categoria mais leve até a mais pesada, fazendo as considerações dentro das lutas de uma categoria na ordem em que ela se apresentou.

A representação gráfica que demonstra a dinâmica do combate será apresentada nos resultados das lutas individuais, enquanto a tabela completa de análises estará disponível nos anexos. Devido aos gráficos serem simplificados para o estudo, representando a dinâmica da luta em um mesmo eixo, torna-se difícil a percepção de pontos concomitantes (coincidentes) por possuírem a cor do lutador predominante. Devido a isto, será apresentada também uma tabela resumida dos números totais de ações de acordo com sua classificação, além do coeficiente de eficiência.

- **Categoria meio-leve, até 66 kg.**

A categoria até 66 kg das Olimpíadas de Atenas 2004, foi disputada no segundo dia de competições de judô, possuindo um número de 32 lutadores inscritos. O campeão foi o atleta japonês Masato Ueshiba, que para ser campeão teve que ganhar cinco lutas. O Brasil foi representado pelo atleta Henrique Guimarães que participou de duas lutas, ganhando uma delas e perdendo a outra, não participando da repescagem.

1ª. Rodada: Henrique X Bang (Coréia) – Vitória Henrique

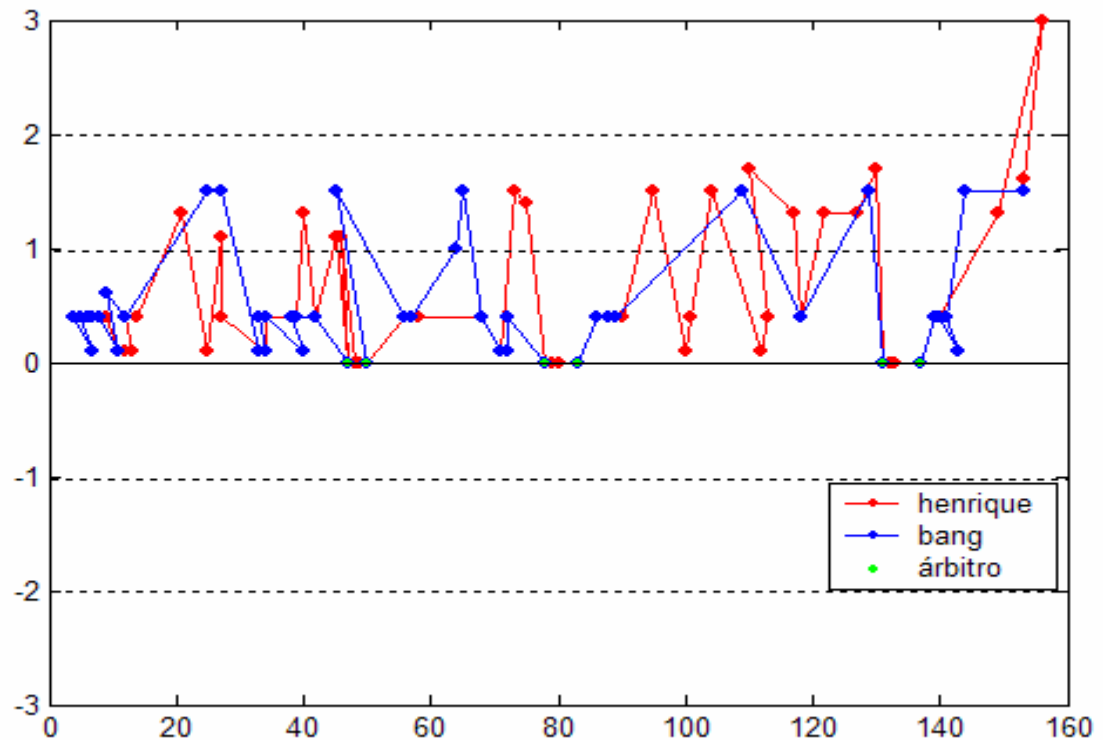


Figura 24 - Henrique X Bang

Tipo de ação e seqüências	Henrique	Bang	Ações da luta e arbitragem
Tempo perdido (segundos)			0
Seqüências de luta			4
Seqüências Vencidas	2	1	
Seqüências empatadas	1	1	
Seqüências em vantagem	0	0	
Ações não determinantes	34	31	
Ações determinantes	14	9	
Ações de pontuação	1	0	
Ações de desvantagem	1	1	
Ações punitivas	0	0	
Quedas sem pontos	0	0	
Qef	2,33	3,5	

Quadro 3 – Ações da luta – Henrique X Bang.

Na primeira luta do atleta Henrique, há um predomínio de equilíbrio evidente, em que há um número maior das ações determinantes do brasileiro, por haver duas ações de defesa, duas de antecipação e uma de contragolpes, que se somaram em relação ao valor final. A luta foi equilibrada em relação ao chão, sendo que ambos os lutadores não tiveram grande expressão neste quesito, e uma ação isolada deu a vitória para o brasileiro. Esta vitória já suscitou comentários da mídia, como por exemplo, “*Henrique mostrou que está no dia*”, referindo-se à grande possibilidade de vitória do atleta brasileiro no campeonato.

2ª. Rodada: Henrique X Dzhafarov (Russia) – Derrota Henrique

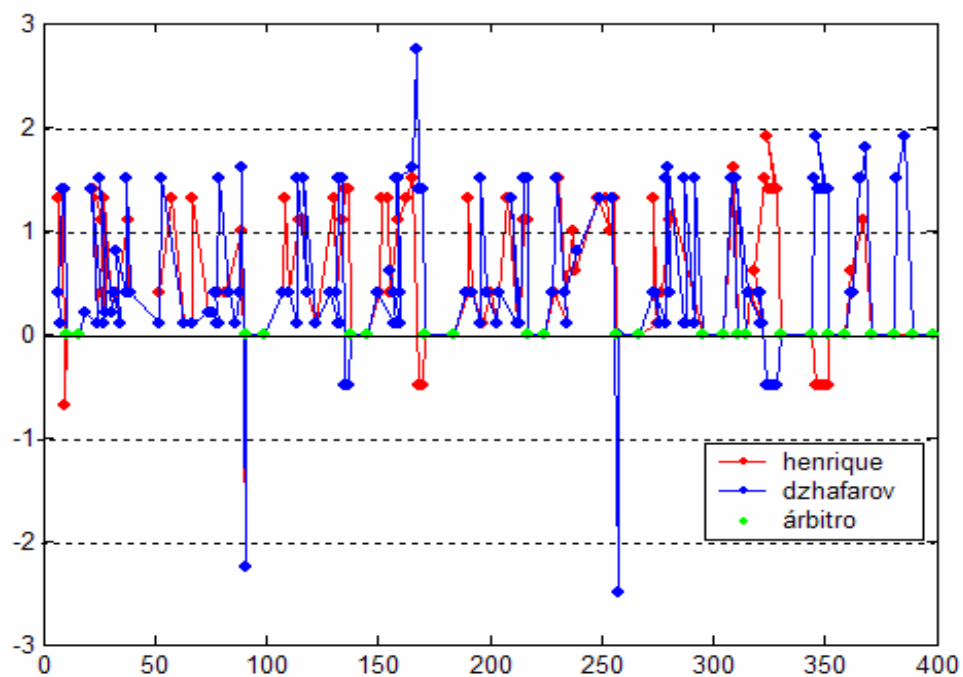


Figura 25 - Henrique X Dzhafarov

Tipo de ação e seqüências	Henrique	Dzhafarov	Ações da luta e arbitragem
Tempo perdido (segundos)			6
Seqüências de luta			13
Seqüências Vencidas	3	8	
Seqüências empatadas	3	3	
Seqüências em vantagem	0	10	
Ações não determinantes	60	66	
Ações determinantes	37	40	
Ações de pontuação	0	1	
Ações de desvantagem	11	9	
Ações punitivas	1	2	
Quedas sem pontos	1	3	
Qef	1,94	1,92	

Quadro 4 – Ações da luta – Henrique X Dzhafarov.

Na segunda luta do atleta Henrique, há um predomínio evidente das ações do seu oponente, sendo que as ações determinantes do brasileiro novamente se destacam pelas ações de defesa. A maioria das seqüências vencidas foi do atleta russo, que durante quase toda a luta esteve em vantagem. Além da pontuação conquistada, ainda derrubou três vezes o Henrique. Os pontos do lutador brasileiro foram relacionados com a punição do atleta russo e conquistou apenas uma queda sem pontuação. Em relação à luta de chão, ambos os lutadores não tiveram grande expressão neste quesito, tornando esta parte equivalente e equilibrada. Durante a luta, as opiniões do apresentador e comentaristas foram diferentes do apontado na análise. Os comentários apontados por eles foram:

- (0:45)²⁰ *Russo já mostrou que só vai na perna; Henrique mostrou que tem mais postura!*
- (1:06) *Henrique está demonstrando que está no dia dele.*
- (2:13) *Russo está fazendo muita força, isso é bom pro brasileiro que está usando a experiência.*
- (2:52) *O russo está demonstrando que está cansado, isso é bom pro brasileiro, que é um atleta de golpe grande (imediatamente após o russo aplicar um wasari no Henrique).*
- (5:53) *O russo está cansado.*
- (6:12) *Não está se achando na luta este final o brasileiro.*

Após a análise inicial dos valores da luta fica estranho verificar os comentários. As questões colocadas pelo locutor com relação à postura, cansaço e “dia dele”, são precipitadas e sem fundamentos, tendo em vista que o lutador que estava com pior postura e cansado desde a metade da luta acabou vencendo o lutador que “estava no dia dele”. As previsões feitas em relação ao atleta russo, de estar fazendo muita força e que isso era bom para o brasileiro não se concretizaram, tendo em vista o grande volume final de luta imposto pelo atleta sobre o Henrique nos momentos finais da luta (Figura 25). Contradição que foi confirmada com o fato de que, mesmo no momento que o atleta Russo pontua, ainda assim há uma forma de dizer que a “vantagem” ainda é do Brasileiro, como se ao dizer isto fizesse o mesmo levar vantagem na luta, sendo que ao final há a sinalização de que o brasileiro não estava “se achando no final do

²⁰ Tempo corrido da luta em minutos e segundos.

combate”, o que nos leva à indagação: ele “se achou” em algum momento? Não era o atleta Russo que estava cansado?

Um fato que torna interessante a análise fria dos dados é a possibilidade de perceber as mudanças de atitudes do lutador pelas ações contidas durante a luta. As ações determinantes do atleta russo, após a pontuação conquistada, diminuem, e assim ocorre a faixa de maior domínio do brasileiro. Porém, após a sua segunda punição estas voltam a aumentar, pois há uma ameaça de sua vitória, fazendo com que o atleta russo volte a acelerar em relação às suas ações determinantes, e mantendo-as até o final. Este cadenciamento da luta é percebido claramente nos dados, porém para o comentarista, não passava de um sinal de cansaço. Já o atleta russo determinou o ritmo da luta e das ações e aparentemente o Henrique buscou - pois segundo o comentarista, ele era um atleta de “golpe grande” - achar o momento de entrar em golpe para ganhar a luta de ippon. Já que o momento não aconteceu, o brasileiro foi derrotado.

Observações: Conforme o estudo piloto, o atleta Henrique continuou mantendo a necessidade de duas ações de pegada para a entrada de golpe, que na primeira luta não foi problema, pois aplicou um contragolpe que resultou no ippon. Já na segunda luta, a falta de conquista dos dois pontos de ação foi problemático, devido ao fato de não conseguir efetuar golpes e ataques, restringindo muitos de seus movimentos às tentativas de acertar uma melhor posição de pegada. As ações observadas mantiveram relação com os dados preliminares:

1. Desenvolvimento de luta no chão ruim;
2. Necessidade de, no mínimo, duas ações (pg e pm) para iniciar o ajuste para o golpe;
3. Um ritmo de entrada de golpe menor que o de seu adversário, em consequência do exposto no item anterior;
4. Menor número de entrada de golpes, ou seja, a grande parte das ações está em conquistar pegadas e não entrar em golpes.

Foram somadas duas novas possibilidades de identificação do *habitus* de forma mais clara, observada também no estudo piloto, mas a análise mais detalhada permitiu visualizar de forma mais efetiva:

1. Tentativa de ajuste de pegada para um único golpe fatal (para obtenção do Ippon), buscando achar o momento de entrar;

2. Estratégia não diversificada do exposto acima, ou seja, se é possível jogar de Ippon – mesmo que os pontos não sejam propriamente o Ippon, a intenção era de obtê-lo – a vitória era conquistada, se não era possível pela ação do adversário, as opções eram limitadas.

- **Categoria leve, até 73 kg.**

A categoria até 76 kg das Olimpíadas de Atenas 2004, foi disputada no terceiro dia de competições de judô, possuindo um número de 34 lutadores inscritos. O campeão foi o atleta coreano Won Hee Lee, que para ser campeão teve que ganhar seis lutas. O Brasil foi representado pelo atleta Leandro Guilherme que participou de sete lutas, ganhando seis delas e perdendo uma, ficando em terceiro lugar, uma das medalhas de bronze do país.

1ª. Rodada: Leandro X Uematsu (Espanha) – Vitória Leandro

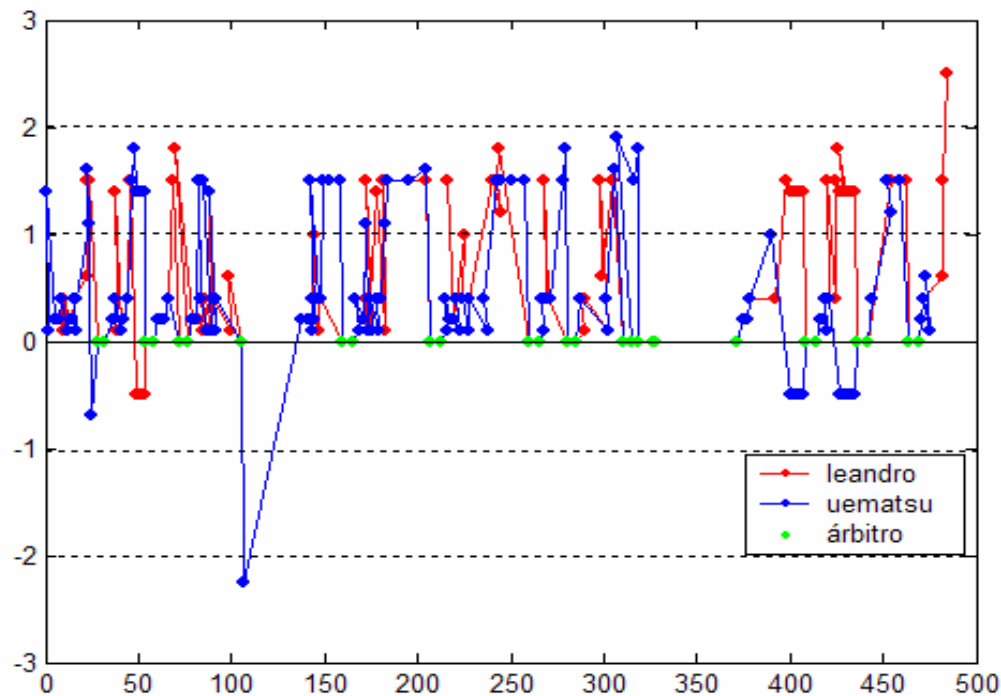


Figura 26 - Leandro X Uematsu

Tipo de ação e seqüências	Leandro	Uematsu	Ações da luta e arbitragem
Tempo perdido (segundos)			0
Seqüências de luta			17
Seqüências Vencidas	7	7	
Seqüências empatadas	3	3	
Seqüências em vantagem	0	0	
Ações não determinantes	99	97	
Ações determinantes	26	31	
Ações de pontuação	1	0	
Ações de desvantagem	1	4	
Ações punitivas	1	1	
Quedas sem pontos	3	4	
Qef	3,74	3,29	

Quadro 5 – Ações da luta - Leandro X Uematsu.

Na primeira luta do atleta Leandro, há um predomínio de equilíbrio evidente, com empate em ações vencidas para cada lutador, sendo que apenas no “Golden Score” a luta foi decidida. Interessante que o número de quedas foi o mesmo, quatro para cada lutador, e apenas a última queda da luta - do Leandro - foi pontuada. O número de ações não-determinantes do brasileiro é maior, e menor o número de ações determinantes, ficando com um Qef maior, ou seja, ele é menos eficiente na luta, apesar da sua vitória. A luta foi equilibrada em relação ao chão, sendo que ambos os lutadores não tiveram grande expressão neste quesito, e apenas o brasileiro teve maior número de possibilidades de ataque: três em relação a uma do espanhol. Esta luta evidenciou que o Leandro:

- busca a 2ª Pegada insistentemente, e se não consegue permite que o adversário o ataque;
- Na luta sempre buscou o domínio da gola e manga do adversário para atacar.

A mídia apresentou sua versão da dificuldade do atleta brasileiro em vencer facilmente a luta:

- (2:42) – “*Kimono curto do espanhol, o espanhol está com kimono curto!*”

Neste momento, estava inaugurado o “complô” contra os judocas brasileiros. Lembrando que as medidas dos kimonos dos atletas são avaliadas e aprovadas ou não de acordo com as normas pela arbitragem do evento antes do atleta entrar no tatame, e caso o erro ocorra, seria um erro da arbitragem. Este fato não foi observado durante a análise da luta – o Kimono ser curto - e o “bom senso” indica que esta avaliação subjetiva não possui fundamento algum.

2ª. Rodada: Leandro X Laraque (Haiti) – Vitória Leandro

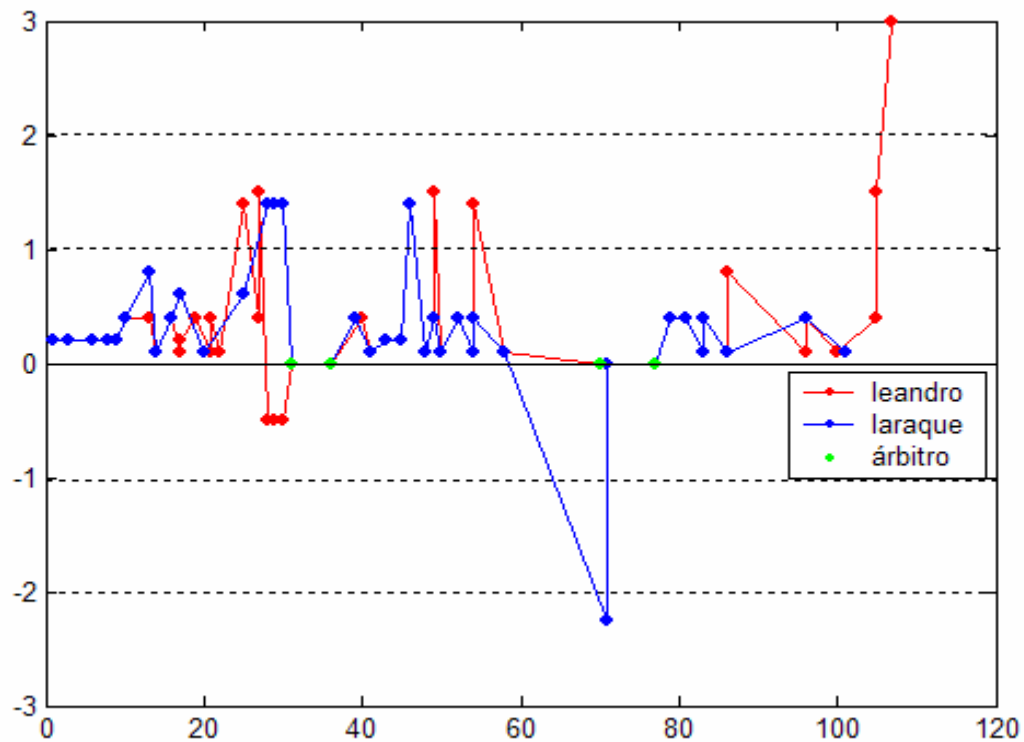


Figura - Leandro X Laraque

Tipo de ação e seqüências	Leandro	Laraque	Ações da luta e arbitragem
Tempo perdido (segundos)			0
Seqüências de luta			3
Seqüências Vencidas	3	0	
Seqüências empatadas	0	0	
Seqüências em vantagem	1	0	
Ações não determinantes	36	31	
Ações determinantes	3	1	
Ações de pontuação	1	0	
Ações de desvantagem	1	0	
Ações punitivas	0	1	
Quedas sem pontos	0	0	
Qef	9,25	32	

Quadro 6 – Ações da luta - Leandro X Laraque.

A segunda luta do Leandro foi com um atleta de nível inferior ao dele, sem sombra de dúvidas, já que houve uma enorme diferença entre os lutadores, onde o Qef do brasileiro é quase 3,5 vezes menor, tornando-o bem mais eficiente do que o atleta do Haiti. Mesmo assim, o número de ações não-determinantes do atleta brasileiro foi mais alto que do haitiano, reforçando a busca pela segunda pegada, sendo que este quesito, aparentemente, é bem expressivo nas lutas do Leandro. Na luta de chão, um único ataque sem efeito do atleta haitiano.

Mais uma vez, repetindo os comentários feitos ao atleta Henrique, a mídia apresentou após o término da luta:

- (2:42) – “*Leandro está no dia dele*”.

Este atleta pelo menos conquistou a medalha de bronze, mas observa-se novamente o apelo da mídia a fatores externos ao processo de treinamento, além do fator “acaso” ser reforçado. O atleta não ganha ou perde por seus méritos ou preparação, mas sim pelo fato de acordar ou não “no dia”. Resumir uma medalha Olímpica a isto é desconsiderar todo o processo.

3ª. Rodada: Leandro X Wilkomirski (Polonia) – Vitória Leandro

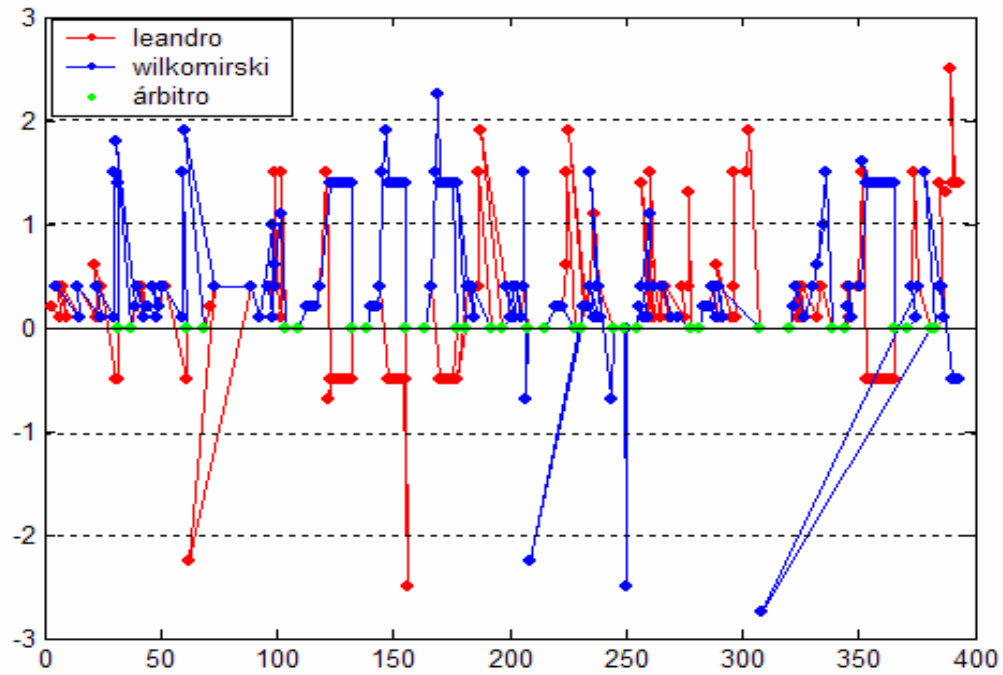


Figura 28 - Leandro X Wilkomirski

Tipo de ação e seqüências	Leandro	Wilkomirski	Ações da luta e arbitragem
Tempo perdido (segundos)			0
Seqüências de luta			18
Seqüências Vencidas	8	8	
Seqüências empatadas	2	2	
Seqüências em vantagem	11	4	
Ações não determinantes	113	87	
Ações determinantes	17	18	
Ações de pontuação	1	1	
Ações de desvantagem	6	1	
Ações punitivas	2	3	
Quedas sem pontos	3	3	
Qef	6,67	4,79	

Quadro 7 – Ações da luta - Leandro X Wilkomirski.

Esta terceira rodada tornou-se muito interessante, pois, sem motivo aparente a não ser o cansaço, o atleta polonês diminuiu o ritmo de luta possibilitando a vitória do brasileiro. Tendo o domínio absoluto da luta até a oitava sequência do combate, aos poucos foi perdendo a supremacia e a vitória devido a ações punitivas e sem sentido, levando duas faltas, até certo ponto ingênuas, por levar a luta ao chão sem intenção de ataque. O domínio da luta, que até a décima sequência era dele, passa então a ser do atleta Leandro. Novamente é confirmado o excesso de ações não determinantes para o brasileiro, e devido a isto o Qef do Brasileiro demonstra o desperdício de ações. Grande parte das ações de ataque no chão foi do atleta polonês, novamente apontando um desinteresse do Leandro por esta posição. Continuam, porém, as indicações observadas nas lutas anteriores, sem mudanças no seu estilo de luta.

O palpite da mídia foi o seguinte nesta luta:

- (3:13) - “*Leandro é lutador que joga*”.

A observação foi feita para acalmar o público que via novamente o atleta brasileiro em desvantagem, porém, apesar de haver uma pontuação por queda para o brasileiro, não foi a queda que o levou à vitória: o que motivou sua vitória foram as punições que o atleta polonês cedeu. Inclusive a queda provocada pelo Leandro foi uma atitude muito irresponsável, pois faltando apenas sete segundos para o término e com a luta já ganha, ele foi para cima do adversário como se estivesse perdendo. Este fato evidencia claramente um *habitus* do judô brasileiro, que é apontado até este momento pelas lutas que foram analisadas, que seria:

- A busca pelo Ippon em todos os momentos da luta.

Para o engrandecimento do atleta em vários aspectos, seja espiritual, crescimento dentro do judô ou outro qualquer, convém lembrar que ele estava, no momento, representando um país, não apenas seus anseios pessoais e aquela não era a hora de se expor para se por a prova, mas sim de ser prudente e se poupar para próxima luta. Felizmente, tudo acabou bem para o brasileiro, porém o mesmo atleta perdeu a luta subsequente. **Qual seria, então, o efeito fisiológico do esforço final para derrubar o adversário já vencido em relação à recuperação para próxima luta?**

Este aspecto característico do ofício, da busca incessante pelo Ippon, também é interessante, pois, por várias vezes são percebidas questões de caráter pessoal e referências ao judô e ao Japão, onde a busca pela perfeição é colocada como um fim em si mesmo, e que o judô japonês busca isto! Que o judô de Jigoro Kano é para o Ippon! Entretanto, não há menção a

respeito do país que naquele momento patrocinava as atuações destes atletas, já que é preciso buscar a vitória em primeiro lugar, o Ippon faz parte do objetivo.

Estas questões táticas já foram observadas pelo modelo de análise, e este posicionamento foi evidenciado pelo atleta russo, que ganhou do brasileiro Henrique quando ele altera seu ritmo de luta para se adequar às necessidades do placar. Já os brasileiros analisados até o momento não apresentam esta conduta, sendo que eles esperam o **momento** de aplicar o golpe, simplificando a dinâmica da luta a apenas este fator. Ambos os atletas – Henrique e Leandro – e o comentarista da mídia partilham da mesma leitura, pois são lutadores ou admiradores do “golpe grande”, aquele que “joga (...)”. Infelizmente, poucas lutas são definidas por um único golpe que leve ao Ippon, restringindo este fato ao desnivelamento entre os lutadores, e por isto a variabilidade de estratégias deveria ser adotada durante o período de preparação do atleta.

4ª. Rodada: Leandro X Fernandes (França) – Derrota do Leandro

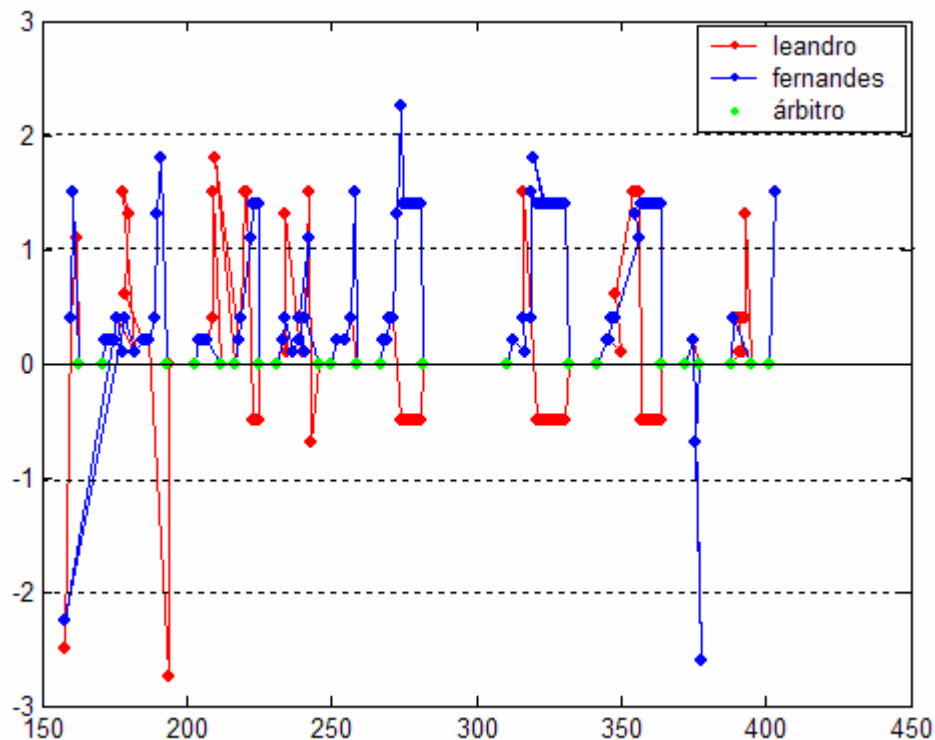


Figura - Leandro X Fernandes

Tipo de ação e seqüências	Leandro	Fernandes	Ações da luta e arbitragem
Tempo perdido (segundos)			159
Seqüências de luta			14
Seqüências Vencidas	4	6	
Seqüências empatadas	4	4	
Seqüências em vantagem	0	14	
Ações não determinantes	47	39	
Ações determinantes	12	17	
Ações de pontuação	0	1	
Ações de desvantagem	5	0	
Ações punitivas	3	2	
Quedas sem pontos	1	2	
Qef	4,59	2,28	

Quadro 8 – Ações da luta - Leandro X Fernandes. (os resultados são parciais devido ao tempo perdido de captura)

Na quarta luta do atleta Leandro, infelizmente não foi possível realizar toda a sua avaliação, especialmente por ela apresentar os elementos mais ricos para a análise, mas que, inoportunamente, deu-se pela derrota do brasileiro. No espaço de tempo analisado, o domínio foi do francês, sem a possibilidade de ameaça pelo Leandro. As ações de pegadas na gola e manga, necessárias para acontecer o ataque do brasileiro, não se apresentaram e conforme foi percebida desde o estudo piloto, esta condição interfere com a possibilidade de vitória dos atletas brasileiros. Tanto o Qef do francês é melhor, quanto o número de quedas provocadas e pontuadas, sendo que todas as ações de combate no chão foram de domínio do francês. O brasileiro não produziu nenhum ataque na luta de chão no tempo estudado. Novamente há a espera do momento de aplicar o Ippon.

A mídia representada pelo comentarista, desta vez foi mais agressiva e apresentou elementos constituintes do *Habitus* que é o que busca-se identificar:

- (2:43) “*Praticamente um falso ataque*”.
- (3:32) “*Leandro não está conseguindo segurar*”.
- (5:18) “*Frances não segura no quimono, não deixa o Leandrinho lutar*”.

- (5:20) “*De novo falsa entrada - com queda do Leandro - Acaba impressionando os árbitros*”.

Este momento é interessante, pois, conforme o atleta brasileiro começa a perder a luta, iniciam-se as desculpas e acusações sem quaisquer fundamentos ou sentido por parte da mídia. A “metralhadora de acusações” primeiramente é apontada aos árbitros, que apesar de serem aceitos internacionalmente, são ingênuos e participam do “complô contra o Brasil”. Interessante notar que nas normas da CBJ (2006) está pontuado:

“Art. 62 - O comportamento anti-desportivo, bem como a agressão física ou verbal, tentada ou consumada, contra os Árbitros e seus auxiliares, Dirigentes, Atletas e pessoas presentes, serão avaliados pela Comissão de Ética e Disciplina.”

Infelizmente, tal artigo (CBJ, 2006) não foi aprendido ou assimilado durante o processo de formação do comentarista contratado para fazer a leitura técnica/tática do judô nas Olimpíadas. As questões observadas de que os árbitros estariam errando contra o brasileiro, pois o oponente estaria utilizando o recurso do falso ataque, está errado. Infelizmente, esta insistência não tem outra consequência senão desinformar a população. A definição de falso ataque é, pelas regras:

“**SHIDO** (Grupo de faltas leves)

3) Simular uma ação destinada a dar a impressão de um ataque, mas, que claramente mostra que não houve intenção de projetar o oponente (Falso ataque).” (CBJ, 2005)

Portanto, ambas as ações de acusação de falso ataque, a primeira provocando a defesa do Leandro, e a seguinte queda do atleta, mesmo para um iniciante de judô, não são passíveis de confusão.

Também se percebe que as duas outras informações estão de acordo com a interpretação do *Habitus* do judô brasileiro. O “*Leandro não consegue segurar*” é a questão principal desta análise que denota a necessidade direcionada pelo *Habitus* da gola e manga levada ao extremo de dar a impressão de que o francês estava cometendo um erro de não permitir que o Leandro o pegasse, de que não é uma luta de judô se não permitir ao oponente a pegada. A leitura correta está clara: a estratégia de luta do atleta da França surtiu o efeito desejado.

1ª. Rodada da Repescagem: Leandro – Isento.

Devido ao desempenho na chave principal, não foi necessário para o brasileiro lutar a primeira rodada da repescagem.

2ª. Rodada da Repescagem: Leandro X Razvozov (Israel) – Vitória do Leandro

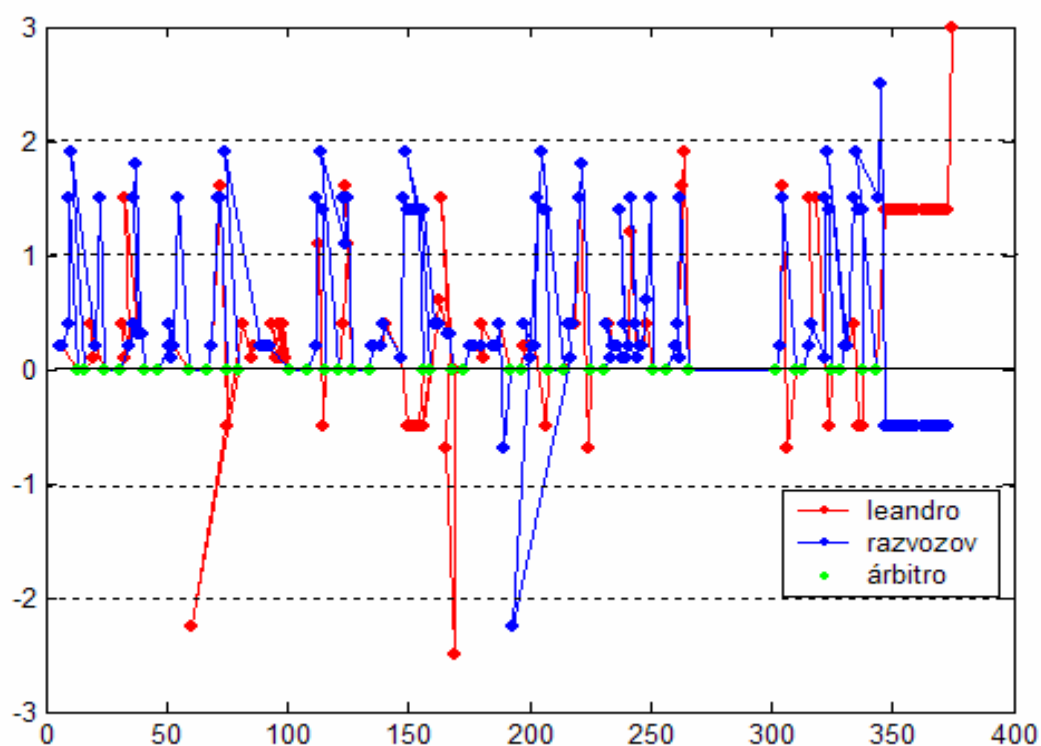


Figura 30 - Leandro X Razvozov

Tipo de ação e seqüências	Leandro	Razvozov	Ações da luta e arbitragem
Tempo perdido (segundos)			0
Seqüências de luta			19
Seqüências Vencidas	3	14	
Seqüências empatadas	2	2	
Seqüências em vantagem	0	15	
Ações não determinantes	70	64	
Ações determinantes	12	28	
Ações de pontuação	1	1	
Ações de desvantagem	7	1	
Ações punitivas	2	1	
Quedas sem pontos	1	9	
Qef	6,58	2,27	

Quadro 9 – Ações da luta - Leandro X Razvozov

A primeira luta da repescagem do atleta Leandro foi a mais “estranha” das avaliadas em relação aos parâmetros de análise, pois foi uma luta que em todos os quesitos possíveis de serem medidos, o atleta brasileiro perdeu. Seja nas seqüências de lutas vencidas, seja no Qef em que o atleta de Israel foi mais de duas vezes eficiente, até o domínio no número de ações no solo e números de quedas produzidas. Nesta luta, porém, houve o elemento que torna o desporto interessante, que se relaciona com o acaso (“sorte?”):

- Em um único momento da luta, apesar de nas lutas anteriores o brasileiro demonstrar falta de interesse na luta de chão, mais especificamente no último minuto deste combate, sem ganhar nenhuma ação de chão na luta e após levar uma queda de pontuação média (yuko), o atleta Leandro consegue um Ippon através de um estrangulamento que foi surgido da queda que ele mesmo levou.

Tal fato foi muito interessante, porque em nenhuma luta do atleta houve interesse pelo combate no solo e, apesar da busca incessante e do Leandro ser um “atleta que joga”, foi a luta de chão que o manteve na disputa por medalhas. Este foi mais um ponto a ser observado no desempenho dos judocas em Atenas, pois tanto o atleta Leandro como o atleta Canto (analisado mais adiante), dependeram de lutas no chão para conquistar suas medalhas, em

contrapartida dos outros lutadores, incluindo o próprio Leandro, que não demonstraram muito interesse neste aspecto, buscando principalmente (ou quase exclusivamente) a pontuação pelas quedas.

A mídia representada pelo comentarista, como já era esperado quando o atleta brasileiro estava em desvantagem, foi novamente agressiva e apresentou elementos constituintes do *Habitus* semelhantes a análise da luta anterior:

- (1:08) “*Mais uma vez só deram falta para o brasileiro*”.
- (2:16) “*Ele produz ataques que abalam o brasileiro, mas não jogam, mas fizeram o brasileiro tomar punição.*”
- (2:29) “*Locutores consideraram yuko!*”
- (3:29) “*Leandro vai impondo seu ritmo*”(?).
- (5:45) “*Confusão sobre o ponto!*”

As acusações à arbitragem continuam, e continua também a falta de razão para as reclamações. Novamente a arbitragem não se equivocou ou prejudicou o brasileiro! Porém, um fato a ser destacado, é que aos 2 minutos e 16 segundos da luta por tempo corrido, existiu uma queda para o atleta israelense e, por motivo desconhecido, não foi pontuada. Tanto na análise da luta como pelos locutores, a impressão passada é de que a pontuação realmente existiu, mas mesmo assim, os árbitros “roubam” apenas contra o Brasil. E, de fato, após a percepção, pelos locutores, de que não houve o ponto, isto passou a ser tratado com naturalidade: “*Ah! Os laterais tiraram!*” - Observou o comentarista (esta ação de retirar o ponto dado não ocorreu, o ponto realmente não foi dado).

Outro aspecto do *Hábitus* que continua sendo apresentado é a relação entre o maior volume de ações não-determinantes e a falsa impressão de domínio em relação ao combate. Quando o comentarista diz que “o ritmo está sendo imposto pelo Leandro”, ele se refere às muitas ações de pegadas que deram a falsa impressão de maior volume de luta, porém este não é um volume efetivo.

3ª. Rodada da Repescagem: Leandro X Kevkhishvili (Geórgia) – Vitória do

Leandro

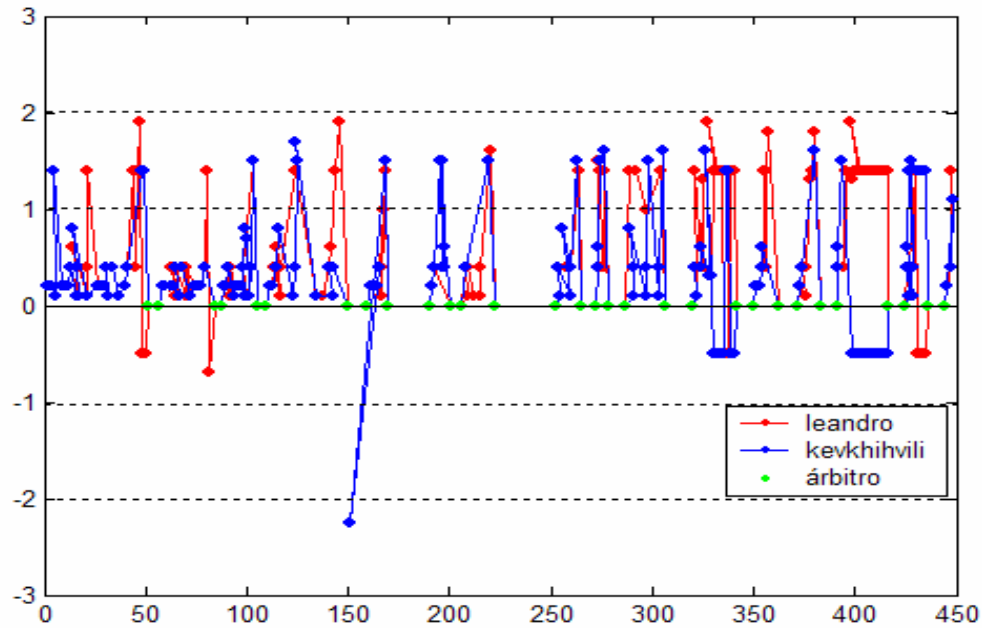


Figura 31 - Leandro X Kevkhishvili

Tipo de ação e seqüências	Leandro	Kevkhishvili	Ações da luta e arbitragem
Tempo perdido (segundos)			0
Seqüências de luta			16
Seqüências Vencidas	6	2	
Seqüências empatadas	8	8	
Seqüências em vantagem	12	0	
Ações não determinantes	116	116	
Ações determinantes	32	19	
Ações de pontuação	0	0	
Ações de desvantagem	4	3	
Ações punitivas	0	1	
Quedas sem pontos	6	0	
Qef	3,75	6,32	

Quadro 10 – Ações da luta - Leandro X Kevkhishvili

A segunda luta da repescagem do atleta Leandro deu-se de forma interessante, pois pela primeira vez na competição, o número de ações não-determinates do lutador brasileiro foi igual ao de seu adversário. É importante observar que a diferença da luta em relação à pontuação foi mínima, porém em relação às ações determinantes, percebe-se um número bem maior destas para o atleta do Brasil, o que explica sua vitória. Nesta luta, torna-se possível evidenciar a discussão sobre a necessidade de, durante a competição, não buscar unicamente o ippon, pois neste combate nenhum ponto foi conquistado pelos atletas, prevalecendo quem teve o menor Qef, no caso o atleta Leandro.

Nada de novo e relevante foi apresentado pela mídia nesta luta.

Disputa da medalha de Bronze: Leandro X Bivol (Moldávia) – Vitória do Leandro

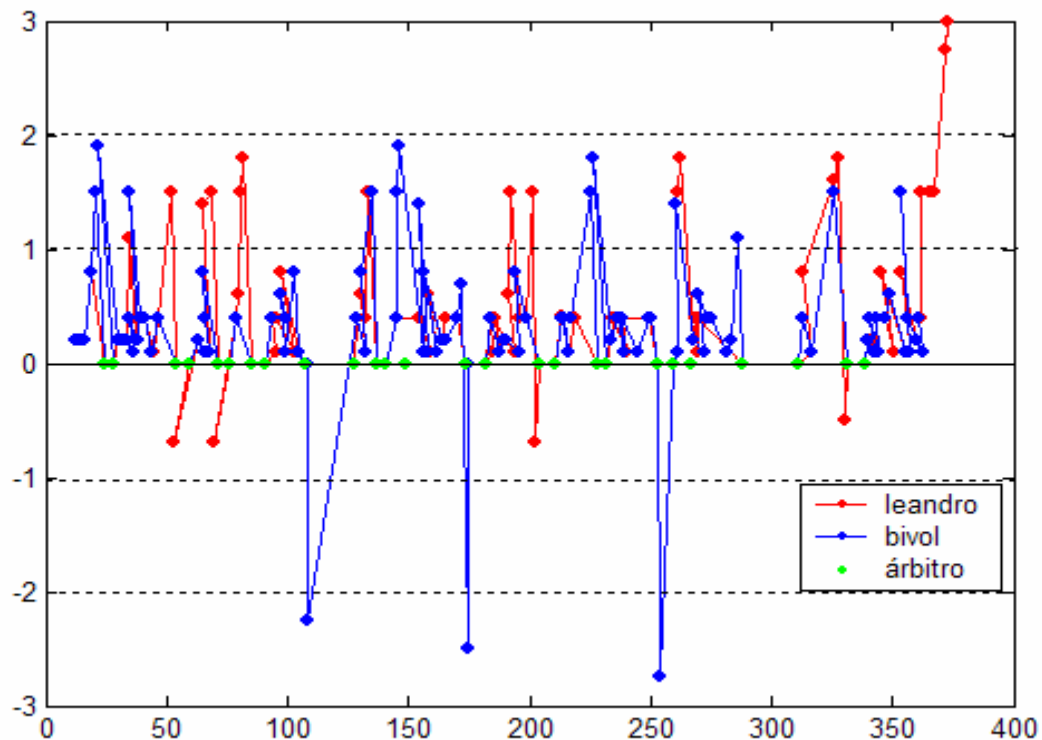


Figura 32 - Leandro X Bivol

Tipo de ação e seqüências	Leandro	Bivol	Ações da luta e arbitragem
Tempo perdido (segundos)			10
Seqüências de luta			15
Seqüências Vencidas	7	4	
Seqüências empatadas	4	4	
Seqüências em vantagem	9	0	
Ações não determinantes	85	87	
Ações determinantes	11	11	
Ações de pontuação	1	0	
Ações de desvantagem	4	0	
Ações punitivas	0	3	
Quedas sem pontos	3	3	
Qef	7,41	8,2	

Quadro 11 – Ações da luta - Leandro X Bivol

Na decisão da medalha de bronze, vencida pelo atleta Leandro, e pela primeira vez na competição, o número de **ações não-determinantes** do lutador brasileiro foi menor que as de seu adversário. É interessante observar que as seqüências vencidas pelo brasileiro acabaram levando o adversário às punições, que em um primeiro momento, foi um fator diferencial de vantagem para o Leandro. Após sete lutas, o desgaste dos dois atletas foi considerável e o volume de luta de ambos foi semelhante, com um número de quedas não pontuadas igual e ações determinantes também iguais, sendo que praticamente não houve desenvolvimento de luta no chão. Uma única ação de pontuação acabou dando a vitória e a medalha ao Brasil, uma vitória combinada entre as faltas e o ponto.

Nada de novo e relevante foi apresentada pela mídia nesta luta além da comemoração.

Observações: O padrão de duas ações de pegada para a entrada de golpe está se evidenciando como um *Hábitus* do lutador brasileiro, pois as três categorias analisadas - incluindo os dados preliminares - até o momento apresentaram esta configuração. Assim como o lutador da categoria leve, a falta de conquista dos dois pontos de ação foi problemático, pois quando o atleta francês

evitou as pegadas o Leandro foi derrotado. As ações observadas mantiveram relação com o que foi visto anteriormente reforçando que:

1. Desenvolvimento de luta no chão ruim, apesar de uma ação isolada permitir a vitória do atleta Leandro, foi apenas uma vez, nas outras lutas ou o atleta foi desinteressado neste aspecto ou levou desvantagem;
2. Continua a necessidade de no mínimo duas ações (pg e pm) para iniciar o ajuste para o golpe;
3. Também continua um ritmo de entrada de golpe menor que o seu adversário, em consequência do exposto no item anterior, apesar de que nas últimas duas lutas, apresentou maior equilíbrio em relação ao ritmo pelo número de pegadas, o que talvez tenha relação com o tempo dos combates no dia. É de se observar também que, nas duas últimas lutas aconteceram os momentos de empate e de menor número de ações não-determinates;
4. Apesar da mídia dizer que o "Leandro é um lutador que joga, de golpe grande", só conseguiu pontuações com quedas em quatro das sete lutas que fez, e mesmo assim, apenas uma queda por luta, conquistando Ippon apenas uma vez contra um atleta de nível muito inferior ao dele (atleta do Haiti).
5. É bem claro, também, a tentativa de ajuste de pegada para um único golpe fatal (para obtenção do Ippon), buscando achar o momento de entrar.

- **Categoria meio-médio, até 81 kg.**

A categoria até 81 kg das Olimpíadas de Atenas 2004, foi disputada no quarto dia de competições de judô, possuindo um número de 32 lutadores inscritos. O campeão foi o atleta local (de Atenas) Ilias Iliadis, que para ser campeão teve que ganhar cinco lutas. O Brasil foi representado pelo atleta Flávio Canto que participou de seis lutas, ganhando cinco delas e perdendo uma, ficando em terceiro lugar, uma das medalhas de bronze do país. De todas as categorias analisadas o Flávio Canto refletiu um talento individual, e não caracterizou o judô

apresentado pelos outros lutadores, sendo que possuía diversos elementos diferenciados que deram a ele as vitórias e a medalha.

Diferente do que foi apresentado pelo outro medalhista, Leandro Guilherme - que, em ao menos duas lutas, não teve domínio no combate, vencendo por ações isoladas e aleatórias - as lutas do atleta Canto caracterizaram-se pelos golpes aplicados, que buscam a perna (como o kata-otoshi) e pelo domínio nas lutas de chão, uma mescla de elementos tanto do judô de estilo europeu (discutido mais adiante) como os elementos da luta de solo que é característico da modalidade de jiu-jitsu brasileiro. Esta diferença, corroborando com o que se pensa relacionar a um talento individual, já discutido anteriormente é que dá a característica do judô genético brasileiro!

Seria até mesmo interessante a apresentação desta categoria após as outras analisadas, para evidenciar as diferenças, porém, manteve-se a proposta inicial do seqüenciamento pelas categorias na ordem de peso.

1ª. Rodada: Canto X Valles (Colômbia) – Vitória Canto

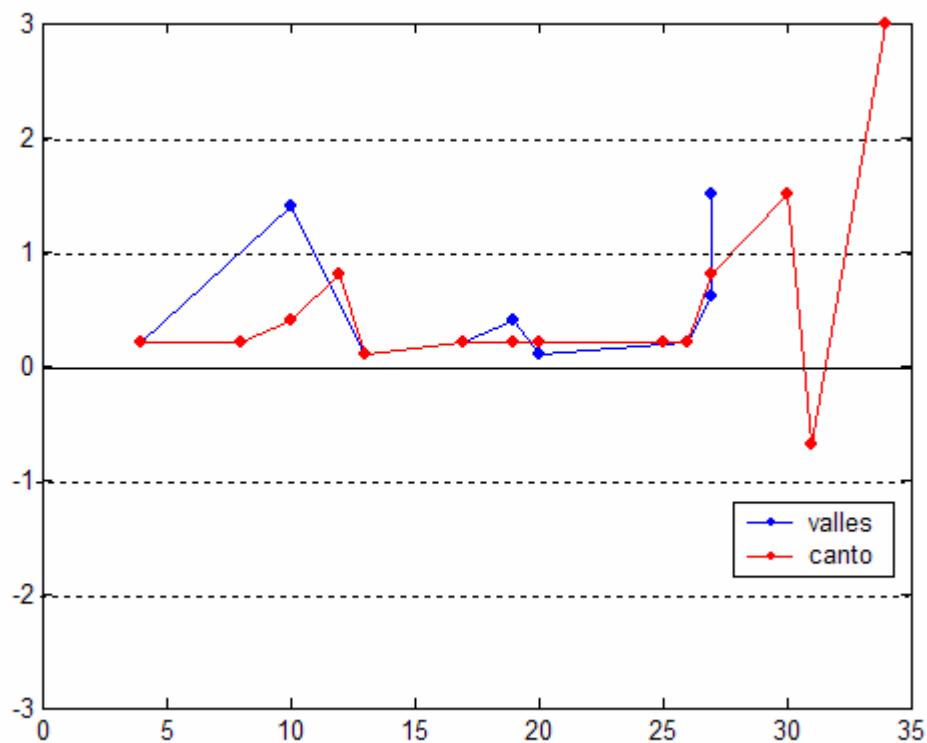


Figura 33 - Canto X Valles

Tipo de ação e seqüências	Canto	Valles	Ações da luta e arbitragem
Tempo perdido (segundos)			0
Seqüências de luta			1
Seqüências Vencidas	1	0	
Seqüências empatadas	0	0	
Seqüências em vantagem	0	0	
Ações não determinantes	11	8	
Ações determinantes	2	1	
Ações de pontuação	1	0	
Ações de desvantagem	1	1	
Ações punitivas	0	0	
Quedas sem pontos	0	0	
Qef	4	9	

Quadro 12 – Ações da luta - Canto X Valles

Na primeira luta do atleta Canto, há uma seqüência de combate com vitória rápida do brasileiro. Evidencia-se o domínio da luta de solo e a estratégia de conquista desta posição, fator diferenciado entre todos os atletas brasileiros.

A mídia, nem teve tempo de apresentar sua versão dos fatos.

2ª. Rodada: Canto X Budolin (Estônia) – Vitória Canto

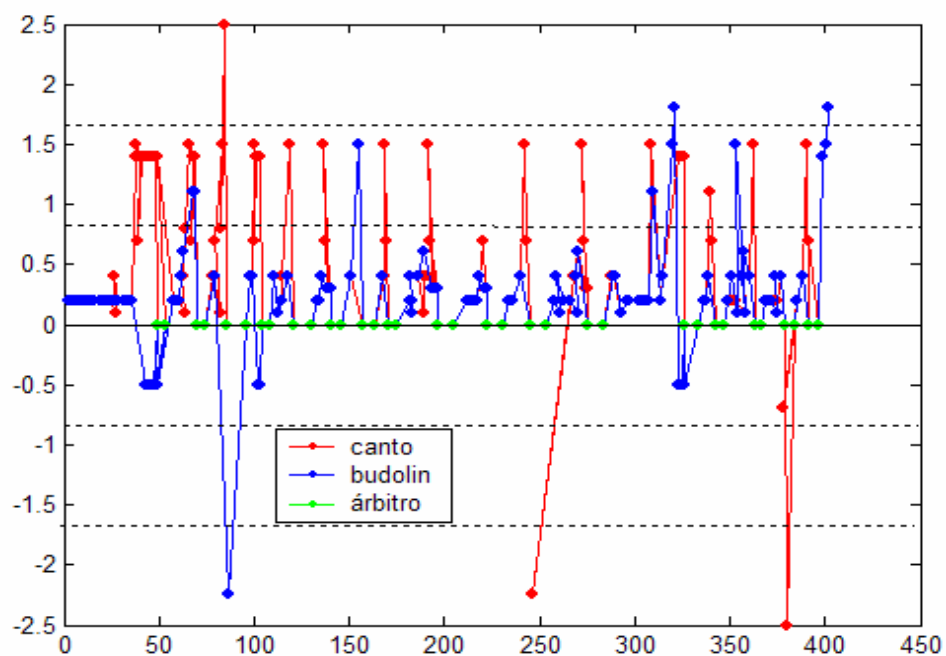


Figura 34 - Canto X Budolin

Tipo de ação e seqüências	Canto	Budolin	Ações da luta e arbitragem
Tempo perdido (segundos)			0
Seqüências de luta			18
Seqüências Vencidas	5	6	
Seqüências empatadas	7	7	
Seqüências em vantagem	15	0	
Ações não determinantes	89	95	
Ações determinantes	4*	8	
Ações de pontuação	1	0	
Ações de desvantagem	11	3	
Ações punitivas	2	1	
Quedas sem pontos	0	2	
Qef	20,40	12,38	

Quadro 13 – Ações da luta - Canto X Budolin*

* Não foram contabilizadas as ações de entradas de golpes efetuadas pelo atleta com objetivo de levar a luta ao chão. Duas destas entradas valeram as duas punições recebidas pelo atleta.

Na segunda luta do atleta Canto, este expôs sua falha tática durante a competição, que seria a busca pela luta de chão, e que acabou possibilitando várias faltas, incluindo as duas que tomou de fato. Aconteceram, no mínimo, outras nove ações de levar a luta ao chão que poderiam resultar em faltas para o brasileiro, sendo que este fato foi claramente observado pelo modelo de avaliação de luta. A superioridade em relação aos adversários na luta de chão levou o atleta a ser desatento em relação às faltas. Porém, ao contrário do que foi observado em relação à categoria anterior, Canto adaptou o seu ritmo de luta e os tipos de ações em relação ao placar favorável, provavelmente devido ao fato de o atleta estoniano ser extremamente difícil, e tendo em vista as ações observadas na luta – o número de quedas não pontuadas e o Qef serem favoráveis ao estoniano. O brasileiro manteve suas ações controladas pelo placar, não procurando apenas jogar de Ippon, mas deixando o tempo passar evitando assim o desenvolvimento das ações do adversário, pois não foi afoito e manteve o domínio das ações em vantagem até a vitória. Taticamente, apesar da exposição de suas falhas, a luta foi bem cadenciada. Convém também apontar que o número de ações não-determinantes foi menor para o judoca brasileiro.

O que também chamou a atenção foi o fato de que, a 1 minuto e 8 segundos, o atleta Flávio Canto estava na luta de chão, e a partir desta posição atacou o oponente que estava em pé, fato difícil de ser apresentado em lutas de judô.

A mídia participou com uma emoção um tanto exagerada pelo comentarista em relação ao colega lutando, sendo que não houve narração, mas apenas torcida.

3ª. Rodada: Canto X Nossov (Russia) – Derrota do Canto

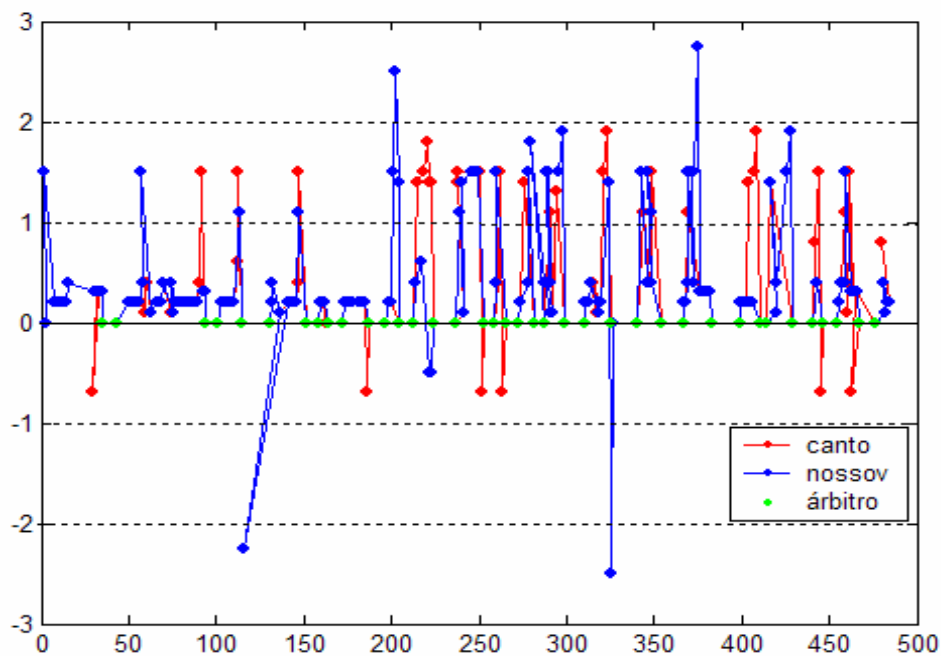


Figura 35 - Canto X Nossov

Tipo de ação e seqüências	Canto	Nossov	Ações da luta e arbitragem
Tempo perdido (segundos)			0
Seqüências de luta			21
Seqüências Vencidas	5	9	
Seqüências empatadas	7	7	
Seqüências em vantagem	4	5; 5*	
Ações não determinantes	114	111	
Ações determinantes	15	26	
Ações de pontuação	0	2	
Ações de desvantagem	6	1	
Ações punitivas	0	2	
Quedas sem pontos	3	4	
Qef	8.00	4,07	

Quadro 14 – Ações da luta - Canto X Nossov

*Houve cinco seqüências vencidas pelo russo, após empate e novamente cinco seqüências vencidas pelo russo.

Na terceira luta do atleta Canto, em que foi derrotado, foi possível verificar que as falhas apontadas anteriormente foram realmente limitantes do resultado, pois como o atleta russo restringiu as ações de chão do brasileiro, levar as lutas ao chão não se mostrou uma estratégia efetiva e acabou permitindo o domínio na luta de pé do russo. Contudo, o combate foi dinâmico, de acordo com a análise, modificando sua orientação em relação à vantagem cinco vezes, em que ela: 1) começa empatada; 2) passa a ser vantagem do Canto; 3) vantagem do russo; 4) novo empate e, 5) vantagem do russo novamente. Também foi a primeira luta analisada em que um atleta conseguiu aplicar dois pontos por queda (Yuko e Wasari) no mesmo combate, pois até este momento nas lutas avaliadas, nenhum atleta havia conseguido tal feito. Desta forma, isto nos permite considerar:

- São raras as pontuações por quedas durante a luta, evidenciando o grande desenvolvimento das defesas dos atletas de nível Olímpico;
- A busca direcionada pelo *Habitus* do judô brasileiro de buscar apenas o Ippon em pé, o “golpe grande”, pode ser contrário às necessidades táticas das competições internacionais pois, poucas ações durante a luta possibilitam sua aplicação.

Novamente o atleta russo, lembrando a categoria meio-leve, impediu um brasileiro de seguir na chave principal rumo à medalha de ouro. Conforme seu compatriota, o atleta Nossov também apresentou variações de ritmo de luta de acordo com o que o placar exigiu; com isto sua cadência foi mais adaptada às necessidades que a luta o produziu. Estando em vantagem, o russo manteve o ritmo menor e quando aconteceu o empate aumentou novamente o ritmo, ficando pouco tempo em desvantagem ou empatado no decorrer da luta.

A mídia apontou - através do comentarista – acertadamente que:

- (3:08) “*Canto está exagerando nas chamadas para o chão*”.

A falha tática, do atleta brasileiro, já apontado na luta anterior, estava neste momento sendo vinculada pela mídia.

1ª. Rodada da Repescagem: Canto – Isento.

Devido ao desempenho na chave principal, não foi necessário lutar a primeira rodada da repescagem.

2ª. Rodada da Repescagem: Canto X Meloni (Itália) – Vitória Canto

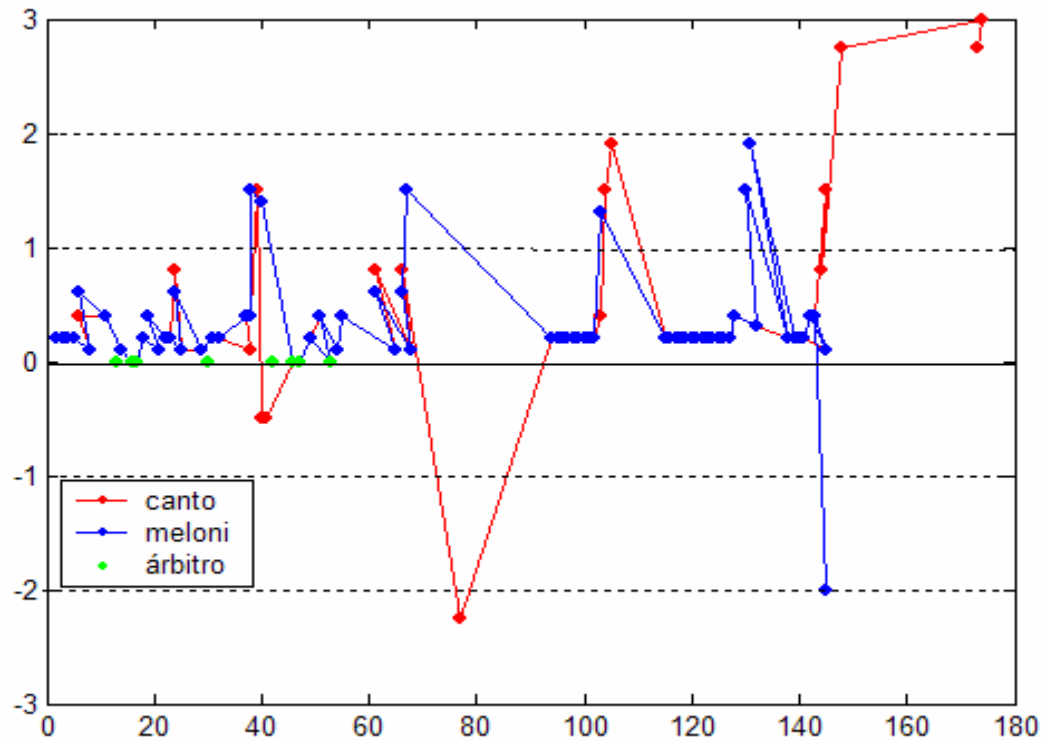


Figura 36 - Canto X Meloni

Tipo de ação e seqüências	Canto	Meloni	Ações da luta e arbitragem
Tempo perdido (segundos)			0
Seqüências de luta			5
Seqüências Vencidas	2	2	
Seqüências empatadas	1	1	
Seqüências em vantagem	3	0	
Ações não determinantes	62	60	
Ações determinantes	4	5	
Ações de pontuação	2	0	
Ações de desvantagem	2	1	
Ações punitivas	1	0	
Quedas sem pontos	1	1	
Qef	10,83	12,20	

Quadro 15 – Ações da luta - Canto X Meloni

Na primeira luta da repescagem, o atleta Canto retornou ao domínio da luta do chão, com vantagem para o brasileiro. Se não tivesse pisado fora da área anteriormente em uma entrada e, devido a isto, ser punido com falta, os valores de Qef seriam bem mais expressivos em relação ao obtido por seu adversário, porém manteve-se a possibilidade de medir – com exceções – a vantagem na luta por este valor. Nesta luta, houve duas ações de pontuação para o Canto, porém, diferentemente ao feito de Nossov, uma foi pela luta de chão e outra por queda. Novamente para o atleta brasileiro, o ippon aconteceu pela luta de solo, neste caso por imobilização. Interessante apontar que o golpe aplicado foi o *kata-otoshi* (apelidado como tatu-bola) que é um golpe mais próximo ao judô europeu do que do tradicional japonês, e por ser considerado um golpe não-tradicional, fica de fora dos exames oficiais de faixa no Brasil.

3ª. Rodada da Repescagem: Canto X Kwon (Coréia) – Vitória Canto

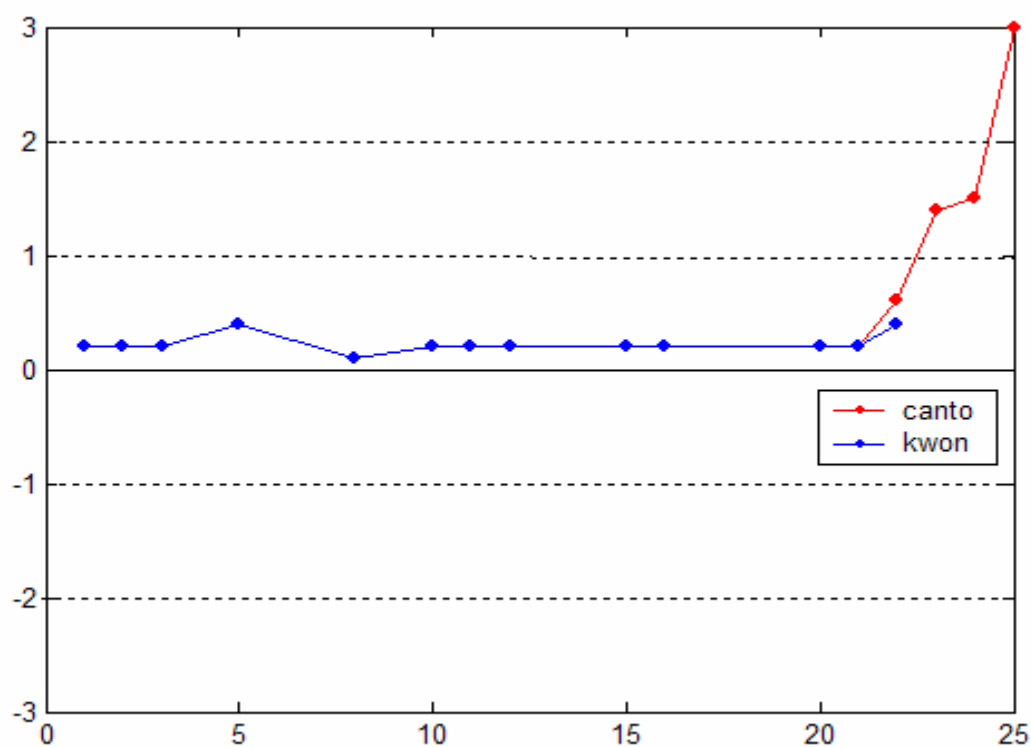


Figura 37 - Canto X Kwon

Tipo de ação e seqüências	Canto	Kwon	Ações da luta e arbitragem
Tempo perdido (segundos)			0
Seqüências de luta			1
Seqüências Vencidas	1	0	
Seqüências empatadas	0	0	
Seqüências em vantagem	0	0	
Ações não determinantes	14	13	
Ações determinantes	0	0	
Ações de pontuação	1	0	
Ações de desvantagem	0	0	
Ações punitivas	0	0	
Quedas sem pontos	0	0	
Qef	14	Nsa*	

Quadro 16 – Ações da luta - Canto X Kwon

*Nsa – não se aplica devido a existirem apenas ações não- determinantes, impossibilitando o cálculo.

A segunda luta da repescagem do atleta Canto foi rápida, em uma única ação de Ippon, o golpe aplicado novamente foi o *kata-otoshi* (tatu-bola) confirmando o predomínio do atleta em ações não convencionais do judô brasileiro.

Disputa da medalha de Bronze: Canto X Krawczyk (POL) – Vitória do Canto.

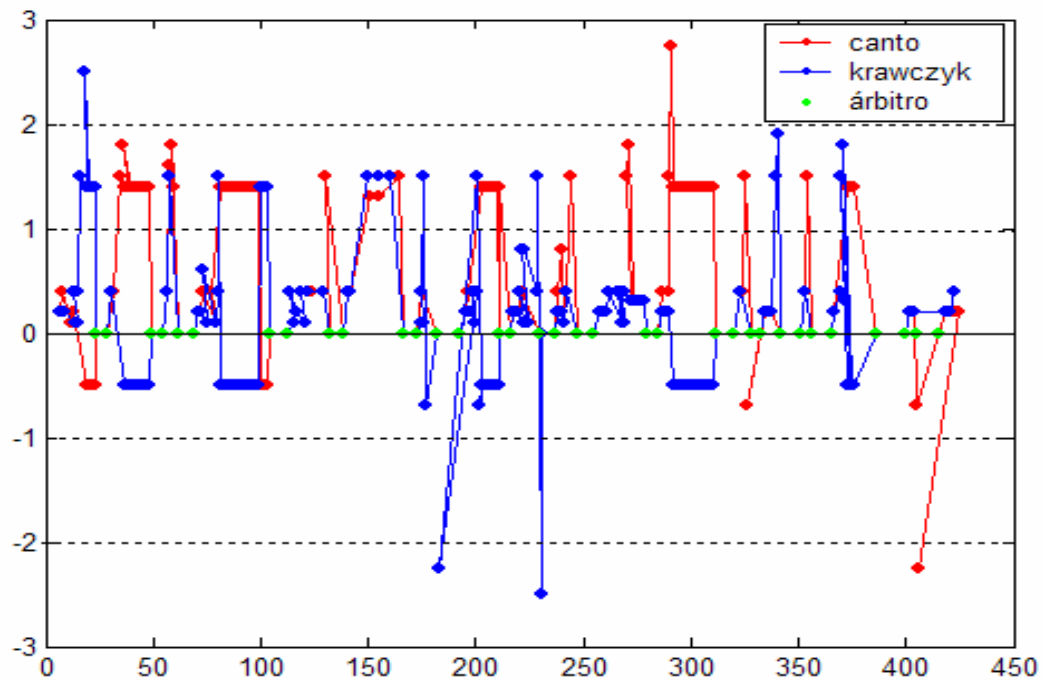


Figura 38 - Canto X Krawczyk

Tipo de ação e seqüências	Canto	Krawczyk	Ações da luta e arbitragem
Tempo perdido (segundos)			0
Seqüências de luta			18
Seqüências Vencidas	10	3	
Seqüências empatadas	5	5	
Seqüências em vantagem	6	6	
Ações não determinantes	56	75	
Ações determinantes	18	11	
Ações de pontuação	1	1	
Ações de desvantagem	3	6	
Ações punitivas	1	2	
Quedas sem pontos	3	2	
Qef	3,16	6,92	

Quadro 17 – Ações da luta - Canto X Krawczyk

Na decisão da medalha de bronze, vencida pelo atleta Flávio Canto, foi conquistada a segunda e última medalha do Brasil no judô, destes Jogos Olímpicos. Novamente a luta do brasileiro foi muito tática: começou perdendo na primeira ação, empatou por faltas, inverteu o placar e após isso modificou o ritmo de luta buscando a vitória, inclusive levando uma punição, que poderia tomar, para ganhar tempo não se expondo, a exemplo do que fez o atleta Leandro em lutas anteriores. Continuou com desenvolvimento de luta no chão diferenciado, conquistando inclusive uma imobilização que, apesar de não render pontos, foi importante para ganhar tempo de luta.

Não houve comentários da mídia, pois o comentarista ficou emocionado e não conseguiu falar após a vitória do Canto.

Observações: O padrão da maioria dos atletas brasileiros, de duas ações de pegada para a entrada de golpe, foi descaracterizado pela atuação do atleta Canto, pois conforme foi apresentado anteriormente, este se mostrou totalmente diferenciado de outros atletas. As ações observadas que demonstraram estas diferenças foram:

1. Excelente desenvolvimento de luta no chão;
2. Não necessitava das duas ações (pg e pm) para iniciar o ajuste para o golpe, assemelhando-se inclusive, na sua luta de pé, aos golpes do estilo europeu, com entrada predominante de kata-otoshi (tatu bola), no qual busca-se a perna para a entrada;
3. Modificou o ritmo de luta quando preciso, não buscando apenas a vitória por Ippon em momento único. Suas lutas foram muitas estratégicas, com o atleta vendo o combate como um todo, e não por partes.
4. Não se excedeu em relação às ações não-determinantes e manteve-se, falhou em relação ao exagero de buscar levar as lutas ao chão, porém não foi o fator principal de sua única derrota.

- **Categoria médio, até 90 kg.**

A categoria até 90 kg das Olimpíadas de Atenas 2004, foi disputada no quinto dia de competições de judô, possuindo um número de 32 lutadores inscritos. O campeão foi o

atleta georgiano Zurab Zviadauri, que para ser campeão teve que ganhar cinco lutas. O Brasil foi representado pelo atleta Carlos Honorato que participou de quatro lutas, ganhando duas delas e perdendo também duas, não se classificando. Esta categoria era especial, porque o atleta era considerado, pelas mídias, como a provável medalha de ouro do judô, e devido a isto estava com os status de estrela do desporto brasileiro.

1ª. Rodada: Honorato X Meddah (Argélia) – Vitória Honorato

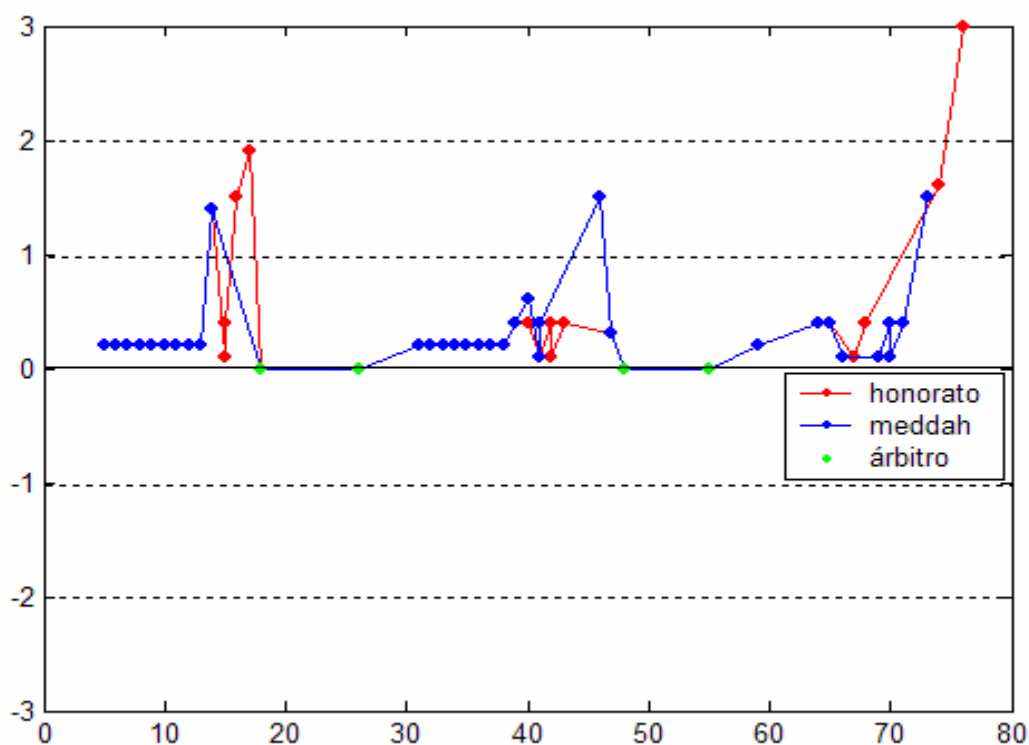


Figura 39 - Honorato X Meddah

Tipo de ação e seqüências	Honorato	Meddah	Ações da luta e arbitragem
Tempo perdido (segundos)			0
Seqüências de luta			3
Seqüências Vencidas	2	1	
Seqüências empatadas	0	0	
Seqüências em vantagem	0	0	
Ações não determinantes	32	31	
Ações determinantes	2	2	
Ações de pontuação	1	0	
Ações de desvantagem	0	0	
Ações punitivas	0	0	
Quedas sem pontos	1	0	
Qef	10,67	15,50	

Quadro – Ações da luta - Honorato X Meddah.

Na primeira disputa do atleta Honorato, há uma seqüência de luta com vitória rápida do brasileiro. A busca do Ippon logo no início aumentou as expectativas para a medalha de ouro do atleta.

A mídia, nem teve tempo de apresentar reflexões sobre a luta, mas comemorou:

- “*Fiquem de olho bem aberto*” (em referência a não dar tempo de tão rápido que o Honorato era);
- *Muita confiança na luta, amadureceu muito.*
- *Honorato está no dia dele.*

A história estava formada! A confiança das medalhas anteriores estava óbvia durante as observações da mídia. O que preocupava era o retorno do padrão do *habitus* de luta do brasileiro, pois, diferente do que foi desenvolvido pelo Flávio Canto, o atleta Honorato retornava com o excesso de ações não-determinantes associado a um desprezo pela luta de chão e busca incessante pelo Ippon, características que até o momento foram ruins para os dois primeiros atletas, e como exceção, deu certo no caso do atleta Leandro Guilherme, porém, sem o domínio tático apresentado pelo atleta Canto.

2ª. Rodada: Honorato X Ochirbat (Mongólia) – Vitória Honorato

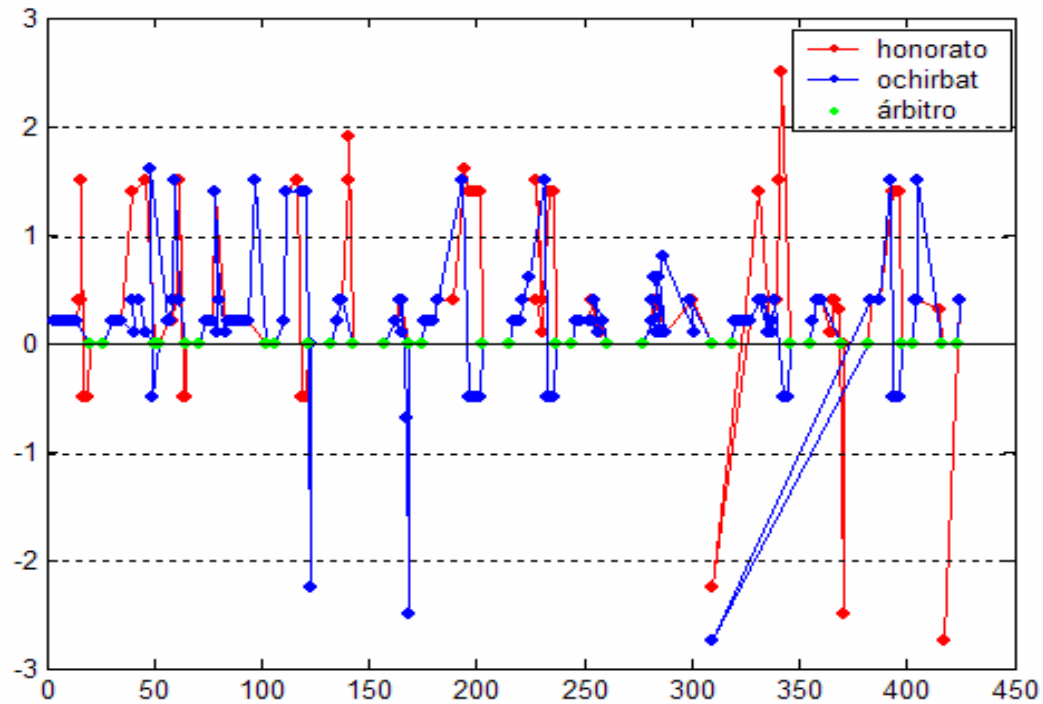


Figura 40 - Honorato X Ochirbat

Tipo de ação e seqüências	Honorato	Ochirbat	Ações da luta e arbitragem
Tempo perdido (segundos)			0
Seqüências de luta			16
Seqüências Vencidas	7	4	
Seqüências empatadas	5	5	
Seqüências em vantagem	11	0	
Ações não determinantes	101	94	
Ações determinantes	11	8	
Ações de pontuação	1	0	
Ações de desvantagem	1	4	
Ações punitivas	3	3	
Quedas sem pontos	1	0	
Qef	8,75	12,63	

Quadro 19 – Ações da luta - Honorato X Ochirbat

Na segunda luta do atleta Honorato a vitória do brasileiro foi mais difícil. O Domínio foi inicial, mas aparentemente o brasileiro se cansou no decorrer da luta, recebendo, nos momentos finais, diversas faltas, porém poderia ser apenas uma questão de estratégia. Apresentou, como esperado, várias ações não-determinantes e foi melhor em relação ao Qef.

A mídia desta vez foi um tanto quanto eloqüente demais:

- (na entrada da luta) “*Muito concentrado o Honorato está entrando bem e o atleta da Mongólia com cara de derrotado*”.
- (na entrada da luta) “*Considerado o showman do judô mundial*”.
- (2:50) “*O atleta da Mongólia está se protegendo tanto que não está conseguindo lutar, por isso está tomando faltas*” (a falta foi por ataque falso).
- (4:50) “*Ele está chutando o Honorato!*”

A apresentação da televisão continua no mesmo esquema, em nome do espetáculo, e sem constrangimentos ou humildade, já contam que o mundo venera e teme o judoca brasileiro! As leituras das ações do árbitro também estão equivocadas, para dar mais emoção ao combate. Infelizmente estas certezas duraram apenas até este momento, e nas lutas posteriores começaram os ataques deselegantes ao árbitro.

3ª. Rodada: Honorato X Gordon (Inglaterra) – Derrota do Honorato

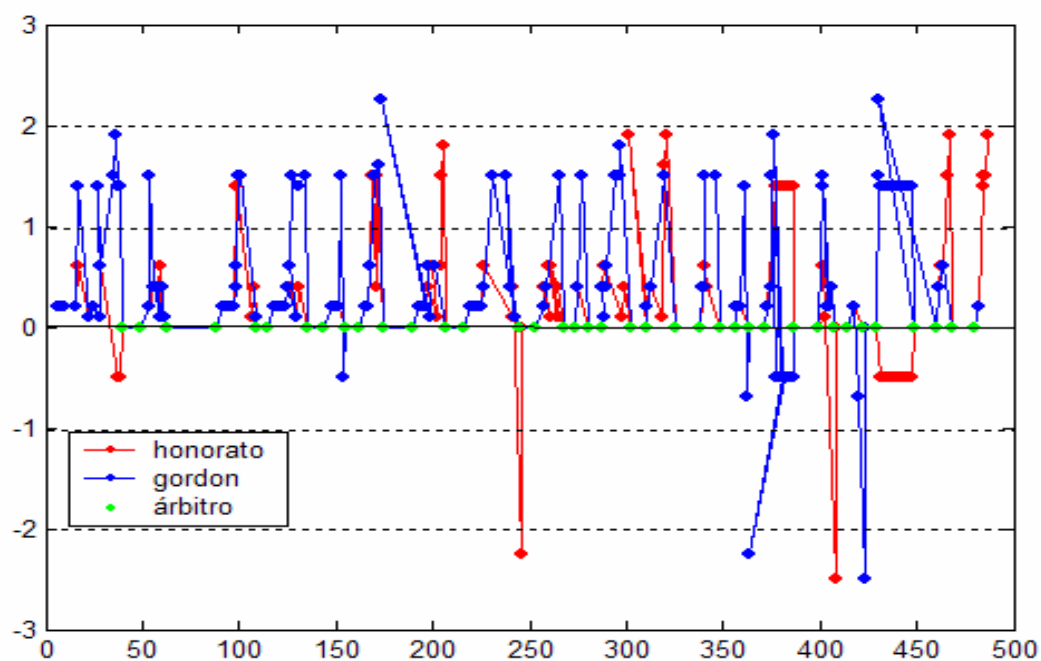


Figura 41 - Honorato X Gordon

Tipo de ação e seqüências	Honorato	Gordon	Ações da luta e arbitragem
Tempo perdido (segundos)			0
Seqüências de luta			21
Seqüências Vencidas	5	15	
Seqüências empatadas	1	1	
Seqüências em vantagem	15	0	
Ações não determinantes	102	88	
Ações determinantes	13	22	
Ações de pontuação	0	2	
Ações de desvantagem	1	1	
Ações punitivas	2	2	
Quedas sem pontos	3	5	
Qef	8,08	3,79	

Quadro – Ações da luta - Honorato X Gordon

Na terceira luta do atleta Honorato, “o sonho acabou”! A vitória do atleta inglês, resultou em várias críticas da própria mídia contra o brasileiro (página 94 desta Tese). A luta foi de domínio do inglês, e evidenciou o desgaste do atleta Honorato na procura de pegadas, não apresentando ações determinantes relevantes, o que o levou a tomar faltas. Após muitas lutas avaliadas, repetiu-se o feito de Nossov, sendo que o atleta inglês, conseguiu marcar dois pontos na mesma luta, apesar de serem pontuações de menor valor (a segunda vez que isto ocorre, nas lutas analisadas). Como constatado anteriormente, dificilmente quem tem Qef maior ganha a luta, e as ações não-determinantes nesta Olimpíada foram prejudiciais para quem queria vencer. Relembrando que, nas observações anteriores, este estilo funcionou apenas no caso do atleta Leandro, mas não se confirmou para o favorito Honorato.

A mídia apresentou avaliações muito frágeis e se concentrou nas críticas aos árbitros:

- (4:07) “*Honorato está procurando a luta*” (quando tomou a primeira falta).
- (5:49) “*Absurda a punição*”.(segunda falta do Honorato)
- (6:10) “*Gordon está fugindo da luta, até o ginásio está vaiando*”.

Apesar de todas as influências para o espetáculo televisivo, o que chamou a atenção foi uma possível falta de entendimento entre ações não-determinantes e o “estar procurando a luta”. A leitura das regras de judô poderia auxiliar na extinção destas dúvidas. A CBJ (1995) apresentando a tradução das regras de competição de judô define esta questão como:

“Não combatividade” pode ser considerada como existente quando, em geral, durante 25 segundos, não houver nenhuma ação de ataque por parte de um ou de ambos os competidores. A “não combatividade” não deverá ser aplicada quando não há ação de ataque, desde que o árbitro central considere que o competidor está buscando, efetivamente, uma oportunidade de atacar. (CBJ, 2005)

Portanto, se for observado na luta, as faltas do brasileiro estão distantes de sua última ação de ataque, e com o atleta da Inglaterra executando golpes neste íterim, portanto, as punições não foram injustas nem “absurdas”, foram apenas conforme dita a regra. Este tipo de observação é sem sentido e serve apenas para amenizar os efeitos da derrota, e com isto, mascarar as possibilidades do entendimento de que esperar para aplicar um Ippon estava completamente fora dos parâmetros analisados nesta competição. Mas esta leitura, aparentemente não fazia parte do *Habitus* do judô brasileiro que está cada vez mais expresso, tanto pelas avaliações

equivocadas do especialista de judô, como nas próprias lutas analisadas, excetuando apenas em um lutador.

1ª. Rodada da Repescagem: Honorato – Isento.

Devido ao desempenho na chave principal, não foi necessário lutar a primeira rodada da repescagem.

2ª. Rodada da Repescagem: Honorato X Kelly (Austrália) – derrota do Honorato

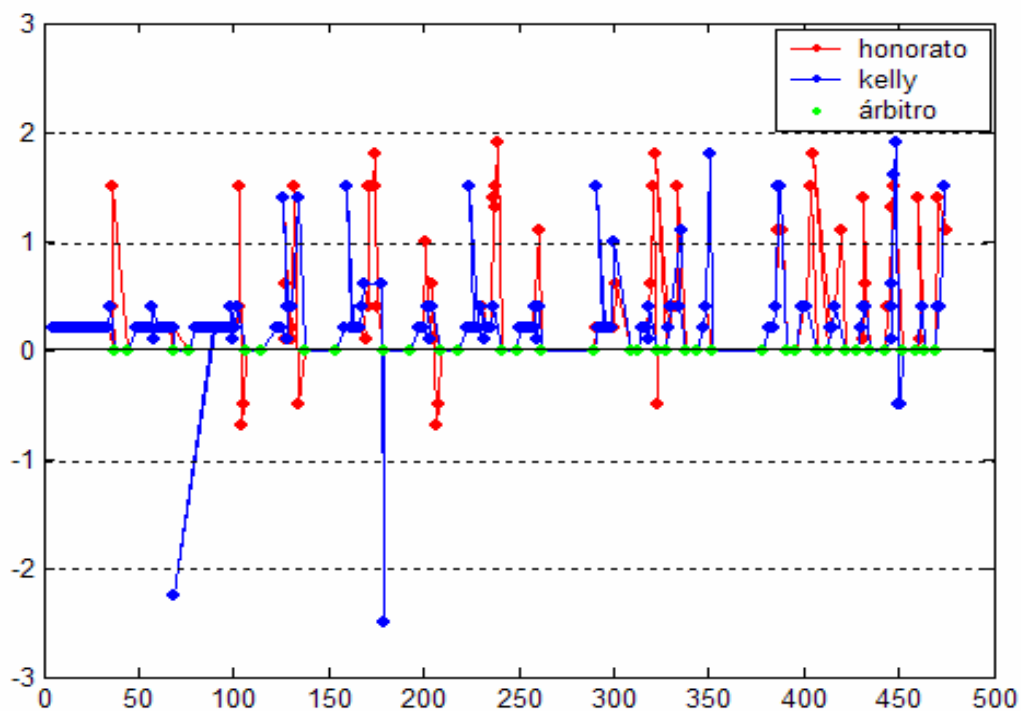


Figura 42 - Honorato X Kelly

Tipo de ação e seqüências	Honorato	Kelly	Ações da luta e arbitragem
Tempo perdido (segundos)			0
Seqüências de luta			18
Seqüências Vencidas	7	7	
Seqüências empatadas	4	4	
Seqüências em vantagem	4	10	
Ações não determinantes	129	133	
Ações determinantes	18	14	
Ações de pontuação	0	1	
Ações de desvantagem	5	1	
Ações punitivas	1	2	
Quedas sem pontos	2	2	
Qef	7,5	9,07	

Quadro 21 – Ações da luta - Honorato X Kelly

Na primeira luta da repescagem do atleta Honorato, aconteceu a “ironia do desporto”, desta vez, um único movimento cedeu a queda ao atleta da Austrália, apesar de seu Qef ser maior e fazer menor número de ações não-determinantes. Desta vez a derrota do Brasil não foi para um atleta europeu, o que constitui um fato interessante, pois as ações da luta voltaram a ser, apesar de diferentes, mais favoráveis ao estilo brasileiro, com mais brigas de pegadas e menos golpes, evidenciado pelo Qef muito alto. Nesta briga por Ippon, infelizmente, quem conseguiu derrubar foi o adversário e, como não caiu, ganhou a luta apesar de levar duas punições bem apontadas. O domínio da luta durante as primeiras ações, até a nona seqüência, foi favorável ao Honorato, porém após a décima a lógica se inverteu e o australiano esteve melhor, podendo este fato refletir a questão do preparo físico do atleta brasileiro. Convém ressaltar que o golpe que o derrubou, **surgiu de um evento de ação única de pegada**, ou seja, o australiano fez uma pegada e entrou com o golpe, mantendo em voga o questionamento sobre **a necessidade de haver duas ações de pegadas para entrar em golpe, que atrasam o ritmo de luta dos brasileiros**.

As observações da mídia continuaram as mesmas, exaltação desnecessária, preconceitos, ataques aos árbitros e sem olhos para seus próprios erros:

- (1:00) “O Australiano está até com medo de pegar o kimono do Honorato”

- (1:10) “ *O ruim é que este arbitro aí foi o mesmo que prejudicou a luta do Honorato com o Inglês, espero que agora não atrapalhe a vida do Brasileiro*”.
- (5:50) “*Falsa entrada!*” [com o Honorato caindo de joelhos(?)]
- (6:45) “*O australiano está fugindo!* (o ataque anterior foi do Australiano).
- (6:59) “*Falso Ataque, de novo!*” [como falso ataque? Se o tomoe-nague (golpe) levantou as penas e o quadril do Honorato?]

Assim como se evidencia uma tendência de repetição de comportamentos pelos atletas, isto também é observado pela mídia. Se transportarmos os comentários das lutas de outras categorias para esta, não seria notada a diferença! O ideal seria que houvesse melhores comentários no intuito de promover um melhor desenvolvimento desportivo brasileiro, e não desculpas e acusações a outrem, jamais olhando os próprios erros, que seria o caminho mais fácil para corrigi-los.

Observações: Com o Honorato, retorna o padrão de duas ações de pegada para a entrada de golpe, considerado como um dos *Hábitus* do lutador brasileiro. Honorato também retorna as mesmas falhas já apresentadas por outros lutadores, exceto o Flávio Canto:

1. Desenvolvimento de luta no chão ruim, totalmente desinteressado neste aspecto do combate;
2. Continua a necessidade de no mínimo duas ações (pg e pm) para iniciar o ajuste para o golpe;
3. Também continua um ritmo de entrada de golpe menor que seu adversário, em consequência do exposto no item anterior, apesar de que na última luta, apresentou-se números invertidos;
4. Nas quatro lutas de que participou, conseguiu apenas duas ações de pontuação por quedas, levando três pontos por quedas. Fica claro que há uma dificuldade de aparecerem ações ótimas para conquistas de quedas, e resumir a luta a isto, com o descuido de outros fatores - como a luta de chão e a defesa – constitui um problema tático, afinal ele caiu mais do que jogou;
5. Continua claro também a tentativa de ajuste de pegada para um único golpe fatal (para obtenção do Ippon), buscando achar o momento de entrar.

- **Categoria pesado, acima de 100 kg.**

A categoria acima de 100 kg das Olimpíadas de Atenas 2004 foi disputada no sétimo e último dia das competições de judô, possuindo um número de 33 lutadores inscritos. O campeão foi o atleta japonês Kenji Suzuki (apresentado no processo de validação do modelo de análise de lutas), que para ser campeão teve que ganhar cinco lutas. O Brasil foi representado pelo atleta Daniel Hernandez que participou de quatro lutas, ganhando duas delas e perdendo também duas, não se classificando. Hernandez era o último atleta brasileiro que entraria no tatame, tendo em vista que o peso pesado feminino não se classificou, então, apesar de não conquistar nenhuma medalha nos Campeonatos Mundiais de Judô e Olimpíadas, residia nele a última esperança do judô não piorar (qualitativamente) nos resultados das Olimpíadas de 2000.

1ª. Rodada: Daniel – Isento

Devido ao seu posicionamento na chave, o atleta ficou isento da primeira rodada.

2ª. Rodada: Daniel X Nyemachi (Nigéria) – Vitória Daniel

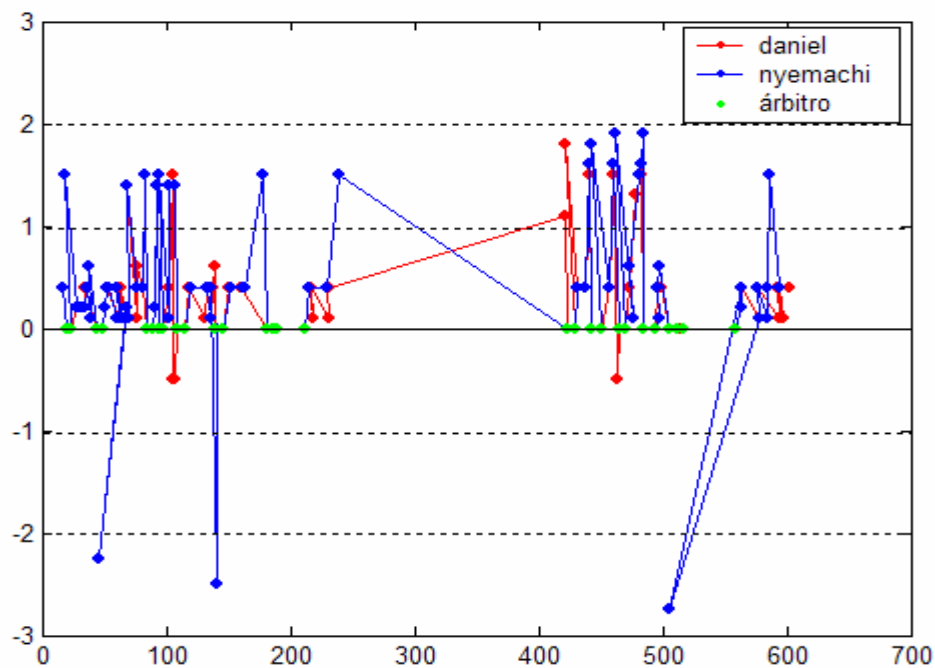


Figura 43 - Daniel X Nyemachi (Nigéria)

Tipo de ação e seqüências	Daniel	Nyemachi	Ações da luta e arbitragem
Tempo perdido (segundos)			14
Seqüências de luta			16
Seqüências Vencidas	5	8	
Seqüências empatadas	3	3	
Seqüências em vantagem	13	0	
Ações não determinantes	54	52	
Ações determinantes	7	14	
Ações de pontuação	0	0	
Ações de desvantagem	2	0	
Ações punitivas	0	3	
Quedas sem pontos	1	3	
Qef	8	3,93	

Quadro 22 – Ações da luta - Daniel X Nyemachi.

Se houvesse mesmo um complô da arbitragem contra atletas, como apontou a mídia, na primeira luta do atleta Daniel ficaria evidente que o complô era contra atletas africanos. Não há indícios, pela análise de lutas, que justifique as ações de punição aplicadas pelos árbitros para o atleta nigeriano. Possivelmente suas faltas foram aplicadas pela análise subjetiva da intenção, pois o número de entrada de golpes é mais que o dobro para o nigeriano, sendo que produziram três vezes mais quedas não pontuadas que o brasileiro. O Qef também é metade do apresentado pelo Daniel, configurando que não há elementos concretos que justifiquem a sua derrota por um placar tão amplo de três faltas contra nenhuma punição do brasileiro. Infelizmente, quando a arbitragem da luta passa para as interpretações pessoais, perde sua característica de confiabilidade, ficando ao caráter do *achismo* puro e simples. Até o momento, não havia situações que indicassem - pela análise de lutas - erros da arbitragem, por menor que fossem, porém a aplicação de faltas sem apresentar elementos concretos fica passível de questionamento, principalmente tratando-se de um país que é considerado - conforme a mídia - inexpressivo para o judô.

O atleta Daniel apresenta, como outros atletas brasileiros, com exceção do Canto, muitas ações de pegadas, poucos golpes, querendo decidir em apenas uma ação e desprezando a luta de chão.

3ª. Rodada: Daniel X Timetov (Rússia) – Derrota do Daniel

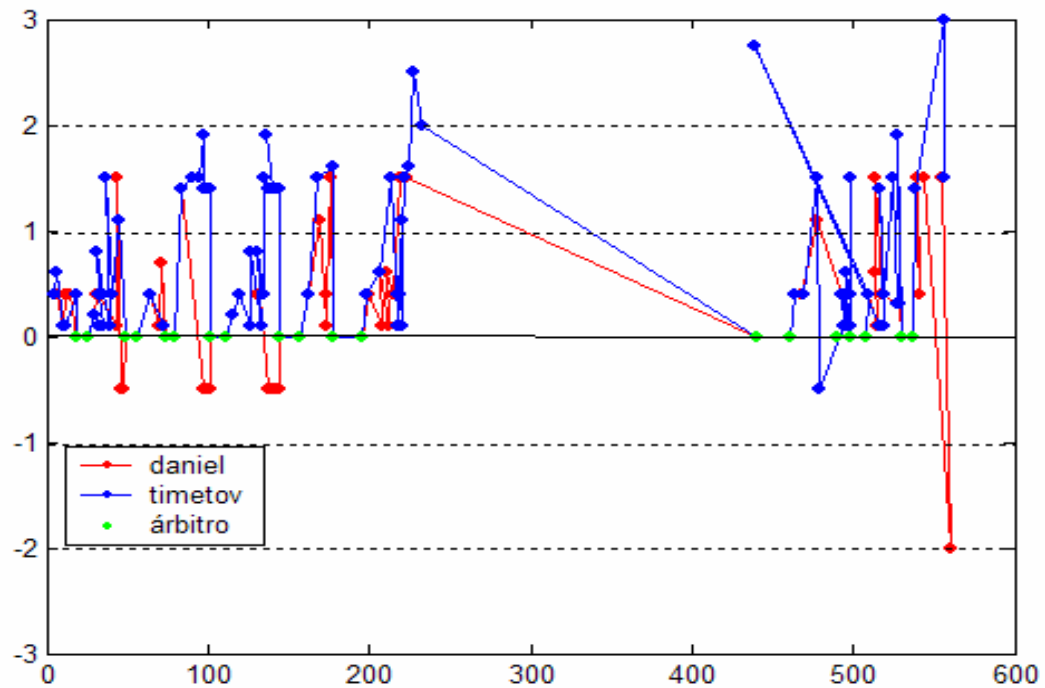


Figura 44 - Daniel X Timetov

Tipo de ação e seqüências	Daniel	Timetov	Ações da luta e arbitragem
Tempo perdido (segundos)			0
Seqüências de luta			11
Seqüências Vencidas	1	8	
Seqüências empatadas	2	2	
Seqüências em vantagem	0	3	
Ações não determinantes	42	43	
Ações determinantes	10	17	
Ações de pontuação	0	3	
Ações de desvantagem	3	1	
Ações punitivas	0	0	
Quedas sem pontos	0	3	
Qef	4,5	2,2	

Quadro23 – Ações da luta - Daniel X Timetov

Na segunda luta do atleta Daniel evidenciou-se a superioridade do russo, que apesar de apresentar uma ação não-determinante a mais do que o brasileiro, exerceu o domínio completo na luta, sendo que uma ação desnecessária não influenciou no seu desempenho. Assim, o Qef do russo foi menor que a metade do Qef do brasileiro. Novamente, e pela terceira vez - nas cinco categorias analisadas – o Brasil perde para a Rússia, como aconteceu anteriormente com os atletas Flávio Canto e Henrique Guimarães. E pela primeira e única vez nas lutas avaliadas, um atleta – o russo – produziu três ações de pontuação em uma mesma luta, sendo que duas vezes por projeção (repetindo o feito de Nossov) e uma por domínio no chão. Mantiveram-se, pelo Daniel, as ações de muitas pegadas em relação às suas poucas entradas de golpes, todas sem efeito, tendo em vista que nenhuma queda, mesmo não pontuada, ao menos, foi conquistada.

Apenas para anotar as leituras equivocadas dos locutores que narravam a luta, apresentaram as seguintes opiniões:

- (2:26) “*Luta equilibradíssima*”.
- (4:22) “*Russo está muito cansado*”.

Estas opiniões demonstraram que a análise subjetiva das ações não é um bom instrumento de percepção dos fatos apresentados durante uma disputa de judô, principalmente tratando-se de elementos relacionados ao esforço físico por informação visual, talvez a *avaliação subjetiva de esforço* intrínseca, no caso do desporto, seja mais eficiente.

Neste momento o judô brasileiro não poderia mais obter uma melhora qualitativa neste evento. Restava agora a busca pelo empate em relação ao melhor resultado quantitativo de três medalhas na Olimpíada anterior (Sydney, 2000), se bem que das três uma era de prata, duas de bronze.

1ª. Rodadada repescagem: Daniel X Munteanu (Romênia) – Vitória do Daniel

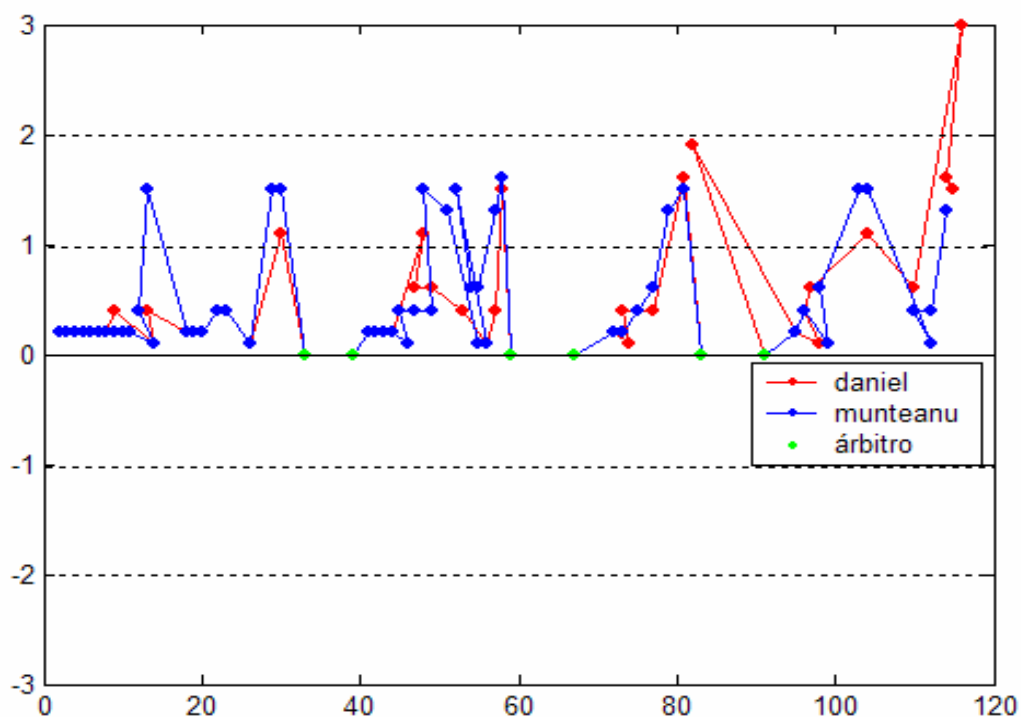


Gráfico 45 - Daniel X Munteanu

Tipo de ação e seqüências	Daniel	Munteanu	Ações da luta e arbitragem
Tempo perdido (segundos)			0
Seqüências de luta			4
Seqüências Vencidas	2	2	
Seqüências empatadas	0	0	
Seqüências em vantagem	0	0	
Ações não determinantes	27	31	
Ações determinantes	7	12	
Ações de pontuação	1	0	
Ações de desvantagem	0	0	
Ações punitivas	0	0	
Quedas sem pontos	1	0	
Qef	3,38	2,58	

Quadro 24 – Ações da luta - Daniel X Munteanu

A primeira luta do atleta Daniel, na repescagem, foi como determina o *Habitus* estudado de espera para aplicação do Ippon, houve um menor número de ações não-determinantes de sua parte, porém, o Qef foi alto, devido às poucas ações determinantes, quase a metade, produzidas pelo seu adversário. A luta foi relativamente fácil e os comentários se direcionavam ao atleta ter voltado com vontade de conquistar a medalha de bronze.

2ª. Rodadada repescagem: Daniel X Perterlson (Estônia) – Derrota do Daniel

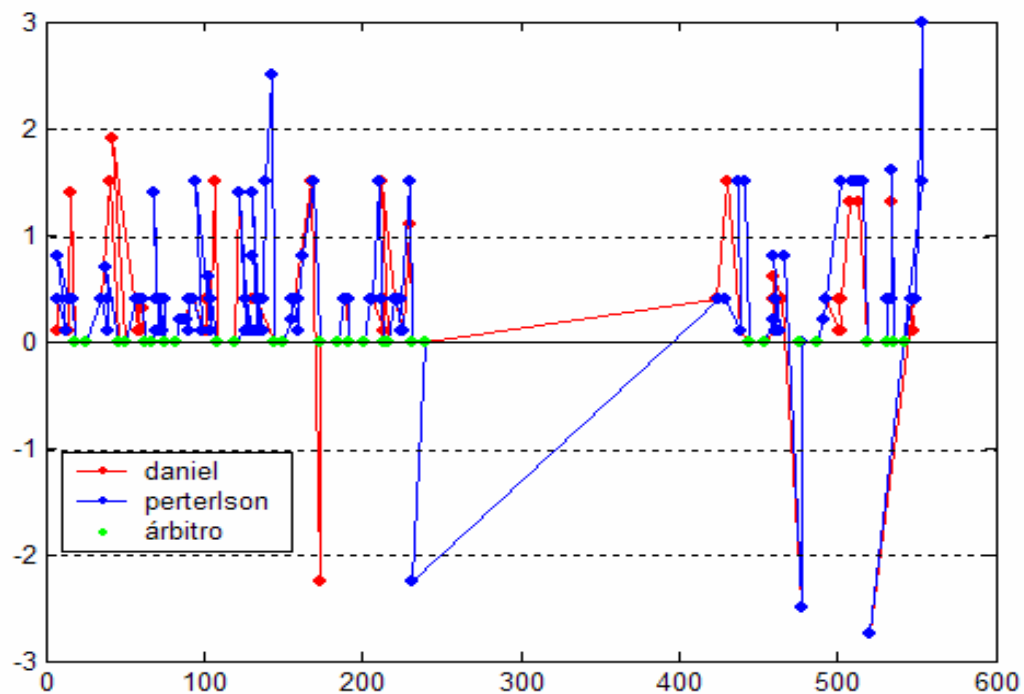


Figura - Daniel X Perterlson

Tipo de ação e seqüências	Daniel	Perterlson	Ações da luta e arbitragem
Tempo perdido (segundos)			0
Seqüências de luta			15
Seqüências Vencidas	2	5	
Seqüências empatadas	8	8	
Seqüências em vantagem	0	9	
Ações não determinantes	76	71	
Ações determinantes	9	12	
Ações de pontuação	0	2	
Ações de desvantagem	0	0	
Ações punitivas	3	3	
Quedas sem pontos	1	0	
Qef	8,78	5,29	

Quadro 25 – Ações da luta - Daniel X Perterlson

A quarta e última luta do atleta Daniel foi semelhante em alguns aspectos ao que aconteceu com a luta do atleta contra o russo, sendo que ele apresentou menor número de ações não-determinantes, porém, o Qef foi mais alto, novamente devido às poucas ações determinantes. Interessante notar que seu adversário, modifica a estratégia de luta conforme a necessidade, diminuindo o ritmo durante os momentos de vantagem e, após levar a terceira punição – mesmo tendo vantagem no placar – conjuntamente com o Daniel, voltou a aumentar o ritmo, obviamente para evitar sua desclassificação, com isto conquistou o Ippon. Foi o quarto atleta a conseguir duas pontuações por quedas das 24 lutas analisadas (incluindo o piloto), sendo que nenhum atleta brasileiro conseguiu tal feito. A luta foi bem cadenciada pelo atleta da Estônia, não se expondo ao perigo durante o combate, porém a mídia televisiva via de forma diferente, e os comentários se direcionavam ao árbitro, centralizando no preconceito:

- (0:01) “*Arbitro Argentino é um perigo!*”
- (1:17) “*Eu falei que o arbitro argentino era preocupante, falei brincando evidentemente, mas, poderia ter dado a punição.*”
- (2:54) “*Revoltante a arbitragem!*”

Apenas enfatizando que, pela análise, a revolta com o árbitro deu-se pela primeira punição ao atleta brasileiro, porém, na ação anterior à punição o estoniano conquistou uma pontuação de yuko por queda. Lembrando as regras, nesta situação quem deveria executar uma ação de aplicação de golpe era o Daniel, e como ele não o fez, levou a punição justamente. Desta forma, observa-se que a análise feita pelo comentarista técnico era, novamente, de acreditar que ações não-determinantes e, “*ir para cima*”, “*buscar a luta*” determinavam uma vantagem em relação à arbitragem, porém, são as entradas de golpes que evidenciam as vantagens ou domínio da luta, conforme aplicado pela arbitragem. Novamente as reclamações sobre a arbitragem não foram substantiadas por dados objetivos.

Observações: O encerramento da participação brasileira no judô das Olimpíadas de 2004 se deu pela luta do atleta Daniel Hernandez, terminando da mesma forma como começou a análise proposta, com o mesmo o padrão de duas ações de pegada para a entrada de golpe, o *Hábitus* dos lutadores brasileiros. O Daniel das lutas observadas teve a defesa mais fraca, preocupando-se apenas com o ataque, sendo o único brasileiro estudado a perder de Ippon, nas duas lutas ainda. Foi o atleta que mais caracterizou o desprezo pela luta de chão, só lutou uma vez quando foi imobilizado pelo russo e assim mesmo levou um Wazari após a fuga.

- **Considerações gerais sobre as análises apresentadas.**

As lutas apresentadas foram de fundamental importância para a observação da dinâmica e distribuição das ações dos atletas em combates. Os modelos de apresentação foram satisfatórios, apesar da apresentação gráfica ainda apresentar problemas. O modelo gráfico mostrou-se interessante nas observações de ações determinantes, de pontuação, de desvantagem e punitivas, apesar das ações não-determinantes e do árbitro ficarem confusas pelo grande volume de informações. Porém, a tabela apresentada auxiliou a suprir esta dificuldade de observação. No desenvolvimento das análises chegou-se a um modelo, não emocional, de percepção das ações objetivas das intencionalidades apresentadas pelos atletas em lutas. Os atletas brasileiros analisados apresentaram:

Lutador	Vitória	Derrota	Nacionalidade do vencedor
Lee	0	1	Armênia
Henrique	1	1	Rússia
Leandro	6	1	França
Canto	5	1	Rússia
Honorato	2	2	Inglaterra e Austrália
Daniel	2	2	Rússia e Estônia

Quadro 26 – Vitórias e derrotas brasileiras em Atenas 2004

Interessante notar que as derrotas brasileiras foram, em sua maioria, para atletas oriundos da ex-União Soviética, principalmente da Rússia, e as outras derrotas foram para dois países europeus, restando apenas a Austrália como outro continente envolvido. Esta discussão será retomada mais adiante.

Através das observações feitas pelo modelo, foram aglutinadas as ações não-determinantes e o Qef no quadro abaixo (Quadro27), lembrando que o atleta ligeiro não fez parte desta análise, a primeira luta do Leandro também não fez parte por terminar no Golden Score.

Tipo de análise do vencedor	Brasileiros	Europeus	Outros	Totais
Qef maior	5	0	1	6
Qef menor	9	6	0	15
Ações não-determinantes maiores	9	3	1	13
Ações não-determinantes menores	4	3	0	7

Quadro 27 – Tipo de ação dos vencedores dos combates.

Fica claro, observando o quadro acima, o padrão europeu apresentado nas lutas analisadas, em que todas as vitórias foram apresentando o Qef maior, e quando as ações não-determinantes foram maiores que seu adversário - nos casos das duas lutas perdidas pelo Daniel e na do Henrique - estiveram associadas ou a vitória por Ippon do adversário ou a alteração do ritmo de luta. Não foram evidenciadas, nas lutas dos europeus, ações individualizadas que determinaram a vitória, estando expressas no Qef as ações determinantes maiores que as do brasileiro.

Pensando em relação aos atletas brasileiros, a grande maioria da distribuição de ações, evidenciadas pelo Qef, possuíam semelhanças, à primeira vista, com o apresentado pelos atletas europeus. Porém, a grande maioria das ações não-determinantes foi superior (lembrando haver um empate de ações na luta do Leandro). Isto refletiu as observações feitas a respeito do Habitus do lutador brasileiro ao longo das análises apresentadas. As cinco vitórias conquistadas com o Qef maior estiveram relacionadas a:

- As duas lutas do atleta Leandro decididas por uma ação isolada, no conjunto da luta esteve inferiorizado;
- A luta do atleta Canto que, em sua busca de levar a luta ao chão, diminuiu seu valor de Qef;
- As duas lutas do atleta Daniel em que, na primeira, não houve evidências das punições de seu adversário e, na segunda, o atleta ficou esperando a aplicação do Ippon, limitando suas ações para isto.

Conforme o exposto, o Qef demonstrou ser um instrumento de análise bem interessante para ser utilizado como referência da cadência da luta, sendo que os outros instrumentos utilizados para o entendimento da dinâmica do combate também foram satisfatórios. Tais instrumentos de análises são originais, e sua utilização posterior a esta Tese poderá provocar evoluções para a melhora de sua qualidade porém, é evidente que através deles observam-se elementos e ações motoras, possibilitando o entendimento da complexidade da luta de judô, sendo uma forma mais objetiva de estruturar a leitura de um combate!

Foi possível, depois desta análise, evidenciar que na maioria das vezes o volume de ações motoras produzidas pelos atletas brasileiros nas lutas foi maior, porém este volume muitas vezes foi inútil, ou seja, de pegadas, de ir para cima – no sentido de empurrar - do adversário, que dá uma falsa impressão de que ele está dominando o combate, mas o volume de aplicações de golpes dele é mínimo em relação aos de seus adversários. Remetendo-me à experiência como praticante – buscando elementos como um autor que possui história de vida dentro da modalidade - no judô, e compreendendo em termos práticos o processo de treinamento, é possível inferir que este fato provavelmente deve-se ao sistema de treinamento mais comum no judô, que consiste em treinar para derrubar exclusivamente. Entretanto, as regras definem também a necessidade de aplicar golpes para pontuar, pelo que foi observado nesta olimpíada. No

caso dos brasileiros, se o lutador consegue derrubar seu oponente ele ganha, porém, quando não consegue derrubar, seus recursos tornam-se escassos.

Percebe-se que os lutadores brasileiros possuem número de aplicação de golpes menor do que muitos de seus adversários, portanto recebem faltas, devido a não terem combatividade. Ao passo que os locutores ficam insistindo na idéia que os árbitros erraram, porque o Brasileiro estava “*procurando mais a luta*”. Entretanto, a combatividade é refletida pelas **aplicações de golpes**, e não pelas ações motoras em si. - **Eis a questão !** - Os brasileiros apesar de apresentarem grande número de ações motoras, são pouco combativos, porque as ações não se concretizam em golpes! E, o que acaba importando são os golpes e não a tentativa de buscar melhor pegada ou posicionamento. Esse é um ponto importante de ser ressaltado, em que está expresso o *Habitus* da *Escola de Ofício* do Judô brasileiro:

- **buscar o melhor posicionamento para a aplicação do golpe**, esquecendo que isto é irrelevante, **o golpe em si que é importante**;

Isto gera um grande problema para o treinamento, porque se o atleta estiver mal posicionado não consegue entrar com o golpe, portanto o treinamento não pode ser desenvolvido com um lutador em posição passiva para aperfeiçoar a “*técnica de movimento*” apenas, principalmente em se tratando do judô de alto nível. Entretanto, este modelo é comum nos treinamentos do judô nacional, que são chamados de Uchikomi, Nague-ai ou Nague-Komi – “Aplicação de golpes com projeção (apenas um dos judocas aplica as técnicas)” (MORANDINI NETO, 2008). Todas estas ações têm suas particularidades, porém, o adversário, ou o companheiro de treino aceita passivamente ou resiste pouco em relação à aplicação do golpe. Este comportamento não é o desejável, em se tratando das necessidades de movimentos aleatórios encontradas em desportos de luta, onde existem inúmeras possibilidades de movimentação, de golpes, contragolpes e as várias combinações entre eles. Portanto, soma-se a possibilidade, contrária da tradicional, de treinar golpes em várias relações de oposição sendo indicado:

- diversificar em todos os momentos do treinamento, gerando inúmeras possibilidades tanto de ataque como defesa, assim;
- **tornar a imprevisibilidade (da luta) cada vez mais previsível (através do treino).**

5.3.1 - *Habitus* do judoca brasileiro nas lutas – A mídia em Atenas 2004.

O estudo das diversas mídias durante as Olimpíadas de Atenas 2004 foi relatado durante a Parte A desta Tese, e apresentado na forma de artigo. Para uma segunda análise, nesta sequência do estudo, o enfoque recaiu sobre a mídia televisiva, à qual se pretendeu relacionar aos seguintes aspectos:

- A utilização do referencial teórico de Bourdieu na identificação de um *Habitus* do desporto judô, através da análise específica do comentarista faixa-preta, designado exclusivamente para ater-se às questões técnico-táticas das lutas durante as Olimpíadas de Atenas (2004). Algumas falas de outros agentes sociais envolvidos também foram apontadas, como narradores, apresentadores de programas correlacionados aos Jogos (especiais e mesas redondas) e alguns atletas. Considerando suas falas ou a verbalização das características culturais, expondo o capital simbólico e a violência simbólica.
- A mídia enquanto formadora de opinião e os desdobramentos de suas observações, tanto no entendimento das questões políticas envolvidas, quando no reflexo de seus atos para o desporto judô.

A análise do discurso da mídia foi categorizada, enquanto resultados, com base no estudo de Bourdieu (1996) sobre a televisão, sendo o autor selecionado como referencial teórico pela cumplicidade que apresenta em relação ao entendimento das estruturas de poder presentes na mídia. Conforme apresentado por Bourdieu (1996):

“A análise sociológica choca-se freqüentemente com um mal-entendido: os que estão inscritos no objeto da análise, neste caso particular os Jornalistas²¹, tendem a pensar que o trabalho de enunciação, de desvelamento dos mecanismos, é um trabalho de denúncia dirigido contra pessoas ou, como se diz, “ataques pessoais, *ad hominem*” (...) “Eles se sentem visados, alfinetados, **quando, ao contrário, quanto mais se avança em uma Análise de um meio, mais se é levado a isentar os indivíduos de sua responsabilidade” (BOURDIEU, 1996, p. 21).**

A partir da natureza das considerações emitidas pelo comentarista oficial, percebeu-se a grande similaridade entre o seu discurso e as considerações de Bourdieu (1996).

²¹ A referência mais apropriada para este estudo seria apresentadores, narradores e comentaristas televisivos, porém, manteve-se a estrutura original da referência.

Desta forma, as categorias criadas para a análise do discurso da mídia na proposta deste estudo, advêm dos capítulos descritos na referida obra (Op. cit) selecionados, como segue:

- Categoria – “*Satisfação do Orgulho Nacional*” - Bourdieu (1996; p.124)
- Categoria – “*Televisão enquanto espelho de narciso*” - Bourdieu (1996; p.17)
- Categoria – “*Mídia enquanto, “ele tem algo a dizer? Está em condições de poder dizê-lo? O que ele diz merece ser dito nesse lugar? Em uma palavra o que ele faz ali?”*” - Bourdieu (1996; p.18)
- Categoria – “*Ocultar mostrando.*” - Bourdieu (1996; p.24)
- Categoria – “*Os jornalista tem óculos especiais*” - Bourdieu (1996; p.25)
- Categoria – “*Os jornalistas interessam pelo excepcional, pelo excepcional para eles*” - Bourdieu (1996; p.26)
- Categoria – “*Televisão enquanto efeito do real, ela pode fazer ver e fazer crer no que faz ver*” - Bourdieu (1996; p.28)
- Categoria – “*Desporto Enquanto Empresa*” - Bourdieu (1996; p.125)

Convém lembrar que já foram apresentadas, neste trabalho, discussões sobre as mídias, o preconceito em relação aos judocas europeus, a adoração aos judocas japoneses e ao Japão, as contradições dos apresentadores e também a cobrança do resultado obtido. Por isto, esta abordagem sobre a mídia televisiva buscou desencadear análises novas e enfáticas da relação estruturada pelo pensamento de Bourdieu (1996) evitando ao máximo a redundância da informação.

- **Categoria – “*Satisfação do Orgulho Nacional*”, Bourdieu (1996 p.124)**

Ao considerar o fato de que Pierre Bourdieu foi um sociólogo francês, e que tecia suas teorias a partir das observações da realidade francesa, torna-se interessante ressaltar o caráter de universalização dos elementos discutidos por seus textos, pois se repetem em relação ao observado, por exemplo, no Brasil. Aparentemente a mídia segue sua cartilha, nesta categoria onde a “exaltação ao nacionalismo” (BOURDIEU 1996, p.124) evidencia-se pelas “coisas ditas”, como:

- (...)“*tal atleta veio no Brasil para treinar*” (comentarista referindo-se a atletas de outros países, na maioria das vezes, com resultados mais expressivos do que os do Brasil).
- “*O holandês vem para o treinamento de campo aqui no Brasil.*” (comentarista), que se arrepende e reforça: “*A Holanda toda veio para o Brasil!*”
- “*O Judoca italiano esteve treinando no Brasil com a seleção italiana.*” (comentarista).
- - “*Todo mundo vem treinar com a gente?*” (locutor)
- “*É que o Brasil está como referência para o mundo!*” (comentarista)

Ficam nítidas as apresentações do currículo brasileiro, pois se todos vêm para o Brasil treinar, é porque o Brasil é o melhor! Esta questão é enfatizada no questionamento:

- - “*Escola Européia ou Asiática?*” (entrevistador)
- “*A Brasileira é melhor!*” (atleta)

Na realidade, como foi abordado anteriormente, toda esta exaltação nacionalista apresentou-se apenas em momentos anteriores ou durante as disputas, não se perpetuando, pois, como já foi comentado, ainda não existiram grandes feitos. “*Mas preparem-se para o espetáculo*”. As próximas categorias apresentam-se como complementares a esta.

- **Categoria – “*Televisão enquanto espelho de narciso*” - Bourdieu (1996 p.17)**

Apesar de esta categoria estar associada a anterior, exprime firmemente o fetiche narcisista, enquanto desempenho brasileiro orientado pela participação dos envolvidos nos processos de narração/comentários (lembrando que estes já foram atletas). O auge é atingido, pois, após a derrota de um dos “invencíveis” japoneses, gerando o comentário do narrador para o comentarista, de “*você – o comentarista – já ganhou do holandês que ganhou do Inue!*”.

Outros comentários que formaram esta categoria, em um primeiro momento, exaltavam as qualidades dos atletas brasileiros, porém da forma como se apresentaram, geraram problemas para os próprios atletas por não conseguirem consumir o feito titânico que a eles foi imposto. Enquanto narcisista incorrigível, os comentários midiáticos carregaram os atletas de responsabilidades que não foram consumadas. Em um destes comentários, anterior à competição:

- “*Até atleta C do Brasil pode buscar medalhas*” (comentarista).

Como entender, pela lógica, esta consideração em relação a um desporto que, apesar de trazer medalhas para o país, ainda não se encontra hegemônico no desporto? Como não gerar futuras cobranças aos judocas, quando são emitidas, incessantemente, informações como:

- Após a primeira medalha de bronze – *“Ressaltando o grande trabalho da seleção brasileira temos ainda quatro atletas no masculino e três no feminino, todos com chances reais de medalhas”* (comentarista).
- *“A habilidade do Alexandre Lee impressiona qualquer um”*. (comentarista)
- *“O Henrique tem um judô clássico, um dos atletas mais respeitados da categoria!”* (comentarista).
- *“A Daniele é uma das favoritas a medalhas!”*. (comentarista). Ou, *“Daniele Zangrando é apontada pela Imprensa Internacional como uma das favoritas para medalha, a atleta mais técnica do Brasil!”* (comentarista).
- *“Hoje pode ser um dia histórico para o judô feminino, pois poderá ser a primeira medalha Olímpica para o judô feminino!”* (comentarista referindo-se à Zangrando).
- *“Canto está cotado para medalha de ouro!”* (comentarista).
- *“Edinanci, se acordar no dia, pega o ouro!”* (comentarista).
- *“Brasil está contando com a medalha de ouro, a primeira no feminino”* (comentarista – sobre a Edinanci, dizendo a mesma coisa que disse, e não deu certo, com a Daniele Zangrando).
- *“Daniel Hernandez vem de quatro disputas de bronze em campeonatos mundiais, sendo que perdeu a última, ganhando até o último momento, faltavam oito segundos.”* (comentarista).
- *“Hernandez é muito regular.”* (comentarista).

No caso de dois atletas em especial, foram criadas expectativas que quanto maiores, são menos necessárias:

- *“Guilheiro (Leandro) impressiona o mundo do Judô: fenômeno!”* (comentarista).
- *“Daniele foi um fenômeno no judô feminino!”* (comentarista).

Estas afirmações referem-se à idade em que os atletas conseguiram medalhas, e por esse motivo, os atletas são fenomenais! O atleta Leandro tinha 21 anos recém completados à época, e apesar de ser medalhista de bronze, não superou o brasileiro Thiago Camilo, prata aos

18 anos nos Jogos Olímpicos de Sydney 2000. Pouco impressionou o mundo também o bronze no mundial (júnior) da atleta Daniele, pois como o próprio comentarista lembra:

- “*A hepta-campeã mundial, Rioko Tani, conquistou sua primeira medalha aos 15 anos de idade*”.

O imperativo de gerar as expectativas de medalhas e enaltecer de forma imprudente os lutadores estigmatizou negativamente o atleta Honorato, pois a sua carreira brilhante – vice campeão Olímpico em Sydney 2000 e Bronze no Mundial de Osaka 2005 – ficou ofuscada pelo exagero dos comentários:

- “*Honorato, o Showman do judô mundial!*” (duas vezes; o comentarista abordou desta forma).
- Após a primeira luta: “*Mostrou experiência, declarou que está pronto, mostrou que vai chegar ao segundo podium (do Brasil) da Olimpíada.*” (comentarista).
- “*Honorato mostrou que está no seu dia!*” (comentarista).
- “*Todo ano vem para o Brasil testar o Honorato!*” (comentarista, referindo-se a um atleta de outro país).
- “*Não pisque os olhos que você poderá perder uma coisa espetacular a qualquer momento!*” (locutor fazendo referência à entrada do Honorato na luta).
- “*A medalha de prata o Honorato já tem, só importa o ouro.*” (comentarista)

Os reflexos desta análise não poderiam resultar em outra coisa, senão a cobrança por “grandes feitos”. Estes não aconteceram, pois. Ficou apenas a angústia de ter exagerado.

A direção dos fatos apresentados até o momento reflete a necessidade de dizer que, “*tudo está bem, tudo vai bem, o Brasil é uma potência no desporto*”. Sabe-se, pois, que estes comentários não refletem a realidade, pois o Brasil com exceções feitas às modalidades de voleibol e futebol, é bem modesto em relações a seus resultados em nível internacional em muitas modalidades. No caso específico do judô, este, de certa forma, estaria cooperando com a manutenção do estado artesanal de formação, efeito da “ameaça da Modernidade”.

- **Categoria – Mídia enquanto:** “*ele tem algo a dizer? Está em condições de poder dizê-lo? O que ele diz merece ser dito nesse lugar? Em uma palavra o que ele faz ali?*” Bourdieu (1996 p.18).

Enquanto os eventos televisivos se sobrepõem, mais informações vão sendo apresentadas, e mais verdadeiras ficam as considerações de Bourdieu (1996, p.19), pois de fato “o assunto é imposto, de que as condições da comunicação são impostas” e, sobretudo, que “o conformismo político é maior”. “As pessoas se conformam por uma forma consciente ou inconsciente de autocensura, sem que haja necessidade de chamar a atenção” (BOURDIEU, 1996, p.19).

As informações dadas pela narração/comentários sempre objetivaram a caracterizarão de uma perfeição inexistente, a respeito de uma estrutura amplamente discutida, neste estudo, como desconhecadora das próprias evoluções presentes no desporto, e que classifica o judô de forma pejorativa entre certo e errado, bom e mal, bonito e feio, japonês e europeu! Neste ponto, pergunta-se *“ele tem algo a dizer?”*

Neste caso:

- *“Daniel entrou em 98 na seleção e nunca mais saiu.”* (comentarista).
- *Guilheiro 21 anos com maturidade impressionante.* (comentarista).
- *“Flávio demonstrou maturidade impressionante!”* (comentarista).
- *“Edinanci só não ganha o ouro se não quiser, tem muita expectativa sobre a medalha dela por isso ela não ganha. Se machucou em Sydney nos treinamentos”.* (comentarista).
- *“(…) para que o atleta A não se acomode, o B serve não só para o caso de se machucar, mas para manter ele treinado até o fim”* (comentarista).

Tais impressões apresentadas pela mídia, têm outro motivo para serem relatadas, que não o de dizer que tudo está bem? Qual o efeito depois de diversas apresentações deste tipo em relação ao público quando o atleta não vence? Por que nestas discussões que são apresentadas não há um único ponto de análise crítica? Dizer que um atleta de 29 anos que já participou de vários eventos internacionais “demonstrou maturidade” é realmente necessário? Dizer que a expectativa sobre a Edinanci a impede de ganhar, não é gerar o efeito limitante da atleta? Por fim, as informações apresentadas pela mídia, que deram vida a estes questionamentos, não permitem encontrar outra resposta senão a de dizer que algo deveria ser dito, e apenas isto!

Analisando as informações adjuntas a esta parte do discurso da mídia, sob a ótica da Metodologia de treino, chamou a atenção à última fala do comentarista, de que os atletas A e B treinam até as vésperas da competição. Esta informação confirma-se com o fato de que em

Sydney (Olimpíadas de 2000), a atleta Edinanci se machucou nos treinamentos, já na Vila Olímpica. Desta forma, cabe considerar que dificilmente encontram-se modelos de treinamento desportivo contemporâneo (VERKHOSHANSKY, 2002) que levem o atleta ao treinamento até as vésperas de um torneio importante. Este fato não é passível de discussão pela mídia? Configura-se uma necessidade - caso o instrumento televisivo não seja de cunho ideológico - de buscar profissionais que compreendam o processo de treino, além de apenas o desporto em si, para uma discussão mais produtiva e não pautada apenas pelas “conversas de bastidores”.

E mais uma vez:

- “*Edinanci superou lesão no joelho esquerdo!*” (comentarista).
- “*Daniele sofreu duas cirurgias e uma hérnia de disco e voltou, porque viu o caso do Ronaldinho, se emocionou e voltou.*” (comentarista).
- “*A primeira vitória foi contra a balança*”. (Comentário referindo ao Honorato)
- “*Honorato está bem fisicamente e taticamente*”. (comentarista)

Estas informações suscitam o questionamento de que: *O que ele diz merece ser dito nesse lugar?* Na realidade compreende-se que a razão de tais inferências sobre a recuperação e *superação pessoal* dos atletas exprime o desejo de querer exaltar o “mito do herói”, como uma forma de enfatizar o esforço, a determinação, a paciência e a perseverança, característica que transforma os atletas em “seres superiores”. Entretanto, considera-se que ao citar lesões graves como se fossem troféus (neste caso, medalhas de guerra) não se reflete apenas o mérito pessoal, mas pode também caracterizar o desporto judô como perigoso, lesivo, chegando até mesmo a estigmatizar os atletas por suas contusões. Da mesma forma, revelar que o atleta Honorato estava fora do peso também é totalmente desnecessário e prejudicial para o atleta, pois mesmo ao afirmar posteriormente que ele estava bem fisicamente, a primeira informação é a que fica gravada, ainda mais quando suas lutas refletiram isso.

E continuando com o *show*:

- “*Medalha não é impossível, basta acreditar*” (atleta 1).
- “*Para conseguir uma medalha você precisa de muita fé. Deus escolhe quem ganha porque o nível é muito igual.*” (atleta 2).
- “*Mesmo perdendo voltou com a cabeça de campeão.*” (comentarista).

As informações acima, não só descaracterizam todo processo de treino, como transcende ao real. **Evidencia-se, mais uma vez, o predomínio da pré-modernidade, bem**

representadas pelo caráter artesanal do ofício. Com todo respeito à religiosidade (de qualquer natureza), compreende-se que a espiritualidade pode dar conforto ao ser humano em momentos difíceis, porém, não se deve reduzir processos complexos a ela apenas, pois seria como afirmar que nenhum ateu jamais ganhou medalhas.

Apesar da característica do estudo, que retém informações muitas vezes complementares e repetidas, busca-se enfatizar o questionamento científico, principalmente pela falta dele nas inferências do comentarista. Algumas afirmações mostram realmente o trato de pseudociência que é dado nestes casos:

- “*Que faz a diferença é a parte psicológica*”. (comentarista).
- “*Coreano medita três horas após o treinamento*” (comentarista justificando bom desempenho).
- “*Japoneses têm uma estrutura mais baixa mais compensam com técnica superior à força*.” (comentarista).
- “*Fazem tanta força no início da luta que abrem o bico no final*”. (comentarista referindo aos atletas do leste europeu).
- “*O Henrique tem postura melhor que o russo, o russo só vai na perna. Está muito bem o Henrique, está mostrando que está no dia dele, o russo só tenta pegar na perna*.” (comentarista referindo-se a luta que o Henrique acabou perdendo).
- “*O judô do espanhol é um judô mais bonito, pois tenta pegar a manga*” (Comentário sobre o espanhol, que é um japonês naturalizado, contra o mongol. O mongol ganhou).
- “*Estilo estranho ganhou do estilo eficiente*.” (Comentário contraditório, pois se é eficiente, porque perdeu?).
- “*Atleta do Irã tem um estilo um tanto quanto esquisito. Venceu o judô clássico, pelo menos nesta luta. Ainda Bem!*” (Comentário sobre a luta do coreano contra Iraniano).
- “*Georgiano tem muita força, fraco no final, segura estranhamente no kimono*.” (comentarista)

O que leva à indagação: ***Está em condições de poder dizê-lo?*** Este é o questionamento claro, pois este discurso da força X técnica, se repete incontáveis vezes durante a transmissão. Seria interessante, pois, que fossem citados modelos comparativos de força, em todos os seus desdobramentos para que se valide a afirmação referente às comparações entre

japoneses e europeus. As outras informações também são apenas especulativas não deveriam ser afirmativas.

Em uma palavra o que ele faz ali? Na ânsia de criticar o estilo que não deve ser praticado, há, em alguns casos, até distorção visual da imagem apresentada. A narração estava desconectada com as imagens que se apresentavam:

- “*Vai tentar buscar a perna do Lee*”. (o golpe aplicado foi o *Sode-tsurikomi-goshi*²²)
- O judoca georgiano aplicou um *utchimata*, golpe que encaixa o quadril e utiliza as pernas, considerado do grupo de *Ashi* (pernas), porém a informação passada na transmissão foi: “*só faz isso, catada de perna*” (...); novamente outro *utchimata* do georgiano, e o *replay*: “*ele insiste na catada de perna*”.
- “*Bom momento para o Henrique*”. (O adversário acabou pontuando de *wazari*)
- “*E a torcida ali ao fundo!*” (esta informação foi estranha porque era durante a narração de uma luta e a informação visual já era suficiente).

A soma de todas as considerações que foram feitas durante esta categoria se resume a frase inicial da justificativa do desempenho de um dos brasileiros ter sido alguém do esperado:

- “*Brasileiro tem mania de olhar apenas as Olimpíadas*” (comentarista).

Afinal com todo aparato televisivo, toda a propaganda gerada, as contratações e expectativas, o evento que estava sendo apresentado no momento era este... uma Olimpíada! Como interpretar, então, o sentido desta informação? Bourdieu realmente foi feliz fazendo as observações que geraram esta categoria.

Para finalizar esta categoria, ainda apresentaram-se elementos associados a um certo “arrependimento” no exagero das expectativas que, pois, conforme esta análise não é possível terceirizar a culpa:

- “*Estou sentindo grande cobrança sobre os atletas*”. (comentarista).
- “*Não é bem assim, dizer que foi decepção*”. (comentarista).
- “*Houve uma expectativa um tanto quanto exagerada*”. (comentarista).
- “*Da equipe? Não de revistas especializadas.*” (comentarista).

²² Golpe que utiliza o quadril, e não há ataque às pernas. O *sodê* da palavra faz referência ao atleta que aplica o golpe estar com o domínio das mangas do adversário.

- **Categoria – “*Os jornalista tem óculos especiais*” - Bourdieu (1996 p.25).**

Investigando ainda os elementos do discurso da mídia, rumo ao entendimento das questões que motivam as opiniões nela expressas, destaca-se que um dos objetivos centrais da transmissão televisiva é o de imputar ao espetáculo o máximo possível de grandiosidade, seja ela verdadeira ou não:

- “*Esta tem sido a Olimpíadas mais disputada de todos os tempos.*” (comentarista).
- “*Flávio Canto na chave mais difícil desta olimpíada 10 a 12 atletas com chance de medalhas de ouro*” (comentarista).

Porém, não obstante as opções de valorização do evento, que é informado sem a apresentação adequada das evidências que sustentam tal fato, também são passadas as questões ideológicas que devem ser vistas e assimiladas, sempre sustentadas pela ótica pessoal, que neste caso, é a leitura que o próprio espaço social do judô (representado pelo comentarista) tem dos fatos:

- “*Só o coreano era páreo para o Nomura, este atleta não tem condições de enfrentá-lo*”. (Comentário em que à vitória do japonês sobre o georgiano que foi apenas por uma falta!).
- “*Incrível a vitória do japonês, dominou totalmente o georgiano, não deu espaço para ele.*” (Idem).
- “*O russo é muito forte, está usando muita força, isso é bom para o brasileiro.*” (comentário da luta em que o Henrique perdeu).
- “*Bielo-russo é do judô tradicional de seu país*” (comentário sobre o “judô força”, convém ressaltar que o atleta foi campeão)
- “*Judô não é só força é técnica, por isso o Japão ganhou*”. (comentarista)

Não fica difícil de constatar o caráter conservador associado aos comentários, e o fetiche pelo judô japonês, através do que é chamado de *técnica e força*, que se apresentam unidos à questão fundamental do *Habitus* do judô brasileiro, que impõe as condições:

1. **“Somos assim, o Japão é assim, quem é diferente está errado, portanto, não devemos mudar!”**

2. “Referência a um possível pré-determinismo Japonês, em que todos são todos franzinos e mais fracos que os europeus porém vencem porque a técnica prevalece”.

Apenas estas condições explicariam as inúmeras e contínuas falhas - já citadas e que também se sucederam – de entendimento da base desportiva. Apesar de existirem certos conhecimentos, que deveriam ao menos ser de “domínio público” de quem se envolve na área do desporto, convém pontuar, para que não haja dúvidas, que, tanto a força quanto a técnica são elementos complementares e podem ser definidas, segundo Verkhoshansky (2002), como segue:

- **Técnica desportiva** é o sistema de movimentos organizados para a resolução de uma tarefa motora concreta, que em uma série de modalidades desportivas está fortemente determinada pelas regras da competição.
- **Maestria técnico-desportiva** é a habilidade do atleta para aproveitar de forma efetiva seu potencial motor nas condições do treinamento e na competição.
- **A técnica desportiva é antes de tudo a coordenação dos esforços musculares.**
- **As capacidades de força** se manifestam diretamente nos esforços físicos (motores).
- **A força muscular** ao ser um componente dinâmico de qualquer movimento desportivo, pode ter diversas características qualitativas em função da sua velocidade, a resistência externa e a duração do trabalho.

Portanto, qualquer inferência em relação à técnica e força observadas pelos “atores sociais do judô”, relaciona-se mais a falta de leitura em sua formação básica do que uma constatação do real. Dissociar força e técnica é objetivamente um absurdo tão grande quanto dizer que um campeão Olímpico de judô não tem técnica. Ambas as afirmações refletem apenas a **característica conservadora** observada em todas as direções e investigações apontadas neste estudo.

- **Categoria – “Ocultar mostrando. Bourdieu” (1996 p.24).**

Sem desviar o foco do assunto anterior, e prolongando suas evidências em uma mesma direção, esta categoria apresenta o discurso que, além de reforçar os rótulos impostos, também apresenta de forma subjacente valorizações - sem comprovação – buscando evidenciar

grandes êxitos e minimizar possíveis falhas, tanto em relação ao preparo dos atletas quanto ao próprio discurso proposto:

- “*Georgiano foge da característica de seu país, é muito técnico.*” (comentarista).
- “*Russo foge da característica do país, muito técnico.*” (Comentário tanto sobre o Nossov, na luta contra o Canto, e também sobre o Timetov na luta contra o Daniel).

Conforme o discurso, tornou-se simples criar uma generalização, um dualismo Ásia/Europa, Japão/Leste-Europeu, técnica/força, bom para o judô/ruim para o judô, e quando há lutadores, principalmente da antiga URSS, que apresentam sucesso competitivo, a regra se altera, eles são bons lutadores porque apresentam o judô japonês. Com isto, continua presente a mesma relação, pois esconde-se o conhecimento e o processo de treinamento que formou tais lutadores em seus devidos países, negando-lhes – aos países -a possibilidade de formação, e cria-se a idéia de que mesmo não o sendo, lutam como japoneses. A definição encontrada para o “estilo russo de judô”, dada por Yakimov (2006) seria de que o estilo russo de judô engloba técnicas de Wrestling e Sambô associado ao judo tradicional. Para ele, a diferença entre o estilo tradicional do judô japonês e o estilo russo é que no estilo japonês os judocas tem preferência pela pegada na manga e lapela (gola), e no estilo russo muitas outras formas de pegada podem ser vistas: pegadas na faixa, por cima do ombro - um ou outro – por baixo do braço, na faixa pela frente, utilizando posturas mais abaixadas de lutadores, apenas isto (YAKIMOV, 2006).

Esta falta de motivos aparente para ser criado tanto alarde a respeito dos estilos de judô, tornam-se presentes no comentário da derrota do astro japonês, Inue, que após vários comentários ressaltando as virtudes competitivas do judoca, quando é assistida sua primeira derrota – no total de duas – a conclusão para mídia é clara:

- “*Foi o mesmo árbitro que prejudicou o Carlos Honorato!*” (comentarista).

Também, nesta categoria, ainda apresenta-se uma informação enfática, que justifica os diversos infortúnios acontecidos, porém não está fundamentada em parâmetros reais:

- “*E a Olimpíada mais competitiva de todos os tempos!*” (comentarista).

Finalmente apresenta-se a forma mais fácil de “fugir” do assunto ou da responsabilidade como agente da informação:

- “*O pessoal que não acompanha o judô não sabe como é competitivo!*” (comentarista)

Afinal, não seria este o objetivo de ter comentaristas específicos da modalidade, informar quem está assistindo? Portanto repensar o conteúdo da informação passada

ao público em geral, deveria ser prática constante de quem exerce o poder da informação. Como visto, os elementos característicos do cotidiano do judô foram a preocupação inicial do comentarista, que contando com a sorte, voltou-se para as observações sobre êxitos do judô brasileiro em um primeiro momento. Entretanto, os ventos mudaram de direção e assim, pelo balanço geral do desempenho brasileiro não ter sido bom, aponta-se a responsabilidade para outra direção, ocultando-se assim de assumir seus próprios erros.

- **Categoria – “*Os jornalistas se interessam pelo excepcional, pelo excepcional para eles*” Bourdieu (1996 p.26).**

Esta categoria apresenta, sem a necessidade de despender muitos esforços na sua reflexão, questões pessoais dos envolvidos, com pouca ou nenhuma relação com a informação precisa, sendo que o domínio do “achismo” impera nas observações:

- “*Dimitri e Canto uma das lutas mais disputadas da competição!*”
- “*Flavio lutou taticamente certo!*” (restaria apenas responder a questão: Porque perdeu então?)
- “*Judô Clássico japonês contra a força (...) a técnica tem prevalecido, acho isso bom para o judô*”. (comentário da categoria leveiro Japão contra Geórgia)
- “*Um dos processos de seleção mais difícil do mundo é do Brasil, porque tem dois ou três atletas de nível para conquistar medalhas!*” (de novo resta responder a questão: O processo de seleção foi errado?)
- “*Não é assim uma bagunça, um show de medalhas (...). Apesar de o Brasil ter um grande nome no cenário internacional.*” (comentarista)
- “*Fisiologistas foram entrevistados e disseram que, em média, para fazer um atleta Olímpico são no mínimo dez anos.*” (Comentarista de outra modalidade auxiliando, pelo apelo à autoridade, a minimizar as críticas – que eles mesmo criaram - aos atletas).
- “*Compensa a falta de estatura com seu belo judô japonês!*” (Comentário interessante para outro desporto, como o basquete, em que a altura é determinante).
- *Daniel é um dos atletas mais fortes da categoria!* (Contraditório com seus próprios preceitos, pois em todo o evento a força era ruim, o bom era sua definição de técnica).

Esta categoria como se apresentou, está restrita, unicamente, às percepções da realidade pessoal do jornalista, que, salvo melhor juízo, apresenta a preocupação não fundamentada de informações que, somente justifica-se pela falta ou falha no treinamento científico na formação, recorrendo sempre ao “senso comum” em detrimento do aprofundamento no trato da informação.

- **Categoria – “*Televisão enquanto efeito do real: ela pode fazer ver e fazer crer no que faz ver*”. Bourdieu (1996, p.28)**

Bourdieu (1996, p.28) aponta que os jornalistas são “capazes de desencadear sentimentos fortes, frequentemente negativos, como o racismo, a xenofobia, o medo-ódio do estrangeiro”. Parte da preocupação – enquanto autor – desta tese atém-se a este aspecto, que em vários comentários, como o visto na luta do Honorato contra o Gordon (Inglês), a nacionalidade do árbitro (argentino) que desencadeou a derrota do brasileiro, comentário preparado antes até, do início do combate. Dois ataques foram evidenciados, de forma que, em respeito às nacionalidades e também ao “Ideal Olímpico”, estas questões deveriam ser revistas. Primeiramente, o já identificado ataque ao estilo não tradicional:

- “*Judô clássico do Lee versus judô estranho, de catada de perna, judô do leste europeu, segura de forma esquisita.*”
- “*Judô tradicional do Coreano contra o judô força do russo*”.

Outro aspecto a ser apontado, lembra o que foi comentado sobre a arbitragem, já que está direcionado ao desconhecimento do *fair play* que prevê o respeito à arbitragem:

- “*Arbitragem contra!*” (comentário a respeito do árbitro da luta do Daniel ser argentino, anterior a entrada na luta)
- “*O árbitro favoreceu o francês!*” (comentário sobre a derrota do Leandro Guilherme).
- “*O polêmico árbitro responsável pela derrota do Honorato*”. (comentário da luta entre a atleta japonesa contra a cubana, como a segunda ganhou, houve nova alfinetada contra o árbitro, afinal, este também era responsável por uma derrota do Japão!).
- “*Não entendi, o Lee sozinho!*” (crítica contra a falta dada ao Lee).

E finalmente o foco – negado posteriormente – contrário aos atletas, dando-lhes responsabilidades com as derrotas. Convém ressaltar que em nenhum momento houve

referência aos técnicos e as comissões, afinal, **a culpa de não aprender, na escola de ofício, não é do mestre e sim do discípulo!** Este sim é incompetente em assimilar o aprendizado, pois os técnicos, representantes simbólicos do Mestre, são isentos de qualquer responsabilidade:

- “*O que acontece é que de onde achávamos que vinha, não veio.*” (comentarista).
- “*Hernandez vacilou? Perdeu a atenção. Muito grande, muito forte, esperava mais dele. A seleção como um todo foi bem, só um ou outro não rendeu.*” (comentarista).
- “*Lee e Polzin, esperava mais, falta de sorte.*” (comentarista).
- “*Faltou a tradicional garra do judô brasileiro, Edinaci e Sabino, perderam por falta de vontade. Edinanci sentiu a pressão apesar de ter uma psicóloga. Honorato perdeu porque o juiz ajudou o inglês, perdeu pela arbitragem.*” (comentarista).
- “*Sabino perdeu porque sentiu a pressão!*” (comentarista).
- “*Faltou uma medalha no judô feminino!*” (comentarista).
- **Categoria – “Desporto Enquanto Empresa” - Bourdieu (1996 p.125)**

E finalmente, a última categoria, que identifica que na realidade existiu uma vontade política na ação televisiva como um todo. Logicamente toda construção objetivou ações previstas:

“Essas coisas são grossas e grosseiras que a crítica mais elementar as percebe, mas ocultam os mecanismos anônimos, invisível, através dos quais se exercem as censuras de toda ordem que fazem da televisão um formidável **instrumento de manutenção da ordem simbólica.**” (Bourdieu, 1996 p.20)

Os comentários que se identificam sob a ótica desta análise, por si só respondem ao analisado:

- *Preparação de quatro anos formado a partir de 2001, viagens, investimento e melhora de desempenho... (comentário anterior às disputas).*
- *Dentro do trabalho feito nos últimos quatro anos, a seleção está totalmente homogênea, com todos os atletas com reais condições para chegar à medalhas. Os quatro anos de preparação específica foram fundamentais para isso. (comentário anterior às disputas).*

- *Coroação de uma verdadeira preparação Olímpica, já temos duas medalhas de bronze... (comentário durante as disputas).*
- *Clima, o pessoal é unido, alegre, acredita em um objetivo, muita energia. (atleta 3, antes das disputas)*
- *Equipe muito unida, muita energia, antes não era assim... (atleta 4, antes das disputas, criticando as outras comissões técnicas)*
- *O judô tem sido renovado e tem trazido medalhas! (não há confirmação deste dado, a maioria dos atletas já participou de outra olimpíada, a saber, Henrique, Canto, Honorato, Sabino, Hernandez, Edinanci, Vânia Ishii, Zangrando, num total de 12 atletas).*
- *O importante é entender que tem um trabalho sendo feito, precisa da maturidade ainda. O problema é que devido ao número de medalhas há cobrança. O pessoal tem que entender como é o cenário internacional (Comentário após a derrota. Se há a necessidade de compreensão, porque então ele porque então não foi explicado pela mídia, não era esta a sua função? Informar? E pelos resultados encontrados não ficaram evidentes que informaram errado?).*
- *Excelente trabalho de preparação específica de **quatro anos** que trouxe grandes resultados, mas está só começando! (comentário após as disputas, porém anterior as “cobranças”).*
- *Importante é dar continuidade aos trabalhos que vem sendo feito, nós tivemos nossa maior preparação de todas as Olimpíadas. Continuando o investimento seremos uma potencia no judô. (comentário forjado no continuísmo, conformismo e conservadorismo).*
- *Treinar no Japão e na Europa é importante, ter dinheiro para isso!*
- *A seleção viaja há **três anos**, não é como era feito que chegava na surpresa e não conhecia ninguém. Hoje é assim, melhor ! (porém os resultados pioraram, como é melhor sendo pior?)*
- *A participação foi boa. O trabalho foi bom durante **dois anos**. Sempre foi assim duas, três medalhas, importante manter este trabalho até Pequim e depois cobrar dos atletas. (de novo o continuísmo, e é importante constatar que, conforme as críticas aumentam, diminuem o tempo de preparação, oscilando de quatro para dois anos).*

Comentários sobre o encontrado na análise e sua relação ao *Habitus*:

Para o fechamento desta parte da tese, através do que foi exposto por esta análise, pode-se identificar as seguintes informações:

1. Existe uma tendência predominante ao *continuismo*, à busca das mesmas estruturas de poder e do mesmo modelo, resistindo e acusando quem usa modelos diferenciados, demonstrando um **caráter conservador estruturado**;
2. Há um clima de otimismo, onde tudo está bem, acentuando a **resistência a mudanças**.
3. O judô treinado no Brasil faz parte da **característica japonesa**, portanto é bom.
4. Fica evidenciada a existência do **paradigma pré-moderno**, onde as informações oriundas da “experiência de vida” e o “senso comum” sobrepõem-se às questões da pesquisa e verificação de informações. Afinal, em qualquer desporto moderno, existe ao menos um modelo estatístico de desempenho.
5. Os locutores refletem **não possuem instrumentos tecnológicos e científicos** para suas análises ou observações, mesmo assim estão seguros em suas narrativas e afirmações.
6. Lesões e cirurgias são encaradas com naturalidade - até mesmo são valorizadas - dando um caráter de **valorização pela superação**.
7. Pode-se inserir a idéia de que **a emoção do ofício** está falando mais alto que a **frieza da ciência**, portanto é melhor ser eloquente e pautar-se no mito do herói, do sacrifício humano, da religiosidade, do que compreender a possibilidade de adequação tecnológica que a Metodologia do Treino e as Ciências do Desporto oferecem para o atleta. Este comportamento reflete o **obscurantismo** presente no judô.

Enfim, tanto o conservadorismo quanto o obscurantismo dentro do desporto, são apontados por Vekhoshansky (2002) como uma das possíveis causas da tomada de decisão **errônea** ou **duvidosa**, por parte do treinador. A definição dada ao conservadorismo foi:

- Apelo **dogmático** a uma outra concepção, princípio, método ou incluso procedimento singular de treinamento. Com muita frequência o treinador não se decide e teme trocar algo do sistema de treinamento que em algum momento o tenha levado ao êxito. Este

apego cego ao dogma o dificulta de compreender e aceitar uma idéia nova ou trocar seu método de treinamento e, finalmente, impede o caminho do progresso (VEKHOSHANSKY, 2002).

O obscurantismo é designado como:

- Uma relação **negativa com a ciência desportiva** e, de forma concreta, com as disciplinas tais como a fisiologia, a bioquímica e a biomecânica dos exercícios desportivos. Trata-se talvez do erro mais importuno e perigoso que entorpece o caminho do treinador a uma maestria profissional e o deixa no nível **do artesão amador** (VEKHOSHANSKY, 2002).

Verkhoshansky (2002) finaliza citando o especialista alemão Toni Nett – grande autoridade e especialista em treinamento desportivo alemão, segundo o autor – que afirmou que, “o treinador que não conhece a fisiologia de seu método se converte hoje em dia em um perigo para o desportista, tanto para seus resultados quanto para sua saúde”. O autor (Op. cit) ainda enfatiza que tais palavras foram pronunciadas no início dos anos 60.

5.4. A Caracterização do desporto Acadêmico ou do judô enquanto profissão

Após a caracterização do judô enquanto “desporto de ofício” e a disposição em entender as relações acadêmicas que podem estar no cotidiano, tanto da luta como do próprio desporto - evitando cometer falha nas análises anteriores - torna-se importante compreender, neste momento, se o que foi observado constituía de fato em evento decorrente do amadorismo da modalidade. Desta forma, faz-se necessário indagar se as estruturas artesanais presentes no judô possuem um caráter universal, ou se são apenas uma manifestação contemplada por outros países isoladamente.

O critério de análise profissional para este momento, está relacionado apenas ao aspecto da ruptura com o paradigma pré-moderno e a proximidade com a ciência ou formação científica.

- **França e Cuba - estruturas do judô enquanto produção científica.**

As estruturas francesa e cubana foram abordadas à luz das observações feitas de publicações, científicas ou técnicas - das federações - e o contato, por e-mail com o prof. Dr. Armando Forteza de la Rosa, onde se buscava a efetivação de um estágio em Cuba²³. As observações começam com:

“Hoy conversé con un compañero mio que es Doctor en Ciencias y profesor de Judo de nuestro Instituto...
.(...) hará con su orientador en La Habana, lo atenderá un Doctor en Ciencias especialista en Judo. (la ROSA, 2006) ”

Posteriormente, em novo contato o prof. Forteza ainda relata a possibilidade de contato com outros dois doutores, um deles presidente da Federação Cubana de Judô. O país, portanto, demonstrou à primeira vista uma relação amigável entre universidade e o judô.

Quanto à França, o primeiro contato em que foi possível se identificar a relação entre a Universidade e as Federações Francesas de judô e Ju-Jitsu, Kendo e Disciplinas Associadas, foi através das apostilas, gentilmente cedidas pelo professor Mauro C.G.A. Gurgel

²³ Infelizmente o estágio não se realizou.

em que, o conhecimento científico e a relação entre as entidades ficavam muito bem caracterizadas na introdução de uma destas apostilas²⁴, da qual o autor é M. Dardenne (*Directeur de l'Ecole Federale des Cadres*). Dardenne, nesta introdução, parabenizava o trabalho da Federação e se colocava à disposição da mesma. Nesta mesma apostila, na pagina um, chamava-se a atenção de que:

- Os estudos contemporâneos mais comuns da **Educação Física e Esportes** permitem compreender um pouco mais de como preparar uma aula.
- Os estudos de **Anatomia e Fisiologia** arremetem a consciência da fragilidade de certas regiões do corpo humano ou da necessidade de precaução quanto à Educação e a Preparação destes corpos.

A partir do conhecimento destes dados preliminares, sentiu-se a necessidade de buscar mais informações a este respeito, fato consolidado pela análise de duas revistas de divulgação científica, uma francesa e uma argentina, escolhida devido a haver nela um grande número de publicações de cientistas cubanos e por, devido a fatores relacionados ao “embargo a Cuba”, dificultaram-se os acessos ao estudo de revistas cubanas.

A revista francesa escolhida foi *Education Physique et Sport* (EPS), na qual foram lidos e identificados os artigos referentes ao judô, em relação à temática abordada dos números 123, de setembro-outubro de 1973, até o número 311 de janeiro-fevereiro de 2005. O quadro a seguir (Quadro 28) apresenta os resultados encontrados desta leitura.

²⁴ Fédération Française de Judô et Ju-Jitsu Kendo et Disciplines Associées, **Judô Entraînement Physique**, s.d..(p.6)

Área do estudo/artigo	Sub-área do estudo/artigo ou Temática	Nº de estudos/artigos	Observações
Pedagogia do Desporto	Iniciação/ Escolar	9	Há uma complementação entre os conteúdos para a realidade apresentadas nos textos, que podem ser aplicados a escola ou fora dela.
Metodologia do Treinamento Desportivo	Treinamento/ Aperfeiçoamento técnico	8	O treinamento com ênfase de aquisição de movimento, aperfeiçoamento dos conteúdos técnicos e táticos.
	Avaliação	2	
	Informe de Rendimento e Planejamento da Seleção Francesa	6	
Desportos com eixo transversal		4	Artigos com desportos escolares ou não que apresentando diversos esportes, incluindo o judô.
Outros		2	Um artigo sobre o contato de ex-atleta como motivação à prática de judô e o segundo é um resumo de tese de Doutorado sobre judô para deficientes.
Total de artigos		31	

Quadro 28 – Artigos sobre judô e as temáticas da revista EPS.

É interessante notar que esta revista em particular preocupa-se quase que exclusivamente com o trato pedagógico do desporto em si, desde os critérios de iniciação e avaliação, até como desenvolver trabalhos focando o desenvolvimento do desempenho. A maioria dos autores destes trabalhos são professores de Educação Física que atuam na área de lutas na escola, ou técnicos de judô, com o desígnio de professor agregado a EFS.

Com relação à Cuba, como dito anteriormente, foi estudada a **Revista Digital - Buenos Aires** do número um, de maio de 1996 até o 111 de agosto de 2007, e apresentou um total de 18 artigos de judô, que enfocavam o rendimento, avaliação ou outros fatores, porém todos direcionados ao alto nível. O interessante, entretanto, é notar que outros 182 artigos estavam relacionados ao tema lutas, quer seja de forma geral ou em modalidades específicas, principalmente o Boxe e o Tae-kwon-do.

De forma que o modelo cubano deriva do soviético, é interessante constatar que a “cultura física” é tema gerador de grande questionamento. Como já foi abordado nesta Tese, na questão da relação Ciência e Educação Física, é interessante apontar as discussões de autores cubanos que defendem, como de Hernandez (2001), a cultura física enquanto ciência:

“El establecimiento de una Teoría a partir de la realización del ejercicio físico planificado y dosificado, deviene necesidad y actualidad en consideración a la función social que cumple este tipo de acciones y analizando el beneficio biológico y psicológico que estas actividades provocan en el individuo practicante como exponente de la más importante de las unidades psicobiológicas existentes: el ser humano. (HERNANDEZ, 2001, p.1)

O mesmo acontece com Rodríguez (2003):

La Educación Física se enmarca como una rama especializada dentro de las Ciencias de la Educación, aunque vista en su sentido amplio constituye un término genérico abarcador también de las Ciencias del Movimiento Humano. La educación física como ciencia cuenta hoy con un sistema de conocimientos científicos y tecnológicos consolidado, con procesos de investigación en este campo que permiten obtener nuevos conocimientos y una profesión debidamente institucionalizada portadora de su propia cultura (Cultura Física) y con funciones sociales bien identificadas por esferas de actuación. (RODRIGUES, 2003, p.1)

Estas informações encontram-se adjacentes ao estudo, porém, têm o intuito de apontar a identificação da Academia com o movimento, e também de sua relação com a ciência. Voltando ao judô, outro artigo que chamou a atenção foi o de, Haramboure (2005), que popõe um método de identificação dos instrutores de artes marciais baseado na sua qualificação prévia. O autor também apresenta uma organização dos profissionais cubanos de artes marciais, como é apresentado na figura abaixo:



Figura – adaptado de Haramboure (2005).

Não existe possibilidade de compreensão, em ambos os países, do não-vínculo entre a Ciência e a formação para o judô, ou seja, a relação entre a Educação Física, enquanto geradora de problemas e soluções e o conhecimento centrado no judô. Fica bem claro, em se tratando da França, que os modelos pedagógicos são amplamente discutidos, testados e apresentados na EFS. Não obstante, a produção científica em artes marciais, somada aos elementos da “cultura física” coloca a condição inicial de profissional, à formação Científica. Quanto a isso, Haramboure (2005) enfatiza:

“Resulta especialmente significativo apuntar el criterio de este autor, con el cual coincidimos plenamente, que **no necesariamente una persona de alto nivel técnico** (expresado por el grado Dan), **ni un gran campeón**, necesariamente puede ser catalogado como un buen docente. Ello estriba en que ambos casos solo se está demostrando la habilidad y capacidad para realizar movimientos o acciones con un alto grado de maestría (que es competencia de los atletas o alumnos), **mas no guarda relación directa con las competencias profesionales relacionadas con el proceso de enseñanza y educación (que es propio de los profesores)”**(HARAMBOURE, 2005, p.1)

Passa-se, a seguir, para o exemplo do voleibol.

- **Voleibol Brasileiro enquanto Estrutura Profissional**

Na ocasião do Exame Geral de Qualificação desta Tese, apresentou-se a sugestão, pelos membros da Banca Examinadora, de incluir um tópico sobre o Vôlei brasileiro. Num primeiro momento, esta sugestão causou estranheza devido à natureza deste estudo, entretanto, ao constatar a estrutura deste desporto em nível nacional ficou claro que, as sugestões foram, além de pertinentes, satisfatórias pois vieram acompanhadas da proposta de mudança para melhoria do desporto nacional, não apenas para o judô.

Ao acompanhar a estrutura do Voleibol brasileiro, é possível justificar não só a sua trajetória vitoriosa, como impede o pensamento de interferência de qualquer processo aleatório em relação às suas conquistas, ou seja, o voleibol brasileiro possui êxitos indiscutíveis, pois se estruturou o para isto.

A estrutura da Confederação brasileira de Voleibol - CBV - engloba tanto o voleibol de quadra como o de praia, para conseguir gerar o voleibol como é considerado hoje. Kasznar e Graça Fº. (2006a) consideram as Unidades de Trabalho como elemento fundamental.

Dentre elas, a UEN – Unidade Estratégica de Negócios, que, ainda segundo Kasznar e Graça Fº. (2006a), estas são unidades de formação de instrumentos de gerência e. tem a importância de:

Nos tempos modernos, isto significa que, com o apoio de especialistas externos, foram feitos os alicerces da estruturação organizacional adequada; os desenhos e identificações de macroprocessos, microprocessos, rotinas e passos de trabalho; os mapas de atribuições e responsabilidades por UEN e por indivíduo; e os sistemas e atuação integrada, para mover toda a máquina administrativa. (KASZNAR E GRAÇA Fº., 2006a p.92)

Com esta estrutura, possibilitada pelas UENs, Kasznar e Graça Fº. (2006) também chamam a atenção que:

“Surpreendente, uma empresa bem enxuta e aparentemente pequena como a CBV, dispõe de planilhas eletrônicas e de programas de computador feitos sobre medida, com todos os detalhes contidos na gestão avançada dos esportes, em um piscar de olhos. Muito bem preparados, os gestores criam planilhas padronizadas, que interagem entre si e se prestam à tomada de decisões com velocidade.” (Kasznar e Graça Fº., 2006a p.92))

Os autores ainda consideram como “menu” de ação da empresa, várias ações de identificação e, padronização, verificação, balanceamento - Kasznar e Graça Fº. (2006) - entre outras atividades destacam-se:

- A definição de padrões de desempenho e excelência;
- A cobrança e o controle dos padrões de desempenho e de excelência em regime de tempo contínuo e permanente;
- O cruzamento do potencial – de esportistas, de atividades, de negócios etc. – com a oferta de necessidades e avaliação da capacidade de suprimento;
- **O investimento em educação e treinamento. Habilitar-se é aprender, aprender e aprender, e treinar, treinar e treinar, cada vez mais;**
- **O estudo e a pesquisa de formas de tornar-se mais efetivo, mais competente, mais eficaz e presente;**
- A busca do sucesso permanente, visto com humildade, mas uma necessidade básica e também essencial, que assegura o progresso. Ser bem-sucedido não é um tabu, é a prova das competências pessoais e de grupos que sabem interagir;
- Valorizar o ato dos líderes atuais e futuros, descobrindo os valores jovens, que prometem grande futuro;
- O pensamento estratégico sobre os esportes em geral, os segmentos que o constroem e as relações macro-institucionais que o compõe;
- **Análise situacional. Diagnóstico da organização, no plano esportivo, mercadológico, tecnológico, financeiro, educacional, e áreas complementares afins;**
- A compreensão dos objetivos do patrocinador e formas de atendê-los;
- Busca de fortes recursos no Brasil e no exterior;
- **A geração de notícias bem fundamentadas, para alavancar o esporte;**
- **O foco é a formação de imagem dos atletas, treinadores e profissionais;**

- **Quem fala, como fala e conceitos básicos;** (KASZNAR, GRAÇA F. 2006^a, p.92-4).

Obstante de ser a única unidade responsável pelo sucesso do vôlei no Brasil, o que também é ressaltado por Kasznar e Graça F^o. (2006a), é o modelo de escolha das seleções e a utilização de suas instalações, e afirma que:

“Equivoca-se quem pensou que as seleções nacionais masculina e feminina profissionais, adultas, são as que ganham mais tempo para treinar. A base do sucesso do vôlei está no fato de que todas as categorias são igualmente importantes. Uma será composta pela categoria de base amanhã. Portanto, são todas iguais e o modelo é o de equilíbrio.” (Kasznar, Graça F. 2006a p156)

Até o modelo de seleção de atleta é revelado por Kasznar e Graça F^o. (2006a) como sendo um programa de escaneamento, onde o atleta deve ser estudado avaliado e analisado, exaustivamente pela Comissão Técnica da Seleção:

“Técnicos e treinadores devem ter-se reunido e falado repetidas vezes, para conhecer o estado, as capacitações e as motivações de cada atleta. Comissões devem ter apreciado inúmeros jogos ao vivo e em tapes, para finalmente apontar e decidir sobre nomes. Rendimentos e observações ao longo dos campeonatos regionais e brasileiro passam bem percebidos.” (KASZNAR E GRAÇA F., 2006^a p.157)

Quanto à formação do técnico de voleibol, este passa, segundo a CBV (2005), por cursos de formação que darão ao técnico aprovado:

Os aprovados em Cursos Nacionais de Treinadores receberão certificado da CBV e terão direito a utilizar, em todo o território nacional, o título de Treinador Nacional no nível em que estiverem habilitados e ao registro como treinador, em sua Federação e CBV, mediante o atendimento das normas legais estabelecidas pela CBV e Conselho Federal de Educação Física, para o exercício da profissão. (CBV, 2005 p1)

São considerados, ainda por dados da CBV (2005) quatro níveis de curso progressivos, e para sua inscrição devem-se cumprir os seguintes pré-requisitos em cada nível:

“1.2. - CONDIÇÕES PARA PARTICIPAR DOS CURSOS

1.2.1. -CONDIÇÕES GERAIS

O candidato necessita:

- a) Ser indicado pela CBV ou Federação;
- b) Gozar de boa saúde comprovada por atestado médico;

- c) Ser capaz de executar trabalhos físicos e técnicos necessários à função do treinador;
- d) Ter o 2º grau completo ou curso correspondente;
- e) Estar em dia com o serviço militar;
- f) Ter presença integral (100%) nas aulas teóricas e práticas.

1.2.2. - CONDIÇÕES PARTICULARES

Para o Nível I:

- a) Ter no mínimo 18 anos;
- b) Possuir experiência como atleta de voleibol, treinador não federado ou trabalhar com voleibol; ou
- c) **Estar cursando, no mínimo o 6º período do Curso de Educação Física, efetivamente matriculado, aprovado na disciplina voleibol. (dispensado do item a e b); ou**
- d) **Ser professor de Educação Física (dispensado dos itens a, b e c)**

Para o Nível II:

- a) Possuir o Nível I nacional ou internacional da FIVB; ou
- b) **Estar cursando, no mínimo o 8º período do curso de Educação Física, efetivamente matriculado, aprovado na disciplina voleibol.**

Para o Nível III:

- c) Possuir o Nível II nacional ou internacional da FIVB; ou
- d) **Ser professor de Educação Física, tendo cursado e sido aprovado na disciplina voleibol .**

e) Estar cursando, no mínimo o 8º período do curso de Educação Física, efetivamente matriculado, aprovado na disciplina voleibol

Para o Nível IV:

- a) Possuir o Nível III nacional ou internacional da FIVB; ou
- b) **Ser professor de Educação Física pós-graduado em voleibol.**

OBS. Os candidatos não poderão realizar mais de um curso por ano.”

(CBV, 2005, p1-2)

Sem perder o foco na qualidade, os participantes do curso são avaliados em relação à diversidade de conhecimentos necessários, sem nunca perder o enfoque, mesmo nos testes práticos da sua relação com a formação técnica. A forma de avaliação feita pela CBV busca excelência, não apenas volume de técnicos. Segundo então a CBV (2005), a avaliação dos candidatos é estipulada como:

1.3. - AVALIAÇÃO DOS CANDIDATOS

1.3.1. - PROVAS

Os candidatos serão examinados para avaliação de suas condições durante o curso e ao final. Apenas os candidatos com frequência integral e correta conduta acadêmico desportiva poderão prestar exame...

O conteúdo dos testes escrito, prático e oral para os Níveis I e II deve estar de acordo com o programa do curso e a matéria apresentada em aula.

No curso de Nível IV, Seminários e Clínicas versarão sobre assuntos específicos ou correlatos ao voleibol. A experiência do candidato como Treinador será considerada.

1.3.2. - NÍVEIS I, II e III

- a) Teste escrito: o teste consiste em 50 questões múltipla-escolha com 5 opções cada.
- b) Teste prático para o Nível I: consiste em 5 (cinco) testes objetivando avaliar as habilidades motoras específicas do Treinador durante o trabalho de iniciação.
- c) Teste prático para o Nível II consiste em 05 (cinco) testes específicos objetivando avaliar as habilidades motoras específica do Treinador na condução do treinamento.

d) Teste prático para o Nível III: consiste na organização e direção de uma sessão de treinamento em uma das práticas estabelecidas para o curso nas atividades técnicas, táticas ou de preparação estratégica de equipes para jogo.

e) Teste oral: o teste oral é organizado para os candidatos que não obtiverem resultado no teste escrito para aprovação direta, mínimo de 7.0 (sete pontos) com 35 questões certas.

1.3.3. - NÍVEL IV

a) Seminário: consiste na apresentação oral de um tema sobre assunto relacionado com técnica, tática, treinamento, estratégia, ou assuntos correlatos ao voleibol, apresentado 2 ou 3 dias antes da data estabelecida para o exame.

b) Clínica: será realizada durante o curso. Consiste na preparação e apresentação prática de tema relacionado com treinamento, técnica, tática, estratégia de jogo, direção, sistema de jogo, organização de equipes, etc.

c) Teste oral. Consiste numa entrevista, baseada no tema desenvolvido com testes escrito e prático. Usando na apresentação técnicas que sejam vantajosas para expor seus conhecimentos a respeito do assunto enfocado no tema. (CBV, 2005, p.3-5).

Finalmente, o conteúdo programático enfoca as questões necessárias sobre o aprofundamento do conhecimento técnico específico ao voleibol com grande amplitude de informações. Também está previsto as inter-relações entre o técnico e outros profissionais e a manutenção da qualidade por números limitados de vagas de no máximo 40 nos cursos dos níveis I, II, III, e no nível IV, mais complexo, apenas 20 vagas:

“4.0. - PROGRAMAS

4.1. - Programa para Curso Nível I

Duração: 40 horas/aula

- 1 - Didática Aplicada ao Voleibol
- 2 – Teoria da Iniciação
- 3 – Aprendizagem Motora e Desenvolvimento Motor
- 4 – Iniciação Através do VivaVolei
- 5 – Iniciação Através do Método Convencional
- 6 – Assuntos Especiais
- 7 – Regras Oficiais Básicas

4.2. - Programa para Curso Nível II

Duração: 64 horas/aula

- 1 - História, Organização e Desenvolvimento do Voleibol
- 2 - Teoria do Treinamento I - Noções Básicas e Sessão de Treinamento
- 3 – Preparação Física
- 4 – Fundamentos e Técnicas Básicas – Técnicas do Treinador
- 5 - Tática: Sistemas Básicos
- 6 – Organização e Direção de Equipes
- 7 – Medicina e Prevenção I , Nutrição, Higiene e Saúde
- Primeiros Socorros
- 8 – Fisiologia I (Bases)
- 9 - Regras Oficiais
- 10 – Assuntos Especiais (Avaliação Técnica, Psicologia, Desenvolvimento Motor etc.)

4.3 - Programa para Curso Nível III

Duração: 80 horas/aula

- 1 – Voleibol: Tendências e problemas atuais
- 2 - Teoria do Treinamento II - Organização e Planejamento

- 3 – Preparação Física II
- 4 – Técnica: Treinamento avançado - Estruturação dos Exercícios
- 5 - Tática: Sistemas avançados
- 6 – Psicologia Aplicada ao Voleibol - Princípios Básicos
- 7 – Organização e Direção de Equipes II - Tarefas do Treinador / Estratégias Simples
- 8 – Avaliação Aplicada ao Jogo - Estatística e uso do Vídeo e Computador
- 9 – Medicina e Prevenção II - Cooperação Médico / Técnico / Atleta e Trabalho Preventivo
- 10 – Regras Oficiais
- 11 – Fisiologia II
- 12 – Assuntos Especiais
- 4.4 - Programa para Curso Nível IV**
- Duração: 80 horas/aula
- 1 – Voleibol: Tendências e problemas atuais 2 0 0 2 4
- 2 - Teoria do Treinamento - Parte III - Organização e Planejamento para Temporada
- 3 – Preparação Física - Parte III
- 4 – Preparação Psicológica do atleta de alto nível
- 5 – Medicina e Prevenção - Parte III - Cooperação Médico / Técnico / Prep. Físico / Atleta / Recuperação de lesões e Prevenção
- 6 – Fisiologia Aplicada ao Treinamento do Voleibol - Avaliação e Cooperação com Preparador Físico
- 7 – Programas e Projetos para o Voleibol
- 8 – Seminários
- 9 – Clínicas
- 10 – Assuntos Especiais
- (CBV, 2005, p.11-14)

Fica, portanto, estabelecido que os critérios da formação e estrutura profissionalizada do vôlei não são superficiais e sim de efetivo ajuste às tendências internacionais. Não é de se estranhar os êxitos das equipes brasileiras quando são observadas estas estruturas, nem a íntima ligação com a Ciência através das Universidades. Kasznar e Graça Fº. (2006b) entrevistando José Inácio Sales Neto, preparador físico da seleção brasileira, informa que:

“No meu caso específico sou exclusivo da CBV. Não posso trabalhar em uma outra equipe e isso é muito importante. Particularmente me integro 11% do tempo ao trabalho, a CBV possibilita que eu **esteja constantemente me aperfeiçoando**.

Estamos nos integrando no Brasil e no exterior a várias instituições de pesquisa e ensino. Até Hoje, a mais efetiva relação direta relacionada é com a UFRJ. KASZNAR E GRAÇA F. (2006B, p.187-8)”

Finalmente, como exemplo claro da relação do voleibol e o desenvolvimento tecnológico, quando perguntado por Kasznar e Graça Fº. (2006b), se são adquiridas máquinas e

equipamentos de musculação, Salles Neto respondeu enfaticamente: “- Não. Nos construímos”. (KASZNAR, GRAÇA F., 2006b, p.189)

Kasznar e Graça Fº (2006b)

Convém salientar que, em comparação com o modelo artesanal do judô, o modelo profissional do Voleibol Brasileiro difere de outros por vários motivos, mas ressalta-se por:

- Não ser endogênico, não precisando ser praticante para participar da organização do desporto;
- Organização mais empresarial e com base em diversos conhecimentos;
- Aglutinação, treinamento, supervisão e investimento nas mais diversas áreas profissionais;
- **Apoio total a Ciência e Tecnologia;**
- **Desenvolvimento de Tecnologias;**
- Formação técnica por modelo progressivo de conhecimento e relação com sua aplicação;
- Modelo coeso de escolha de atletas, não apenas por seletivas;
- Sistema mais eficiente e integrado de captação de recursos

A sustentação da variação dos sentidos de referência entre o judô brasileiro e os outros desportos estudados está de acordo com as observações iniciais sobre o contraste entre formação artesanal e acadêmica ou científica. Se anteriormente o enfoque documental do judô brasileiro reiterava a questão tradicional, a valorização do mestre e da prática, por sua vez os textos internacionais estudados não são direcionados para este aspecto, sendo que, quando são apresentados temas sobre a prática, esta está relacionada com a metodologia ou ação pedagógica do técnico, e não a execução de movimentos propriamente dita.

Não há uma desvalorização da técnica de movimento em si, mas outros fatores são agregados a este, como a questão didático-pedagógica assumida pelo judô francês e a produção científica elaborada por Cuba. Ademais, neste ponto do estudo foi possível considerar a estrutura do voleibol brasileiro de forma ímpar, talvez pela riqueza do material encontrado (difícilmente disponibilizada pelos outros países), ou pela própria característica de competência da modalidade em si. A busca da excelência empresarial correlaciona-se com a manutenção dos resultados obtidos e com o nivelamento de alto nível de formação, não apenas de atletas, mas de técnicos especializados por posições. Estes atuam não apenas de reprodução de movimentos, mas

preconizam o entendimento dos mecanismos das ações humanas, tanto durante o treinamento e em competição, como no desenvolvimento de tecnologia própria. Enfim percebe-se que o voleibol se preocupa com a elaboração de um modelo educacional progressivo de formação, não apenas do técnico da modalidade, mas também do atleta, no que diz respeito tanto ao rendimento, como na relação com a sociedade na qual está inserido.

5.5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Após a exaustiva análise dos elementos, construído através do cruzamento e triangulação de dados, buscou-se formar uma estrutura de análise que pudesse responder aos questionamentos e hipóteses apontados neste texto. Relembrando os pré-supostos da análise, pode-se considerar com base nos objetivos que:

1- O judô está fundamentado em um modelo de *escolas de ofício*, pois se encontra centrado em um *paradigma pré-moderno*, e apoiado pelos elementos característicos do mesmo – os quais a figura do mestre, o respeito incondicional à hierarquia, o caráter essencialmente prático de seus conhecimentos, entre outros -, impossibilitam a quebra deste paradigma e uma possível evolução, ou transição do desporto em direção ao *paradigma moderno*, ou científico;

Conforme a análise documental foi verificada que a principal fonte de conhecimentos provém da prática e a avaliação do saber fazer foi a condição *sine qua non* atribuída para o desenvolvimento dentro do desporto. Da mesma forma, as atitudes administrativas direcionadas a várias instâncias, pressupõem o domínio técnico como um *tesouro a ser preservado*, colocando-o a frente de vários fatores e prioridades, como por exemplo, os desafios da própria modernidade. Este fato é evidenciado pelo direito cartorial da exclusividade na atividade administrativa ser restrita ao faixa preta, contrariando as tendências de outros desportos como o voleibol, por exemplo, em que o direito dá-se pela competência.

No âmbito dos documentos, foi evidenciada a figura do mestre enquanto responsável não só pela educação como pela tutoria do aprendiz perante o judô, onde qualquer atividade dentro de sua formação deverá, em primeira instância, ser pela permissão por escrito de seu “superior”. Os cursos que são pré-requisitos da formação de técnico de judô, se relacionam com a faixa-preta, primeiramente, e os conteúdos destes cursos, se não exclusivamente, pelo menos predominantemente são de atividades de demonstração de elementos técnicos. A relação com os conselhos de Educação Física abalaram este sistema, porém não foram suficientes para mudanças substanciais, conforme observado pelo rol dos cursos de adequação do provisionado e

de credenciamento técnico. O desenvolvimento científico e tecnológico está muito distante do cotidiano, sendo evidenciado, inclusive, pelos documentos analisados, aonde não há referência ao conhecimento tecnológico-científico. Contrapondo-se, ainda, a esta idéia encontram-se surtos de tradicionalismo, ligados a normas de conduta, o que ocasiona o engessamento de um possível desenvolvimento da modalidade. A relação de quesitos para tornar-se técnico de judô, ao contrário ao que foi observado na CBV, está centrada nos valores artesanais, onde as diferenças com relação ao voleibol são imensas, indo desde a necessidade da tutela de um mestre, até a inexistência de um curso adequado de formação e desenvolvimento do aspirante a técnico. Desta forma, observou-se que as estruturas dirigentes do judô funcionam como corporações de ofício, tornando possível confirmar a Hipótese de a formação dar-se de forma semelhante às estruturas conhecidas como escolas de ofício.

2. -A formação do técnico advém dos conhecimentos adquiridos como lutador de judô (ofício), prioritariamente, senão exclusivamente, e isto determina o desempenho desportivo do seu atleta na relação imediata de seus processos empíricos de aquisição de conhecimentos, ou seja, da tentativa e erro em relação ao treinamento;

A confirmação desta hipótese foi a mais complicada do estudo, pois para ser possível a sua verificação, foi necessário criar um modelo de análise de lutas que felizmente atendeu às expectativas. Pelo referido modelo foi possível identificar as relações entre ações táticas e técnicas durante uma disputa de judô e evidenciar as diferenças entre os padrões nacionais e europeus. Foi possível também verificar que o desconhecimento ou até mesmo o preconceito, gerado pela cultura do judô brasileiro, em relação aos estilos de luta diferentes dos tradicionais japoneses - pelo estudo da mídia - impossibilitam a adequação dos lutadores brasileiros a um padrão internacional de movimentação. Esta falta de entendimento diminui a possibilidade de leitura adequada das lutas, levando até mesmo à terceirização das próprias falhas cometidas. Apenas um atleta superou este modelo e confirmou a possibilidade de sucesso através da leitura diferenciada das lutas de judô. As avaliações numéricas, principalmente o Qef, foram um instrumento eficiente para demonstração destes fatos.

3. Os resultados da Seleção Brasileira de Judô não refletem um modelo identificável de treinamento e desempenho, devido à aleatoriedade dos resultados;

Neste aspecto, foi de grande importância para o estudo, a análise da mídia e sua relação com a verificação das lutas. A hipótese foi prematuramente confirmada pelo não entendimento das reais chances do país, onde todas as apostas – quer seja de técnicos, quer seja da mídia – foram equivocadas e não se efetivaram. As projeções de medalhas foram errôneas e a não conquista das mesmas causou surpresa tanto quanto a vitória. As análises de luta identificaram um padrão de ações para todos os lutadores brasileiros, com apenas uma exceção que contradizia as várias ações comuns entre os outros judocas, expressas nos elementos de uma aperfeiçoada luta no chão, a utilização de poucas ações não-determinantes durante a luta e ataques diferenciados (kata-otshi). Ainda não foi possível determinar com certeza que haja um determinado modelo de treinamento seguido pelos lutadores brasileiros, já que observa-se uma aleatoriedade nos resultados competitivos, entretanto percebe-se através das análises, que o padrão na movimentação não é tão aleatório quanto os resultados da luta, ou seja, existe um comportamento seguido por todos os atletas que possivelmente é proveniente de uma concepção particular de treinamento.

A dificuldade de entendimento desta questão – em um primeiro momento – deu-se pela busca de modelos baseados nas diversas Metodologias do Treinamento Desportivo que dessem conta de desvelar este *enigma*, pois todas elas já superaram há muito, o caráter de atividade artesanal! Desta forma, lançaram-se os olhares para o treinamento de repetição, característico (historicamente falando) do judô, constituindo um modelo baseado na repetição de golpes à exaustão e busca incessante pela projeção por Ippon, desconsiderando outras possibilidades da luta.

4. É possível identificar os elementos tradicionais do desporto e da preparação através de análise criteriosa das lutas dos atletas brasileiros nas Olimpíadas de Atenas 2004;

Esta hipótese ficou evidente pelos resultados obtidos na análise de lutas, e conforme discutido anteriormente, o Qef possibilitou a leitura do desperdício de ações motoras e

do volume de ações não-determinantes, refletindo a principal ênfase do atleta tradicional, que pela falta de entendimento, acaba sendo o foco da ação no treinamento.

Apesar de este pensamento poder estar contrário ao que se apresenta veiculado pela mídia, onde as observações são mais otimistas, anunciando um desporto mais modernizado e com preparações mais adequadas, isto não condiz com a realidade estudada. Entende-se que a preparação não científica do ator social, que neste caso representa os julgamentos tático-técnicos da mídia, colabora com a perpetuação da falta de entendimento global que ocorre nas lutas e na preparação de atletas. Considerar simplesmente as viagens a Europa e visitas de países diversos ao Brasil como “termômetro” de uma evolução no judô é uma idéia reducionista!

Na realidade, as novas concepções de treinamento e preparação geral de atletas seriam mais evidenciadas se houvesse a viabilização de elementos mais diversos de trabalho, além dos citados anteriormente, conforme será sugerido adiante. Porém, conforme os valores artesanais, ou do *habitus*, a mídia mantém *status quo* da modalidade, pois, como já observado, as suas escolhas também são baseadas no “saber fazer”, priorizando a contratação de comentaristas atletas e ex-atletas, o que nos permite estabelecer uma comparação com as considerações que Knoblauch (2007) fez sobre os futuros professores que a própria escola produz, lembrando a maneira como a mídia escolhe seus profissionais:

“Neste sentido, é possível concluir que a escola, além de divulgar o arbitrário cultural e reforçar as desigualdades sociais mascarando seus mecanismos de seleção por meio da ideologia do dom e da meritocracia (Bourdieu, 2001), também prepara seus futuros professores, fato apontado por Boudieu e Passeron (1982), ao considerarem os professores como antigos bons alunos que assumem as regras da instituição escolar, pré-disposição que decorre do próprio processo de formação e experiência escolar.” (p.5)

Neste sentido observa-se que, de forma semelhante aos professores na escola, a escolha dos comentaristas televisivos está mais relacionada com o *habitus* desportivo e com a manutenção dos valores atrelados ao desporto em si, do que com o caráter informativo desejado, ou mesmo a formação ideal para ocupar tal posição. O importante, pelo menos no caso estudado, é a posição que o agente ocupa para ser qualificado perante o grupo social. É imperativo lembrar, portanto, que em função da manutenção de uma cultura de formação artesanal do judô, expressa na maneira que seus profissionais são escolhidos, a qualidade da informação veiculada pela mídia acaba sendo relegada a segundo plano, assim como o reforço de equívocos oriundos do “senso

comum” em relação a questões gerais de conceitos didáticos e metodológicos do desporto em si. **Afinal, busca-se uma sociedade brasileira mais instruída ou sempre carente de informação de qualidade...**

Enfim, fica como sugestão a tentativa de superação do modelo artesanal, como condição real e necessária para o desenvolvimento do desporto. No mesmo sentido, a construção de bancos de dados - avaliações, análises de lutas e lutadores, etc - para evidenciar tendências de lutadores e padrões individuais. Também, construir uma infra-estrutura capaz de dar condições não só de treinamento como de capacitação profissional, necessidade prioritária do judô nacional. E compreender a necessidade da socialização de informações através de fóruns, debates, congressos técnicos e científicos dentro do Brasil, com o apoio amplo ao desenvolvimento de uma comunidade Acadêmica que elabore projetos científicos aplicados a compreensão e aprimoramento do judô em suas múltiplas faces, não só na questão competitiva, como na didática e cultural.

Consequentemente torna-se necessário o suporte ao desenvolvimento científico e tecnológico e à formação de especialistas que atendam as necessidades da CBJ, a exemplo do que acontece com a CBV, o que mostra claramente o segredo de seu sucesso, sendo que nasce uma esperança de que, ao seguir o mesmo caminho, várias necessidades encontradas no judô sejam supridas. Curioso ressaltar que López (2005) aconselha ao país que:

“...o Brasil deve fortalecer sua estratégia e assessoramento, baseado num rigoroso Plano de Medidas por esporte que lhe permita avançar nos resultados, segundo as dimensões de seu território, população e condições, ricas por possuir biotipos (somatotipos) necessários a qualquer disciplina esportiva.” (p.35)

Esta recomendação também é indicada pelo estudo em si, e somando-se a experiência do Voleibol, López (2005) indica o caminho que corrobora com as necessidades encontradas na Tese:

Programas de Capacitação – criar uma Escola Nacional ou Centro Nacional de formação e qualificação de treinadores esportivos para atletas, equipes nacionais e estaduais, o que permitirá nutrir o movimento esportivo deste país com novos profissionais de alto nível para o esporte que for necessário e a elevação e qualificação do nível científico, teórico, pedagógico e metodológico do já existente. O Brasil deve seguir trabalhando para elevar o nível científico e técnico-pedagógico do pessoal técnico, aprofundando o domínio do conteúdo e

aplicação das técnicas mais modernas do esporte, aproveitando métodos e procedimentos mais avançados do treinamento esportivo: desenvolver o espírito investigativo e criador; intercambiar e divulgar as melhores experiências e estabelecer a preparação metodológica controlando-a e supervisionando-a.” (p.37)

VII. CONCLUSÃO

A elaboração da conclusão desta Tese foi decorrente de uma série de análises que, conjuntamente, possibilitaram entender melhor o *habitus* do judô brasileiro. Apesar de existir certa complexidade para a utilização do modelo de triangulação de métodos, somado ao entendimento da divisão do *habitus* do lutador na *hexis* corporal, ações didáticas e postura, foi possível estabelecer uma interessante e satisfatória análise. Entretanto, devido ainda às dificuldades encontradas, principalmente relacionadas a uma possível fragmentação dos dados, foi necessária cautela em relação às considerações mais enfáticas, muitas delas devendo ser entendidas como apontamentos. Também é esperado que novos estudos fortaleçam o entendimento do *habitus* não só do judô, mas dos treinadores e profissionais do esporte nacional, além da própria Educação Física.

Com base nos objetivos propostos por esta Tese, foi possível concluir ou apontar que a constituição do judô no Brasil, principalmente em relação aos seus recursos humanos, está atrelada à formação do judoca faixa preta, possuindo algumas variações para a formação do técnico desportivo. Estas variações não são significativas em relação à ênfase dada na questão da técnica de movimento, onde - neste momento - desconsideram-se as formações tecnológicas e científicas. Também foi constatado que a inclusão dos Conselhos Profissionais de Educação Física acabou acarretando mudanças na capacitação dos técnicos, porém apenas no sentido do cumprimento da Lei 9696/98, não causando mudanças de comportamento que abalassem a estruturação em Escolas de Ofício, caracterizado para o judô nacional.

Por sua vez, os conselhos profissionais, por força legal, competiram enquanto reguladores do esporte no âmbito do controle da profissão, em que as necessidades de adequação acarretaram para o judô uma necessidade externa de mudanças, não havendo, porém, uma manifestação interna, tanto de dirigentes como de atletas, quanto ao interesse pelo desenvolvimento ou mesmo pela reciclagem de conhecimentos (a exceção do prático, que sequer foi mencionado). Este fato reforçou o entendimento de que o agente social ligado ao judô estar culturalmente atrelado à formação pelo ofício, localizado no paradigma pré-moderno que, salvo melhor juízo, dificilmente entenderá as necessidades de outro paradigma, no caso o científico ou moderno, representado pela profissão. Este fato legal obrigou os praticantes e técnicos a

participarem dos cursos, porém, não modificou seu entendimento cultural em relação à necessidade de adequação aos novos desafios da modernidade, cuja Lei 9696/98 é apenas um destes.

Os resultados encontrados nos documentos Históricos da Federação Internacional de Judô (FIJ) permitiram observar – em relação ao desempenho em Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos de judô até o ano de 2005 – uma modesta atuação brasileira, mais relacionada à genialidade de atletas como Aurélio Miguel que sozinho detêm cinco de todas as medalhas conquistadas pelo Brasil (até o momento), ou como no feminino apresentam-se Edinanci Silva, como expoente com duas medalhas na competição (Campeonato Mundial), fazendo parceria com Daniele Zangrando que era a primeira e única medalhista até então. Tais desempenhos refletem a compreensão de que existe um grande potencial genético nos praticantes de judô, que se trabalhado segundo as indicações próprias ao desenvolvimento tecnológico existente, remeteria a uma possível otimização deste potencial. Nesta linha de pensamento, apontamos o otimismo exagerado da mídia e de seus agentes, como um fator de sublimação dos próprios erros, o que dificulta uma observação criteriosa dos **fatos**, e com isto reduzem-se as possibilidades de correção e de aprendizagem com as experiências anteriores. Esta atitude acaba, portanto, contribuindo para a estagnação do desporto em seus aspectos artesanais e conservadores.

Conforme também foi previsto, a criação de um modelo de análise de lutas foi satisfatória e permitiu identificar as diferenças de ações entre os lutadores. Tal modelo, pelo seu caráter original, ainda apresenta possibilidades de evolução, porém foi um excelente instrumento para estabelecer os possíveis padrões entre os judocas, pois neste estudo permitiu encontrar as relações entre diferentes grupos de atletas (nacionais, europeus, vencedores e derrotados). Com ele ficou evidenciado que toda a construção artesanal do judô brasileiro constituiu determinadas estruturas, identificadas pela repetição nas lutas pelos atletas brasileiros, apontando a existência de uma *hexis* corporal e postura própria do judô nacional, que durante o evento correspondeu ao discurso apresentado pela mídia televisiva enquanto manifestação tanto do capital simbólico, evidenciado pelo discurso conservador, como também apresenta uma violência simbólica, direcionada aos árbitros, países do leste europeu e elementos não tradicionais delimitando uma fração do *habitus* deste espaço social, o judô.

Com isto, foi possível relacionar, mesmo que de forma modesta, as estruturas de poder, o desempenho (a *hexis* corporal e postura), o discurso da mídia (a vocalização das estruturas) e o *habitus* do judô, onde ficou explícito o caráter conservador predominante em suas estruturas, tanto na forma de gestão, como de treino ou do discurso. O *capital específico* decorrente deste caráter conservador, apresenta-se direcionado pela busca de um ideal do passado, do Japão, do judô japonês, as técnicas japonesas, a valorização do aprendizado artesanal e em contrapartida, a aversão contra as mudanças, tanto técnicas com tecnológicas. Ficou evidente nos momentos de análise da cultura falada que existe uma falta de conhecimento e de conceitos básicos, como os de força e técnica, e que as contribuições, sejam das Ciências do Desporto, da Metodologia de Treino ou da própria Educação Física, podem contribuir para o desenvolvimento do judô.

Em um primeiro momento, a apresentação do modelo de análise de lutas apresentado nesta Tese já é um elemento de contribuição ao desenvolvimento técnico, por apresentar inúmeras possibilidades de intervenção, tanto no treinamento como no combate em si, atuando desde a compreensão das falhas até das virtudes, tanto do próprio atleta como em seu adversário. Outra característica particular do modelo é que ele possibilita a visualização de deslizes coletivos, onde a existência de padrões, negativos ou positivos, permite anular ou exaltar tal elemento do treino, evitando assim o trabalho às escuras.

Outro ponto a destacar, é a necessidade de compreensão de que, atendidas as inserções profissionais legais relacionadas a Educação Física, não existe o porque não haver cobrança pelas entidades dirigentes do Judô quanto à exigência de especialização de seus novos técnicos. Respeitando a questão temporal que estas mudanças exigem, mas não limitando o desporto ao julgo da continuidade artesanal *ad eternum*, onde o mesmo sensei trabalha desde a formação inicial, até o treinamento para competição tanto masculino e feminino de forma superficial, não se especializando em nenhuma fase do desenvolvimento de seus cliente ou atletas.

Enfim, é emergencial que as entidades de administração da prática desportiva – Confederações, Federações e Ligas – busquem estimular estudos e pesquisas para formar um tipo de preparação específica para atuação do técnico junto à modalidade, quando desenvolvida na forma de competição. Ressaltando o entendimento da necessidade da demanda cultural do

judô que está relacionado com seus elementos históricos, porém, estes não são suficientes para resolver os desafios da demanda que o desporto de alto nível requer na atualidade.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, L. M. B de. Corpo civilizado, corpo reencantado: o moderno e o alternativo nas representações do corpo. **Revista Motriz**, 5 (1), 1999, p.07-9.
- ALVES, R. **Filosofia da ciência**. São Paulo: brasiliense, 1981.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.
- AZEVEDO, P.H.S.M. ; DRIGO, A. J. ; OLIVEIRA, P.R. ; CARVALHO, M. C. G. A. ; SABINO, M. . Sistematização Da Preparação Física Do Judoca Mário Sabino: um estudo de caso do ano de 2003. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas-SP, v. 26, n. 1, p. 73-86, 2004.
- BARROS, J. M. de C. Educação física e esporte: profissões? *Kinesis*, n. 11, 1993. p. 5-16
- _____. Educação Física: perspectivas e tendências na profissão. **Motriz**, vol. 2, n.1, junho/1996. p. 49-52
- BAUNGARTNER, P. **Reflexões sobre o Judô**: em questão o símbolo faixa preta. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física. Rio Claro, janeiro de 2005.
- BENTO, J. **Desporto ética sociedade**. Actas do Fórum Desporto Ética Sociedade, realizado na Universidade do Porto em 5, 6 e 7 de Dezembro de 1989. Porto/ Portugal: Universidade do Porto, 1989.

BETTI, M. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BONELLI, M.G.; DONATONI, S. Os estudos sobre Profissões nas Ciências Sociais Brasileiras. **Revista Brasileira de Informações Bibliográficas em Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v.41, p 109-130, 1996.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero Ltda., 1983.

_____. **O poder simbólico**. Lisboa, Difel, 1989.

BRACHT, V. **Educação física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. Ijuí: Editora Unijuí, 1999.

BRASIL. Congresso Federal. Lei nº 9.696, de 1º de set. de 1998. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselhos Federal e regional de Educação Física. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, nº 168 de 02 de setembro de 1998.

_____. Congresso Federal. Lei nº 9.615 – de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, nº 81 de 25 de março de 1998b.

_____. Congresso Federal. Lei nº 10.264, de 16 de julho de 2001. Estabelece que 2% da arrecadação bruta de todas as loterias federais do país sejam repassados ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e ao Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB). Do total de recursos repassados, 85% são destinados ao COB e 15%, ao CPB. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, nº 168 de 17 de julho de 2001. (“Lei Piva”)

CALLEJA, C.C. Judô. In: BORSARI, J.R. & FACCA, F.B. (Coord.) **Manual de Educação Física**. São Paulo: EPU, 1979.

CANESIN, M. T. A fertilidade da produção sociológica de Bourdieu para ciências sociais e educação. In: ROSA, D. E. e SOUZA, V. C. (org.) **Didática e práticas de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 85-101

CARVALHO, A. M. de **Cultura física e desenvolvimento**. Lisboa: Compendium, s. d.

CBJ (Rio de Janeiro). **Normas Gerais Para eventos Nacionais: 2006**. Rio de Janeiro, 2006. 17 p. Disponível em:
<http://www.cbj.com.br/downloads/NORMAS_GERAIS_PARA_EVENTOS_NACIONAIS_2006.doc>. Acesso em: 16 out. 2007.

CBJ (Rio de Janeiro). **Regulamento de Competição**. Rio de Janeiro, 2005. 48 p. Disponível em:
<[http://www.cbj.com.br/docs_oficiais/Regulamento de Competição - Agosto de 2005 - Coordenação Nacional de Arbitragem.doc](http://www.cbj.com.br/docs_oficiais/Regulamento%20de%20Competi%C3%A7%C3%A3o%20-%20Agosto%20de%202005%20-%20Coordena%C3%A7%C3%A3o%20Nacional%20de%20Arbitragem.doc)>. Acesso em: 12 out. 2007.

CBV (Rio de Janeiro). **Regulamento para os cursos de treinadores**. Saquarema, 2005. 32 p. Disponível em:
<<http://www.volei.org.br/newcbv/arquivos/Regulamento%20para%20os%20Cursos%20de%20Treinadores%20CBV%20-%202005.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2007.

CESANA, J. **O profissional de educação física e as práticas corporais alternativas: interações ocupacionais. 2005** (Dissertação de Mestrado – Apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Motricidade UNESP de Rio Claro) Rio Claro, 2005.

COELHO, E. C. **As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

COSTA, J. F. B. M. **O exercício da formação/capacitação de instrutores, técnicos, árbitros e dirigentes da arte marcial chinesa kung fu wushu: uma reflexão das ciências do desporto e ciências correlatas**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física. Rio Claro, janeiro de 2005.

CUNHA, M. S V. **Motricidade Humana: um paradigma emergente**. Blumenau: Ed. Da FURB, 1995.

CUNHA, L. A. **O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata**. São Paulo: Editora UNESP, Brasília, DF: Flacso, 2000.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas – SP: Papirus, 1995.

DESCARTES, René. **Discurso sobre o método**. 2. Edição. Rio de Janeiro. : Organização Simões. - 1952

DOLL JÚNIOR, W. **Currículo:uma perspectiva pós-moderna**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. (224 p.)

DOSSIÊ SPORTV Editor-responsável Renato Nogueira Neto Rio de Janeiro; São Paulo: Sportv , 1999. 1 fita de vídeo (30 min.), VHS, son., color. e p.& b.

DRIGO, A. J. **Condição aeróbica e anaeróbica de judocas**: Estudo pelo lactato sanguíneo. Monografia (Conclusão do Curso de Bacharel em Ciências Biológicas) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1994.

_____. **História do Judô no Brasil**: A Contribuição dos Senseis Uadi Mubarak (8° Dan) e Luis Tambucci (9° Dan). Monografia (Conclusão de Curso de Bacharel em Educação Física) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP: UNESP/RC, 1998. 36 p.

_____. **O judô: perspectiva com a regulamentação da profissão de educação física.** Dissertação (Mestrado em Pedagogia da Motricidade Humana) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2002

DRIGO, A. J.; CESANA, J. As percepções dos profissionais de educação física em relação ao judô: reflexões das suas simbologias. **Movimento & Percepção.** v. 1, nº 1, jul./dez., 2002.

DRIGO, A. J.; OLIVEIRA, P. R. de; CESANA, J. O judô brasileiro, o desempenho, e as mídias: caso das Olimpíadas de Atenas 2004 e o Mundial do Cairo de 2005. **Anais do I Congresso de Ciência do Desporto.** Campinas SP, 2005.

DRIGO, A. J. ; OLIVEIRA, P.R. ; TOJAL, J.B.A.G. ; SOUZA NETO, S. ; CESANA, J.A . A Organização Do Campo Das Artes Marciais E Sua Estruturação Profissional: Da Escola De Ofício Ao Modelo Acadêmico Das Escolas De Educação Físic. **In: XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DO ESPORTE, 2003**, Caxambu - MG. Anais do XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DO ESPORTE, 2003.

ELLIOT, B.; MESTER, J. **Treinamento no Esporte:** Aplicando Ciência no Esporte. Guarulhos, SP: Phorte Editora, 2000.

FENSTERSEIFER, P. E. **A Educação Física na crise da modernidade.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2001, 304 p.

FERREIRA, L. A. **Reencantando o corpo na educação física:** uma experiência com as práticas corporais alternativas no ensino médio. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade Humana) UNESP – Rio Claro, 2000.

FJERJ (Rio de Janeiro). **Estatuto Social da FJERJ.** Rio de Janeiro, 2004. 16 p. Disponível em: <http://www.judorio.org.br/federacao/regulamento_2005.doc>. Acesso em: 15 outubro de 2006.

FJERJ (Rio de Janeiro). **Regulamento técnico e administrativo da Federação de Judô do estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2007. 32 p. Disponível em: <http://www.judorio.org.br/federacao/Regulamento%20Tecnico_Adm.pdf>. Acesso em: 15 out. 2007.

FREIDSON, E. Para uma análise comparada das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. n. 31, ano 11, p. 141-154, 1996.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. São Paulo: Scipione, 1989.

FREIRE-MAIA, N.. **A ciência por dentro**. Petrópolis, Editora Vozes, 1991. 262 p.

FPJ (São Paulo). **Exame De Graduação Para Faixa Preta**. São Paulo, 2000. 7 p. Disponível em: <<http://www.fpj.com.br/arquivos/secr20.doc>>. Acesso em: 10 jul. 2006a.

FPJ (São Paulo). **Exame De Graduação Para Faixa-Preta De Judô**. São Paulo, 2004. 1 p. Disponível em: <http://www.fpj.com.br/noticias/noticias.php?id=exame_16-04-2004.htm&titulo=../imagem_padrao/tit_secretaria.gif>. Acesso em: 12 out. 2006.

FPJ (São Paulo). **Exame De Graduação Para Faixa-Preta De Judô: regulamento 2007** com as devidas alterações para o 2º. semestre. São Paulo, 2007. 7 p. Disponível em: <http://www.fpj.com.br/secretaria/ex_grad07-reg.doc>. Acesso em: 2 mar. 2007.

FPJ (São Paulo). **Exame de Graduação Para Faixa-Preta de Judô: regulamento 2007** com as devidas alterações para o 2º. semestre. São Paulo, 2007. 7 p. Disponível em: <http://www.fpj.com.br/secretaria/ex_grad07-reg.doc>. Acesso em: 2 mar. 2007.

GONÇALVES JR, L.; DRIGO, A.J. A já regulamentada profissão de Educação Física e as Artes Marciais. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.7, n.2, p 131-132, 2001.

HARAMBOURE, R.G. Sistema Haramboure de titulaciones docentes a pedagogos de la educación física, deportes y artes marciales: fundamentos teóricos **Revista Digital - Buenos Aires** – Ano 10, N° 87, Agosto de 2005 disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd87/haramb.htm>>

HUNGER, D. et al. Projeto de pesquisa: O Judô Brasileiro e sua memória. In: **III Encontro nacional da História do esporte, lazer e Educação Física**. P.314 a 321, 1995

KASZNAR, Istvan Karoly; GRAÇA F., Ary S.. **Estratégia Empresarial**: Modelode gestão vitorioso e inovador da Confederação Brsileira de Voleibol. São Paulo: M.books, 2006a. 186 p.

KASZNAR, Istvan Karoly; GRAÇA F., Ary S.. **Estratégia Vitoriosa de Empresa segundo seus personagens**. São Paulo: M.books, 2006b. 420 p.

KNOBLAUCH, A. A incorporação do habitus e a dimensão cultural da formação de professores. In: **VIII Congresso estadual Paulista sobre Formação de Educadores**, 2005, Águas de Lindóia. Anais do VIII congresso estadual paulista sobre formação de educadores: Modos de ser educador - artes e técnicas, ciências e políticas. São Paulo : Pró-Reitoria de Graduação da UNESP, 2007. v. 1. p. 04-12.

LA ROSA, Armando Forteza de. Estágio em Cuba. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: <Paulo Roberto de Oliveira>. em: 27 out. 2006.

LIMA, A.C. M et al. **Principais conceitos da sociologia de Pierre Bourdieu**. Pernambuco, 1998. [Apostila do curso de leitura dirigida – Mestrado em Antropologia - Universidade Federal de Pernambuco]

LÓPEZ, Á. C. M. **Jogos Esportivos Panamericanos Rio de Janeiro 2007: diagnósticos e possibilidades**. Havana: Universidade de Brasília, 2005. 39 p.

LOPES NETO, D.; PAGLIUCA, L.M.F. Holistic approach of the term "person" in an empirical study: a critical analysis. **Rev. Latino-Am. Enfermagem** , Ribeirão Preto, v. 10, n. 6, 2002 . Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692002000600012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 Nov 2007.

LOPES NETO, N.MML. Holismo nos modelos teóricos de enfermagem. **Rev Bras Enfermagem**, n.52 v2 abr/jun; 1999 p. 233-242.

LOVISOLO, H. **Educação Física: a arte da mediação**. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.

LYOTARD, J-F. **O pós-moderno**. Trad. Ricardo Correia Barbosa. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

MANIFESTO nacional das confederações brasileiras de lutas e artes marciais ao Conselho Federal de Educação Física – CONFEF, 2000 (Xerocopiado).

MESQUITA, C.W. **Identificação de incidências autoritárias existentes na prática de judô e utilizada pelo professor**. 1994. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

MORANDINI NETO, A (São Paulo). LPJ. **Apostila de Graduação**. São Paulo, 2004. 17 p.

Disponível em:

<http://www.ligadejudopaulista.com.br/Downloads/Apostila_graduacao.doc>. Acesso em: 21 mar. 2006.

NOVAES, C. R. B. **Relações hierárquicas nas artes marciais orientais: estudo comparativo entre a arte marcial chinesa (kung fu wushu) e a japonesa (judô)** -Monografia apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Educação Física. Rio Claro, SP, 2002.

ORTIZ, R. **Pierre Bourdieu. Sociologia**. São Paulo: Ática, 1994.

PAIVA, F. S. L. Constituição do Campo Educação Física no Brasil: ponderações acerca de sua especificidade e autonomia. In: BRACHT, R. e CRISORIO, R. (cords.) **A Educação Física no Brasil e na Argentina: identidade, desafios e perspectivas**. Campinas, SP: Autores associados: Rio de Janeiro: PROSUL, 2003, p. 63-80.

PEREIRA, C. A. M. **O que é contracultura**. 2a. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PUIG, J. M. **Práticas Morais: uma abordagem sociocultural da educação moral**. São Paulo: Moderna, 2004.

RANKING dos esportes no Brasil. **Folha De São Paulo**, São Paulo, 29 de nov. de 1996. Caderno Especial, p.E-1.

RODRÍGUEZ, A. L. ¿Es la Educación Física, ciencia? **Revista Digital - Buenos Aires** – Ano 9 - N° 62 - Julio de 2003 disponível em:

< <http://www.efdeportes.com/efd62/ciencia.htm>>

ROSENAU, P. Modern and Post-Modern Science. **Review-Fernand Braudel** Center, vol. XV, n. 1, Winter, p. 49-89, 1992.

ROSZAK, T. **A contracultura: reflexões e sobre a sociedade tecnocrata a oposição juvenil.** Trad. Donaldson M. Garschagen. Petrópolis: Vozes, 1972.

RUGIU, A. S. **Nostalgia do mestre artesão.** 1 ed. Campinas- SP: Autores Associados, 1998

SAID, E. W. **Orientalismo:** o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SANTOS, I.R. dos. A teoria do desenvolvimento científico de Thomas S. Kuhn. **In: Os fundamentos sociais da ciência.** São Paulo: Polis, 1979, p. 43-70.

SAVIANI, D. Prefácio à edição Brasileira. **In: RUGIU, A. S. Nostalgia do mestre artesão.** 1 ed. Campinas- SP: Autores Associados, 1998

SIFF, M. C.; VERKHOSHANSKY, Y. **Superentrenamiento.** Barcelona, Espanha: Editorial Paidotribo, s. d.

SILVA, Marilda da . Modos de ser professor: o princípio hologramático na organização do habitus professoral. **In: VIII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores/ Modos de ser educador: artes e técnicas, ciências e políticas,** 2005, Águas de Lindóia. Anais do VIII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores/ Modos de ser educador: artes e técnicas, ciências e políticas, 2007 p. 60-68.

SOUSA, C. P. A evocação da entrada na escola: retratos autobiográficos de professores e professoras. **In: BUENO, B. O.; CATANI, D. B. e SOUSA, C. P. (Org.) A vida e o ofício dos professores.** São Paulo: Escrituras, 1998 p. 31-44.

SOUZA NETO, S. **A Educação Física na Universidade: licenciatura e bacharelado – as propostas de formação profissional e suas implicações teórico-práticas.** Tese (Doutorado em Educação) Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999, 334 p.

TAKANO, L. S. **Normas de conduta em artes marciais: identificando alguns critérios pedagógicos no local de prática.** Monografia apresentada na Universidade Estadual Paulista – UNESP – Câmpus de Rio Claro, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação Física. Rio Claro – SP, Brasil, 2001.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 31-55.

TAVARES JUNIOR, A. C. **A produção científica no judo.** da academia para as academias. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Licenciado Educação Física. Rio Claro: 2003 p84.

VENUTO, Adriana. **Astrology as a burgeoning professional field.** *Dados*. [online]. 1999, vol.42, no.4 [cited 21 May 2006], p.761-801. Available from World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581999000400005&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0011-5258.

VERJOSHANSKI, I. V. **Entrenamiento deportivo:** Planificación y programacion, Barcelona: Libergraf, 1990.

VERKHOSHANSKY, Yuri. **Teoria y metodologia del Entrenamiento Deportivo.** Barcelona: Paidotribo, 2002. 350 p.

VIRGILIO, S. **A Arte do Judô.** 2 ed. Campinas-SP: .Papirus, 1986.

YAKIMOV, I. (2006) **The secrets of the Russian Judô**. Vídeo star, China, 2006 (vídeo)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS REFERENTES AO ARTIGO: O JUDÔ BRASILEIRO, O DESEMPENHO, E AS MÍDIAS: CASO DAS OLIMPÍADAS DE ATENAS 2004 E O MUNDIAL DO CAIRO DE 2005.

BETTI, M. **Janela de vidro**: Esporte, televisão e Educação Física. Campinas SP: Papirus, 3ed., 2004.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1997.

CUNHA, A.M.C. A Holanda tem “Van Der Gueest”, nós temos “Wan Der Ley e Ney Wilson” **Judobrasil**, agosto de 2004.

DOSSIÊ SPORTV Editor-responsável Renato Nogueira Neto Rio de Janeiro; São Paulo: Sportv , 1999. 1 fita de vídeo (30 min.), VHS, son., color. e p.& b.

GARAVELLO, M. Brasil iguala recorde de ouros à margem da Lei Piva, **Caderno de Esportes da UOL**, São Paulo, 27 de agosto de 2004.

GARAVELLO, M. Judocas do Brasil treinam na polícia japonesa sob "vigilância" em, **Caderno de Esportes da UOL**, São Paulo, Judocas do Brasil treinam na polícia japonesa sob "vigilância" em 07 de agosto de 2004b.

GARAVELLO, M. Honorato "queima língua", perde de rivais inexpressivos e é eliminado. **Caderno de Esportes da UOL**, São Paulo, 18 de agosto de 2004C.

GARAVELLO, M. Nuzman promete mais ingerência em confederações após Atenas, **Caderno de Esportes da UOL**, São Paulo, 29 de agosto de 2004D.

GARAVELLO, M. Medalha olímpica gera frutos distintos para judocas, **Caderno de Esportes da UOL**, São Paulo, 24 de fevereiro de 2005.

RANKING dos esportes no Brasil. **Folha De São Paulo**, São Paulo, 29 de nov. de 1996. Caderno Especial, p.E-1.

VERKOSHANSKI, I.V. **Entrenamiento deportivo**: Planificación y programacion, Barcelona: Libergraf, 1990.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALLEN, A.R. **Adolescencia y deporte**. Barcelona: Ediciones Nobel, 2001.

BARBANTI, V.J.; AMADIO, A.C.; BENTO, J.O.; MARQUES, A.T. **Esporte e atividade física**: interação entre rendimento e saúde. Barueri: Manole, 2002.

BILINT, M. **Le questionnaire dans l'enquête psycho-sociale**. Paris: PUF, 2000.

CESANA, J. e DRIGO, A. J. A contracultura e a ciência pós-moderna: considerações para a educação física. **Movimento & Percepção**. v. 1, nº 03, jul./dez., 2003.

DEGAND, J. **L'observation dans l'aide psychosociale interpersonnelle**. Paris: PUF, 2001.

FORGHIERI, Y. **Psicologia Fenomenológica**: aplicações. SP: Pioneira, 1981.

MUCCHIELLI, R. **A entrevista não diretiva**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Apêndices

FEDERAÇÃO DE JUDÔ DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Boletim Oficial 010/07
22 de maio de 2007

Às agremiações Filiadas,

A Federação de Judô do Estado do Rio de Janeiro (FJERJ) vem, por meio deste informar-lhes que o **II Módulo do Estágio Técnico da FJERJ – 2007**, atendendo ao Regulamento de Promoção de Dan da FJERJ, será realizado nos dias **23 e 24 de JUNHO** (sábado e domingo), no dojô da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Ilha do Fundão – Cidade Universitária).
Carga horária: 16 horas/aula
Início: 8h

A inscrição no **II Módulo do Estágio Técnico da FJERJ** poderá ser feita:

- **ATÉ O DIA 06 DE JUNHO (QUARTA-FEIRA)**, na sede da FJERJ e na sede dos Núcleos Regionais, **COM 10% DE DESCONTO NO VALOR DA TABELA R\$ 108,00 (cento e oito reais).**
- DO DIA **08 DE JUNHO (SEXTA-FEIRA)** ATÉ O DIA **21 DE JUNHO (QUINTA-FEIRA)**, na sede da FJERJ e na sede dos Núcleos Regionais, passando para o valor da tabela: **R\$ 120,00 (cento e vinte reais).**
- **No dia 22 DE JUNHO (SEXTA-FEIRA), em face dos preparativos para o II Módulo do estágio Técnico da FJERJ, NÃO ESTAREMOS ACEITANDO INSCRIÇÕES.**
- NO DIA **22 DE JUNHO (SÁBADO)**, passando para o valor de **R\$ 150,00 (cento e cinquenta reais).**

ATENÇÃO!

1. OS CANDIDATOS A FAIXA PRETA (1º DAN) DEVERÃO, NO ATO DA INSCRIÇÃO, APRESENTAR O FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO E O TERMO DE CONCORDÂNCIA DO PRÉ-EXAME, DEVIDAMENTE PREENCHIDO E ASSINADO.
2. OS CANDIDATOS AO EXAME A PARTIR DE 2º DAN DEVERÃO, NO ATO DA INSCRIÇÃO, APRESENTAR O FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO DEVIDAMENTE PREENCHIDO E ASSINADO.

PERÍODOS DE CARENCIAS

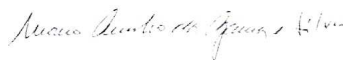
EXAME / GRADUAÇÃO	IDADE MÍNIMA	CARÊNCIA MÍNIMA
1º DAN	15 ANOS	01 ano como 1º KYU
2º DAN	17 ANOS	02 anos como 1º DAN
3º DAN	21 ANOS	04 anos como 2º DAN
4º DAN	26 ANOS	05 anos como 3º DAN
5º DAN	31 ANOS	05 anos como 4º DAN

*Salientando que na Classe de graduados (1º ao 5º DAN) existem outros itens que devem ser considerados além do tempo de carência.

3. SOMENTE ESTARÃO LIBERADOS PARA ASSINAR OS FORMULÁRIOS SUPRA CITADOS OS PROFESSORES QUE TENHAM PARTICIPADO DO SEMINÁRIO DE CREDENCIAMENTOS DE TÉCNICOS DA FJERJ – 2007.

**Solicitamos aos senhores professores e candidatos atenção
para os prazos e processos de inscrição.**

Saudações Esportivas



Marco Aurelio da Gama e Silva

FEDERAÇÃO DE JUDÔ DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO NO ESTÁGIO TÉCNICO

Data do módulo:.....

Nome do Atleta:.....

Faixa do Atleta:.....

Data da Última Promoção:.....

Registro na FJERJ:..... Registro na CBJ:.....

Agremiação:.....

Profissão:.....

Escolaridade:.....

Endereço:.....

Bairro:.....Cidade:.....

UF:.....Cep:.....

Telefone:.....Celular:.....Fax:.....

E-mail:.....

Data de Nascimento:.....

Identidade:.....Emissor:.....

Expedição:.....CPF:.....

Nacionalidade:.....Estado Civil:.....

Nome do Pai:.....

Nome da Mãe:.....

Nome do Professor:.....

.....

Assinatura do Professor

.....

Assinatura do Atleta

FEDERAÇÃO DE JUDÔ DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
(SOMENTE PARA OS CANDIDATOS A AO EXAME PARA O 1º.DAN)

Eu _____
registrado(a) na FJERJ sob o no. _____, filiado pela Agremiação _____
_____, tomo ciência e assumo concordância com os termos abaixo:

1. Deverei no ato do pré-exame, demonstrar conhecimento mínimo das seguintes técnicas: Ukemis (todos), 03 de ashi-waza, 03 de te-waza, 03 de koshi-waza, 02 de sutemi-waza, 03 de ossae-waza, 02 de shime-waza, 02 de kansetsu-waza, 02 de hen-hakuhenka-waza e 02 de kaeshi-waza;
2. Deverei, no decorrer dos módulos de Estágio Técnico, estar em condições físicas para participar sem restrições das atividades do pré-exame;
3. Caso não alcance o rendimento mínimo satisfatório neste PRÉ-EXAME, estarei impedido(a) de prestar exame a SHODAN no ano de 2007, estando igualmente impedido(a) de pleitear junto a esta Federação qualquer reembolso ou restituição de taxas que por ventura tenham sido pagas por ocasião de minha inscrição nos processos pertinentes ao Exame de Dan – 2007.

Rio de Janeiro,.... de de 2007.

Assinatura do candidato
ou do responsável

Assinatura do professor

INSTRUÇÕES PARA PEDIDO DE FILIAÇÃO NOVA na F.P.J. para Entidades Esportivas no ano 2000

REQUERIMENTO DE PEDIDO INICIAL DE SUA FILIAÇÃO

- 1º-MODELO I-A = Requerimento de pedido INICIAL de FILIAÇÃO.
- 2º-Juntar o ESTATUTO da Entidade Esportiva para a sua aprovação.
- 3º-Pagamento da taxa inicial de pedido de filiação = R\$ 200,00.

APÓS A APROVAÇÃO DO ESTATUTO

- 4º-Caso o Estatuto não estiver registrado, deverá providenciar o seu registro.
- 5º-MODELO I = Requerimento de PEDIDO DE FILIAÇÃO como MENBRO EFETIVO.
- 6º-Juntar o Estatuto aprovado com o seu registro.
- 7º-Juntar a ATA DE FUNDAÇÃO.
- 8º-Juntar a ATA da ASSEMBLÉIA que elegeu a Diretoria.
- 9º-Juntar a RELAÇÃO NOMINAL da Diretoria com a qualificação e telefone.
- 10º-Juntar a Xerox do Cartão do CGC.

ANUIDADES da Entidade Esportiva e do professor responsável.

- 11º-Pagamento da anuidade do ano 2000:
ANUIDADE I – Entidade Esportiva com até duas modalidades olímpicas federadas = R\$ 450,00
ANUIDADE II – Entidade Esportiva com mais de duas modalidades olímpicas federadas = R\$ 1500,00
- 12º-Pagamento da anuidade do professor responsável no valor de R\$ 80,00, apresentando a sua Carteira da F.P.J. do ano anterior.

REQUERIMENTO e DECLARAÇÃO do PROFESSOR RESPONSÁVEL

- 13º-MODELO IV = Se o professor responsável é Faixa Preta 1º ou 2º DAN.
- 14º-MODELO V = Se o professor responsável é Faixa Preta 3º DAN ou acima.

ENTREGA DOS DOCUMENTOS: No INTERIOR = Na Delegacia Regional.
Na CAPITAL = Na Secretaria da F.P.J..

ATENÇÃO: O atestado de filiação estará a disposição dos requerentes 5 dias úteis, após a data de entrega de todos os documentos necessários acima relacionado.

ATENCIOSAMENTE

FRANCISCO DE CARVALHO FILHO
PRESIDENTE

5 - Judô na atualidade

Fundamentos técnicos de nague-waza - 20 horas

1 - Conhecimentos científicos relacionados ao movimento humano: centro de gravidade, inércia, binário, alavancas, etc.

2 - Posturas, pegadas, deslocamentos, equilíbrio e estabilidade.

3 - Técnicas do go-kyo e demais do nague-waza

4 - Combinações das técnicas de arremesso

5 - Técnicas de contra-ataque

Fundamentos técnicos de katame-waza - 16 horas

1 - Bases das técnicas de imobilização, de estrangulamento e de luxação

2 - Técnicas de ossae-waza

3 - Técnicas de shime-waza

4 - Técnicas de kansetsu-waza

5 - Formas de controle, domínio e saídas de solo

Aperfeiçoamento em nague-no-kata - 20 horas

1 - Apresentação e movimentos para o nague-no-kata

2 - Estudo formal das técnicas de projeção

Aperfeiçoamento em katame-no-kata - 12 horas

1 - Apresentação e posicionamentos para o katame-no-kata

2 - Estudo formal das técnicas de controle em solo

Noções de pedagogia e educação física infantil na prática do Judô - 12 horas

1 - O judô como método da educação física

2 - Noções do processo ensino-aprendizagem das habilidades motoras relacionadas às características do judô

3 - Desenvolvimento das capacidades físicas e habilidade motoras

4 - Metodologia de ensino à iniciação no judô

5 - Seqüências pedagógicas na prática do ukemi

Noções de socorros de urgência nas atividades de judô - 04 horas

1 - Aspectos fisiológicos e anatômicos dos sistemas muscular, ósseo, cardiovascular, respiratório e nervoso

2 - Estudos e orientação de procedimentos científicos sobre traumatismos, entorses, luxações e fraturas

3 - Conhecimentos fundamentados para atuação correta em acidentes envolvidos na prática do judô

Treinamento esportivo aplicado ao judô - 08 horas

1 - Noções básicas sobre fisiologia do exercício

2 - Princípios de treinamento físico

3 - Desenvolvimento das capacidades físicas

4 - Periodização do treinamento

Organização esportiva do judô e ética profissional - 04 horas

1 - Organização político-administrativa do judô

2 - Orientação sobre a implantação de entidades para a prática de judô

3 - Os eventos esportivos do judô

4 - Organização de competições, elaboração de súmulas e anotações

5 - A ética no judô: atitudes e valores da disciplina do judô

As atividades constarão de exposições teóricas, com utilização de audio-visuais e de execução prática, com avaliação dos tópicos.

Será, ainda proposta a realização de eventos científicos-profissionais no decorrer do ano de 2003, em parceria com instituições de ensino superior, da área de educação física.

São Paulo, 10 de dezembro de 2002.

Francisco de Carvalho Filho Presidente

MODELO IV

AUTORIZAÇÃO para TÉCNICO PORTADOR DE 1º ou 2º DAN para 2006 (em papel timbrado da Entidade)

Ilmo. Sr. Prof. Francisco de Carvalho Filho.
DD. Presidente da Federação Paulista de Judô.

Eu, _____, (qualificação= RG. CPF. Nacionalidade, estado civil, endereço residencial e comercial, CEP e telefones) , portador da FAIXA PRETA ____DAN, com registros na F.P.J. nº_____, C.B.J. nº_____ e no CREF 4/SP nº _____, venho perante V. Sa., requerer a AUTORIZAÇÃO para exercer a função de **Técnico responsável em caráter provisório** da(o) _____ com sede a (endereço – CEP e telefones) para o ano de **2006**.

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Como Técnico em caráter provisório, responsável pelas aulas Judô desta Entidade Esportiva, declaro que estou ciente da minha responsabilidade e dos direitos e deveres do técnico responsável, comprometendo-me a respeitar o Estatuto da Federação Paulista de Judô e acatando os seus Atos, Resoluções e Regulamentos.

Nestes termos, pede deferimento.
(cidade e data)

Assinatura do Técnico

PARECER DO DELEGADO REGIONAL

Assinatura do Delegado Regional da ____ª Del.

INSTRUÇÕES PARA RENOVAÇÃO DE REGISTRO

São Paulo, 1º de fevereiro de 2006.

Senhor Presidente

É com muita satisfação que contamos novamente com a sua **RENOVAÇÃO** de REGISTRO como ENTIDADE VINCULADA para o ano de 2006.

Para efetuarmos o processo de REVOGAÇÃO do seu REGISTRO, serão necessárias as seguintes providências:

1º) Pagar as anuidades da Entidade Vinculada e do Técnico responsável com o boleto bancário (anexo).

**Enviar para a Secretaria da Federação Paulista de Judô:
Rua Germaine Burchard, 451 – 3º andar – Sala 31 São Paulo –SP CEP 05002-062**

1 – MODELO III = Requerimento do pedido de RENOVAÇÃO de REGISTRO para 2006.

2 – MODELO IV = Se o Técnico responsável for portador da Faixa Preta 1º ou 2º DAN.

3 – MODELO V = Se o Técnico responsável for portador da Faixa Preta 3º DAN ou acima.

4 – Cópia do comprovante do pagamento das Anuidades acima (boleto ou recibo).

5 - Carteira da F.P.J. e do Técnico responsável de 2005 com 1 Foto 3x4 recente.

6 – Cópia da Carteira do CREFF

Obs.: Somente após o recebimento dos documentos acima relacionados, pela nossa Secretaria, serão liberados o ATESTADO DE REGISTRO e as Carteiras dos Atletas.

Sem mais, subscrevemo-nos, reiterando as nossas estima e consideração.

Atenciosamente

Francisco de Carvalho FilhoPresidente

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1				1				1				1				1			
2				2				2	AS			2				2			
3				3				3				3				3			
4	e	e		4	Fi			4				4				4			
5	e	pg		5	EG			5				5				5			
6	pg	e		6				6				6				6			
7	sg,e	sg,e		7				7	AS			7				7			
8	pg	pg		8	pm	pm		8				8				8			
9	pm	pg2		9				9		EG		9				9			
10				10				10	AnG			10				10			
11	sm	sg		11	sm	sm		11			M	11				11			
12	sg;pg	pg		12		sgpc		12				12				12			
13	sp			13	EG			13				13				13			
14	pg			14				14				14				14			
15				15	Ac	dc		15				15				15			
16				16				16				16				16			
17				17				17			H	17				17			
18				18			M	18				18				18			
19				19				19	e	e		19				19			
20				20				20	pc	pg;pc		20				20			
21	AS			21				21				21				21			
22				22				22				22				22			
23				23			H	23		sg		23				23			
24				24				24		EG		24				24			
25	sg	EG		25				25				25				25			
26				26	e	e		26				26				26			
27	Df;pg	EG		27				27				27				27			
28				28	e	e		28				28				28			
29				29		pg		29	AS			29				29			
30				30	pg			30				30				30			
31				31				31				31				31			
32				32				32				32				32			
33		sg;pc		33				33	CG	EG		33				33			
34	sp;e	sp;e		34				34				34				34			
35				35	EG			35				35				35			
36				36				36			P	36				36			
37				37				37				37				37			
38	e	e		38				38				38				38			
39	pg	pg		39				39				39				39			
40	AS	sg		40	sp			40				40				40			
41				41	pc			41				41				41			
42	pg	pg		42				42				42				42			
43				43				43				43				43			
44				44	EG			44				44				44			
45	Df	EG		45				45				45				45			
46	dc			46				46				46				46			
47			M	47				47				47				47			
48				48				48				48				48			
49				49		EG		49				49				49			
50			H	50	AnG			50				50				50			
51				51				51				51				51			
52				52	sp			52				52				52			
53				53	pg			53				53				53			
54				54				54				54				54			
55				55				55				55				55			
56	e	e		56				56				56				56			
57		pg		57	AS			57				57				57			
58	pg			58	pg	pm		58				58				58			
59				59				59				59				59			
60				60				60				60				60			

dados perd

luta parada

Falta

Pontuação

Observaçã

Luta: Henrique 1

Categoria: meio-leve

Azul: Bang (COR)

Branco: Henrique

* Henrique mostrou qu

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1				1				1				1				1			
2				2				2	sp	sp		2				2			
3				3	sm	sm		3				3				3			
4				4				4				4			H	4			
5				5				5				5				5			
6				6	**			6				6				6			
7	pg:AS	pg		7	AS:sp	sp		7				7				7			
8	sp	sp		8				8				8				8	AS		
9	aco	aco		9				9		pg		9		pg		9		AS	
10	lvc	Ac		10				10	AS:pg			10	pg:AS			10			
11			M	11				11		pc		11				11			
12				12				12		sg:pp		12	pm	pc		12	AS		
13				13				13	***	sp		13				13			
14				14	e	e		14	df	AP		14				14	Fi		
15				15				15	Ac	dc		15				15		AS	
16			H	16	e	e		16	Ac	dc		16		sg::AP		16	AS		
17				17	pg	pm:pf		17	Ac	dc		17	sg			17			M
18				18	pm	sf:pm		18			M	18				18		F2	F
19	e	e		19	pf:sm	sm:AP		19				19		pm		19			
20				20				20				20		pm		20			
21				21				21				21				21			
22		aco		22	pc			22				22				22			
23	aco			23		pm		23				23	sm	sm		23			
24	sp	sp		24				24				24	pc	pm		24			
25			PpAP	25				25			H	25				25			
26	Df:pg			26		sg		26				26				26			
27	AS:sp	sp		27				27				27				27			H
28	e	e		28		pm		28				28	AS			28			
29				29	Fi	CG		29				29				29			
30				30				30		pg		30		AS		30			
31	e	e		31			M	31	pg			31				31			
32	pg	pm		32	F1	F1	F	32	AS			32	sm	sg		32			
33	pm	pgcz		33				33				33	sp	sp		33	pm:AS	pg	
34				34				34	AS			34				34	pg	pm	
35	sp	sp		35				35	pm	pg2		35	Df	AP		35	sg		
36				36				36				36	Df	AP		36		sm	
37		AP:pg		37				37		sg:pm		37	Df	AP	M	37	pg		
38	Df:pg			38				38		sm:pp		38				38			
39	pm	pm		39			H	39	Df	EG		39				39	EG	sm:pp	
40				40				40		sp:pm		40				40		CG	
41				41				41				41				41	Df	pg	
42				42				42				42				42			
43				43				43	AS			43				43			
44				44				44				44			H	44			
45	*			45				45	EG	CG		45				45			
46				46				46				46				46			
47				47	pg	pg		47		WA	P	47				47		Sg:AP	
48				48	AS			48	dc	Ac		48		pg		48		sm	
49				49				49	dc	Ac		49	pg			49			
50				50	pm	pc		50	dc	AC		50		EG		50			
51				51				51			M	51	EG			51			
52	sm:pc	sg		52				52			****	52				52		Sg:AP	
53		ppEG		53				53				53				53			
54				54		sg:AP		54				54	pm	pm		54			
55				55	df			55				55	sm	sm		55			M
56				56	df			56				56				56			
57				57	df	AP		57				57				57			
58	AS			58	pm	pm		58				58	pg2			58			
59				59				59				59		pm2		59			
60				60				60				60				60			

dados perd

luta parada

Falta

Pontuação

Observação

Luta: Henrique 2

Categoria: meio-leve

Azul: Dzhafarov (RUS)

Branco: Henrique

* Russo já mostrou qui

** Henrique está demo

***Russo está fazendo

****O russo está demo

*****O russo está cans

*****Não está se acha

T5	Bra	Azul	Arb	T6	Bra	Azul	Arb	T7	Bra	Azul	Arb	T8	Bra	Azul	Arb	T9	Bra	Azul	Arb
1				1				1				1				1			
2				2	pg2	pg		2				2				2			
3				3		pm		3				3				3			
4				4				4				4				4			
5			H	5		EG		5				5				5			
6				6		AP		6				6				6			
7				7	Df			7				7				7			
8		AP		8		QJ		8				8				8			
9	CG			9				9				9				9			
10		AP		10				10				10				10			
11			M	11			M	11				11				11			
12				12	*****			12				12				12			
13				13				13				13				13			
14				14				14				14				14			
15			H	15				15				15				15			
16		pg		16				16				16				16			
17	pg			17				17				17				17			
18	pg2			18				18				18				18			
19				19				19				19				19			
20		pm		20				20				20				20			
21		sm;pc		21			H	21				21				21			
22	sg	sp		22		AP		22				22				22			
23	EG			23				23				23				23			
24	QNP	dc		24				24				24				24			
25	Ac	dc		25				25				25				25			
26	Ac	dc		26		QNP		26				26				26			
27	Ac	dc		27				27				27				27			
28	Ac	dc		28				28				28				28			
29	Ac	dc		29			M	29				29				29			
30			M	30				30				30				30			
31				31				31				31				31			
32				32				32				32				32			
33				33				33				33				33			
34				34				34				34				34			
35				35				35				35				35			
36				36				36				36				36			
37				37				37				37				37			
38				38				38				38				38			
39				39			H	39				39				39			
40				40			FIM	40				40				40			
41				41				41				41				41			
42				42				42				42				42			
43				43				43				43				43			
44			H	44				44				44				44			
45		AP		45				45				45				45			
46	dc	QNP		46				46				46				46			
47	dc	Ac		47				47				47				47			
48	dc	Ac		48				48				48				48			
49	dc	Ac		49				49				49				49			
50	dc	Ac		50				50				50				50			
51	dc	Ac		51				51				51				51			
52	dc	AC	M	52				52				52				52			
53	*****			53				53				53				53			
54				54				54				54				54			
55				55				55				55				55			
56				56				56				56				56			
57				57				57				57				57			
58				58				58				58				58			
59			H	59				59				59				59			
60				60				60				60				60			

dados perd

luta parada

Falta

Pontuação

Observaçã

Luta: Henrique 2

Categoria:meio leve

Azul: Dzhafarov

Branco: Henrique

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1		e		1	aco	aco		1	e	e		1				1			
2				2	sp	sp		2	e	e		2				2		EG	
3				3				3	e	e		3				3	df	sm	
4				4				4	e	e		4				4	AS		
5	e	e		5	e	e		5				5				5			
6	pc			6				6	pg	pg		6				6			
7		pgpmcz		7	e	e		7				7				7			
8		EG		8				8				8				8			
9	dc	Ac		9	pm	pg		9		EG		9				9			
10	dc	Ac		10		sgpm		10		QJ		10				10			
11	dc	Ac		11				11				11				11			
12	dc	Ac		12	sp	sp		12			M	12				12			
13	dc	Ac		13	e	e		13				13				13			
14	dc	Ac		14	e	e		14				14				14			
15	dc	Ac	M	15				15				15				15	AS		
16				16	pm	pg		16				16				16			
17				17	snpg			17			H	17			H	17			
18				18				18				18	e	e		18			
19				19				19	e	e		19				19			
20			H	20				20	e	e		20				20			
21	e	e		21				21	e	e		21	e	e		21			
22	e	e		22		pg2EG		22	aAS	e		22	eAS	e		22			
23	e	e		23	CG			23				23	pg	pg		23			
24	pcz			24	df	AS		24	pg	pg		24	sp	sp		24			
25	sm	pg2cz		25	lvc			25	AS	sgpc		25	e	eFi		25	CG	EG	
26	sgpm	sg		26				26		scpg		26				26			
27	smpg			27				27	sp	sp		27	pmsp	pgsp		27			M
28				28			M	28	aco	aco		28	pg	pg		28			
29				29				29	sp	sp		29	AS			29			
30	EG			30				30	pg	pg		30				30			
31		df		31				31				31				31			
32				32			H	32	sgpm			32				32			
33				33				33				33	AS			33			H
34				34				34				34				34			
35				35				35				35				35	pg	pg	
36				36	e	e		36				36				36	sp	EGsp	
37				37	e	e		37				37				37	e	e	
38				38	pg	aco		38				38	EG			38			
39				39		sqpc		39		pg2		39				39	e	e	
40				40				40		sg		40			M	40	e	e	
41				41	sp	sp		41				41				41	pm		
42				42	e	e		42		**		42				42			
43				43				43				43				43	sp		
44				44	pg	pg		44				44				44	pg	pg	
45				45	EG			45			M	45			H	45		Fi	
46	EG	*		46				46	F1	F1	F	46				46			
47				47	EG			47				47	pg	pm		47	pm	pm	
48			M	48	QJ			48				48				48	sm		
49				49	Ac	dc		49				49	sp	sp		49			
50				50	Ac	dc		50				50				50			
51				51	Ac	dc		51				51	e	e		51			
52				52	Ac	dc		52				52	df	pcEG		52			
53			H	53	Ac	dc		53				53	sppg	sp		53			
54				54			M	54				54		pg		54			
55				55				55				55				55			
56				56				56				56	sp	sp		56	pm		
57				57				57				57				57			
58	e	e		58			H	58				58	pg	aco		58	sm		
59				59				59				59	sg			59			
60				60				60				60	pm			60		AS	

dados perd

luta parada

Falta

Pontuação

Observação

Ossakomi

Luta:Leandro1

Categoria:Leve

Azul: Leandro

Branco: Uematsu (ESf

*Busca a 2a. Pegada s

** Kimono curto do esq

lea	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1				1	pm			1				1	pg	pg		1			
2	AS			2	sm	sg		2				2				2		pg2	EG
3		EG		3				3				3				3			
4		QJ		4				4				4				4		Y	P
5	EG	ESQ		5		EG		5				5		pp	EG	5			
6				6	CG			6				6				6			
7				7	QNP			7				7	dc	Ac		7			
8				8				8				8	dc	Ac		8			
9				9				9				9	dc	Ac		9			
10				10			M	10				10	dc	Ac		10			
11	AS			11				11	****		H	11	dc	Ac		11			
12				12				12				12	dc	Ac		12			
13				13				13				13	dc	Ac		13			
14				14				14				14	dc	Ac		14			
15				15			H	15	e	e		15	dc	Ac		15			
16				16	EG			16	e	e		16			M	16			
17	EG			17				17	e	e		17				17			
18				18	QJ			18	pm	pg		18				18			
19				19			M	19				19				19			
20			M	20				20				20				20			
21				21				21				21				21			
22				22				22				22			H	22			
23				23				23				23				23			
24				24				24				24	pg	pg		24			
25				25				25				25				25			
26			H	26				26				26				26			
27	pg	pm		27			H	27				27				27			
28	sp	ASsp		28	***		M	28				28				28			
29	pm	pg		29				29				29				29			
30		pm		30				30	Fi			30				30			
31	pg			31				31				31				31			
32				32				32	pm****			32	AS			32			
33				33				33				33				33			
34				34				34				34	ESQ	EG		34			
35				35				35				35				35			
36				36				36				36				36			
37				37				37				37				37			
38	EG			38				38		EG		38				38			
39	QJ			39				39				39	EG			39			
40				40				40	dc	Ac		40				40			
41			M	41				41	dc	Ac		41				41			
42				42				42	dc	Ac		42				42			
43				43				43	dc	Ac		43		EG		43			
44				44				44	dc	Ac		44			M	44			
45			H	45				45	dc	Ac		45				45			
46				46				46	dc	Ac		46				46			
47				47				47	dc	Ac		47				47			
48	pg	pg		48				48			M	48				48			
49				49				49				49			H	49			
50		sgpc		50				50				50				50			
51				51				51				51	e	e		51			
52				52				52				52	pg	pg		52			
53				53				53				53	pg2			53			
54				54				54			H	54				54			
55				55				55				55	sg			55			
56				56				56	e	e		56				56			
57				57				57	e	e		57				57			
58		EG		58				58	e	e		58				58			
59		pg2		59				59	pg	pc		59				59			
60				60				60	sp	EGsp		60				60			

dados perd

luta parada

Falta

Pontuação

Observação

Ossakomi

Luta:Leandro1

Categoria:Leve

Azul: Leandro

Branco: Uematsu (ESf

*** Fim do tempo norm

**** Início do Golden S

*****Gola e manga par

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1	e	e		1				1				1				1			
2				2				2				2				2			
3	e	e		3				3				3				3			
4				4				4				4				4			
5				5				5				5				5			
6	e	e		6				6				6				6			
7				7				7				7				7			
8	e	e		8				8				8				8			
9	e	e		9				9				9				9			
10	pm	pg		10			M	10				10				10			
11				11	F1		F	11				11				11			
12				12				12				12				12			
13	pm2	pm		13				13				13				13			
14	sp	sp		14				14				14				14			
15				15				15				15				15			
16	pg	pg		16				16				16				16			
17	pgz	spe		17			H	17				17				17			
18				18				18				18				18			
19		pm		19	pg	pg		19				19				19			
20	sm			20				20				20				20			
21		smpg		21	pm	pm		21				21				21			
22		sq		22				22				22				22			
23				23	smpc	smpm		23				23				23			
24				24				24				24				24			
25	pg2	aco		25				25				25				25			
26				26	sc	sgpm2		26				26				26			
27		ppEG		27				27				27				27			
28	Ac	dc		28				28				28				28			
29	Ac	dc		29				29				29				29			
30	Ac	dc		30				30				30				30			
31			M	31				31				31				31			
32				32				32				32				32			
33				33				33				33				33			
34				34				34				34				34			
35				35				35				35				35			
36			H	36	pg	smpc		36				36				36			
37				37				37				37				37			
38				38				38				38				38			
39	pg			39				39				39				39			
40		pg		40		sc		40				40				40			
41	sp	sp		41	sg			41				41				41			
42				42				42				42				42			
43	e	e		43				43				43				43			
44				44				44				44				44			
45	e	e		45		pcEG		45				45				45			
46	aco	aco		46				46				46				46			
47				47		P	P	47				47				47			
48	sp	sp		48				48				48				48			
49	pm	pgEG		49				49				49				49			
50	sp	sp		50				50				50				50			
51				51				51				51				51			
52	pm	pg		52				52				52				52			
53				53				53				53				53			
54	smpg	sgaco		54				54				54				54			
55				55				55				55				55			
56				56				56				56				56			
57				57				57				57				57			
58	sp	sg		58				58				58				58			
59				59				59				59				59			
60				60				60				60				60			

dados perd

luta parada

Falta

Pontuação

Observaçã

Ossakomi

Luta: Leandro 2

Categoria:Leve

Azul: Leandro

Branco: Laraque (HAI)

* Leandro está no dia c

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1				1	dc		M	1	AS			1			H	1			
2				2	F1		F	2	lvc			2	pg	pg		2			
3	e			3				3	dc	Ac		3				3			
4				4				4	dc	Ac		4	pm	pm		4		lvc	
5		pg		5				5	dc	Ac		5	sg	sg		5			M
6	pm			6				6	dc	Ac		6				6			
7	sm			7				7	dc	Ac		7	pcEG			7			
8	pm			8				8	dc	Ac		8	QNP			8			
9				9			H	9	dc	Ac		9				9			H,M
10	sm			10				10	dc	Ac		10				10		F2	F
11				11	e			11	dc	Ac		11				11			
12				12				12	dc	Ac	M	12			M	12			
13				13	pg	pg		13				13				13			
14	pm	pc		14				14				14				14			
15	sm	sc		15				15				15				15			H
16				16				16				16				16	e	e	
17				17				17				17			H	17	aco	pg	
18				18				18				18				18	sp	sp	
19				19				19			H	19	pg	pg		19	pgsp	pc,sp	
20				20				20				20	sp	sp		20	pg2EG	df	
21				21				21	e	e		21	pg	pg		21	sg		
22	pgcz			22				22	e	e		22	sgpm	sgpg		22	sppg	pm	
23	sg	pc		23				23	e	e		23		pm		23			
24	pm	sc		24				24	pg	pg		24				24			
25				25				25		EG		25	sp	sp		25	sgpg		
26				26				26				26	pm	ASpp		26		pc	
27				27				27		QNP		27		lvc		27	pm		
28				28				28	dc	Ac		28			M	28			
29				29	pm	pm		29	dc	Ac		29		F1	F	29	sg		
30		sgAP		30				30	dc	Ac		30				30		sc	
31	dc	QJ		31				31	dc	Ac		31				31			
32	dc	Ac	M	32				32	dc	Ac		32				32		sm	
33				33	sp	sp		33	dc	Ac		33				33			
34				34				34	dc	Ac		34				34	pc		
35				35				35	dc	Ac	M	35			H	35	sc		
36				36		pg		36	F2		F	36				36			
37			H	37	pg			37				37				37	pcAS		
38				38	sp	Fi;sp		38				38				38			M
39	e	e		39	pgEG	pgpmcz		39				39				39			
40		pm		40	pm			40				40	e	e		40			
41				41				41				41	e	e		41			
42	pg			42	sgAP	df		42				42	e	e		42			H
43	sp	sp		43				43				43	e	e		43	e	e	
44	e	e		44			M	44			H	44	pg2EG			44	e	e	
45	e	e		45				45				45	QNP			45	e	e	
46				46				46	pm	pg		46				46	e	e	
47	pg	pg		47				47				47				47	pg	pg	
48	sp	sp		48				48		AP		48			M	48			
49	e	e		49			H	49		K	P	49				49	pg2	pmsg	
50		pg		50				50	dc	Ac		50				50	sgpm	pg	
51	pc	pc		51				51	dc	Ac		51			H	51			
52	pm			52				52	dc	Ac		52	e	e		52	sg	sp	
53				53	e	e		53	dc	Ac		53	e	e		53			
54				54	e	e		54	dc	Ac		54	e	e		54			
55				55	e	e		55	dc	Ac		55		pgAP		55	sp		
56				56	e	e		56	dc	Ac		56	df	sp		56	pmpeEG		
57				57	e	e		57	dc	Ac	M	57		pg		57	sc		
58				58	pg	pg		58				58	pcpm	sgpm		58			
59		scAP		59				59				59		sp		59			
60		QNP		60				60				60				60			

dados perd

luta parada

Falta

Pontuação

Observaçã

Ossakomi

Luta: Leandro 3

Categoria: Leve

Azul: Wilkomirski (POL

Branco: Leandro

*Leandro é lutador que

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1				1	dc	Ac		1				1				1			
2	EG			2	dc	Ac		2				2				2			
3	QNP			3	dc	Ac		3				3				3			
4				4	dc	Ac		4				4				4			
5				5	dc	Ac	M	5				5				5			
6				6				6				6				6			
7			M	7				7				7				7			
8	F3	F		8				8				8				8			
9				9				9				9				9			
10				10				10				10				10			
11				11			H	11				11				11			
12				12				12				12				12			
13				13	pg	pg		13				13				13			
14				14	EG			14				14				14			
15				15	sp	sp		15				15				15			
16				16	pg	pm		16				16				16			
17				17				17				17				17			
18				18		EG		18				18				18			
19				19				19				19				19			
20			H	20				20				20				20			
21				21			H	21				21				21			
22	e	e		22				22				22				22			
23	pg	pg		23		**	H	23				23				23			
24	sgpm			24				24				24				24			
25	pc			25	aco	pg		25				25				25			
26	scpg			26		pm		26				26				26			
27	sm	sp		27	sm	sg		27				27				27			
28				28	AS			28				28				28			
29				29	Y		P	29				29				29			
30		pg		30	Ac	dc		30				30				30			
31				31	Ac	dc		31				31				31			
32	sg	pg2		32	Ac	dc		32				32				32			
33	pm			33	Ac	dc	FIM	33				33				33			
34	pc			34				34				34				34			
35		Fi		35				35				35				35			
36		EG		36				36				36				36			
37				37				37				37				37			
38				38				38				38				38			
39			M	39				39				39				39			
40				40				40				40				40			
41				41				41				41				41			
42				42				42				42				42			
43				43				43				43				43			
44			H	44				44				44				44			
45	pg	e		45				45				45				45			
46	sgpm	pg		46				46				46				46			
47		sg		47				47				47				47			
48				48				48				48				48			
49				49				49				49				49			
50	pc			50				50				50				50			
51		pm		51				51				51				51			
52	EG	CG		52				52				52				52			
53	dc	Ac		53				53				53				53			
54	dc	Ac		54				54				54				54			
55	dc	Ac		55				55				55				55			
56	dc	Ac		56				56				56				56			
57	dc	Ac		57				57				57				57			
58	dc	Ac		58				58				58				58			
59	dc	Ac		59				59				59				59			
60	dc	Ac		60				60				60				60			

 dados perd

 luta parada

 Falta

 Pontuação

 Observaçã

 Ossakomi

Luta: Leandro 3

Categoria: Leve

Azul: Wilkomirski (POL)

Branco: Leandro

** Muito irresponsável,

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1				1				1				1				1	sm	pc	
2				2				2				2	sp	sp		2	EG	df	
3				3				3				3				3	lvc		
4				4				4				4				4			
5				5				5				5	e	e		5			
6				6				6				6	e	e		6			M
7				7				7				7	e	e		7			
8				8				8				8				8			
9				9				9				9		pmpf		9			
10				10				10				10		AS		10			H
11				11				11				11		QJ		11			
12				12				12				12				12	e	e	
13				13				13				13			M	13			
14				14				14				14	F3			14	F		
15				15				15				15				15	e	e	
16				16				16				16				16			
17				17				17				17				17	pc	pm	
18				18				18				18				18		EG	
19				19				19				19				19			M
20				20				20				20				20			
21				21				21				21				21			
22				22				22				22				22			
23				23				23				23			H	23			
24				24				24				24	e	e		24			
25				25				25				25	e	e		25			
26				26				26				26	e	e		26			
27				27				27				27	e	e		27			H
28				28				28				28				28	e	e	
29				29				29				29	pc	EG		29	e	e	
30				30				30				30	QJ			30	pm	pm	
31				31				31				31				31	pc	pc	
32				32				32				32	***		M	32			
33				33				33				33				33		AS	
34				34				34				34				34	dc	K	P
35				35				35				35				35	dc	Ac	
36				36				36				36				36	dc	Ac	
37				37				37				37			H	37	dc	Ac	
38				38				38	F2	F1	*	38	e	e		38	dc	Ac	
39				39				39				39	pg	pc		39	dc	Ac	
40				40				40	pg	pg		40	EG			40	dc	Ac	
41				41				41		EG		41	EG			41	dc	Ac	
42				42				42	df			42		df		42			M
43				43				43		**	M	43	dc	Ac		43			
44				44				44				44	dc	Ac		44			
45				45				45				45	dc	Ac	M	45			
46				46				46				46				46			
47				47				47				47				47			
48				48				48				48				48			
49				49				49				49				49			
50				50				50				50				50			
51				51				51			H	51			H	51			
52				52				52	e	e		52				52			
53				53				53	e	e		53	e	e		53			
54				54				54	e	e		54	pg	AS	pm	54			
55				55				55	e	e		55	sp			55			
56				56				56	pg	pm		56				56			
57				57				57				57		sp		57			
58				58				58	EG	sp		58				58			
59				59				59	pg2	pm		59	epg	epg		59			
60				60				60	AS			60	sgpm			60			

dados perd

luta parada

Falta

Pontuação

Observaçã

Ossakomi

Luta: Leandro4

Categoria: Leve

Azul: Fernandes (FRA)

Branco: Leandro

*Placar anterior ao con

** Praticamente um fal

***Leandro não está cc

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1				1	dc	Ac		1				1				1			
2				2	dc	Ac		2				2				2			
3				3	dc	Ac		3				3				3			
4				4	dc	Ac	M	4				4				4			
5				5				5				5				5			
6				6				6				6				6			
7				7				7				7				7			
8				8				8				8				8			
9				9				9				9				9			
10				10				10				10				10			
11			H	11				11				11				11			
12				12			H	12				12				12			
13	e	e		13				13				13				13			
14				14				14				14				14			
15				15	e	e		15				15				15			
16	pm	EG	pm	16		AF		16				16				16			
17	sp		sp	17			M	17				17				17			
18				18		F2	F	18				18				18			
19	*****	pm	EG	19				19				19				19			
20			QJ	20				20				20				20			
21	dc	Ac		21				21				21				21			
22	dc	Ac		22				22				22				22			
23	dc	Ac		23				23				23				23			
24	dc	Ac		24				24				24				24			
25	dc	Ac		25				25				25				25			
26	dc	Ac		26				26				26				26			
27	dc	Ac		27				27				27				27			
28	dc	Ac		28			H	28				28				28			
29	dc	Ac		29		pg		29				29				29			
30	dc	Ac		30	pm			30				30				30			
31	dc	Ac		31	pgsm			31				31				31			
32			M	32	pcsc			32				32				32			
33				33	pm	AS		33				33				33			
34				34				34				34				34			
35				35			M	35				35				35			
36				36				36				36				36			
37				37				37				37				37			
38				38				38				38				38			
39				39				39				39				39			
40				40				40				40				40			
41				41			H	41				41				41			
42			H	42				42				42				42			
43				43		AP		43				43				43			
44				44				44				44				44			
45	e	e		45				45				45				45			
46	e	e		46			FIM	46				46				46			
47		pg		47				47				47				47			
48	pg2	pm		48				48				48				48			
49				49				49				49				49			
50	sg			50				50				50				50			
51				51				51				51				51			
52				52				52				52				52			
53				53				53				53				53			
54	EG			54				54				54				54			
55	EG	AS		55				55				55				55			
56	EG	df		56				56				56				56			
57	dc	Ac		57				57				57				57			
58	dc	Ac		58				58				58				58			
59	dc	Ac		59				59				59				59			
60	dc	Ac		60				60				60				60			

dados perd

luta parada

Falta

Pontuação

Observaçã

Ossakomi

Luta: Leandro4

Categoria: Leve

Azul: Fernandes (FRA)

Branco: Leandro

****Frances não segur

*****De novo falsa entr

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1				1				1			H	1	sp			1	e	e	
2				2				2				2				2	ESQ	EG	
3				3				3	pg	EG		3				3			
4				4				4	CG	df		4				4	pg	pg	
5				5				5	df	EG		5	e	e		5	sp	sp	
6	e	e		6				6				6	e	e		6	e	e	
7	e	e		7			H	7			M	7	e	e		7	e	e	
8				8				8				8	pg	pm		8	pg	pm2	
9				9	e	e		9				9		AF		9			
10		pppg	EG	10				10				10				10		EG	
11		QNP		11		EG		11				11				11			M
12				12	CG	EG		12				12				12			
13			M	13				13				13		F1	F	13			
14				14		QNP		14			H	14				14			
15				15	dc		M	15	e	e		15				15			
16			H	16				16	e	e		16				16			
17				17				17				17				17			H
18				18				18				18	e	pg		18			
19	pg			19				19	e	e		19	e			19			
20	sg			20			H	20		pm		20	e	sp		20	e	e	
21	e	e		21				21	pg			21	e	e		21	pg	pg	
22				22	pg			22				22	e	e		22	sp	spAP	
23		AP		23				23				23		AP		23	CG		
24			M	24				24				24				24	QNP		
25				25	sg			25				25		QNP		25			
26				26	e			26				26		Ac		26			M
27				27				27	sp	sp		27	dc	Ac		27			
28				28				28		EG		28				28			
29				29	e	e		29		QNP***		29				29			
30				30	e	e		30	dc	Ac		30				30			
31			H	31				31	dc	Ac		31				31			
32	pg			32	e	e		32	dc	Ac		32				32			
33	ASsg			33	e	e		33	dc	Ac		33				33			
34				34	pg			34	dc	Ac		34			H	34			
35	e	e		35	sg			35	dc	Ac		35				35			
36		pg	EG	36	pg			36	dc	Ac	M	36	pm	pg		36			
37		QJ		37	sg			37				37	sp	sp		37			
38	lc	lc		38	pg			38				38		pg		38			
39	lc	lc		39	sg			39			H	39	pg			39			
40	lc	lc		40				40				40				40			
41			M	41			M	41		pm		41	EG	EG		41			
42				42				42	pg			42		QJ		42			
43				43				43	pg2	pc		43				43			
44				44				44	EG			44	lvc			44			
45				45				45	AF			45			M	45			
46				46				46	lc	lc		46				46			
47			H	47				47	lc	lc		47				47			
48				48			H	48			M	48				48			
49				49				49	F2		F	49				49			
50				50				50				50				50			
51	epm	epg		51				51				51			H	51			
52	sp	sp		52	e	e	EG	52				52		pg		52			
53	e	e		53	df			53			H	53	pm			53			
54				54		QNP		54				54	sp	sp		54			
55		AP		55	dc	Ac		55				55	e	e		55			
56				56			M	56	e	e		56	e	e		56			
57				57				57	e	e		57	aco	aco		57			
58				58				58				58	sp	sp		58			
59			M	59				59				59	pm	pg		59			
60	F1		F	60				60	pm	e		60	sp	sp		60			

dados perd

luta parada

Falta

Pontuação

Observação

Ossakomi

Luta: Leandro 1a repet

Categoria: Leve

Azul: Razvozov

Branco: Leandro

*Mais uma vez só dera

** Ele produz ataques

*** Locutores consider

****Leandro vai imponc

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1				1				1				1				1			
2			H	2				2				2				2			
3				3	Ac	dc		3				3				3			
4	e	e		4	Ac	dc		4				4				4			
5	CG	AP		5	Ac	dc		5				5				5			
6	lvc			6	Ac	dc		6				6				6			
7				7	Ac	dc		7				7				7			
8				8	Ac	dc		8				8				8			
9				9	Ac	dc		9				9				9			
10			M	10	Ac	dc		10				10				10			
11				11	Ac	dc		11				11				11			
12				12	Ac	dc		12				12				12			
13			H	13	Ac	dc		13				13				13			
14				14	EST	DES		14				14				14			
15				15			P	15				15				15			
16	eAS	e		16				16				16				16			
17	pcpf	pgpf		17				17				17				17			
18	AS			18				18				18				18			
19				19				19				19				19			
20				20				20				20				20			
21				21				21				21				21			
22		sfAP		22				22				22				22			
23		QNP		23				23				23				23			
24	dc	AC		24				24				24				24			
25			M	25				25				25				25			
26				26				26				26				26			
27				27				27				27				27			
28				28				28				28				28			
29			H	29				29				29				29			
30	e	e		30				30				30				30			
31	e	e		31				31				31				31			
32				32				32				32				32			
33				33				33				33				33			
34	pg	EG		34				34				34				34			
35		QNP		35				35				35				35			
36	dc	Ac		36				36				36				36			
37	dc	Ac		37				37				37				37			
38	dc	Ac	M	38				38				38				38			
39				39				39				39				39			
40				40				40				40				40			
41				41				41				41				41			
42				42				42				42				42			
43			H	43				43				43				43			
44		EG		44				44				44				44			
45	*****	Y	P	45				45				45				45			
46				46				46				46				46			
47	Ac	dc		47				47				47				47			
48	Ac	dc		48				48				48				48			
49	Ac	dc		49				49				49				49			
50	Ac	dc		50				50				50				50			
51	Ac	dc		51				51				51				51			
52	Ac	dc		52				52				52				52			
53	Ac	dc		53				53				53				53			
54	Ac	dc		54				54				54				54			
55	Ac	dc		55				55				55				55			
56	Ac	dc		56				56				56				56			
57	Ac	dc		57				57				57				57			
58	Ac	dc		58				58				58				58			
59	Ac	dc		59				59				59				59			
60	Ac	dc		60				60				60				60			

dados perd

luta parada

Falta

Pontuação

Observaçã

Ossakomi

Luta: Leandro 1a repet

Categoria: Leve

Azul: Razvozov

Branco: Leandro

*****Confusão sobre o

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1				1				1				1				1			
2	e	e		2				2				2				2			
3	e	e		3	e	pg		3	sm			3				3			
4	e	e		4	e			4	pcANGE	EG		4				4			
5	aco	aco		5	pg	sppg		5	AS			5				5			
6	sp	sp		6				6				6				6			
7				7	sp	sp		7				7				7			
8				8	pg			8				8				8			
9	e	e		9		pg		9				9				9			
10	e	e		10		sgpm		10				10			H	10			
11	e	e		11				11				11	e	e		11			
12	e	e		12	sp	sp		12				12	pm	pg		12			H
13	pm	pg		13				13				13				13	pg	pg	
14	pm2	pg2		14	e	e		14	sp	sg		14				14	pm	pm	
15				15	e	e		15				15	EG			15	sg	sp	
16	smpc			16	e	e		16				16				16	pm2		
17	sp	sg		17	e	e		17		sp		17	ppEG			17			
18				18				18				18	pmpcz			18		pm	
19				19	pgpc	pg		19				19				19			
20				20		EG		20				20				20	smpf	pf	
21	sp	EGsp		21		lvc		21	pg	pg		21			M	21			
22				22				22	pm	pg2		22				22			
23				23				23	sgpc			23				23	EG		
24				24			M	24		EG		24				24		EG	
25				25				25				25				25			M
26	e	e		26				26		QNP		26			H	26			
27				27				27				27				27			
28	e	e		28			H	28				28	pcpm	pfpm		28			
29				29	e	e		29				29		sfpq		29			
30	e	e		30	e	e		30			M	30				30			
31	pg	pg		31	pg	pm		31	F1		F	31				31			
32	sp	sp		32		smpg		32				32		sgpf		32			H
33				33				33				33				33	pcpmcz	pgAS	
34	pg	pm		34	spe	spe		34				34				34	EG	EG	
35				35	e	e		35				35		sfpq		35		pc	
36				36	e	e		36				36				36	CG	ppEG	
37	sp	sp		37	e	e		37				37				37			
38				38	pc	pg		38				38				38			M
39				39	scpm2			39			H	39	EG			39			
40	e	e		40	pm2cz	sg		40				40		CG		40			
41	pg	pm		41	sm			41	e	e		41				41			
42				42	pc			42	e	e		42			M	42			
43				43	EG	AS		43	e	e		43				43			
44		EG		44				44	e	e		44				44			
45		pm		45			M	45	pcpm	pmpc		45				45			
46		EG		46				46		scpg		46				46			
47		QNP		47				47		Fi		47				47			H
48	Ac	dc		48				48		EG		48				48			
49	AC	dc		49			H	49	EG			49				49	pm2	aco	
50		dc		50				50			M	50				50			
51			M	51	e	e		51				51				51	smpc		
52				52	e	e		52				52				52		EG	
53				53	e	e		53				53				53			
54				54		pg		54				54				54			
55				55	pm	pg2		55				55				55			
56				56	pm2			56				56				56			
57			H	57		sgpm		57				57				57	scpg	Fi	
58				58				58				58				58	EG		
59	e	e		59				59				59				59			
60	e	e		60				60				60				60			

 dados perd

 luta parada

 Falta

 Pontuação

 Observaçã

 Ossakomi

Luta: Leandro 2a. Rep

Categoria: Leve

Azul: Leandro

Branco: Kevkhishvili (C

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1				1				1				1				1			
2				2			M	2				2				2			
3	sgpc			3				3				3				3			
4		EG		4				4				4				4			
5	CG			5				5			H	5				5			
6			M	6				6	pcpggzpg			6				6			
7				7				7	spaco	pm		7				7			
8				8				8	EG			8				8			
9				9				9	smpc			9				9			
10				10				10		EG		10				10			
11				11				11	Ac	dc		11				11			
12				12			H	12	Ac	dc		12				12			
13				13	e	e		13	Ac	dc		13				13			
14				14	pcpm	pcpm		14	Ac	dc		14				14			
15				15				15	Ac	dc		15				15			
16				16		scpg		16			M	16				16			
17				17				17				17				17			
18				18		AS		18				18				18			
19				19		EG		19				19				19			
20			H	20	CG	QJ		20				20				20			
21	pm	aco		21				21				21				21			
22	sp	sp		22				22				22				22			
23				23			M	23				23				23			
24	pcpmcpg			24				24			H	24				24			
25		ASpp		25				25	e	e		25				25			
26	CG			26				26				26				26			
27		QNP		27				27	pg	pmEG		27				27			
28	lc			28				28	df			28				28			
29	lc	lc		29				29				29				29			
30	dc	Ac		30				30				30				30			
31	dc	Ac		31	pcpmcpg		H	31				31				31			
32	dc	Ac		32				32				32				32			
33	dc	Ac		33	AS			33				33				33			
34	dc	Ac		34				34			FIM	34				34			
35	dc	dc		35		pm		35				35				35			
36	Ac	dc		36		EG		36				36				36			
37	Ac	dc		37				37				37				37			
38	Ac	dc		38		QNP		38				38				38			
39	dc	Ac		39	dc	AS		39				39				39			
40	dc	Ac		40	dc	Ac		40				40				40			
41	dc	Ac		41	dc	Ac		41				41				41			
42			M	42	dc	Ac		42				42				42			
43				43	dc	Ac		43				43				43			
44				44	dc	Ac		44				44				44			
45				45	dc	Ac		45				45				45			
46				46	dc	Ac		46				46				46			
47				47	dc	Ac		47				47				47			
48				48	dc	Ac		48				48				48			
49				49	dc	Ac		49				49				49			
50			H	50	dc	Ac		50				50				50			
51	e	e		51	dc	Ac		51				51				51			
52	e	e		52	dc	Ac		52				52				52			
53	e	e		53	dc	Ac		53				53				53			
54	pmpccpg			54	dc	Ac		54				54				54			
55		pmEG		55	dc	Ac		55				55				55			
56		ppEG		56	dc	Ac	M	56				56				56			
57		QJ		57				57				57				57			
58				58				58				58				58			
59				59				59				59				59			
60				60				60				60				60			

dados perd

luta parada

Falta

Pontuação

Observação

Ossakomi

Luta: Leandro 2a. Rep

Categoria: Leve

Azul: Leandro

Branco: Kevkhishvili (C

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1				1				1				1				1			
2				2				2				2			H	2			
3				3	e	e		3				3				3			
4				4				4				4	pm	pg		4			
5				5	pg2	aco		5				5		sg		5	sp		
6				6	sgpm	smpm		6				6		pg		6			
7				7				7				7				7			
8				8	sg	sm		8			H	8	sp	sp		8			
9				9		EG		9	pg	pg		9	e	e		9	pg	pc	
10				10		lvc		10	pg2	pg2		10	e	e		10	pc		
11				11			M	11				11		pg2		11			
12	e	e		12				12	sg	sgpm		12		EG		12			
13				13				13		EG		13				13			M
14	e	e		14				14				14	pm2	sp		14	F3		F
15				15				15	EG			15				15			
16	e	e		16			M	16				16	sm	pm		16			
17				17				17			M	17				17			
18				18				18				18				18			
19	pm2	pm2		19	pm	pg		19				19	pg	pc		19			H
20				20		pg2		20				20				20	aco	aco	
21	EG			21		EG		21			H	21	AS			21	sm	sm	EG
22	QNP			22		QJ		22				22		lvc		22		QJ	
23				23				23				23				23			M
24			M	24				24				24			M	24			
25				25			M	25	pm	EG	pg	25				25			
26				26				26	QNP			26				26			
27				27				27				27				27			H
28			H	28				28				28				28	e	e	
29				29				29			M	29				29		pg	
30	e	e		30				30				30				30	pcz	sgpm	
31	e	e		31			H	31				31			H	31			
32	e	e		32				32				32				32	sp		
33	e	e		33				33				33	pm	pg2		33	pg		
34	e	e		34	pm	pg		34	aco	pg		34	pg			34			
35	pg	EG	df	35		sgpm		35				35				35	pm		
36	sp			36				36	smpg2			36	sp	sg		36			
37	e	e		37	pm2	pm2		37				37	pm			37		Qac	
38	e	epm		38				38	sg	pgcz		38				38			
39	pm			39	pmpgcz			39		sg		39		pc		39			
40				40				40				40				40			
41	pc	pg		41				41				41				41			
42	Qac			42				42	sp	sp		42				42	sp		
43				43	sm	sm		43				43				43	e		
44	sc			44				44	e	e		44				44			
45		sp		45	sp	sp		45	e	pm		45	EG			45			
46				46				46				46	QJ			46	df		
47	pg	pm		47			M	47				47				47			
48				48	F1		F	48				48			M	48			M
49				49				49				49				49			
50				50				50	pg	pc		50				50			
51				51				51				51				51			
52		EG		52				52	lvc			52			H	52			
53		lvc		53				53				53				53			
54			M	54				54			M	54	e	e		54			
55				55				55	F2		F	55		pg		55			
56				56				56				56	pm			56			
57				57				57				57				57			
58				58				58				58	pg	pc		58			
59			H	59				59				59	sm			59			
60				60				60				60		sc		60			

dados perd

luta parada

Falta

Pontuação

Observaçã

Ossakomi

Luta: Leandro 3a. Rep

Categoria: Leve

Azul: Leandro

Branco: Bivol (MDA)

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1				1	pm	pg		1				1				1			
2				2		pmEG		2				2				2			
3				3	sp	sg		3				3				3			
4				4				4				4				4			
5				5		AS		5				5				5			
6				6				6				6				6			
7				7		EG		7				7				7			
8				8				8				8				8			
9				9				9				9				9			
10				10				10				10				10			
11			H	11				11				11				11			
12				12		WA	P	12				12				12			
13	pm	pm2		13		VC		13				13				13			
14				14				14				14				14			
15				15				15				15				15			
16				16				16				16				16			
17	sm	sm		17				17				17				17			
18				18				18				18				18			
19				19				19				19				19			
20				20				20				20				20			
21				21				21				21				21			
22				22				22				22				22			
23				23				23				23				23			
24				24				24				24				24			
25				25				25				25				25			
26	EG	CG		26				26				26				26			
27				27				27				27				27			
28		QJ		28				28				28				28			
29				29				29				29				29			
30		dc		30				30				30				30			
31			M	31				31				31				31			
32				32				32				32				32			
33				33				33				33				33			
34				34				34				34				34			
35				35				35				35				35			
36				36				36				36				36			
37				37				37				37				37			
38				38				38				38				38			
39			H	39				39				39				39			
40	e	e		40				40				40				40			
41	pg	e		41				41				41				41			
42	sp	e		42				42				42				42			
43	pg	pg		43				43				43				43			
44	sp	sp		44				44				44				44			
45		pm2		45				45				45				45			
46				46				46				46				46			
47	pg	pc		47				47				47				47			
48				48				48				48				48			
49	pg2			49				49				49				49			
50				50				50				50				50			
51		sc		51				51				51				51			
52				52				52				52				52			
53	EG	pm2		53				53				53				53			
54				54				54				54				54			
55	sg	sm		55				55				55				55			
56	sgpm	smpg		56				56				56				56			
57	sp	sp		57				57				57				57			
58				58				58				58				58			
59				59				59				59				59			
60	e	e		60				60				60				60			

dados perd

luta parada

Falta

Pontuação

Observaçã

Ossakomi

Luta: Leandro 3a. Rep

Categoria: Leve

Azul: Leandro

Branco: Bivol (MDA)

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1				1				1				1				1			
2				2				2				2				2			
3				3				3				3				3			
4	e	e		4				4				4				4			
5				5				5				5				5			
6				6				6				6				6			
7				7				7				7				7			
8		e		8				8				8				8			
9				9				9				9				9			
10	aco	pm		10				10				10				10			
11				11				11				11				11			
12		pm2		12				12				12				12			
13	sp	sp		13				13				13				13			
14				14				14				14				14			
15				15				15				15				15			
16				16				16				16				16			
17	e	e		17				17				17				17			
18				18				18				18				18			
19	pg	e		19				19				19				19			
20	sp	e		20				20				20				20			
21				21				21				21				21			
22				22				22				22				22			
23				23				23				23				23			
24				24				24				24				24			
25		e		25				25				25				25			
26	e	e		26				26				26				26			
27	pg2AS	pm2		27				27				27				27			
28				28				28				28				28			
29				29				29				29				29			
30		EG		30				30				30				30			
31		lvc		31				31				31				31			
32		CBR		32				32				32				32			
33	DES			33				33				33				33			
34		I	P	34				34				34				34			
35				35				35				35				35			
36				36				36				36				36			
37				37				37				37				37			
38				38				38				38				38			
39				39				39				39				39			
40				40				40				40				40			
41				41				41				41				41			
42				42				42				42				42			
43				43				43				43				43			
44				44				44				44				44			
45				45				45				45				45			
46				46				46				46				46			
47				47				47				47				47			
48				48				48				48				48			
49				49				49				49				49			
50				50				50				50				50			
51				51				51				51				51			
52				52				52				52				52			
53				53				53				53				53			
54				54				54				54				54			
55				55				55				55				55			
56				56				56				56				56			
57				57				57				57				57			
58				58				58				58				58			
59				59				59				59				59			
60				60				60				60				60			

 dados perd

 luta parada

 Falta

 Pontuação

 Observaçã

 Ossakomi

Luta: Canto 1

Categoria: Meio-médio

Azul: Canto

Branco: Valles (COL)

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1				1	e	e		1			M	1				1			
2				2	pm	pg		2				2	epm	epm		2		EG	
3	e	e		3	pm2	pm		3				3	sme	sg		3		lvc	
4	e	e		4		sgpm2		4				4				4			
5				5				5				5				5			M
6	e	e		6		EG		6				6	pm	pg		6		F1	F
7				7		lvc		7				7				7			
8	e	e		8	df	Ac	*	8				8				8			
9				9	df	AC		9				9	pm2	sgpm		9			
10	e	e		10			M	10			H	10				10			
11				11				11				11		pgEG		11			
12	e	e		12				12				12		lvc		12			
13				13				13	e	e		13	lc	lc		13			
14	e	e		14			H	14	e	e		14	lc	lc		14			H
15	e	e		15				15	pf	pc		15	lc	lc		15			
16	e	e		16				16		EG		16	lc	lc		16			
17				17				17		lvc		17	lc	lc	M	17			
18				18		pg		18	lc	lc		18				18	e	e	
19	e	e		19	pg	pmcz		19	lc	lc		19				19	pm	pg	
20	e	e		20				20	lc	lc		20				20			
21				21				21			M	21				21	sp	sp	
22	e	e		22		sgpm2		22				22				22			
23				23		EG		23				23				23	e	e	
24	e	e		24		Y	P	24				24				24			
25				25				25				25				H			
26	e	pg		26			M	26			H	26				26	e	e	
27	e	sg		27	F1		F	27				27				27			
28				28				28				28				28		pg	
29	e	e		29				29				29				29	pf		
30				30				30				30				30	sfpm2	pg2	
31				31				31	pm	pg		31				31			
32	e	e		32				32				32	e	e		32		EG	
33				33				33				33	e	e		33		lvc	
34	e	e		34				34				34	e	e		34		lc	
35				35				35	EG			35	e	e		35		lc	M
36	e	e		36			H	36				36	e	e		36			
37				37				37			M	37	e	e		37			
38		acoEG		38	pm	pg		38				38	pcpm			38			
39		lvc		39	pg	pm		39				39				39			
40		Ac		40		EGlvc		40				40		lvc		40			
41		Ac		41		Ac		41				41	lc	lc		41			
42		Ac		42	dc	Ac		42				42	lc	lc	M	42			
43	dc	Ac		43	dc	Ac		43			H	43				43			
44	dc	Ac		44			M	44				44				44			H
45	dc	Ac		45				45				45				45			
46	dc	Ac		46				46				46				46			
47	dc	Ac		47				47	pm			47				47			
48	dc	Ac		48			H	48		pm		48				48		pg	
49	dc	Ac	M	49				49		EG		49				49	pm	pm	
50				50	pm	pm		50		lvc		50				50	pg		
51				51				51			M	51				51			
52				52				52				52				52			
53			H	53	sp	sp		53				53				53	sp	sp	
54				54				54				54	e	e		54			
55				55	e	epg		55			H	55	e	e		55			
56				56				56				56	e	e		56	e	e	
57				57				57				57				57	e	e	
58	e	e		58	pc			58				58				58			
59				59		EG		59				59				59			
60	e	e		60				60				60	pm	pm		60			

 dados perd

 luta parada

 Falta

 Pontuação

 Observaçã

 Ossakomi

Luta: Canto 2

Categoria: Meio-médio

Azul: Canto

Branco: Budolin (EST)

*Canto no chão atacar

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1				1				1				1				1			
2	e	e		2		EG		2				2				2			
3				3			M	3				3				3			
4	e	e		4				4				4				4			
5	e	e		5				5				5				5			
6	e	e		6				6				6				6			
7	e	e		7			H	7				7				7			
8		AP		8				8				8				8			
9	df			9	e	e		9				9				9			
10				10	e	e		10				10				10			
11				11	e	e		11				11				11			
12				12	e	e		12				12				12			
13				13				13				13				13			
14	e	e		14	pm	e		14				14				14			
15	pm	pg		15	sm	e		15				15				15			
16				16				16				16				16			
17				17	pm	pm		17				17				17			
18				18		AF		18				18				18			
19				19			M	19				19				19			
20	EG			20		F2	F	20				20				20			
21	QJ			21				21				21				21			
22				22				22				22				22			
23	dc	Ac		23				23				23				23			
24	dc	Ac		24			H	24				24				24			
25	dc	Ac		25	e	e		25				25				25			
26	dc	Ac	M	26				26				26				26			
27				27				27				27				27			
28				28	pm	pm		28				28				28			
29				29				29				29				29			
30				30		EG		30				30				30			
31				31		lvc	M	31				31				31			
32				32				32				32				32			
33			H	33				33				33				33			
34				34				34				34				34			
35				35				35				35				35			
36	e	e		36				36				36				36			
37				37			H	37				37				37			
38	e	e		38				38				38				38			
39	pc			39	aco	aco		39				39				39			
40		df		40				40				40				40			
41		lvc		41		EG		41				41				41			
42				42		QJ		42				42				42			
43			M	43				43				43				43			
44				44				44				44				44			
45				45			FIM	45				45				45			
46				46				46				46				46			
47			H	47				47				47				47			
48				48				48				48				48			
49	e	e		49				49				49				49			
50				50				50				50				50			
51	pm	e		51				51				51				51			
52				52				52				52				52			
53	AS	e		53				53				53				53			
54	sp			54				54				54				54			
55				55				55				55				55			
56	pm			56				56				56				56			
57	pm2	pm		57				57				57				57			
58	sm	sm		58				58				58				58			
59				59				59				59				59			
60	pc	pm		60				60				60				60			

 dados perd

 luta parada

 Falta

 Pontuação

 Observaçã

 Ossakomi

Luta: Canto 2

Categoria: Meio-médio

Azul: Canto

Branco: Budolin (EST)

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1				1				1				1	e	e		1	sm	sm	
2		EG		2				2				2				2			
3		QR		3	sp	sp		3				3	e	e		3			
4				4				4				4	e	e		4			
5				5				5				5	e	e		5			
6				6	e	e		6				6	lvc			6		AS	
7	e	e		7	e	e		7				7			M	7		AS	
8	e	e		8	e	e		8				8			*	8			
9	e	e		9				9				9				9		AS	
10	e	e		10	pm	pg		10				10				10			
11	e	e		11				11			H	11				11	EG		
12	e	e		12				12	epm	epg		12				12	lvc		
13	e	e		13				13				13				13			M
14	e	e		14	sm	pc	pg	14				14				14			
15	pm	pg		15	sp	sp		15				15				15			
16				16				16	sp	sp		16				16			
17				17	e	e		17				17				17			
18				18	e	e		18				18				18			
19				19				19				19	e	e		19			H
20				20	e	e		20				20	e	e		20		pgAS	
21				21	e	e		21	e	e		21		EG		21	pm		
22				22	e	e		22	e	e		22		Y	P	22	EG		
23				23	e	e		23	e	e		23				23	lvc		
24				24				24	e	e		24		Ac		24			
25				25	e	e		25	e	e		25			M	25			M
26				26	e	e		26	e	e		26				26			
27				27	e	e		27	pgEG	df		27				27			
28				28	e	e		28				28				28			
29	lvc			29	e	e		29				29				29			
30	lc	lc		30				30				30				30			
31	lc	lc		31	pg			31			M	31				31			
32	lc	lc		32	EG			32				32				32			
33	lc	lc		33	lc	lc		33				33			H	33			H
34	lc	lc		34	lc	lc	M	34				34		pg		34	e	e	
35	lc	lc	M	35				35				35	aco			35			
36				36				36				36				36	aco		
37				37				37				37			pccz	37			
38				38				38			H	38	EG			38		pmEG	
39				39				39	e	e		39				39		QJ	
40				40				40	e	e		40				40			
41				41			H	41	e	e		41		QJ		41			
42				42				42	e	e		42	Ac	dc		42			M
43			H	43	e	e		43	Qac			43	Ac	dc		43			
44				44	e	e		44			M	44			M	44			
45				45	e	e		45				45				45			
46				46	e	e		46				46				46			
47				47				47				47				47	pm		H
48				48	e	e		48				48				48		pg	
49				49				49				49				49	pg	AS	
50	e	e		50	e	e		50				50				50		ppEG	
51	e	e		51				51				51				51	df	sppm	
52	e	e		52	pczEG			52			H	52				52	sm	sm	
53	e	e		53		df		53	e	e		53				53			
54	e	e		54				54	e	e		54				54	AS		
55	e	e		55			M	55				55				55		EG	
56	e	e		56		F1	F	56				56				56		EG;AP	
57	e	AP		57				57	e	e		57			H	57			
58		pg		58				58	e	e		58	acoEG			58		QNP	
59	pmsm			59				59				59		df		59			M
60	pg			60				60				60		aco		60			

dados perd

luta parada

Falta

Pontuação

Observaçã

Ossakomi

Luta: Canto 3

Categoria: Meio-médio

Azul: Nossow (RUS)

Branco: Canto

*Branco está exagerar

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1				1				1				1		pg		1			
2				2				2				2	sp	sp		2			
3				3				3				3	e	e		3			
4				4				4				4	e	e		4			
5				5				5				5			FIM	5			
6				6				6		EG		6				6			
7				7	e	e	H	7				7				7			
8				8	e	e		8		QNP		8				8			
9				9	df	pm	EG	9			M	9				9			
10				10				10				10				10			
11	e	e		11				11				11				11			
12	e	e		12		AS		12				12				12			
13	e	e		13		pg	EG	13				13				13			
14	pg	pg		14				14				14				14			
15	pm			15		WA	P	15				15				15			
16				16	lc	lc		16				16				16			
17	sg			17	lc	lc		17				17				17			
18		sp		18	lc	lc		18				18				18			
19	e	e		19	lc	lc		19				19				19			
20	e	e		20	lc	lc		20				20				20			
21	EG			21	lc	lc		21			H	21				21			
22				22	lc	lc		22	pm2			22				22			
23	QNP			23			M	23		pg		23				23			
24		Ac		24				24	EG			24				24			
25			M	25				25	lvc			25				25			
26		F2	F	26				26				26				26			
27				27				27			M	27				27			
28				28				28				28				28			
29				29				29				29				29			
30				30				30				30				30			
31				31				31				31				31			
32				32				32				32				32			
33				33				33				33				33			
34				34				34				34				34			
35				35				35			H	35				35			
36				36				36	e	e		36				36			
37				37				37	pg	pg		37				37			
38				38				38				38				38			
39				39	e	e	H	39	df	pp	EG	39				39			
40				40	e	e		40	sppm			40				40			
41			H	41	e	e		41	EG			41				41			
42				42	e	e		42	lvc	lc		42				42			
43		AP		43	e	e		43	lc	lc		43				43			
44	df			44	aco	e		44	lc	lc		44				44			
45				45		e		45	lc	lc		45				45			
46		pg	EG	46		e		46	lc	lc		46				46			
47	pm			47	EG			47			M	47				47			
48	pc	pm		48	QNP			48				48				48			
49	EG	df		49				49				49				49			
50				50				50				50				50			
51				51			M	51				51				51			
52				52				52				52				52			
53				53				53				53				53			
54			M	54			H	54				54				54			
55				55				55				55				55			
56				56				56			H	56				56			
57				57	aco	aco		57				57				57			
58				58				58				58				58			
59				59				59				59				59			
60				60		sppc		60	pm2			60				60			

dados perd

luta parada

Falta

Pontuação

Observaçã

Ossakomi

Luta: Canto 3

Categoria: Meio-médio

Azul: Nossov (RUS)

Branco: Canto

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1				1	pm2	pg2		1	e	e		1				1			
2	e	e		2				2	e	e		2				2			
3	e	e		3				3	e	e		3				3			
4	e	e		4				4	e	e		4				4			
5	e	e		5	sm	sg		5	e	e		5				5			
6	pg	pgcz		6	pm2	pg2		6	e	e		6				6			
7				7	AS			7	e	e		7				7			
8	sp	sp		8	sm	sg		8	pg	pm		8				8			
9				9				9				9				9			
10				10				10	EG			10				10			
11	pm	pg		11				11	QNP			11				11			
12				12				12	lc	lc		12				12			
13				13	EG*			13			M	13				13			
14	sp	sp		14	QNP			14				14				14			
15				15				15				15				15			
16				16			M	16				16				16			
17				17	F1		F	17			H	17				17			
18	e	e		18				18	e	e		18				18			
19	pg	pg		19				19	e	e		19				19			
20				20				20	e	e		20				20			
21	sp	sp		21				21	e	e		21				21			
22	e	e		22				22		pg		22				22			
23	e	e		23				23	pm	pm		23				23			
24	pm2	pg2		24				24	pm2			24				24			
25	sm	sg		25				25	smEG	sm		25				25			
26				26				26				26				26			
27				27				27				27				27			
28				28				28	WA		P	28				28			
29	sp	sp		29				29				29				29			
30				30			H	30				30				30			
31	e	e		31				31	OS		I	31				31			
32	e	e		32				32				32				32			
33				33				33				33				33			
34				34	e	e		34				34				34			
35				35	e	e		35				35				35			
36				36	e	e		36				36				36			
37	pg	pg		37	e	e		37				37				37			
38	sgpm	EGpm		38	e	e		38				38				38			
39	EG			39	e	e		39				39				39			
40	dc	Ac		40	e	e		40				40				40			
41	dc			41	e	e		41				41				41			
42			M	42	e	e		42				42				42			
43				43	pg	AS		43				43				43			
44				44	EG			44				44				44			
45				45	QNP			45				45				45			
46			H	46				46				46				46			
47				47			M	47				47				47			
48				48				48				48				48			
49	e	e		49				49				49				49			
50				50				50				50				50			
51	pg	pm		51				51				51				51			
52				52				52				52				52			
53				53			H	53	WA		P	53				53			
54	sp	sp		54				54	I		P	54				54			
55	pm	pg		55	e	e		55				55				55			
56				56	e	e		56				56				56			
57				57	e	e		57				57				57			
58				58	e	e		58				58				58			
59				59	e	e		59				59				59			
60				60	e	e		60				60				60			

dados perd

luta parada

Falta

Pontuação

Observaçã

Ossakomi

Luta: Canto 1a.repesc:

Categoria: Meio médio

Azul: Meloni (ITA)

Branco: Canto

*Canto pisou fora ante

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1	e	e		1				1				1				1			
2	e	e		2				2				2				2			
3	e	e		3				3				3				3			
4				4				4				4				4			
5	pg	pg		5				5				5				5			
6				6				6				6				6			
7				7				7				7				7			
8	sp	sp		8				8				8				8			
9				9				9				9				9			
10	e	e		10				10				10				10			
11	e	e		11				11				11				11			
12	e	e		12				12				12				12			
13				13				13				13				13			
14				14				14				14				14			
15	e	e		15				15				15				15			
16	e	e		16				16				16				16			
17				17				17				17				17			
18				18				18				18				18			
19				19				19				19				19			
20	e	e		20				20				20				20			
21	e	e		21				21				21				21			
22	pc2	pg		22				22				22				22			
23	aco			23				23				23				23			
24	EG			24				24				24				24			
25	I	*	P	25				25				25				25			
26				26				26				26				26			
27				27				27				27				27			
28				28				28				28				28			
29				29				29				29				29			
30				30				30				30				30			
31				31				31				31				31			
32				32				32				32				32			
33				33				33				33				33			
34				34				34				34				34			
35				35				35				35				35			
36				36				36				36				36			
37				37				37				37				37			
38				38				38				38				38			
39				39				39				39				39			
40				40				40				40				40			
41				41				41				41				41			
42				42				42				42				42			
43				43				43				43				43			
44				44				44				44				44			
45				45				45				45				45			
46				46				46				46				46			
47				47				47				47				47			
48				48				48				48				48			
49				49				49				49				49			
50				50				50				50				50			
51				51				51				51				51			
52				52				52				52				52			
53				53				53				53				53			
54				54				54				54				54			
55				55				55				55				55			
56				56				56				56				56			
57				57				57				57				57			
58				58				58				58				58			
59				59				59				59				59			
60				60				60				60				60			

dados perd

luta parada

Falta

Pontuação

Observaçã

Ossakomi

Luta: Canto2a.repesca

Categoria:Meio-médio

Azul: Kwon (COR)

Branco: Canto

*kata-otoshi (tatu-bola)

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1				1				1	sp	sp		1				1	sp	sp	
2				2			M	2	pg			2				M	2	pm	pg
3				3				3				3	F1			F	3		
4				4				4		pm		4					4		EG
5				5				5				5					5		
6				6				6				6					6		
7	e	e		7				7				7					7		M
8	e	pg		8				8				8					8		
9	e			9			H	9	pm	pg		9					9		
10				10				10	EG			10					10		
11				11	e	e		11				11					11		
12		sp		12	e	e		12			M	12				H	12		
13	pg	e		13	pgcz	pm		13				13					13		
14	sgpm			14				14				14					14		
15	smpm			15	sm			15				15	e	e			15		H
16	EG			16				16				16					16		
17				17		pg		17				17	e	pm			17		
18	Y			18				18			H	18	e				18	e	e
19	Ac	dc		19	sp	sp		19				19	pm				19	e	e
20	Ac	dc		20	pmEG			20	pg			20	sm				20	e	e
21	Ac	dc		21	dc	Ac		21		pm		21	pgEG				21	e	e
22	Ac	dc		22	dc	Ac		22	pm	pg		22	lvc				22	pg	pm
23	Ac	dc	M	23	dc	Ac		23				23	dc	Ac			23		
24				24	dc	Ac		24				24	dc	Ac			24		
25				25	dc	Ac		25				25	dc	Ac			25		
26				26	dc	Ac		26				26	dc	Ac			26	pm	pg
27				27	dc	Ac		27				27	dc	Ac			27		
28				28	dc	Ac		28				28	dc	Ac			28	sgpc	
29				29	dc	Ac		29				29	dc	Ac			29	scpg	
30				30	dc	Ac		30	AS			30	dc	Ac			30		EG
31	pg			31	dc	Ac		31		AS		31	dc	Ac	M		31		QJ
32		pm		32	dc	Ac		32				32					32	lc	lc
33				33	dc	Ac		33				33					33	lc	lc
34				34	dc	Ac		34				34					34	lc	lc
35		EG		35	dc	Ac		35	AS	AS		35					35	lc	lc
36		QJ		36	dc	Ac		36				36			H		36	lc	lc
37	dc	Ac		37	dc	Ac		37				37	e	e			37	lc	lc
38	dc	Ac		38	dc	Ac		38				38	e	e			38	lc	lc
39	dc	Ac		39	dc	Ac		39				39	e	e			39		M
40	dc	Ac		40	Ac	dc		40	AS			40	pm				40		
41	dc	Ac		41	Ac	dc		41				41	pm2	pm			41		
42	dc	Ac		42	Ac	dc		42				42	smpm2				42		
43	dc	Ac		43	Ac	dc		43				43					43		
44	dc	Ac		44			M	44		EG		44	sp				44		
45	dc	Ac		45				45				45					45		H
46	dc	Ac		46				46			M	46					46		
47	dc	Ac		47				47				47					47	e	pm
48	dc	Ac		48				48				48					48	e	
49				49				49				49	pmAF				49		
50				50				50				50			M		50	e	pgEG
51				51				51				51	F1			F	51		WA
52				52			H	52				52					52	dc	Ac
53				53				53			H	53					53	dc	Ac
54			H	54	pg	pm		54				54					54	dc	Ac
55				55				55	smpc	pm		55					55	dc	Ac
56	pg	pm		56	sp	sp		56	scEG			56					56	dc	Ac
57				57	e	e		57	lvc			57			H		57	dc	Ac
58	EG	CG		58				58				58	e	pm			58	dc	Ac
59		QJ		59	pm	pg		59				59	e				59	dc	Ac
60		Ac		60				60				60	e	pm2			60	dc	Ac

dados perd

luta parada

Falta

Pontuação

Observaçã

Ossakomi

Luta: Canto 3a.rep (Fir

Categoria: Meio-médio

Azul: Canto

Branco: Krawczyk (PO

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1	dc	Ac		1				1				1				1			
2	dc	Ac		2				2				2				2			
3	dc	Ac		3				3	pc	e		3				3			
4	dc	Ac		4				4		e		4				4			
5	dc	Ac		5			H	5		e		5				5			
6	dc	Ac		6				6			FIM	6				6			
7	dc	Ac		7	e	e		7				7				7			
8	dc	Ac		8				8				8				8			
9	dc	Ac		9				9				9				9			
10	dc	Ac		10	pg	EG		10				10				10			
11	dc	Ac		11	QJ			11				11				11			
12			M	12	lc			12				12				12			
13				13	dc	Ac		13				13				13			
14				14	dc	Ac		14				14				14			
15				15	dc	Ac		15				15				15			
16				16	dc	Ac		16				16				16			
17				17		OS	I	17				17				17			
18				18				18				18				18			
19				19				19				19				19			
20			H	20				20				20				20			
21				21				21				21				21			
22				22				22				22				22			
23	pm	pm		23				23				23				23			
24		pg		24				24				24				24			
25		EG		25				25				25				25			
26		lvc		26		FOS	M	26				26				26			
27				27				27				27				27			
28			M	28				28				28				28			
29				29				29				29				29			
30				30				30				30				30			
31				31				31				31				31			
32			H	32				32				32				32			
33				33				33				33				33			
34	e	e		34				34				34				34			
35	e	e		35				35				35				35			
36	e	e		36				36				36				36			
37	e	e		37				37				37				37			
38	e	e		38				38				38				38			
39				39				39				39				39			
40	AP			40			H	40				40				40			
41	QNP			41				41				41				41			
42			M	42	e	e		42				42				42			
43				43	e	e		43				43				43			
44				44	e	e		44				44				44			
45				45		AF	M	45				45				45			
46				46		F1	F	46				46				46			
47				47				47				47				47			
48				48				48				48				48			
49				49				49				49				49			
50				50				50				50				50			
51			H	51				51				51				51			
52				52				52				52				52			
53	pg	pg		53				53				53				53			
54		EG		54				54				54				54			
55				55			H	55				55				55			
56			M	56				56				56				56			
57				57				57				57				57			
58				58	e	e		58				58				58			
59				59	e	e		59				59				59			
60				60	e	e		60				60				60			

dados perd

luta parada

Falta

Pontuação

Observaçã

Ossakomi

Luta: Canto 3a.rep (Fir

Categoria: Meio-médio

Azul: Krawczyk (POL)

Branco: Canto

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1				1				1				1				1			
2				2				2				2				2			
3				3				3				3				3			
4				4	pg	pm		4				4				4			
5	e	e		5	pm	pg		5				5				5			
6	e	e		6	sg			6				6				6			
7	e	e		7		sg;pm		7				7				7			
8	e	e		8				8				8				8			
9	e	e		9	sm			9				9				9			
10	e	e		10	pm;sm			10				10				10			
11	e	e		11	pc			11				11				11			
12	e	e		12				12				12				12			
13	e	e		13	EG			13				13				13			
14	aco	aco		14		CG		14				14				14			
15		sm;pp		15				15				15				15			
16		EG		16		I	P	16				16				16			
17		QNP		17				17				17				17			
18			M	18				18				18				18			
19				19				19				19				19			
20				20				20				20				20			
21				21				21				21				21			
22				22				22				22				22			
23				23				23				23				23			
24				24				24				24				24			
25				25				25				25				25			
26			H	26				26				26				26			
27				27				27				27				27			
28				28				28				28				28			
29				29				29				29				29			
30				30				30				30				30			
31	e	e		31				31				31				31			
32	e	e		32				32				32				32			
33	e	e		33				33				33				33			
34	e	e		34				34				34				34			
35	e	e		35				35				35				35			
36	e	e		36				36				36				36			
37	e	e		37				37				37				37			
38	e	e		38				38				38				38			
39	pm	pg		39				39				39				39			
40	pcz	pm		40				40				40				40			
41	sg;pg	sg		41				41				41				41			
42		pm;sg		42				42				42				42			
43		pm		43				43				43				43			
44				44				44				44				44			
45				45				45				45				45			
46	EG			46				46				46				46			
47	lc	lc		47				47				47				47			
48			M	48				48				48				48			
49				49				49				49				49			
50				50				50				50				50			
51				51				51				51				51			
52				52				52				52				52			
53				53				53				53				53			
54				54				54				54				54			
55			H	55				55				55				55			
56				56				56				56				56			
57				57				57				57				57			
58				58				58				58				58			
59	e	e		59				59				59				59			
60				60				60				60				60			

 dados perd

 luta parada

 Falta

 Pontuação

 Observaçã

Luta:Honorato1

Categoria:Médio

Azul:Honorato

Branco: Meddah (ALG)

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1				1		pm		1	Ac	dc		1				1			
2				2	pc	EG		2			M	2	pg	pg;pm		2			
3				3				3	F1			3				3			
4	e	e		4		dc		4				4				4			H
5	e	e		5		dc	M	5				5				5			
6	e	e		6				6				6				6	e	e	
7				7				7				7				7	e	e	
8	e	e		8				8				8				8	e	e	
9				9				9				9		pc		9			
10	e	e		10				10				10				10			
11	e	e		11			H	11				11				11			
12	e	e		12				12			H	12				12	e	e	
13	e	e		13				13				13	EG			13	e	pg	
14	e	e		14	e	e		14				14		CG		14	e		
15		pg		15	e	e		15	e	e		15				15	pg	pm	
16		pp;EG		16	e	e		16	pg	pg		16	dc	Ac		16			
17		dc		17	e	e		17	pm	pm		17	dc	Ac		17	sp	sg	
18		dc		18	aco	aco		18				18	dc	Ac		18		sp	
19		dc		19	sm			19				19	dc	Ac		19	e		
20			M	20	pm			20		EG		20	dc	Ac		20	cti		
21				21				21		QNP		21	dc	Ac		21			M
22				22				22				22	dc	Ac		22			
23				23	sm	sm		23			M	23			M	23			
24				24	e	e		24				24				24			
25				25	e	e		25				25				25			
26			H	26	e	e		26				26				26			
27				27	e	e		27				27				27			
28				28	e	e		28				28				28			
29				29	e	e		29				29				29			
30				30	e	e		30				30				30			
31	e	e		31	e	e		31				31				31			
32	e	e		32	e	e		32				32				32			
33	e	e		33	e	e		33				33				33			
34	e	e		34	e	e		34				34				34			
35	e	e		35				35				35			H	35			
36				36				36				36				36			
37				37	AP			37			H	37	e	e		37			H
38				38				38				38	e	e		38			
39				39				39				39	e	e		39			
40	pm;pc	aco		40				40				40	e	e		40			
41	sm			41				41				41	pm	pg		41	e	e	
42				42			M	42	e	e		42				42	pg	pg	
43	pm;pc			43				43				43				43	pg2	pm	
44				44				44	pg	pg		44	pccz			44	sg		
45				45				45	sg;pg			45				45	pcz		
46	sm	EG		46			H	46				46				46	sg		
47				47				47	lvc			47				47	pm2		
48	CG			48				48			M	48		pg;EG		48	sm	sm	
49	dc			49				49	F2			49				49			
50			M	50	e	e		50				50				50			
51				51	aco	aco		51				51		sm;pp		51			
52			H	52				52				52	EG			52			
53				53				53				53	dc			53			
54				54				54				54	dc	Ac		54			
55				55				55			H	55	dc	Ac		55			
56				56				56	e	e		56	dc	Ac		56			
57	e	e		57		EG		57	e	e		57			M	57			
58	e	e		58				58	e	e		58				58			
59	pg	e		59	Ac	dc		59	e	e		59				59	pg		
60	EG	pg		60	Ac	dc		60	e	e		60				60		pm	

dados perd

luta parada

Falta

Pontuação

Observação

Luta: Honorato 2

Categoria: Médio

Azul: Honorato

Branco: Ochirbat (MO)

T5	Bra	Azul	Arb	T6	Bra	Azul	Arb	T7	Bra	Azul	Arb	T8	Bra	Azul	Arb	T9	Bra	Azul	Arb
1	sg	sm		1				1				1				1			
2				2				2				2				2			
3				3				3				3				3			
4				4	sm			4			H	4				4			
5				5	pm;sm			5	pg	pg		5				5			
6				6				6				6				6			
7				7	pm			7			FIM	7				7			
8				8				8				8				8			
9			M	9	lc			9				9				9			
10	F1	F3	F	10			M	10				10				10			
11				11		F2	F	11				11				11			
12				12				12				12				12			
13				13				13				13				13			
14				14				14				14				14			
15				15				15				15				15			
16				16				16				16				16			
17				17				17				17				17			
18				18				18				18				18			
19			H	19				19				19				19			
20	e	e		20				20				20				20			
21				21				21				21				21			
22	e	e		22			H	22				22				22			
23	e	e		23	pg	pg		23				23				23			
24	e	e		24				24				24				24			
25	e	e		25				25				25				25			
26	e	e		26				26				26				26			
27	e	e		27	pm	pm		27				27				27			
28				28				28				28				28			
29				29				29				29				29			
30				30				30				30				30			
31	pm	aco		31				31				31				31			
32				32	EG			32				32				32			
33	pg			33	dc			33				33				33			
34				34	dc	Ac		34				34				34			
35	sg			35	dc	Ac		35				35				35			
36		sg		36	dc	Ac		36				36				36			
37	sp	sp		37	dc	Ac		37				37				37			
38	e	e		38			M	38				38				38			
39	pc	pg		39				39				39				39			
40		pp		40				40				40				40			
41		EG		41				41				41				41			
42		Y	P	42				42				42				42			
43	dc			43			H	43				43				43			
44	dc			44	pm	pg		44				44				44			
45	dc			45	EG;pm	pm		45				45				45			
46			M	46				46				46				46			
47				47				47				47				47			
48				48				48				48				48			
49				49				49				49				49			
50				50				50				50				50			
51				51				51				51				51			
52				52				52				52				52			
53				53				53				53				53			
54				54				54				54				54			
55			H	55		lc		55				55				55			
56	e	e		56			M	56				56				56			
57				57		F3	F	57				57				57			
58	pg	pg		58				58				58				58			
59				59				59				59				59			
60	pm	pm		60				60				60				60			

dados perd

luta parada

Falta

Pontuação

Observação

Luta: Honorato 2

Categoria: Médio

Azul: Honorato

Branco: Ochirbat (MOI

*Leste eurc *Leste eurc

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1				1	sm			1	e	e		1				1		sc;pg	
2				2	sp	sp		2	e	e		2				2	sm	sg	
3				3			M	3	e	e		3				3			
4				4				4	e	e		4				4			
5				5				5	pg	pm		5				5			M
6	e	e		6				6	pcz	pg		6				6		F1	F
7	e	e		7				7	AS			7				7			*
8	e	e		8				8				8				8			
9	e	e		9				9				9				9			
10	e	e		10				10	sp	sg		10			H	10			
11				11				11	aco	pg		11				11			
12				12				12				12				12			
13				13				13				13	e	e		13			M
14				14				14	AS			14	e	e		14			
15	e	e		15				15			M	15	e	e		15			
16	e	e		16				16				16				16			
17	aco	pm2		17				17				17	e	e		17	e	e	
18				18				18				18	pm2	pg		18		pm	
19				19				19				19	sm			19	pm		
20				20				20				20		pg2		20		pm2	
21				21				21				21	pm2			21		smpgcz	
22				22				22				22		sg		22			
23	sp	sp		23				23				23				23			
24				24				24			H	24		pcz		24		sm,pp	
25	e	e		25				25				25		AS		25	EG	sp	
26				26				26				26		QJ		26			
27	aco	aco		27				27				27			M	27			
28	sgpm2	smpcz		28			H	28	e	e		28				28			M
29				29				29	e	e		29				29			
30				30				30	e	e		30				30			
31				31				31	e	e		31				31			
32				32	e	e		32	e	e		32				32			
33				33	e	e		33	EG			33				33			
34				34	e	e		34	dc			34				34			H
35	EG			35	e	e		35			M	35				35	pg	pg	
36	ONP			36	e	e		36				36			H	36			
37		dc		37	e	e		37				37				37	EG		
38	Ac	dc		38	pmpcz	aco		38				38				38			
39	Ac	dc		39				39				39				39			
40			M	40	AS			40				40	e	e		40			
41				41	EG			41				41	e	e		41			M
42				42				42			H	42	e	e		42			
43				43				43				43	e	e		43			
44				44				44				44				44			
45				45				45	e	e		45	e	e		45			
46				46				46	e	e		46	pg	pcz		46			
47				47		sg		47	e	e		47				47			H
48				48		pp		48	pm2	pm2		48				48	pg	pm	
49			H	49	sp	sp	M	49		AS		49				49	sg	smPcz	
50				50				50	EG			50				50	pmpcz		
51				51				51		ppEG		51	AS			51			
52				52				52	CG			52				52			
53	e	e		53				53	K		P	53				53			
54	AS			54				54				54				54	AS		
55				55			H	55			M	55				55			
56	pg	pm		56				56				56				56			
57				57				57				57				57	AS;QJ		
58	pm	pg		58	e	e		58				58	AS			58		sg	
59	sm	sg;pcz		59	e	e		59				59				59		pp	
60	pm	sm		60	e	e		60				60	pm	pg		60			

dados perd

luta parada

Falta

Pontuação

Observaçã

Luta: Honorato3

Categoria: Médio

Azul: Honorato

Branco: Gordon (ING)

*Honorato está procur

T5	Bra	Azul	Arb	T6	Bra	Azul	Arb	T7	Bra	Azul	Arb	T8	Bra	Azul	Arb	T9	Bra	Azul	Arb
1		QNP		1	aco			1				1				1			
2			M	2	AF			2			M	2	e	e		2			
3				3			M	3	F2			3				3			
4				4	F1		F	4				4		aco		4			
5				5				5				5		EG		5			
6				6				6				6		AP		6			
7				7				7				7		QNP		7			
8				8				8				8				8			
9				9				9			H	9				9			
10			H	10				10	AP;K		P	10				10			
11	e	e		11			H	11	Ac	dc		11				11			
12				12				12	Ac	dc		12				12			
13	pg	pm		13	e	e		13	Ac	dc		13				13			
14				14				14	Ac	dc		14				14			
15				15	ppEG			15	Ac	dc		15				15			
16				16	QNP			16	Ac	dc		16				16			
17				17	dc	Ac		17	Ac	dc		17				17			
18		sm		18	dc	Ac		18	Ac	dc		18				18			
19				19	dc	Ac		19	Ac	dc		19				19			
20	EG	CG		20	dc	Ac		20	Ac	dc		20				20			
21		QNP		21	dc	Ac		21	Ac	dc		21				21			
22				22	dc	Ac		22	Ac	dc		22				22			
23				23	dc	Ac		23	Ac	dc		23				23			
24				24	dc	Ac		24	Ac	dc		24				24			
25				25	dc	Ac		25	Ac	dc		25				25			
26			M	26	dc	Ac		26	Ac	dc		26				26			
27				27			M	27	Ac	dc		27				27			
28				28				28	Ac	dc		28				28			
29				29				29			M	29				29			
30				30				30				30				30			
31				31				31				31				31			
32				32				32				32				32			
33				33				33				33				33			
34				34				34				34				34			
35				35				35				35				35			
36				36				36				36				36			
37				37				37				37				37			
38			H	38				38				38				38			
39	pm			39			H	39				39				39			
40	pc	pgcz		40				40			H	40				40			
41	AS			41	acoEG			41	pg	pm		41				41			
42		pf		42		pcz		42				42				42			
43				43		sp		43		pm2		43				43			
44				44	e	e		44	pcz	pcz		44				44			
45				45	e	e		45				45				45			
46	AS			46	pc			46		EG		46				46			
47				47			M	47		QNP		47				47			
48				48		F2	F2	48			M	48				48			
49			M	49			**	49				49				49			
50				50				50				50				50			
51				51				51				51				51			
52				52				52				52				52			
53				53				53				53				53			
54				54			H	54				54				54			
55				55				55				55				55			
56	e	e	H	56				56				56				56			
57	e	e		57				57				57				57			
58	e	e		58	e	e		58				58				58			
59	e	e		59				59				59				59			
60				60	AF			60			H	60				60			

 dados perd

 luta parada

 Falta

 Pontuação

 Observaçã

Luta: Honorato3

Categoria: Médio

Azul: Honorato

Branco: Gordon (ING)

** absurda a punição

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1				1	e	e		1				1				1			
2				2	e	e		2				2				2			
3				3	e	e		3	e	e		3				3			
4				4	e	e		4				4				4			
5	e	e		5	e	e		5	e	e		5				5			
6				6	e	e		6	aco	aco		6				6			
7	e	e		7	e	e		7	smpg2			7				7			
8				8	e	e	M	8	sg	sp		8				8			
9				9	F1	F1	F	9	pm	pm		9				9			H
10	e	e		10				10	smpg			10				10	e	e	
11	e	e		11				11	spepc	pc		11				11	e	e	
12	e	e		12				12	EG			12				12	e	e	
13	e	e		13				13				13			H	13	e	e	
14	e	e		14				14	dc	Ac		14				14	e	e	
15	e	e		15				15				15				15	e	e	
16				16				16				16				16	e	e	
17	e	e		17			H	17				17				17	e	e	
18	e	e		18				18			M	18	e	e		18	e	e	
19	e	e		19				19				19	e	e		19		pc	
20	e	e		20	e	e		20				20	e	e		20		sc.pg	
21	e	e		21	e	e		21				21	Fi			21	Df	pp	
22	e	e		22	e	e		22				22	pg	pm		22			M
23	e	e		23	e	e		23				23		sm		23			
24	e	e		24	e	e		24				24	pg2	pm		24			
25	e	e		25	e	e		25				25	sgpp	pc		25			
26	e	e		26	e	e		26				26	sp			26			
27	e	e		27	e	e		27				27	lvc			27			
28				28	e	e		28				28	dc			28			
29	e	e		29	e	e		29				29			M	29			
30	e	e		30	e	e		30				30				30			
31	e	e		31	e	e		31				31				31			
32	e	e		32	e	e		32				32				32			
33	e	e		33	e	e		33				33				33			
34	e	e		34	e	e		34			H	34				34			
35		pm		35	e	e		35				35				35			
36	ppEG			36	e	e		36				36				36			
37				37	e	e		37				37				37			
38			M	38	e	e		38	e	e		38			H	38			
39				39		pm		39		AS		39				39			
40				40		sm		40				40				40			
41				41	e	e		41				41				41			
42				42		pm		42	e	e		42				42			
43				43	ppEG			43	e	e		43	e	e		43			
44			H	44	lvc			44	e	e		44	e	AS		44			
45				45	dc			45	e	e		45	e	e		45			
46				46			M	46	e	e		46	e	e		46			
47				47				47	e	e		47				47			
48				48				48	pg	pm		48				48			
49	e	e		49				49	pcz	pm2		49	e	e		49			
50	e	e		50				50	sg			50		pm		50			H
51	e	e		51				51	ppEG			51	pg			51	e	AS	
52				52				52				52	sg	sm		52	e	e	
53				53				53	EG			53	e	e		53	e	e	
54	e	e		54				54	QJ			54	e	e		54	e	e	
55	e	e		55			H	55	EG			55	e	e		55	e	e	
56	e	e		56				56	pg			56	e	e		56	e	e	
57		pm		57				57				57	aco	pm		57	e	e	
58		sm		58				58		pm2		58	ASEG			58	e	e	
59				59				59			M	59	QNP			59	e	e	
60				60				60		F2	F	60				60	e	Fi	

dados perd

luta parada

Falta

Pontuação

Observaçã

Luta: Honorato 1a. Rej

Categoria: Médio

Azul: Kelly (AUS)

Branco: Honorato

T5	Bra	Azul	Arb	T6	Bra	Azul	Arb	T7	Bra	Azul	Arb	T8	Bra	Azul	Arb	T9	Bra	Azul	Arb
1	pcz			1				1				1				1			
2		pm		2				2			M	2				2			
3		EG		3				3				3				3			
4				4				4				4				4			
5		Y	P	5				5				5				5			
6				6				6				6				6			
7				7				7				7				7			
8				8				8			H	8				8			
9			M	9				9				9				9			
10				10				10	e	e		10				10			
11				11				11	aco	pm		11				11			
12				12				12	sg			12				12			
13			H	13				13	pcz	pp		13				13			
14				14				14				14				14			
15	e	e		15				15			M	15				15			
16	e	e		16				16				16				16			
17	e	e		17				17				17				17			
18	pg	pm		18				18				18				18			
19		sm		19			H	19				19				19			
20	pg2			20				20				20				20			
21	EG			21				21				21				21			
22	QJ			22	e	e		22				22				22			
23	dc		M	23	e	e		23			H	23				23			
24				24	e	e		24	pm			24				24			
25				25	pm	pm		25	pg			25				25			
26				26		EG		26		pm2		26				26			
27				27	Df			27	AS	sm;pp		27				27			
28			H	28		AP		28	EG	CG		28				28			
29	e	e		29	Df			29		QNP		29				29			
30		pg		30				30		dc		30				30			
31	pm			31			M	31		dc		31				31			
32				32				32			M	32				32			
33				33				33				33				33			
34	ppEG			34				34				34				34			
35		pc		35				35				35				35			
36		Df		36			H	36				36				36			
37				37				37				37				37			
38			M	38				38				38				38			
39				39		pg		39			H	39				39			
40				40	pg			40	aco			40				40			
41				41	pm	pm		41	sm			41				41			
42				42				42	pc	pc;pp		42				42			
43				43				43				43				43			
44			H	44	EG			44			M	44				44			
45				45	QJ	**		45				45				45			
46				46				46				46				46			
47	e	e		47			M	47				47				47			
48	pg			48				48				48				48			
49		pg		49				49				49				49			
50		EG*		50				50			H	50				50			
51		QJ		51				51	aco	pm		51				51			
52			M	52				52		pc		52				52			
53				53			H	53				53				53			
54				54	e	e		54		EG		54				54			
55				55	e	e		55	Df			55				55			
56				56	pg	pm		56				56				56			
57				57		pc		57				57				57			
58				58				58			FIM	58				58			
59				59		EG***		59				59				59			
60				60	Df			60				60				60			

dados perd

luta parada

Falta

Pontuação

Observaçã

Luta: Honorato 1a. Reç

Categoria: Médio

Azul: Kelly (AUS)

Branco: Honorato

*Falsa entrada com o l

**Australiano está fugir

***Falso Ataque, de no

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1				1		sqpp		1				1			M	1	Df		
2				2	sg	sp		2				2				2	QJ		
3				3	pg			3				3				3			
4				4				4				4				4			M
5				5		sg		5				5				5			
6				6				6				6			H	6			
7				7	sp	sp		7				7				7			
8				8	e	e		8				8				8			
9				9	aco	aco		9				9			M	9			
10				10	sm	sm		10				10				10			H
11				11				11				11				11			
12				12				12	sg			12				12	pg	pg	
13				13				13	pg	pc		13				13			
14				14				14				14				14			
15				15				15				15				15			
16				16	pg2			16		sg		16				16			
17	pgpm	pgpm		17	sg	pm		17	sp	pg		17				17			
18				18				18	pg			18				18	pc	pm	
19		EG		19				19	pg2			19				19			
20			M	20				20			M	20				20			
21				21	pc	pm		21		F2	F	21				21	EG	CG	
22				22				22				22				22		QJ	
23				23		EG		23				23				23			M
24			H	24				24				24				24			
25				25			M	25				25				25			
26				26				26			H	26				26			
27				27				27				27				27			
28	e	e		28				28				28				28			
29	e	e		29				29				29				29			
30	e	e		30			H	30				30				30			H
31	e	e		31	e	e		31	pg			31				31			
32	e	e		32	aco	aco		32		pg		32			H	32			
33				33				33				33				33			
34	e	e		34		EG		34				34				34			
35	pg			35			M	35				35	pg	pg		35			
36		pg		36				36				36				36			
37				37				37				37	pc			37			
38		pg2		38			H	38				38	sc			38	pgpm	pgpm	
39				39				39				39				39			
40		sg		40				40				40				40			
41				41				41	pc			41				41	EG	CG	
42				42	pg	aco		42		pf		42				42		QNP	
43				43		sm		43		pc		43				43	Dc		
44				44				44				44				44	Dc		
45			M	45	EG			45				45				45			M
46		F1	F	46	dc			46				46				46			
47				47	dc	Ac		47				47				47			
48				48	dc	Ac		48				48				48			
49			H	49			M	49				49				49			
50				50				50				50	pc	pm		50			H
51	e	e		51				51				51	sqpm			51			
52	pg			52				52				52				52			
53	pc	pg		53				53				53				53			
54		pm		54				54				54				54	pg	pcz	
55				55			H	55				55				55			
56				56				56				56				56			
57				57				57				57				57		sg	
58				58				58		EG		58				58			
59				59	pg			59				59				59	AS		
60				60		pg		60				60		EG		60			

 dados perd

 luta parada

 Falta

 Pontuação

Luta: Daniel 1

Categoria: pesado

Azul: Nyemachi (NIG)

Branco: Daniel

T5	Bra	Azul	Arb	T6	Bra	Azul	Arb	T7	Bra	Azul	Arb	T8	Bra	Azul	Arb	T9	Bra	Azul	Arb
1				1				1				1				1			
2		AS		2				2				2				2			
3	EG	CG		3				3	pm			3				3			
4		QNP		4				4				4				4			
5			M	5				5				5				5			
6				6				6				6				6			
7				7				7				7				7			
8				8				8				8				8			
9				9				9				9				9			
10				10				10			FIM	10				10			
11				11				11				11				11			
12				12				12				12				12			
13				13				13				13				13			
14			H	14				14				14				14			
15				15				15				15				15			
16	pg	pg		16				16				16				16			
17		pcz		17				17				17				17			
18		sg		18				18				18				18			
19	pc			19			H	19				19				19			
20				20				20				20				20			
21				21				21				21				21			
22				22				22				22				22			
23				23	e	e		23				23				23			
24				24	pg	pg		24				24				24			
25			M	25				25				25				25			
26		F3	F	26				26				26				26			
27				27				27				27				27			
28				28				28				28				28			
29				29				29				29				29			
30				30				30				30				30			
31				31				31				31				31			
32			H	32				32				32				32			
33				33				33				33				33			
34				34				34				34				34			
35				35				35				35				35			
36	CTI			36				36				36				36			
37			M	37	pc	pg		37				37				37			
38				38				38				38				38			
39				39	sg	sg		39				39				39			
40				40				40				40				40			
41				41				41				41				41			
42				42				42				42				42			
43				43				43				43				43			
44				44		pp		44				44				44			
45				45		sp		45				45				45			
46				46		EG		46				46				46			
47				47				47				47				47			
48				48				48				48				48			
49				49				49				49				49			
50				50				50				50				50			
51				51				51				51				51			
52				52				52				52				52			
53				53	pg			53				53				53			
54				54	sg			54				54				54			
55				55	pm	pg		55				55				55			
56				56				56				56				56			
57				57	sm			57				57				57			
58				58				58				58				58			
59				59				59				59				59			
60				60				60				60				60			

Luta: Daniel 1

Categoria: pesado

Azul: Nyemachi (NIG)

Branco: Daniel

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1				1				1				1				1			
2				2				2				2				2			
3				3				3				3				3			
4				4	pg	pg		4				4				4			
5	pm	pg		5				5				5				5			
6	pgcz	pm		6				6	pm2			6				6			
7				7				7	sp	sp		7				7			
8				8				8				8				8			
9				9				9				9				9			
10				10	sg			10				10				10			
11	sm	sm		11	pm2cz			11	pm2	pg		11				11			
12	sg	pm		12	sg			12		pc		12				12			
13				13				13		sg		13				13			
14		pc		14			M	14	sm			14				14			
15				15				15	ppEG			15			H	15			
16				16				16	QNP			16				16			
17				17				17	Ac	dc		17				17			
18	pp			18				18	Ac	dc		18				18	FOS		FOS
19			M	19				19	Ac	dc		19	pg			19	WA		P
20				20			H	20	Ac	dc		20		pg		20			
21				21				21	Ac	dc		21				21			M
22				22				22	Ac	dc		22				22			**
23				23				23	Ac	dc		23				23			
24				24	aco	aco		24	Ac	dc		24				24			
25				25				25	Ac	dc	M	25				25			
26			H	26				26			*	26	pg2			26			
27				27				27				27		pg2		27			
28				28				28				28		sg		28			
29				29				29				29				29			
30	e	e		30				30				30				30			
31	pm2	pg		31	AS			31				31		pg2		31			
32				32				32				32		sg		32			
33	smpc	pm		33				33				33	AS			33			
34				34				34				34				34			
35	scpm			35	EG			35				35		pm		35			
36				36				36				36				36			
37	AS			37	QNP			37			H	37				37			
38				38	Ac	dc		38				38	sgpc			38			
39	sm			39	Ac	dc		39				39	pg	EG		39			
40				40	Ac	dc		40				40	Df			40			
41	pg			41	Ac	dc	M	41				41	sg			41			H
42				42				42	pg	pg		42	EG			42			
43		sm		43				43	pm	pm		43		EG		43			
44		EG		44				44				44	CG			44	pg	pg	
45	Df			45				45				45				45			
46		Dc		46				46				46				46			
47		Dc		47				47				47				47			
48		Dc		48				48	EG			48	Y		P	48		pc	
49			M	49				49		Df		49				49			
50				50				50				50				50	pc		
51				51			H	51				51				51			
52				52				52				52				52			
53				53				53		sg		53	OS		OS	53			
54				54				54		pc		54				54			
55				55				55				55				55			
56			H	56	e	e		56		EG		56				56			
57				57				57	CG			57				57	EG		
58				58				58			M	58				58		Df	
59				59	pg			59				59				59	dc		
60				60		pg		60				60				60			M

Luta: Daniel 2

Categoria: pesado

Azul: Daniel

Branco: Timetov (RUS)

* Luta equilibradíssima

** russo está muito car

T5	Bra	Azul	Arb	T6	Bra	Azul	Arb	T7	Bra	Azul	Arb	T8	Bra	Azul	Arb	T9	Bra	Azul	Arb
1				1		pc		1				1				1			
2				2				2				2				2			
3				3				3				3				3			
4				4		EG		4				4				4			
5				5				5				5				5			
6				6				6				6				6			
7				7				7				7				7			
8				8				8				8				8			
9				9				9				9				9			
10			H	10				10				10				10			
11				11				11				11				11			
12				12				12				12				12			
13	pg	pg		13				13				13				13			
14	sgpc			14				14				14				14			
15	pmcz	pcpg		15		AS		15				15				15			
16	smpc			16	AS			16				16				16			
17				17			P	17				17				17			
18	smpp			18				18				18				18			
19	EG		M	19				19				19				19			
20				20				20				20				20			
21				21				21				21				21			
22				22				22				22				22			
23				23				23				23				23			
24				24				24				24				24			
25				25				25				25				25			
26				26				26				26				26			
27				27				27				27				27			
28			H	28				28				28				28			
29				29				29				29				29			
30	pg	pg		30				30				30				30			
31				31				31				31				31			
32				32				32				32				32			
33				33				33				33				33			
34		pg2EG		34				34				34				34			
35		sg		35				35				35				35			
36				36				36				36				36			
37	sgaco			37				37				37				37			
38		pc		38				38				38				38			
39	sgpm			39				39				39				39			
40				40				40				40				40			
41				41				41				41				41			
42				42				42				42				42			
43				43				43				43				43			
44				44				44				44				44			
45	EG			45				45				45				45			
46				46				46				46				46			
47	QNP			47				47				47				47			
48	lc	lc		48				48				48				48			
49	lc	lc		49				49				49				49			
50			M	50				50				50				50			
51				51				51				51				51			
52				52				52				52				52			
53				53				53				53				53			
54				54				54				54				54			
55				55				55				55				55			
56				56				56				56				56			
57			H	57				57				57				57			
58	aco	aco		58				58				58				58			
59				59				59				59				59			
60		EG		60				60				60				60			

Luta: Daniel 2

Categoria: pesado

Azul: Daniel

Branco: Timetov (RUS)

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1				1				1				1				1			
2	e	e		2				2				2				2			
3	e	e		3				3				3				3			
4	e	e		4				4				4				4			
5	e	e		5				5				5				5			
6	ee	e		6				6				6				6			
7	e	e		7			H	7				7				7			
8	e	e		8				8				8				8			
9	pm	e		9				9				9				9			
10		e		10				10				10				10			
11		e		11				11				11				11			
12		pg		12	e	e		12				12				12			
13	pc	EG		13	pm	e		13				13				13			
14	sp	sp		14	sm			14				14				14			
15				15	pg	pg		15				15				15			
16				16				16				16				16			
17				17	pm	pg2		17				17				17			
18	e	e		18				18				18				18			
19	e	e		19		AS		19				19				19			
20	e	e		20				20				20				20			
21				21	CG	EG		21				21				21			
22	pg	pg		22	QNP			22				22				22			
23	pm	pm		23			M	23				23				23			
24				24				24				24				24			
25				25				25				25				25			
26	sm	sm		26				26				26				26			
27				27				27				27				27			
28				28				28				28				28			
29		EG		29				29				29				29			
30	dg	EG		30				30				30				30			
31				31			H	31				31				31			
32				32				32				32				32			
33			M	33				33				33				33			
34				34				34				34				34			
35				35	e	e		35				35				35			
36				36	pm	pg		36				36				36			
37				37	pcz			37				37				37			
38				38	sm	pg2cz		38				38				38			
39			H	39		sq		39				39				39			
40				40				40				40				40			
41	e	e		41				41				41				41			
42	e	e		42				42				42				42			
43	e	e		43		EG		43				43				43			
44	e	e		44	Df	EG		44				44				44			
45	pg	pg		45				45				45				45			
46		sq		46				46				46				46			
47	pg2	pg		47				47				47				47			
48	df	EG		48				48				48				48			
49	pg2	pm		49				49				49				49			
50				50	pg2	pm		50				50				50			
51		AS		51				51				51				51			
52		EG		52		sm	pc	52				52				52			
53	pc			53				53				53				53			
54		pg2		54	CG	AS		54				54				54			
55		sgpmcz		55	EG			55				55				55			
56	sp	sq		56			P	56				56				56			
57	pm	AS		57				57				57				57			
58	EG	CG		58				58				58				58			
59			M	59				59				59				59			
60				60				60				60				60			

Luta: Daniel 1o. Repes

Categoria: pesado

Azul: Munteanu (ROM)

Branco: Daniel

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1				1	pp	pc		1				1				1			
2				2	Lc			2				2				2			
3				3			M	3	aco	aco		3				3			
4				4				4				4				4		pgpc	
5				5				5				5			H	5	pg		
6				6				6	sm;pc			6				6			
7	pm	pg		7			H	7	sg;pc	sg;pc		7				7			
8	pm2	sg;pc		8				8	sp	sp		8				8			
9				9	aco	aco		9				9	pm	pg		9	pf		
10				10	sp;pg	sp;pg		10	aco	pg		10		pc		10		EG	
11				11	sg	sg		11	sgpm2	pg		11	pc			11			
12				12				12				12				m	12		
13	sp	sp		13	pg	pg		13	smpm	pc		13				13			
14	pm	pg;sp		14	sp;pg	sp;pg		14				14				14			
15				15	pg	pg		15	sm;pc			15				15			
16	pc	aco		16			M	16				16				16			
17	pp			17				17	sm;pm			17				17			
18				18				18				18				18	EG		
19			M	19				19	AS			19				19	sg	sg	
20				20				20				20				20			
21				21				21				21			H	21			
22				22			H	22				22				22	EG		
23				23				23	Y		P	23				23			
24				24				24			M	24				24			
25			H	25	e	e		25				25	pm	pg		25			M
26				26				26				26	pc			26			
27				27				27				27		pm		27			
28				28	e	e		28				28				28			
29				29	e	e		29				29				29			
30				30	pg	pg		30			H	30				30			
31				31	sg;pc			31				31	AS			31			
32				32				32				32	pp	pp		32			
33				33	pm	pc		33				33		sp;pf	M	33			
34				34				34				34				34			H
35	pm	pg;pc		35	AS			35	e	e		35				35			
36				36				36	pg	pg		36				36			
37				37				37	pm	pm		37			H	37			
38	pm2cz			38				38				38				38			
39	sm			39	sm			39	pc			39				39	e	pg	
40	pm			40		sc		40	sc			40	pg	pg		40	pm2	pg2	
41		EG		41		pg		41				41		pc		41	smpc	sg	
42		QNP		42		sg		42				42	pm			42			
43				43	pgcz			43	pm2			43				43			
44				44		pc		44				44				44	sm		
45				45	sm;pm			45				45	sm;pc			45		pc	
46			M	46				46				46	sg	sc		46	pm2		
47				47		EG		47				47				47			
48				48				48		AS		48				48			
49				49			M	49				49				49			
50			H	50				50	AS			50	AS	DF		50			
51				51				51				51			M	51			
52				52				52				52	F1		F	52			
53				53				53			M	53				53			
54				54				54	**	F1	F	54				54			
55				55				55				55				55			
56				56				56				56				56			M
57				57				57				57				57	F2	F2	F
58	pg	pm		58				58				58				58			
59		sm;pg		59			H	59				59				59			
60	pc	sg		60				60				60			H	60			

dados perd

luta parada

Falta

Pontuação

Observaçã

Luta: Daniel 2a. Repes

Categoria: Pesado

Azul: Daniel

Branco: Perterlson

*Arbitro Argentino é un

**Revoltante a arbitrag

***Roubaram de novo.

T0	Bra	Azul	Arb	T1	Bra	Azul	Arb	T2	Bra	Azul	Arb	T3	Bra	Azul	Arb	T4	Bra	Azul	Arb
1				1				1				1				1			
2				2				2				2				2			
3				3			H	3				3				3			
4				4				4				4				4			
5				5				5				5				5			
6				6				6				6				6			
7				7	pm	pg		7				7				7			
8			H	8		sgpc		8				8				8			
9				9	pc			9				9				9			
10				10				10				10				10			
11				11				11				11				11			
12	e	e		12				12				12				12			
13	pc;pm	pg;pc		13	AS			13				13				13			
14				14	I		P	14				14				14			
15				15				15				15				15			
16				16				16				16				16			
17				17				17				17				17			
18				18				18				18				18			
19				19				19				19				19			
20				20				20				20				20			
21		sgpf		21				21				21				21			
22		sfpq		22				22				22				22			
23	AS			23				23				23				23			
24				24				24				24				24			
25				25				25				25				25			
26				26				26				26				26			
27				27				27				27				27			
28		AS		28				28				28				28			
29				29				29				29				29			
30	AS			30				30				30				30			
31				31				31				31				31			
32	AS			32				32				32				32			
33				33				33				33				33			
34		AS		34				34				34				34			
35	AS			35				35				35				35			
36				36				36				36				36			
37	AS			37				37				37				37			
38				38				38				38				38			
39			M	39				39				39				39			
40	F3	F3	F	40				40				40				40			
41				41				41				41				41			
42				42				42				42				42			
43				43				43				43				43			
44				44				44				44				44			
45				45				45				45				45			
46				46				46				46				46			
47				47				47				47				47			
48				48				48				48				48			
49				49				49				49				49			
50				50				50				50				50			
51			H	51				51				51				51			
52	pg	pg		52				52				52				52			
53				53				53				53				53			
54		pc		54				54				54				54			
55	ppCG	AS		55				55				55				55			
56			M	56				56				56				56			
57				57				57				57				57			
58				58				58				58				58			
59				59				59				59				59			
60				60				60				60				60			

Luta: Daniel 2a. Repes

Categoria: Pesado

Azul: Daniel

Branco: Perterlson

Anexos

**INSTRUÇÕES PARA PEDIDO DE REGISTRO na F.P.J.
ANO 2000
ENTIDADE VINCULADA**

REQUERIMENTO DE PEDIDO DE REGISTRO

- 1º- MODELO III-A = Requerimento de pedido INICIAL de REGISTRO
- 2º- Juntar o DOCUMENTO DE CONSTITUIÇÃO da PESSOA JURÍDICA.
- 3º- Pagamento da taxa inicial de pedido de filiação de R\$ 200,00.

APÓS O PARECER E APROVAÇÃO DA DIRETORIA DA FPJ.

- 4º- MODELO III =Requerimento de PEDIDO DE REGISTRO como ENTIDADE VINCULADA
- 5º- Juntar a RELAÇÃO NOMINAL das pessoas físicas que respondem pela Entidade com a qualificação e telefone.
- 6º- Juntar a Xerox do Cartão do CGC.

ANUIDADES da Entidade e do professor responsável.

- 7º- Pagamento da anuidade do ano 2000 - ANUIDADE III - no valor de R\$330,00.
- 8º- Pagamento da anuidade do professor responsável no valor de R\$ 80,00, apresentando a sua Carteira da F.P.J. do ano anterior.

REQUERIMENTO e DECLARAÇÃO do PROFESSOR RESPONSÁVEL

- 9º- MODELO IV = Se o professor é faixa Preta 1º ou 2º DAN.
- 10º- MODELO V = Se o professor responsável é Faixa Preta 3º DAN ou acima.

**ENTREGA DOS DOCUMENTOS: No INTERIOR = Na Delegacia Regional.
Na CAPITAL = Na Secretária da F.P.J.**

ATENÇÃO: O Atestado de REGISTRO estará a disposição dos requerentes 5 dias úteis após a data de entrega de todos os documentos necessários acima relacionado.

Atenciosamente

FRANCISCO DE CARVALHO FILHO
PRESIDENTE



FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ

Rua Germaine Burchard, 451 - 3º Andar - sala 31 - Fone (011) 3862-0749 e TELEFAX (011) 263-0497
SÃO PAULO - SP - CEP 05002-062 – E-MAIL fpj@fpj.com.br

CREDENCIAMENTO TÉCNICO **REGULAMENTO**

Considerando que as atividades técnicas das entidades filiadas na Federação Paulista de Judô devem ser da responsabilidade de profissionais qualificados e com atuação, reconhecidamente, capacitada para tal fim, o Presidente da Federação Paulista de Judô, no uso de suas atribuições estatutárias estabelece as exigências para conceder o **CREDENCIAMENTO TÉCNICO** aos profissionais interessados em exercer a função de Técnico Responsável por entidades filiadas ou vinculadas, que obedecerá o presente REGULAMENTO.

Artigo 1º - DA INSCRIÇÃO DOS CANDIDATOS - Os interessados deverão, além de atender o disposto no Decreto-lei nº 9.696/98, possuir a graduação **mínima de faixa-preta 3º dan**, outorgada pela Confederação Brasileira de Judô ou por ela reconhecida, para serem aceitos como candidatos ao Credenciamento Técnico da Federação Paulista de Judô. No ato da inscrição deverão apresentar o requerimento de inscrição, *curriculum vitae* documentado, recolher a taxa correspondente e apresentar outros documentos relativos as atividades desenvolvidas no Judô.

Artigo 2º - FREQUÊNCIA E APROVEITAMENTO EM CURSOS - Os interessados deverão apresentar comprovantes de ter frequentado, com aproveitamento, os seguintes cursos específicos:

- 1 - *Nague-no-kata*
- 2 - *Katame-no-kata*
- 3 - *Fundamentos Técnicos*
- 4 - *Historia, Filosofia e Ética no Judô*
- 5 - *Arbitragem de Judô*
- 6 - *Noções de Pedagogia para a Prática de Judô*
- 7 - *Educação Física Aplicada na Prática de Judô*
- 8 - *Organização Esportiva no Judô*
- 9 - *Treinamento Esportivo Aplicado no Judô*
- 10 - *Socorros de Urgência aplicados no Judô*

Artigo 3º - EXAME DE CONHECIMENTOS - Os interessados serão submetidos a avaliações teóricas e práticas a saber:

- a) Exame teórico - questões versando sobre os itens 4, 5, 6, 7; 8; 9 e 10 do Artigo 2º;
- b) Exame prático - demonstrações na prática sobre os itens 1, 2 e 3 do Artigo 2º.

Artigo 4º - ESTÁGIO PRÁTICO - Os interessados deverão realizar Estágio Prático específico sobre ensino e treinamento de Judô de, no mínimo, 180 (cento e oitenta) horas em instituições recomendadas pela Federação Paulista de Judô.

Artigo 5º - AVALIAÇÃO DAS EXIGÊNCIAS E DO DESEMPENHO - Será de responsabilidade da Comissão Permanente de Credenciamento Técnico da Federação

Paulista de Judô a análise e avaliação da documentação apresentada e do desempenho dos candidatos.

**São Paulo, aos dez dias do mês de março de
2.000.**

**FRANCISCO DE CARVALHO
FILHO
Presidente**



FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ

Rua Germaine Burchard, 451 - 3º Andar - sala 31 - Fone (011) 3862-0749 e TELEFAX (011) 263-0497

SÃO PAULO - SP - CEP 05002-062 – E-MAIL fpj@fpj.com.br

São Paulo, 10 de março de 2.000.

SENHORES PROFESSORES DE JUDÔ

Para atender o disposto no Decreto-lei Federal nº 9.696, de 01 de setembro de 1998, sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e criação do Conselho Federal e Conselhos Regionais, após reunião com dirigentes desses órgãos e de outras Federações, especialmente de Artes Marciais, a Federação Paulista de Judô encaminhou solicitação de enquadramento dos professores de Judô, para **registro** nos respectivos órgãos, em duas condições, aproveitando os trabalhos que vem sendo realizados desde 1995, a saber: imediata e transitória.

A) CONDIÇÃO IMEDIATA - Aqueles que já atuavam há mais de três anos na data de publicação do Decreto, como Técnico com Reconhecimento Pleno: - todos os Professores que tenham graduação de faixa-preta 3º *dan* e com o Credenciamento Técnico homologado pela FPJ;

Exceção: Professores formados em Educação Física graduação mínima de 2º *dan*.

A) CONDIÇÃO TRANSITÓRIA - Aqueles que já atuavam há mais de três anos na data de publicação do Decreto, como Técnico a Título Precário, com Credenciamento Técnico, na qualidade de Instrutor, homologado pela FPJ e que venham obter a graduação mínima exigida acima, **até o dia 31 de dezembro de 2000.**

Observação: O prazo de três anos citado acima é uma exigência por parte do Conselho Federal de Educação Física.

PORQUE CREDENCIAMENTO TÉCNICO

O Judô Paulista passou por inúmeras fases que construíram uma história de conquistas e sucesso, tendo sempre a grande preocupação de se adaptar aos avanços da modernidade porém, sem perder as condições de um esporte educativo, como proposto pelo Mestre Jigoro Kano. A introdução do Judô nos Jogos Olímpicos de 1964 provocou uma grande evolução em nível internacional, incluindo o Judô Paulista, cuja expansão ultrapassou qualquer expectativa, tornando-se uma das maiores forças esportivas do continente americano.

Esse crescimento teve como consequência muitos efeitos benéficos, dentre os quais pode-se destacar: grande aumento da população de militantes no esporte; extensão da prática do Judô em numerosas instituições, tais como clubes, academias, escolas, universidades, corporações militares, etc.; reconhecimento como esporte nacional, através das conquistas de grande expressão; abertura de um novo mercado de trabalho.



FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ

Rua Germaine Burchard, 451 - 3º Andar - sala 31 - Fone (011) 3862-0749 e TELEFAX (011) 263-0497
SÃO PAULO - SP - CEP 05002-062 – E-MAIL fpj@fpj.com.br

Por outro lado, alguns efeitos indesejáveis, também, se fizeram presente e entre esses pode-se citar aqueles que dizem respeito a atuação no campo profissional:

- 1 - surgimento indiscriminado de indivíduos não qualificados ostentando a condição de professor de Judô, com total desconhecimento técnico, filosófico e educacional do Judô;
- 2 - ausência de um sistema de controle, com autoridade, para organização da atividade profissional e atribuição de responsabilidades com critérios éticos;
- 3 - não conscientização da sociedade para os efeitos prejudiciais que indivíduos desqualificados promovem em nome do Judô.

Felizmente, uma importante característica tem sido preservada, que é de ter o Judô como esporte educativo e disciplinador. Quando um pai leva seu filho para a prática de Judô, com certeza, é por que ele quer dar uma educação complementar através do esporte, seja por iniciativa própria ou por recomendação de médicos, psicólogos, professores e outros profissionais que reconhecem o Judô como um valioso instrumento educativo.

Em função dessa situação e, hoje, amparados pela legislação que estabelece a atividade profissional da educação física, na qual está incluída o Professor de Judô, a Federação Paulista de Judô reassume a sua iniciativa pioneira de instituir o Credenciamento Técnico e se propõe a tomar algumas medidas no cumprimento dessa regulamentação, tais como:

- 1 - oferecer cursos de formação, aprimoramento e reciclagem aos técnicos;
- 2 - realizar eventos para promover a difusão de conhecimentos e estimular atividade profissional;
- 3 - divulgação, através da mídia, para esclarecer sobre o valor da qualificação no Judô;
- 4 - alertar as instituições interessadas na prática de Judô sobre a importância do Credenciamento.

Diante do compromisso que a Federação Paulista de Judô estará assumindo com o Conselho Federal de Educação Física para poder encaminhar, rapidamente, o registro provisório de todos os Professores de Judô, **independente de serem formados ou não em educação física**, com qualificação, que atuam no Estado de São Paulo, será oferecido o CURSO DE CREDENCIAMENTO TÉCNICO, que constará dos seguintes módulos:

- 1 - História, Filosofia e Ética no Judô;**
- 2 - Organização Esportiva no Judô;**
- 3 - Conceitos Pedagógicos e Educação Física Infantil Aplicados no Judô;**
- 4 - Treinamento Esportivo Aplicado no Judô;**
- 5 - Socorros de Urgência.**

ISENÇÃO DA OBRIGATORIEDADE:

- a) Os Professores que fizeram o Curso de "**Fundamentos Básicos no Ensino do Judô**", realizado em 09 e 10 de março de 1996, estarão **isentos** de todos os módulos, devendo encaminhar cópias do certificado e da credencial, no ato do registro.
- b) Aqueles que, a partir de 1999 freqüentaram cursos constante da relação, poderão ser **isentos** do módulo correspondente.
- c) Professores formados em Educação Física estarão **isentos** dos módulos 3 e 5.

Confiando na ética e profissionalismo dos Professores de Judô do Estado de São Paulo, colocamo-nos à disposição para prestar eventuais esclarecimentos.

Atenciosamente

FRANCISCO DE CARVALHO FILHO
Presidente

MODELO IV

AUTORIZAÇÃO para TÉCNICOS PORTADORES DE 1º E 2º DAN.

(em papel timbrado da Entidade)

Ilmo. Sr.

Presidente da Federação Paulista de Judô.

Eu, _____, (qualificação = RG. CPF. Nacionalidade, estado civil, endereço residencial e comercial, CEP e telefones), portador da FAIXA PRETA _____ DAN, registrado na C.B.J. sob o n.º _____ e na F.P.J. sob o n.º _____, venho perante V. Sa., REQUER a AUTORIZAÇÃO a TÍTULO PRECÁRIO a exercer a função de professor de JUDÔ responsável da (o) _____ com sede a (endereço - CEP e telefones) para a temporada do ano _____.

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Como Professor responsável por esta Entidade Esportiva, declaro que estou ciente da responsabilidade e dos direitos e deveres do técnico responsável, comprometendo-me a respeitar e acatar as determinações e regulamentos desta Federação Paulista de Judô.

Nestes termos, pede deferimento.
(cidade e data)

Assinatura

Obs.: Este requerimento deverá ser enviado a Delegacia Regional da respectiva região administrativa da F.P.J. para o PARECER do Delegado Regional que, deverá dar o seu parecer favorável ou não à Federação acompanhada de sua justificativa.

CURSO PARA PROFISSIONAIS PROVISIONADOS EM JUDÔ

Faça o download da documentação [clcando aqui](#)

Com a finalidade de atender as determinações do CONFEF, através das Resoluções nº 013/99 e 045/02, para o enquadramento dos profissionais não graduados no que dispõe o Decreto-Lei nº 9696/98, de 01/09/98, que regulamenta as atividades próprias dos profissionais de Educação Física, a Federação Paulista de Judô propõe a realização de cursos de atualização e/ou aperfeiçoamento aos interessados na modalidade.

De acordo com a orientação do CREF4/SP, poderão ser validados os cursos realizados após 01 de setembro de 1998, portanto, aqueles que tenham freqüentado os cursos que serão exigidos nesse processo de regulamentação da profissão poderão ter sua carga horária complementada.

Rol dos cursos:

- 1 - História e filosofia do Judô - 04 horas
- 2 - Fundamentos técnicos de nague-waza - 20 horas
- 3 - Fundamentos técnicos de katame-waza - 16 horas
- 4 - Aperfeiçoamento em nague-no-kata - 20 horas
- 5 - Aperfeiçoamento em katame-no-kata - 12 horas
- 6 - Noções de pedagogia e educação física infantil na prática do Judô - 12 horas
- 7 - Noções de socorros de urgência nas atividades de judô - 04 horas
- 8 - Treinamento esportivo aplicado ao judô - 08 horas
- 9 - Organização esportiva do judô e ética profissional - 04 horas

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

História e Filosofia do Judô - 04 horas

- 1 - Tradição e cultura japonesa
- 2 - Aspectos históricos da origem do Judô
- 3 - Jigoro Kano e os princípios educacionais
- 4 - Etiqueta no judô: saudação, prática e graduações

MODELO V

AUTORIZAÇÃO para TÉCNICO RESPONSÁVEL –3º DAN e acima para 2006
(em papel timbrado da Entidade)

Ilmo. Sr. Prof. Francisco de Carvalho Filho.
DD. Presidente da Federação Paulista de Judô.

Eu, _____, (qualificação= RG. CPF. Nacionalidade, estado civil, endereço residencial e comercial, CEP e telefones) , portador da FAIXA PRETA ____DAN, com registros na F.P.J. nº_____, C.B.J. nº_____ e no CREF 4/SP nº _____, venho perante V. Sa., requerer a AUTORIZAÇÃO para exercer a função de **Técnico Responsável de Judô** da(o)

_____ com sede a (endereço – CEP e telefones) para o ano de **2006**.

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Como Técnico Responsável de Judô desta Entidade Esportiva, declaro que estou ciente da minha responsabilidade e dos direitos e deveres do técnico responsável, comprometendo-me a respeitar o Estatuto da Federação Paulista de Judô e acatando os seus Atos, Resoluções e Regulamentos.

Nestes termos, pede deferimento.
(cidade e data)

Assinatura

PARECER DO DELEGADO REGIONAL

Assinatura do Delegado Regional da ____ª Del.



FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ

Rua Germaine Burchard, 451 - 3º Andar - sala 31 - Fone (011) 3862-0749 e FAX (011) 3673-0497

CNPJ nº 62.348.875/0001-36 - SÃO PAULO - SP - CEP 05002-062

ENTIDADE OFICIAL – FUNDADA EM 17 DE ABRIL DE 1958

CREDENCIAMENTO DE TÉCNICOS

PROGRAMAÇÃO

Data - 04.03.2007- Domingo

Local – Arena Olímpica de Judô –

Rua Padre Manoel da Nóbrega, nº 1361 - Ibirapuera – São Paulo – Capital

Das 8,00 as 9,00 Horas – Confirmação das Inscrições, entrega das fotos, e pagamento da Taxa

Vlr da Taxa - R\$ 10,00 (para cada técnico e auxiliar técnico)

9,30 as 10,00 – Palestra de Arbitragem

10,00 as 10,30 – Palestra oficiais de Mesa

10,30 as 11,00 - Palestra Conduta dos Técnicos na área de instrução técnica

11,00 as 12,00 - Encerramento e entrega dos credenciamentos.

DATA LIMITE INSCRIÇÃO – 28.02.2007 – devendo enviar e-mail a fpjudo@terra.com.br ou fax (011) 36730497 – do formulário preenchido de CREDENCIAMENTO DOS TÉCNICOS

FEDERAÇÃO PALISTA DE JUDÔ



FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ

Rua Germaine Burchard, 451 - 3º Andar - sala 31 - Fone (011) 3862-0749 e FAX (011) 3673-0497

CNPJ nº 62.348.875/0001-36 - SÃO PAULO - SP - CEP 05002-062

ENTIDADE OFICIAL – FUNDADA EM 17 DE ABRIL DE 1958

CREDENCIAMENTO DE TÉCNICOS

A Federação Paulista de Judô, buscando um melhor aperfeiçoamento e direcionamento na conduta dos técnicos em sua área de atuação dentro da área de **INSTRUÇÃO TÉCNICA**, estará fazendo um credenciamento de todos os técnicos e auxiliares técnicos para o ano de 2.007, que passarão por algumas palestras.

Para o técnico ou seu auxiliar técnico acompanhe seus atletas nas áreas **INSTRUÇÃO TÉCNICA** em competições promovidas pela FPJ em 2007, **SERÁ OBRIGATÓRIO** o referido credenciamento, que lhe dará uma carteira específica de técnico ou auxiliar técnico.

Para tanto, o técnico deverá preencher o formulário (**CREDENCIAMENTO DE TÉCNICO**) e comparecer juntamente com seus auxiliares técnicos indicados (que poderão ser mais 3 faixas Pretas), no Credenciamento Técnico que será realizado pela FPJ no dia 04.03.2007, de posse de 1 foto 3x4 recente. (do técnico e de seus auxiliares técnicos).

Nenhum técnico ou auxiliar, poderá no ano de 2.007, acompanhar seu atleta na área de competição, sem a sua CARTEIRA DE CREDENCIAMENTO TÉCNICO, emitido pela FPJ, no dia 04.03.2007

FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDO



FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ

Rua Germaine Burchard, 451 - 3º Andar - sala 31 - Fone (011) 3862-0749 e FAX (011) 3673-0497

CNPJ nº 62.348.875/0001-36 - SÃO PAULO - SP - CEP 05002-062

ENTIDADE OFICIAL – FUNDADA EM 17 DE ABRIL DE 1958

FORMULÁRIO PARA CREDENCIAMENTO DE TÉCNICOS

NOME DA ENTIDADE:

	No.da carteira FPJ	no. CREF se tiver
Nome do Técnico		
Nome Aux. Técnico		
Nome Aux. Técnico		
Nome Aux. Técnico		

Obs – É obrigatório que o Auxiliar Técnico seja Faixa Preta e Federado pela FPJ

Assumo inteira responsabilidade pelos meus auxiliares técnicos indicados.

PROFESSOR RESPONSÁVEL
ASSINATURA